

MARTA AGUIAR DA SILVA

**IMAGINÁRIOS SOCIODISCURSIVOS DA MULHER EM SITUAÇÃO DE RUA
NA MÍDIA: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DE NOTÍCIAS DE JORNAIS
IMPRESSOS DE MINAS GERAIS E RIO DE JANEIRO**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Letras para obtenção do título de Magister Scientiae.

VIÇOSA
MINAS GERAIS – BRASIL
2017

**Ficha catalográfica preparada pela Biblioteca Central da Universidade
Federal de Viçosa - Câmpus Viçosa**

T

S5861i
2017
Silva, Marta Aguiar da, 1991-
IMAGINÁRIOS SOCIODISCURSIVOS DA MULHER
EM SITUAÇÃO DE RUA NA MÍDIA : UMA ANÁLISE
DISCURSIVA DE NOTÍCIAS DE JORNAIS IMPRESSOS DE
MINAS GERAIS E RIO DE JANEIRO / Marta Aguiar da Silva.
– Viçosa, MG, 2017.

xi, 158f. : il. (algumas color.) ; 29 cm.

Inclui anexos.

Orientador: Mônica Santos de Souza Melo.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.

Referências bibliográficas: f.141-145.

1. Imaginários sociodiscursivos. 2. Mulher em situação de rua. 3. Mídia. I. Universidade Federal de Viçosa. Departamento de Letras. Mestrado em Letras. II. Título.

CDD 22. ed. 410.1

MARTA AGUIAR DA SILVA

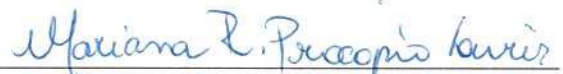
**IMAGINÁRIOS SOCIODISCURSIVOS DA MULHER EM SITUAÇÃO DE RUA
NA MÍDIA: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DE NOTÍCIAS DE JORNAIS
IMPRESSOS DE MINAS GERAIS E RIO DE JANEIRO**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Letras, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

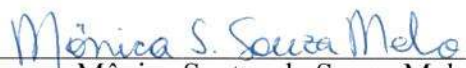
APROVADA: 31 de março de 2017.



Lilian Aparecida Arão



Mariana Ramalho Procópio Xavier



Mônica Santos de Souza Melo
(Orientadora)

AGRADECIMENTOS

À minha família que me deu todo o suporte necessário para que chegasse ao mestrado e me apoiou, não permitindo que eu desistisse nos momentos mais difíceis.

Às pessoas que direta e indiretamente influenciaram na minha formação.

À UFV e ao PPG em Letras, na figura dos professores e colegas que compartilharam comigo parte de suas vivências e conhecimentos.

À professora e orientadora Mônica Melo pela confiança e por me guiar durante o desenvolvimento da pesquisa científica.

Às professoras Lilian Aparecida Arão e Mariana Ramalho Procópio Xavier pelo tempo e pelas contribuições ao trabalho.

Aos professores e professoras que durante todo o caminho, como estudante, prepararam-me para ter a capacidade de concluir o mestrado.

À CAPES pelo apoio financeiro.

SUMÁRIO

LISTA DE GRÁFICOS	vi
LISTA DE FIGURAS	vii
LISTA DE QUADROS.....	viii
RESUMO	x
ABSTRACT	xi
INTRODUÇÃO	1
1. Contextualização	1
2. Proposta.....	4
3. Procedimentos teórico-metodológicos	5
3.1. Natureza do corpus.....	6
3.2. Um estudo em duas etapas: descrição e interpretação	7
3.3. Descrição do corpus	8
3.3.1. Jornal Estado de Minas.....	8
3.3.2. Jornal O Tempo.....	9
3.3.3. Jornal O Globo.....	9
3.3.4. Jornal O Dia.....	10
4. Estrutura da dissertação.....	11
CAPÍTULO 1 - A CIDADÃ EM SITUAÇÃO DE RUA	12
1.1. O problema social da situação de rua no Brasil	12
1.2. A situação de rua em Minas Gerais	15
1.3. A situação de rua no Rio de Janeiro	17
1.4. A mulher em situação de rua	17
CAPÍTULO 2 - PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	20
2.1. Teoria Semiolinguística.....	20
2.1.1. Modos de organização do discurso.....	21
2.1.1.1. Modo de Organização Enunciativo.....	22
2.1.1.2. Modo de Organização Descritivo	22
2.1.1.3. Modo de Organização Narrativo.....	23
2.1.1.4. Modo de Organização Argumentativo.....	23
2.2. Análise das Imagens	24
2.2.1. Retórica da Imagem de Roland Barthes	24
2.2.2. O estudo da imagem por Martine Joly.....	25
2.3. Os imaginários sociodiscursivos	28

2.3.1. Saberes de conhecimento e saberes de crença	29
CAPÍTULO 3 – A COMUNICAÇÃO MIDIÁTICA E O GÊNERO NOTÍCIA	32
3.1. Contrato de comunicação midiático	32
3.1.2. As instâncias de produção e de recepção	33
3.2. Notícia: um gênero situacional na perspectiva semiolinguística.....	34
3.2.1. O gênero notícia.....	35
CAPÍTULO 4 - DESCRIÇÃO E ANÁLISE DAS NOTÍCIAS.....	37
4.1. Quadro enunciativo	37
4.2. Jornal Estado de Minas	39
4.2.1. Análise da notícia Investida para resgatar praça	39
4.2.1.1. Organização discursiva	39
4.2.1.2. Análise da imagem.....	47
4.3. Jornal O Tempo	50
4.3.1.. Análise da notícia Prefeitura desocupa área sob viaduto	50
4.3.1.1. Organização discursiva	50
4.3.2. Análise da notícia Professor denuncia abuso em trato à morador de rua	52
4.3.2.1. Organização discursiva	52
4.3.2.2. Análise da imagem.....	56
4.3.3. Análise da notícia Moradores de rua reclamam de excessos na Savassi.....	58
4.3.3.1. Organização discursiva	58
4.3.3.2. Análise da imagem.....	61
4.4. Jornal O Globo	63
4.4.1. Análise da notícia Análise da notícia Barraca na Joatinga	63
4.4.1.2. Organização discursiva	63
4.4.1.3. Análise da imagem.....	66
4.4.2. Análise da notícia <i>'Mendigata' atrai atenções de pedestres no centro de</i> <i>Niterói</i>	67
4.4.2.1. Organização discursiva	68
4.4.2.2. Análise da imagem.....	71
4.4.3. Análise da notícia: Uma chance de ter de volta a filha de um ano e a própria vida.....	73
4.4.3.1. Organização discursiva	73
4.4.3.2. Análise das imagens.....	78
4.4.4. Análise da notícia Histórias de uma Zona Sul invisível	81
4.4.4.1. Organização enunciativa.....	82
4.4.4.2. Análise da imagem.....	84

4.4.5. Análise da notícia O endereço certo do medo	86
4.4.5.1. Organização discursiva	86
4.4.5.2. Análise das imagens.....	92
4.4.6. Análise da notícia Mulher constrói barraco de papelão em pleno coração financeiro da cidade do Rio.....	98
4.4.6.1. Organização discursiva	98
4.4.6.2. Análise da imagem.....	103
4.4.7. Análise da notícia Prefeitura derruba barraco de papelão no Centro.....	104
4.4.7.1. Organização discursiva	105
4.4.7.2. Análise da Imagem	108
4.5. Jornal O Dia	110
4.5.1. Análise da notícia Trio acusado de agredir moradora de rua no Leblon ...	110
4.5.1.1. Organização discursiva	110
4.5.1.2. Análise das imagens.....	113
CAPÍTULO 5 – ANÁLISE INTERPRETATIVA DOS IMAGINÁRIOS SOCIODISCURSIVOS	118
5.1. A violência sofrida e praticada por pessoas em situação de rua	118
5.2. A ocupação do espaço público como argumento para a higienização social.....	123
5.3. A mulher em situação de rua e a maternidade.....	127
5.4. A mulher em situação de rua e as relações afetivas.	129
5.5. A mulher em situação de rua e o corpo	132
CONSIDERAÇÕES FINAIS	135
REFERÊNCIAS	141
ANEXOS	146

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Relação de saberes do tema violência	119
Gráfico 2 - Relação de saberes do tema ocupação do espaço público	123
Gráfico 3 - Relação de saberes do tema maternidade	127
Gráfico 4 - Relação de saberes do tema relações afetivas	129
Gráfico 5 - Relação de saberes do tema corpo	132

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Situação de comunicação	38
Figura 2 - Imagem da notícia Investida para resgatar praça	47
Figura 3 - Imagem da notícia Professor denuncia abuso em trato a morador de rua.....	56
Figura 4 - Imagem da notícia Moradores de rua reclamam de excessos na Savassi.....	61
Figura 5 - Imagem da notícia Barraca na Joatinga	66
Figura 6 - Imagem da notícia “ <i>Mendigata</i> ” atrai atenção de pedestres no centro de Niterói	71
Figura 7 - Imagem da notícia Uma chance de ter de volta a filha de um ano e a própria vida	79
Figura 8 - Imagem da notícia Uma chance de ter de volta a filha de um ano e a própria vida	80
Figura 9 - Imagem da notícia Histórias de uma Zona Sul invisível.....	84
Figura 10 - Imagem da notícia O endereço certo do medo.....	92
Figura 11 - Imagem da notícia O endereço certo do medo.....	94
Figura 12 - Imagem da notícia O endereço certo do medo.....	96
Figura 13 - Imagem da notícia O endereço certo do medo.....	97
Figura 14 - Imagem da notícia Mulher constrói barraco de papelão em pleno centro financeiro da cidade do Rio	103
Figura 15 - Imagem da notícia Prefeitura derruba barraco de papelão no Centro	108
Figura 16 - Imagem da notícia Trio acusado de agredir moradora de rua no Leblon.	114
Figura 17 - Imagem da notícia Trio acusado de agredir moradora de rua no Leblon.	115

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Relação da quantidade de notícias do corpus	6
Quadro 2 - Rmaginários sociodiscursivos	29
Quadro 3 - Relação de notícias que formam o corpus	37
Quadro 4 - Relação significante e significado na notícia do jornal Estado de Minas	48
Quadro 5 - Relação entre significantes icônicos e conotações de segundo nível na notícia do jornal Estado de Minas.....	49
Quadro 6 - Relação significante e significado na notícia do jornal O Tempo.....	56
Quadro 7 - Relação entre significantes icônicos e conotações de segundo nível na notícia do jornal O Tempo.....	57
Quadro 8 - Relação significante e significado na notícia do jornal O Tempo.....	62
Quadro 9 - Relação entre significantes icônicos e conotações de segundo nível na notícia do jornal O Tempo.....	62
Quadro 10 - Relação significante e significado na notícia do jornal O Globo	66
Quadro 11 - Relação entre significantes icônicos e conotações de segundo nível na notícia do jornal O Globo.....	67
Quadro 12 - Relação significante e significado na notícia do jornal O Globo	71
Quadro 13 - Relação entre significantes icônicos e conotações de segundo nível na notícia do jornal O Globo.....	72
Quadro 14 - Relação significante e significado na notícia do jornal O Globo	79
Quadro 15 - Relação entre significantes icônicos e conotações de segundo nível na notícia do jornal O Globo.....	79
Quadro 16 - Relação significante e significado na notícia do jornal O Globo	80
Quadro 17 - Relação entre significantes icônicos e conotações de segundo nível na notícia do jornal O Globo.....	81
Quadro 18 - Relação significante e significado na notícia do jornal O Globo	84
Quadro 19 - Relação entre significantes icônicos e conotações de segundo nível na notícia do jornal O Globo.....	85
Quadro 20 - Relação significante e significado na notícia do jornal O Globo	93
Quadro 21 - Relação entre significantes icônicos e conotações de segundo nível na notícia do jornal O Globo.....	93
Quadro 22 - Relação significante e significado na notícia do jornal O Globo	94

Quadro 23 - Relação entre significantes icônicos e conotações de segundo nível na notícia do jornal O Globo.....	95
Quadro 24 - Relação significante e significado na notícia do jornal O Globo	96
Quadro 25 - Relação entre significantes icônicos e conotações de segundo nível na notícia do jornal O Globo.....	96
Quadro 26 - Relação significante e significado na notícia do jornal O Globo	97
Quadro 27 - Relação entre significantes icônicos e conotações de segundo nível na notícia do jornal O Globo.....	98
Quadro 28 - Relação significante e significado na notícia do jornal O Globo	103
Quadro 29 - Relação entre significantes icônicos e conotações de segundo nível na notícia do jornal O Globo.....	104
Quadro 30 - Relação significante e significado na notícia do jornal O Globo	108
Quadro 31 - Relação entre significantes icônicos e conotações de segundo nível na notícia do jornal O Globo.....	109
Quadro 32 - Relação significante e significado na notícia do jornal O Dia	114
Quadro 33 - Relação entre significantes icônicos e conotações de segundo nível na notícia do jornal O Dia.....	115
Quadro 34 - Relação significante e significado na notícia do jornal O Dia	116
Quadro 35 - Relação entre significantes icônicos e conotações de segundo nível na notícia do jornal O Dia.....	116
Quadro 36 - Relação de temas com os jornais	118
Quadro 37 - Relação dos saberes e imaginários com o tema violência	119
Quadro 38 - Relação entre os saberes e imaginários do tema ocupação do espaço público.....	123
Quadro 39 - Relação entre os saberes e imaginários do tema maternidade	127
Quadro 40 - Relação entre os saberes e imaginários do tema relações afetivas	129
Quadro 41 - Relação entre os saberes e imaginários do tema corpo.....	132

RESUMO

SILVA, Marta Aguiar da, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, março de 2017.
Imaginários sociodiscursivos da mulher em situação de rua na mídia: uma análise discursiva de notícias de jornais impressos de Minas Gerais e Rio de Janeiro.
Orientadora: Mônica Santos de Souza Melo

A presente pesquisa procura analisar os imaginários sociodiscursivos sobre a mulher em situação de rua em notícias de jornais impressos de Minas Gerais e Rio de Janeiro ao mesmo tempo em que procura entender como a mídia constrói e reproduz esses imaginários. Para isso nos baseamos, principalmente, na Teoria Semiológica de Charaudeau, considerando o sentido implícito na mensagem verbal e nas imagens. Para analisar as imagens utilizamos o trabalho de Barthes (1990 e 1996) e o trabalho de Joly (2007), por considerarem que as imagens também são argumentativas e que podem ser assumidas em duas possibilidades: a imagem como elemento denotativo e como elemento conotativo. Por fim, indicamos e analisamos os imaginários sociodiscursivos. O corpus da pesquisa consiste em doze notícias publicadas nos jornais impressos, adquiridas por meio de arquivo online. A descrição e análise das notícias indica que os jornais de Minas Gerais constroem e reproduzem imaginários sociodiscursivos distintos sobre a mulher em situação de rua, o que pode estar relacionado a interesses comerciais e políticos divergentes. O jornal Estado de Minas apresenta uma representação muito mais negativa do que o jornal O Tempo. Os jornais do Rio de Janeiro ao contrário dos de Minas Gerais apresentam um equilíbrio nos imaginários sociodiscursivos sobre a mulher em situação de rua. Tanto o jornal O Globo quanto o jornal O Dia apresentam imaginários ambíguos, ou seja, negativos e positivos. A análise das imagens reforça esses resultados. Portanto, os imaginários sociodiscursivos sobre as mulheres em situação de rua nos jornais impressos de Minas Gerais e Rio de Janeiro são em sua maioria negativos e construídos e reproduzidos nesses jornais por meio da organização discursiva das notícias (narrativa, descritiva, argumentativa e enunciativa) associadas às imagens publicadas que também exprimem significados.

ABSTRACT

SILVA, Marta Aguiar da, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, March, 2017. **Sociodiscursive imaginaries of women in street situation in the media: a discursive analysis of printed newspaper news of Minas Gerais and Rio de Janeiro.** Advisor: Mônica Santos de Souza Melo

The aim of this research is to analyze the imaginery sociodiscursive about women in street situation in news of printed newspapers of Minas Gerais and Rio de Janeiro, at the same time, It tries to understand how the media constructs and reproduces these imaginaries. For that, we based our analysis on the Semiolinguistics Theory of Patrick Charaudeau, considering the implicit meaning in the verbal message and images. To analyze the images we use the studies of Barthes (1990 e 1996) and Joly (2007), they consider the images are also argumentative and can be assumed in two possibilities: the image as a denotative element and as a connotative element. Finally, we indicate and analyze the sociodiscursive imaginaries. The corpus of the research consists of twelve news published in printed newspaper, acquired through an online archive. The description and analysis of the news indicates that the Minas Gerais newspapers construct and reproduce distinct sociodiscursive imaginaries about women in street situation, which may be related to divergent commercial and political interests. The Estado de Minas newspaper presents a much more negative representation than the newspaper O Tempo. The newspapers of Rio de Janeiro unlike those of Minas Gerais present a balance in the sociodiscursive imaginaries on the woman in street situation. Both O Globo and O Dia newspaper have ambiguous imaginaries, negative and positive imaginaries. The analysis of the images reinforces those results. Therefore, the sociodiscursive imaginaries about women in street situation in printed newspapers of Minas Gerais and Rio de Janeiro are mostly negative, they are constructed and reproduced in these newspapers through the discursive organization of the news (narrative, descriptive, argumentative and enunciative) associated with published images also express meanings.

INTRODUÇÃO

1. Contextualização

Os meios de comunicação abordam temas relacionados a problemas sociais muitas vezes naturalizando relações de poder. Isso pode provocar a incorporação de discursos relacionados a problemáticas pela sociedade. Um dos problemas sociais tratados pela mídia é a situação de rua, que consiste em pessoas vivendo em praças, galpões, prédios abandonados, pontes, ocasionalmente albergues, entre outros. Essas pessoas são geralmente nomeadas de “moradores de rua” e “sem-teto”.

De acordo com o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (META/MDS, 2008)¹, 18% dessas pessoas, considerando os adultos, são mulheres.

Frente a este problema social, a presente pesquisa estuda os imaginários sociodiscursivos relacionados à mulher em situação de rua por meio de uma análise discursiva de notícias que circulam em jornais de Minas Gerais e do Rio de Janeiro, estados em que esse fenômeno se apresenta de forma acentuada, considerando o material linguístico e o não-linguístico.

Algumas pesquisas nos permitem ter uma visão preliminar das pessoas em situação de rua em Minas Gerais e no Rio de Janeiro.

Segundo o META/MDS (2008), 2.240 pessoas estão em situação de rua em algumas cidades de Minas Gerais²: Belo Horizonte (1164 pessoas), Betim (47 pessoas), Contagem (172 pessoas), Juiz de Fora (607 pessoas), Montes Claros (54 pessoas) e Uberlândia (196 pessoas).

Em pesquisa realizada em 2014 a Secretaria Municipal de Políticas Sociais da Prefeitura de Belo Horizonte em parceria com o Centro de Referência em Drogas da Universidade Federal de Minas Gerais realizou e divulgou o Terceiro censo de população em situação de rua e migrantes de Belo Horizonte. A pesquisa indica que 1.827 pessoas estão em situação de rua na capital do Estado, o que indica um aumento no número de pessoas de 2008 para 2014 na capital do Estado.

No Rio de Janeiro, segundo a Secretaria de Desenvolvimento Social do Rio de Janeiro (SMDS), em pesquisa realizada em 2013, 5.580 pessoas vivem nas ruas da capital carioca. Este número representa um aumento em relação ao indicado pelo META/MDS

¹ Pesquisa de abrangência nacional mais recente.

² A pesquisa do META/MDS (2008) foi realizada em cidades com mais de 300 mil habitantes.

(2008) de 4.585 pessoas em situação de rua na cidade do Rio de Janeiro, uma pesquisa mais abrangente, incluindo outras cidades também foram pesquisadas, como: Belford Roxo (248 pessoas), Campos dos Goytacazes (138 pessoas), Duque de Caxias (324 pessoas), Niterói (329 pessoas), Nova Iguaçu (649 pessoas), São Gonçalo (289 pessoas) e São João do Meriti (130 pessoas).

Por meio das pesquisas realizadas pelas Secretarias dos estados verificou-se que em Belo Horizonte 86,8 % das pessoas que estão nas ruas são homens e 13,2% são mulheres, e no Rio de Janeiro 81,8% homens e 18,2% mulheres. Um dado semelhante ao índice nacional, pois os três indicam um número maior de homens do que de mulheres. A Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua (META/MDS, 2008), indica que 82% do grupo nacional pesquisado, a partir da maioria, é formado por homens.

O interesse por essa temática surgiu a partir do momento em que tomamos conhecimento do projeto Discurso e situação de rua no Nordeste, do prof. Dr. Décio Bessa, a partir do qual foram desenvolvidas duas pesquisas: Discurso e Situação de Rua no Rio Grande do Norte (2012 - 2013) e Discurso e Situação de Rua no Piauí (2013-2014)³. O objetivo desse projeto era estudar o discurso relacionado às pessoas em situação de rua nos principais jornais dos estados do Nordeste; as pesquisas estudaram especificamente o Rio Grande do Norte e o Piauí.

Essas pesquisas apontam alguns fatos relevantes: além da diferença no número de mulheres em situação de rua se comparada ao número de homens, constata-se uma “invisibilidade” da mulher em notícias sobre pessoas em situação de rua.

Esses estudos nos motivaram a desenvolver o Trabalho de Conclusão de Curso que tem por título Notícias sobre mulher(es) em situação de rua: uma análise de discurso crítica (AGUIAR, 2014), que aborda de forma sintética o discurso relacionado a cidadãs em situação de rua em três dos principais jornais (representativos) do país⁴: Folha de S. Paulo, Correio Braziliense e A Tarde.

A experiência com essa temática nos permitiu entender que o problema das mulheres em situação de rua pode estar relacionado a um problema mais geral, que é a violência contra a mulher. Alguns pontos sobre o problema social da mulher em situação de rua, como a submissão da mulher e a violência no convívio familiar (TIENE, 2004), podem estar relacionados com a constituição e proteção à família tradicional.

³ Pesquisas realizadas com auxílio de bolsa de Iniciação Científica (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia–FAPESB).

⁴ Os três jornais foram escolhidos porque estão entre os mais importantes, considerando tiragem e vendas, de suas respectivas regiões no ano de 2014, de acordo com a Associação Nacional de Jornais (www.anj.org.br/maiores-jornais-do-brasil).

Segundo Figueiredo (1997), no período colonial, século XVIII, a igreja católica tentava controlar a vida matrimonial da população. O convívio familiar apresentava traços oscilantes que confundiam o amor com a violência, mas no discurso da igreja não havia diferenciação entre afeto e violência. A igreja, que julgava os comportamentos da população, não distinguia o parceiro que espancava sua mulher daquele que lhe dedicava afeto, os conceitos se confundiam (FIGUEIREDO, 1997). Assim, a tentativa da igreja de manter as tradições influenciava o convívio familiar. Essa influência pode ter contribuído para naturalizar e conseqüentemente aumentar as ações violentas contra as mulheres no ambiente doméstico. Segundo Tiene (2004), a violência sofrida dentro de casa é um forte motivo para a situação de rua das mulheres.

O Dossiê Mulher (ISP, 2015) apresenta dados referentes aos cinco tipos de violência considerados pela lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/06)⁵: física, sexual, patrimonial, moral e psicológica. Destacam-se nessa pesquisa a violência física e a sexual pela diferença entre homens e mulheres indicada nos dados. Apesar de o relatório apontar que as principais vítimas de violência física (homicídio doloso 91,5% e tentativa de homicídio 87,7%) no Rio de Janeiro são homens jovens, ele também aponta que quando se trata de lesão corporal dolosa as mulheres representam 64% das vítimas. Quanto à violência sexual, os registros indicam que elas foram estupradas em 83,2% das ocorrências registradas e 91,3 % quando trata-se de tentativa de estupro.

Segundo o ISP (2015), as mulheres predominam como vítimas de delitos como estupro, ameaça e lesão corporal, tendo como prováveis agressores seus companheiros ou pessoas do seu convívio familiar.

Em Minas Gerais, um dos estados de origem das publicações que foram analisadas nessa dissertação, não há registro de pesquisa sobre a temática específica da violência contra a mulher. Quanto ao Rio de Janeiro, o Dossiê Mulher (ISP, 2015), elaborado a partir de pesquisa pelo Instituto de Segurança do Rio de Janeiro (ISP, 2015), apresenta informações consolidadas sobre a violência contra a mulher no estado do Rio de Janeiro, no ano de 2014, com base nas ocorrências registradas nas delegacias policiais fluminenses.

Esses dados evidenciam a importância de discutir sobre esse problema social e, conseqüentemente, de uma pesquisa voltada para investigar a forma como as pessoas em

⁵ A Lei Maria da Penha cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal. A Lei estabelece medidas para prevenir, de assistência e proteção às mulheres em situação de violência doméstica e familiar.

situação de rua, e, especificamente a mulher, são representadas pela mídia, que é um dos principais responsáveis por fazer a grande população tomar conhecimento dessa grave realidade.

Dessa forma, a pesquisa se justifica pela relevância social da temática a ser estudada. A pesquisa é importante para evidenciar o discurso referente às mulheres em situação de rua, com o propósito de contribuir para uma modificação da forma como a sociedade as vê e conseqüentemente da forma como elas são representadas em seu discurso.

Realizar essa pesquisa com a mídia jornalística de Minas Gerais e do Rio de Janeiro se torna relevante porque são estados com altos índices de pessoas em situação de rua.

A mídia pode contribuir para a construção/manutenção do discurso vigente na sociedade sobre essas pessoas, o que também pode influenciar na construção de uma representação em torno delas. Como a mídia possui certa credibilidade por parte da população, ela pode construir verdades a respeito desse problema social e das pessoas nele envolvidas.

Desse modo, a pesquisa realizada proporcionará um aprofundamento no conhecimento da teoria discursiva e da temática social. Assim como estará colaborando para o desenvolvimento de estudos em Análise do Discurso e também para a reflexão da sociedade quanto ao tratamento discursivo à cidadã em situação de rua.

2. Proposta

O objetivo da pesquisa é analisar os imaginários sociodiscursivos sobre a mulher em situação de rua em notícias de jornais impressos de Minas Gerais e Rio de Janeiro com base, principalmente, na Teoria Semiolinguística de Charaudeau, considerando o sentido implícito na configuração verbal e não-verbal. Assim, procuramos responder as seguintes questões: 1). Quais os imaginários sociodiscursivos sobre as mulheres em situação de rua nos jornais impressos de Minas Gerais e Rio de Janeiro? 2). Como a mídia pode construir/reproduzir discursos sobre o problema social da situação de rua e sobre as pessoas por ele afetadas?

Para alcançar o objetivo da pesquisa, estabelecemos os seguintes objetivos específicos:

- i. Descrever a organização discursiva dos textos selecionados sobre a mulher em situação de rua, pertencentes ao gênero notícia, por meio dos Modos de Organização do Discurso (enunciativo, narrativo, descritivo e argumentativo), assim como descrever os contratos gerais que regulam as notícias publicadas nos jornais impressos Estado de Minas e O Tempo de Minas Gerais, O Globo e O Dia do Rio de Janeiro.
- ii. Descrever e investigar os sentidos presentes nas imagens das notícias para verificar o possível poder argumentativo destas, com base na Retórica da Imagem.
- iii. Descrever, interpretar e comparar os imaginários sociodiscursivos da mulher em situação de rua nas publicações selecionadas, com base no trabalho de Patrick Charaudeau.

3. Procedimentos teórico-metodológicos

A principal fundamentação teórica adotada nesta pesquisa, Teoria Semiolinguística de Patrick Charaudeau (1999, 2005, 2006, 2010, 2013 e 2014), permite a associação entre o estudo da linguagem e o estudo da sociedade. Na abordagem de Charaudeau (1999), o sentido do discurso depende das circunstâncias da enunciação e dos destinatários aos quais é dirigido. Assim, o ato de linguagem é caracterizado por um sujeito enunciador e um sujeito interpretante e a sua finalidade não pode ser considerada apenas na configuração verbal, ou seja, no que está explícito, mas também no sentido implícito. Além disso, é preciso considerar a relação dos protagonistas do ato de linguagem, a relação desses com o contexto e a situação em que estão inseridos. A partir dessa perspectiva busca-se discutir como a mídia enxerga o problema e como manifesta essa visão discursivamente.

A pesquisa, qualitativa e empírico-dedutiva, é realizada inicialmente com a coleta e seleção de textos do gênero situacional notícia para posterior análise utilizando os Modos de Organização do Discurso: enunciativo, narrativo, descritivo e argumentativo.

Também há uma contextualização do problema social da situação de rua no Brasil, o que inclui aspectos referentes às mulheres em situação de rua, a Minas Gerais e ao Rio de Janeiro.

Além disso, propõe-se a análise da imagem por acreditar, com base na Retórica da Imagem de Roland Barthes (1990 e 1996), que esta complementa a análise da mensagem verbal dos textos, contribuindo para o entendimento dos sentidos. Incluímos também a análise da mensagem icônica, da mensagem plástica e da mensagem linguística, nos moldes apresentados por Martine Joly (2007).

Por fim, para analisar os imaginários sociodiscursivos utilizaremos os trabalhos de Patrick Charaudeau Os Estereótipos são bons. Os imaginários são melhores (2007) e Da ideologia aos imaginários sociodiscursivos (2011). De acordo com a perspectiva de Charaudeau (2007 e 2011) os imaginários são gerados mediante os discursos que circulam nos grupos sociais, são organizados em sistemas de valores e depositados em uma memória coletiva.

3.1. Natureza do corpus

O corpus de pesquisa consiste em doze notícias impressas, publicadas desde 2012 até 2016. Dentre as publicações do estado de Minas Gerais, uma é do jornal Estado de Minas, três do jornal O Tempo e, das publicações cariocas, sete são do jornal O Globo e uma do jornal O Dia. As notícias são arquivos online da edição impressa disponibilizados nos sites dos jornais. Para ilustrar o corpus desenhamos a tabela, a seguir:

Quadro 1 - Relação da quantidade de notícias do corpus

Corpus			
JORNAIS MINEIROS		JORNAIS CARIOCAS	
Estado de Minas	O Tempo	O Globo	O Dia
1	3	7	1

Os textos foram selecionados a partir das palavras-chave: “mulher em situação de rua”, “moradora de rua”, “perambulante”, “mendigo(a)” e “sem-teto”, os termos geralmente utilizados para nomear essas pessoas. Das vinte e três notícias encontradas e publicadas entre 2011 e 2016 porque citavam a mulher em situação de rua doze foram selecionadas por obedecerem aos seguintes critérios: a) a notícia relata um fato que envolve o problema social da situação de rua; b) a mulher em situação de rua é uma personagem da notícia; c) a mulher em situação de rua é maior de idade. Os critérios a e

b foram adotados porque estão de acordo com os objetivos da pesquisa, por sua vez o critério c foi adotado porque as pesquisas com dados referentes às pessoas em situação de rua citadas nesse trabalho são feitas com pessoas acima dos 18 anos.

Inicialmente, pretendíamos analisar notícias dos últimos dois anos, contudo apesar de os jornais publicarem notícias sobre pessoas em situação de rua, poucas são aquelas que focalizam as mulheres em situação de rua. Dessa forma, buscamos em todo o arquivo disponibilizado pelos jornais através do sistema de busca.

O jornal Estado de Minas disponibiliza mediante assinatura os três últimos meses, o que significa que tivemos acesso aos meses de abril de 2015 a fevereiro de 2016 porque nos tornamos assinantes em junho de 2015. O jornal O Tempo disponibiliza os jornais dos três últimos anos, assim as publicações acessadas vão de fevereiro de 2013 a fevereiro de 2016. O jornal O Globo disponibiliza, com sistema de busca/pesquisa por meio de palavras-chave, matérias a partir de janeiro de 2014 até fevereiro de 2016. O jornal O Dia disponibiliza a partir de janeiro de 2011 a fevereiro de 2016.

Em Minas Gerais escolhemos os jornais O Tempo e O Estado de Minas considerando a tiragem, distribuição e importância dentro do espaço midiático/jornalístico. Os escolhidos estão entre os principais jornais de Minas Gerais, de acordo com a Associação Nacional de Jornais – ANJ (2014)⁶. No Rio de Janeiro os jornais escolhidos pelos mesmos motivos que os de Minas Gerais são: O Globo e O Dia.

Após escolha dos jornais, assinatura e busca, selecionamos as notícias a partir do seguinte critério: seriam objeto da nossa análise as notícias relacionadas à problemática social da mulher em situação de rua.

Posteriormente, fazemos a descrição das notícias, o que contribuirá com as análises, a partir dos Modos de Organização do Discurso vinculados à Teoria Semiolinguística, dos sentidos gerados pelas imagens presentes nas notícias e dos imaginários sociodiscursivos da mulher em situação de rua.

3.2. Um estudo em duas etapas: descrição e interpretação

O trabalho consiste em uma pesquisa descritiva, interpretativa e explicativa a partir da análise linguístico-discursiva dos dados. De acordo com Charaudeau (2005), “a análise do discurso é empírico-dedutiva. Isto significa que o analista parte de um material

⁶ Disponível em: www.anj.org.br/maiores-jornais-do-brasil. Acesso em: 19.03.2015

empírico, a linguagem, que já está configurada numa certa substância semiológica (verbal) ” (2005, p.5).

Assim, a pesquisa realizada é de cunho qualitativo com método empírico-dedutivo. A pesquisa qualitativa, de acordo com Bauer e Gaskel (2005), lida com interpretações das realidades sociais e possibilita compreender/explorar processos sociais e discursos.

O procedimento de coleta de dados foi documental, incluindo notícias selecionadas na mídia. De acordo com Flick (2009), a pesquisa documental deve se basear nos documentos como fonte de pesquisa, observando quais são suas características e em que condições foram usados.

O pesquisador deverá também perguntar-se acerca de: quem produziu esse documento, com que objetivo e para quem? Quais eram as intenções pessoais ou institucionais com a produção e o provimento deste documento? Os documentos não são, simples dados que se pode usar como recurso para a pesquisa (FLICK, 2009, p. 232).

3.3. Descrição do corpus

3.3.1. Jornal Estado de Minas

Segundo Ferreira (2009), o jornal mineiro Estado de Minas, diário e matutino, fundado em Belo Horizonte em 7 de março de 1928 por Juscelino Barbosa, então diretor do Banco Hipotecário e Agrícola de Minas Gerais, Álvaro Mendes Pimentel e Pedro Aleixo, ambos membros do Conselho Deliberativo de Belo Horizonte, atual Câmara Municipal. Posteriormente, de acordo com Lira (2009), o jornal foi incorporado aos Diários Associados de Assis Chateaubriand, e hoje é um dos jornais diários impressos de maior circulação no estado de Minas Gerais. O Estado de Minas custa atualmente R\$ 2,50.

Em março de 1991, o ex-governador de Minas Gerais Newton Cardoso comprou as ações do Estado de Minas, que lhe fazia oposição durante seu governo. As ações foram adquiridas de Gilberto Chateaubriand, filho de Assis Chateaubriand.

Em 2004, o jornal passou por uma reforma gráfica e editorial. Ele passou a ter três edições diárias e ser distribuído em outros estados. Entre 2004 e 2008, o Estado de Minas reformulou o jornal, apresentando cadernos que se adequassem vista a nova proposta do jornal de atender à demanda de um público diversificado e com interesses específicos.

De acordo com Silveira (2008) o jornal Estado de Minas é um defensor da mineiridade, ou seja, uma roupagem ou reflexo de Minas e da elite mineira em suas páginas. Dessa forma, o Estado de Minas é um divulgador da mineiridade o que de acordo com o autor contribui para o aspecto conservador do jornal.

3.3.2. Jornal O Tempo

De acordo com Lira (2009), o jornal O Tempo foi fundado em 1996 e tem como concorrente direto o jornal Estado de Minas. O jornal é de propriedade da Sempre Editora, integrante do grupo SADA cujo fundador é Vittorio Medioli, ex-deputado federal pelo Partido Verde (PV) e ex-membro do Partido da Social Democracia do Brasil (PSDB). Em 2016 foi eleito prefeito de Betim pelo Partido Humanista da Solidariedade (PHS). Atualmente o jornal tem como presidente Laura Medioli, a filha de Vittorio Medioli.

O jornal, segundo Lira (2009), custa R\$ 1,50, tem circulação diária em 97 municípios do Estado de Minas Gerais, com uma tiragem de 45 mil exemplares aos domingos e 40 mil, nos outros dias da semana. O público alvo é formado por executivos, alta e média gerência de médias e grandes empresas, consultores de empresas, profissionais liberais ou empreendedores, esportistas, órgãos públicos, público segmentado e proprietários de micro, pequena e médias empresas.

3.3.3. Jornal O Globo

De acordo com Pesce (2012), O Globo foi fundado em 29 de julho de 1925 por Irineu Marinho, é sediado na cidade do Rio de Janeiro e voltado para um público de área metropolitana. Ao longo das últimas décadas do século XX o jornal O Globo também se consolidou como empresa jornalística ampliando para revistas, emissoras de rádio e televisão. O Grupo Globo é a maior empresa do setor no país. A megacorporação vem realizando alianças e investimentos externos, com a intenção de obter a liderança também do mercado latino-americano de comunicação.

Atualmente o jornal O Globo impresso custa R\$ 2,50 e embora esteja localizado no Sudeste há sucursais espalhadas pelas principais localidades do Brasil, responsáveis pela cobertura jornalística regional. Isso garante uma característica nacional com distribuição nos centros de decisão política e econômica.

De acordo com Baron (2015), na pesquisa O jornal “*O Globo*” como porta-voz das posições políticas da família marinho, ontem e hoje, nas principais ocasiões da história do Brasil desde 1930, esse jornal funciona como sinalizador das posições políticas do Grupo Globo e de seus proprietários. Os membros da família Marinho, segundo Baron (2015) vêm se comportando e se expressando de forma a deixar clara a sua opção pela construção liberal e sua aversão aos ideais nacional-desenvolvimentistas.

Roberto Marinho, em termos de posicionamento político, variava do centro para a direita. No século XXI O Globo continua sendo fortemente favorável com o liberalismo econômico (limitação da intervenção do Estado na economia), mas quando se trata dos costumes o jornal apoia a descriminalização da maconha e o debate sobre o aborto como questão de saúde pública, de acordo com valores tipicamente pós-modernos.

3.3.4 Jornal O Dia

Segundo Schneiders (2011), o jornal O Dia foi fundado em 1951 pelo então deputado Chagas Freitas que também chegou a ser governador do Rio de Janeiro pelo partido Movimento Democrático Brasileiro (MDB). A seguir, uma caracterização do jornal até meados dos anos 1980.

O Dia, sob o comando de Chagas Freitas, político de linha conservadora, em parte, se enquadrou no mesmo modelo de jornalismo, batizado, pelo caráter do seu conteúdo, de “espreme que sai sangue”. [...] Ao mesmo tempo, o jornal se destacou como porta-voz das camadas desassistidas, o que [...] funcionou como estratégia para manter-se, em termos de imagem, tanto aliado aos setores do público que pretende alcançar, quanto do governo e dos empresários, sendo enxergado como intermediário neste processo. (BARBOSA; ENNE, 2005, p. 77-78)

Nos anos 1990, foi comprado e passou a ser comandado pelo jornalista Ary Carvalho, que tinha a intenção de tornar o jornal ainda mais popular; com isso, passou a adotar estratégias para chamar a atenção do público e competir com os jornais mais tradicionais. Uma dessas estratégias foi mostrar celebridades lendo suas páginas e chamar a atenção do público que não o consumia por considerá-lo inferior aos outros.

Segundo Amaral (2005), jornais como O Dia são voltados a um consumidor de menor poder aquisitivo, o que justifica o seu preço. Na época da publicação analisada o jornal custava R\$ 1,20. Atualmente custa R\$1,50 de segunda à sexta e R\$ 2,50 aos domingos. Amaral (2005) caracteriza o jornal O Dia como um jornal popular, segundo a autora o jornalismo popular busca identificar-se com o cotidiano de seu público-alvo.

O público do jornal O Dia geralmente é da classe C e D, e por isso são os leitores esperados pelo jornal. Estes podem ser os habitantes do Rio de Janeiro interessados em questões sociais e que envolvem o cotidiano da cidade ou moradores da região.

Os jornais mais tradicionais, os de referência, são direcionados à classe A e B, que, por possuírem um grau de instrução maior do que a grande massa, exigem um tratamento diferenciado na forma de redação de notícia. Contudo, os jornais populares, segundo Amaral (2005), concedem a mesma importância aos fatos, porém são redigidos de forma mais simplificada, tornando possível o alcance e a compreensão de leitores de qualquer classe social.

4. Estrutura da dissertação

Essa dissertação se divide em cinco capítulos: no primeiro capítulo fazemos uma contextualização da temática estudada ao discorrer sobre o problema social da situação de rua no Brasil, em Minas Gerais, no Rio de Janeiro e especificamente sobre a mulher em situação de rua. No segundo capítulo, dedicado aos pressupostos teóricos do trabalho, descrevemos em linhas gerais a Teoria Semiolinguística, abordando o contrato de comunicação e os quatro modos de organização do discurso: enunciativo, descritivo, narrativo e argumentativo. Além disso, no segundo capítulo ainda apresentamos as bases teóricas para analisar as imagens e os imaginários sociodiscursivos. No terceiro capítulo da dissertação falamos sobre a comunicação midiática e o gênero notícia, ao tratar da mídia discorreremos sobre o contrato de comunicação midiático, já sobre o gênero situacional apresentamos a proposta de Charaudeau e configuramos o gênero notícia. No quarto capítulo descrevemos e interpretamos as notícias a partir da organização discursiva e das imagens, por fim, no quinto capítulo destacamos e analisamos os imaginários sociodiscursivos sobre a mulher em situação de rua percebidos.

CAPÍTULO 1 - A CIDADÃ EM SITUAÇÃO DE RUA

1.1 O problema social da situação de rua no Brasil

Esta pesquisa tem como interesse investigar os discursos da mídia sobre as pessoas que estão nessa situação, principalmente as mulheres em situação de rua, mas percebendo a situação de rua de maneira geral, pois conforme sugere Aguiar (2014), a situação de rua de homens está imbricada e interfere na situação de rua das mulheres.

Ao abordar este problema social, Silva (2009) diz que a situação de rua remonta ao surgimento das cidades pré-industriais da Europa. O problema social foi aumentado com as modificações ocorridas nas cidades após a Revolução Industrial. Começou a haver nesta época um excedente de pessoas, advindas do campo para a cidade, em busca de trabalho nas fábricas. Como as fábricas não empregaram todas as pessoas, as que ficaram sem emprego e outros meios de sobrevivência foram compelidas às ruas.

No Brasil, de acordo com Caldeira (2010), o modo de vida e produção foi influenciado pelo europeu. Os trabalhadores desempregados pela indústria na contemporaneidade constituíram a problemática da situação de rua. Muitas pessoas deixaram áreas rurais entre 1930 e 1970 e migraram para o Sudeste, principal região escolhida como destino porque foi onde a industrialização ocorreu de forma mais acelerada. Entretanto, o mercado de trabalho não absorveu toda essa mão-de-obra, assim as pessoas desempregadas não tiveram condições de manter uma moradia digna e por isso dormiam nas ruas.

Mesmo com o desenvolvimento contínuo das cidades o problema parece de difícil resolução, pois parte do restante da população, assim como parte do poder público prefere ignorar a pobreza presente nas ruas, utilizando de medidas “higienizadoras” ou de proibições, sem promover a diminuição da desigualdade social.

Isso ocorre, de acordo com Buarque (1993), porque a dinâmica econômica vincula-se à desigualdade: enquanto muitos se mantêm sem qualificação profissional e na pobreza, poucos têm dinheiro e trabalho capazes de lhes fornecer uma vida digna. Dessa maneira, em um contexto socioeconômico injusto pode-se observar ainda a degradação da sociedade e dos costumes, o individualismo, o consumismo, a perda de valores. Aspectos que fazem com que as pessoas em situação de rua convivam com a violência, com a marginalização, com o desrespeito e a violação de direitos essenciais à vida (ROSA, 2005).

Nos dias de hoje, um grande número de cidadãos e de cidadãs utiliza, por diferentes motivos, a rua como espaço de sobrevivência. Entre agosto de 2007 e março de 2008 foi realizada, pelo Ministério do Desenvolvimento Social, a Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua que teve como público-alvo pessoas acima dos 18 anos de idade vivendo em situação de rua, de 71 cidades brasileiras, sendo 48 com mais de 300.000 habitantes e 23 capitais.

As pessoas que responderam as questões dessa pesquisa se somadas às que participaram das pesquisas nas quatro capitais restantes resultam em 50.00⁷. Entretanto, esse número não deve ser levado como o total da população em situação de Rua no Brasil, já que esse dado não é preciso, pois as pesquisas foram realizadas em momentos distintos e com metodologias diferentes, além de não abranger todas as cidades do país. Dessa forma, acredita-se que um número muito maior de pessoas estejam em situação de rua no país.

A pesquisa mais recente em torno do tema, o META/MDS (2008) apresenta um perfil para a parte da população que está em situação de rua:

[...] a população em situação de rua é um grupo populacional heterogêneo, caracterizado por sua condição de pobreza extrema, pela interrupção ou fragilidade dos vínculos familiares e pela falta de moradia convencional regular. São pessoas compelidas a habitar logradouros públicos (ruas, praças, cemitérios etc.), áreas degradadas (galpões e prédios abandonados, ruínas etc.) e, ocasionalmente, utilizar abrigos e albergues para pernoitar (META/MDS, 2008a, p. 3 – 5).

Os resultados encontrados mostram que 82% das pessoas em situação de rua são homens e 53% possui entre 25 e 44 anos. Por meio da contextualização histórica e dos dados levantados pela pesquisa do META/MDS (2008) é possível dizer que um dos principais motivos pelos quais as pessoas passam a viver na rua é o desemprego. Dos pesquisados, 29,8% responderam isso. Outro motivo é a crescente fragilização de vínculos familiares e sociais; na pesquisa, 29,1% apontou como causa de procurar as ruas desavenças com pai, mãe e irmãos. Um terceiro motivo foi o alcoolismo e/ou drogas, com 35,5%. “Dos entrevistados no censo, 71,3% citou pelo menos um desses três motivos (que podem estar correlacionados entre si ou um ser consequência do outro)” (META/MDS, 2008, p. 7).

Quando já estão nas ruas, os meios de sobrevivência diferem, vão desde a coleta de materiais recicláveis à solidariedade das pessoas. A maioria exerce alguma atividade

⁷ Dados do documento da Política Nacional para Inclusão Social da População em Situação de Rua (2008).

remunerada, sendo 70,9%, como: catador de materiais recicláveis, flanelinha, construção civil, limpeza e carregador/estivador. Entretanto, a maioria está em um trabalho informal. Apenas 1,9% tem carteira assinada.

Segundo Pereira e Siqueira (2010), outro modo de trabalho é vigiar carros, o que muitas vezes é visto pelos donos dos veículos como extorsão de dinheiro em troca de não ter o carro danificado. A ameaça está cada vez mais presente no imaginário da população, ou seja, a representação social difundida nesses casos é de que cada um desses “vigias” é um potencial criminoso.

Segundo Bursztyn (2000), há também os pedintes, que, de um modo geral, são chamados pejorativamente pela mídia e pelo restante da população de “mendigos”. A expressão refere-se ao fato de que muitos sobrevivem de doações e esmolas, mas segundo a pesquisa do META/MDS (2008) apenas 15% pede para sobreviver.

Pereira e Siqueira (2010) relatam que essa parcela da população era também desamparada pela lei. Em 03 de outubro de 1941, o Art. 60. da Lei de Contravenções Penais (Capítulo VII - das contravenções relativas à polícia de costumes - Decreto Lei nº 3.688) inclui como infração a prática da mendicância. Ela dizia que quem fosse pego mendigando por ociosidade ou ganância, estaria sujeito à pena de 15 dias a 3 meses de prisão, a seguir:

Art. 60. Mendigar, por ociosidade ou cupidez:
Pena – prisão simples, de quinze dias a três meses.
Parágrafo único. Aumenta-se a pena de um sexto a um terço, se a contravenção é praticada:
a) de modo vexatório, ameaçador ou fraudulento.
b) mediante simulação de moléstia ou deformidade;
c) em companhia de alienado ou de menor de dezoito anos. (BRASIL, 1941).

Nas últimas décadas, a lei caiu em desuso, mas somente foi revogada em 16 de julho de 2009 pela Lei nº 11.983. Pereira e Siqueira (2010) ainda relatam que as práticas de punição da mendicância na Europa do século XIX eram torturas e espancamentos. Hoje a punição não é a mesma, mas a visão de que eles são responsáveis pela sua própria situação os expõe a práticas de violência.

Atualmente, a terminologia mais utilizada pela mídia para se referir às pessoas em situação de rua é “morador de rua”. Com o Decreto Presidencial nº 753⁸ de 2009, a expressão “pessoas em situação de rua” ganha ainda que timidamente mais espaço, e reflete o caráter da circunstância como processual e transitório. Entendemos que o uso do

⁸ O Decreto institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua e seu Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento, e dá outras providências.

termo em um documento do governo faz com que ele seja reconhecido como “oficial”. Antes ele era usado mais por teóricos da área da sociologia, antropologia, serviços sociais e militantes, etc.

1.2 A situação de rua em Minas Gerais

Em 2014 a Secretaria Municipal de Políticas Sociais da Prefeitura de Belo Horizonte em parceria com o Centro de Referência em Drogas da UFMG realizou e divulgou o Terceiro censo de população em situação de rua e migrantes de Belo Horizonte⁹. A pesquisa foi realizada com o objetivo de contribuir para a definição e o reordenamento das políticas públicas voltadas para essas pessoas. A metodologia consiste em coleta de dados feita em apenas um dia para que pudesse minimizar perdas da amostra e para tornar o resultado mais representativo possível. Este censo também aprofundou na avaliação quantitativa do percurso de vida e cotidiano dos entrevistados.

Os resultados indicam que 1827 pessoas estão em situação de rua na cidade, dormindo em calçadas, praças, viadutos, terrenos baldios, ou pernoitando em instituições como albergues, abrigos, repúblicas e instituições de apoio. Este resultado evidencia que há 663 pessoas a mais do que aponta a pesquisa de 2008, feita de forma independente, mas que consta nos dados da Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua solicitada pelo MDS.

Por meio da pesquisa verificou-se que 86,8% são homens, o que significa que 13,2% são mulheres, um dado semelhante ao das mulheres no país. A idade média é de 39,6 anos. 45,7% se declararam pardas, 33,7% negras, 18,1% brancas, 1,3% indígenas e 1,2% amarela. Desses 82,2% sabem ler e escrever, 12,8% só assinam o nome e 5% são analfabetos.

De acordo com os resultados e relatório divulgados, há diferença no número de famílias vivendo nas ruas em relação aos censos anteriores. Apenas 5,9% vivem com algum parente em sua companhia. Assim, há uma tendência de redução da presença de famílias na rua visto que nos censos anteriores 1998 e 2005 havia 24,8% e 13,6% de pessoas vivendo com algum familiar na rua, respectivamente. Nos dados gerais, 64,1% vivem sozinhos, 30% em grupo, 4,7% com parentes, 1,2% com cônjuge ou companheiro.

⁹ Disponível em:

portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/noticia.do?evento=portlet&pAc=not&idConteudo=154144&pIdPlc=&app=salanoticias. Publicado em: 30.04.2014. Acesso em: 20.07.2015.

Ao serem perguntados sobre os motivos para estarem em situação de rua 52% disseram que estão nas ruas por problemas familiares; 43,9% pelo uso de drogas ou álcool, 36,5% por falta de moradia, e 36% em função do desemprego. Dentre os entrevistados 76% citaram pelo menos um dos quatro motivos, muitas vezes de forma correlacionada ou indicando uma relação causal entre eles.

Diferentemente do processo que iniciou o problema social da situação de rua, atualmente os dados mostram que a maioria das pessoas em situação de rua sempre viveu nas cidades. Segundo a pesquisa, 35,5% nasceu e sempre viveu em BH, 64,2% são de outras cidades, 0,3% de outro país.

Entre os motivos apontados para se mudarem para BH¹⁰ 47,2% responderam a procura de trabalho, 6,25% para tratamento de saúde, 17,8% por causa de conflito familiar, 18,4% para acompanhar familiar, 1% por pena prisional, 3,1% por sofrerem ameaças, e 8,75% por considerarem BH uma cidade acolhedora. Os motivos apontados para permanecer em Belo Horizonte: 5,7% pelos serviços ofertados, 16,5% porque não deseja voltar para casa, 16,7% dificuldades de voltar para casa, 22,4% BH é acolhedora, 31,3% trabalhar, 26% outros motivos.

Quanto aos trabalhos exercidos para obtenção de renda, 70% já trabalhou com carteira assinada. Desses 72,6% dos homens trabalhou com carteira assinada, assim como 49,5% das mulheres¹¹. Dentre os trabalhos exercidos, são citados: prostituição, comércio/artesanato, faxina, jardinagem, carregador de caminhão, construção civil, flanelinha, cooperativa de catadores e coleta de recicláveis. A pesquisa ainda indica quais trabalhos são mais praticados por mulheres e quais são mais praticados por homens. Elas estão à frente em relação ao número de homens que trabalham com prostituição, comércio/artesanato, faxina, cooperativa de catadores e coleta de recicláveis. E os homens com jardinagem, construção civil ou como flanelinha e carregador de caminhão.

Quando perguntados, 94% desejam sair da rua. Dentre estes, 70% pelo acesso a moradia e 60% através de trabalho assalariado¹². Tanto as mulheres quanto os homens citam essas possibilidades, mas elas citam mais o retorno à família, serviço de acolhimento, cuidados com a saúde, programa de transferência de renda. Já os homens citam mais trabalho assalariado e acesso a moradia.

¹⁰ Motivos concomitantes.

¹¹ Resultados reproduzidos conforme divulgados pelo relatório do Terceiro censo de população em situação de rua e migrantes de Belo Horizonte (2014).

¹² Motivos concomitantes.

A violência é uma realidade na vida dessas pessoas em situação de rua. As mulheres em situação de rua são mais susceptíveis a todas as formas de violência, sendo que 36% delas alegam terem sofrido violência sexual. A violência sexual é nove vezes mais frequente em mulheres do que em homens. Em todos os tipos de violência citados na pesquisa elas aparecem à frente dos homens, como violência sexual, remoção forçada, tentativa de homicídio, maus tratos, violência física, ameaça, preconceito, roubo/furto. Além disso, enfrentam mais violência de civis e outras pessoas em situação de rua do que os homens, que sofrem mais com agentes públicos.

1.3. A situação de rua no Rio de Janeiro

Quanto à situação de rua no Rio de Janeiro, os dados mais recentes são fornecidos pela Pesquisa Censo População de Rua 2013: um direito à cidade, realizada pela Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social do Rio de Janeiro (SMDS),¹³ que tem o objetivo de mapear, quantificar e entender as reais necessidades das pessoas em situação de rua. Os dados dessa pesquisa indicam que 5.580 pessoas vivem nas ruas da capital do estado sendo 81,8% homens e 18,2% mulheres.

A maioria tem entre 25 a 59 anos (69,6%), sendo que 58,2% possuem carteira de trabalho; 14,79% responderam que estão em situação de rua há pelo menos três meses, 8,54% entre 3 e 6 meses, 11,87% entre seis meses e um ano e 64,80% com mais de um ano. Antes de estar na rua 64,42% já morava na cidade do Rio e 22,51% em outra cidade do estado, 12,83% outro estado e 0,24% outro país.

Outras características das pessoas em situação de rua divulgadas pela pesquisa são: baixa escolaridade, alta exposição à conduta de risco, uso de álcool e drogas, capacidade produtiva comprometida, transtornos mentais/psíquicos, relações familiares rompidas, histórico de violações, origem domiciliar variada, supremacia masculina de adultos.

1.4. A mulher em situação de rua

Quanto às cidadãs em situação de rua, Tiene (2004) sugere que o número de mulheres é inferior ao número de homens por questões históricas e sociais. A mulher

¹³Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/web/smds/exibeconteudo?id=4607334>. Publicada em: 18.02.2014. Acesso em: 22.02.2016

durante muito tempo desempenhou apenas o papel de reprodutora e responsável pelos cuidados com os filhos. Assim como esteve limitada ao espaço físico e social da casa, submissa ao ambiente doméstico. Mesmo aquelas que estão no espaço público, nas relações de trabalho, têm tratamento desigual, o que, segundo Tiene (2004), parece se repetir na situação de rua.

Outra explicação¹⁴ é a de que “[...] as mulheres possuem uma rede social de suporte maior e estabelecem relações interpessoais mais profundas em comparação com os homens” (LOPES; BORBA; REIS, 2003, p. 47). Esse fator pode contribuir para que elas recebam uma maior colaboração de pessoas, o que dificulta a ida para as ruas.

Quanto às que estão em situação de rua, Tiene (2004), ao observar a trajetória de algumas, percebeu que as mulheres não vivem todas da mesma forma. As maneiras citadas por Tiene (2004) são: ter ao lado um companheiro ou viver em grupos o que lhes traz sensação de proteção e há também aquelas que dormem em albergues ocasionalmente, mas passam a maior parte do tempo sozinhas nas ruas. As diferenças podem ser atribuídas à idade e às experiências anteriores. As mais jovens geralmente convivem com problemas desde o nascimento ou infância; quando se tornam adultas e posteriormente mães, seus filhos acabam por também se tornar crianças em situação de rua.

Tiene (2004) apresenta possíveis explicações para a situação de rua em relação às mulheres. Para a autora, a rua, onde não há delimitação de espaço, pode ser uma forma de fuga. Ao passar a viver na rua, pode encontrar formas diferentes de superar a relação de dominação. A mulher pode preferir ficar na rua porque existem fragilidades em casa apesar de na rua também encontrar violência.

Segundo Gomes (2008), a mulher brasileira vive em situação de vulnerabilidade à agressão física e moral, praticada principalmente por maridos e companheiros. A autora diz ainda que a violência contra a mulher ocorre de formas diferentes. Entre elas estão a física, a psíquico e a sexual. Essa violência pode ser um fator a impelir as mulheres às ruas.

A resolução do problema, de acordo com Bourdieu (2002), precisa ir além do reconhecimento da “dominação masculina”. Para o autor é a lógica da relação de dominação que impõe às mulheres as virtudes da moral, pois a naturalização da

¹⁴ Para explicar tal hipótese, as autoras baseiam-se no estudo da história das mulheres, da relação de gêneros, das respostas obtidas por meio de questionário e das conversas estabelecidas com homens e mulheres que frequentavam a Associação Minha Rua Minha Vida (AMRMC), durante o período da pesquisa, na cidade de São Paulo.

dominação masculina pelas características biológicas influencia nas práticas sociais e ela é incorporada em toda a realidade.

Funck (2008) entende que apenas uma tomada de consciência a respeito da forma pela qual nossas identidades sociais são construídas poderá nos garantir uma postura crítica sobre as representações de gênero que nos constroem como homens e como mulheres. Nessa perspectiva, o discurso também nos fornece a possibilidade de resistir, de intervir e de gerar mudanças discursivas.

Dessa forma, é possível perceber que os dados apresentados até aqui referentes à violência contra mulher mostram também a possível relação entre o estudo linguístico-discursivo do problema social da mulher em situação de rua e o estudo do gênero social, pois aborda as relações estabelecidas culturalmente entre homens e mulheres e que a representação tem sido responsável por crenças sobre o feminino e o masculino que prendem tanto mulheres quanto homens em papéis sociais, com o masculino ocupando posição dominante.

CAPÍTULO 2 - PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

2.1 Teoria Semiolinguística

Atualmente existem diferentes abordagens de Análise do Discurso. Essas abordagens se diferenciam pelas concepções teóricas e metodologias sugeridas pelos autores que trabalham com elas. De acordo com Maingueneau (1998), a Análise do Discurso é uma disciplina que não se preocupa apenas com a análise linguística do texto, ou com uma análise sociológica ou psicológica de um determinado contexto, a preocupação maior se estabelece a partir da articulação da enunciação sobre um determinado lugar social. Considerando a enunciação como o ato de colocar em funcionamento a língua, além de possibilitar a sua conversão em discurso (BENVENISTE, 2006).

A abordagem teórica utilizada nesta pesquisa é a Teoria da Semiolinguística, desenvolvida por Charaudeau. Essa análise é semiolinguística, porque destaca a relação forma-sentido das línguas naturais - Semio - (“*semioses*”) - e é uma análise linguística, pois investiga o uso da linguagem por um sujeito intencional de influência social num determinado quadro de ações (CHARAUDEAU, 2005).

Na abordagem de Charaudeau (1999), o sentido do discurso depende das circunstâncias da enunciação e dos destinatários aos quais é dirigido. Para construir o sentido, o sujeito realiza o duplo processo de semiotização do mundo, que ocorre a partir do processo de transformação; a ação do sujeito falante que com intencionalidade transforma um “mundo a significar” em “um mundo significado” e do processo de transação que faz do “mundo significado” um objeto de troca com um sujeito destinatário.

Assim, o ato de linguagem é caracterizado por um sujeito enunciador e um sujeito interpretante e a sua finalidade não pode ser considerada apenas na configuração verbal, ou seja, no que está explícito, mas também no sentido implícito. Além disso, é preciso considerar a relação dos protagonistas do ato de linguagem, a relação desses com o contexto e a situação em que estão inseridos. Isso irá delimitar restrições comunicativas ou não, o que significa dizer que a Teoria da Semiolinguística relaciona o ato de linguagem ao contexto psicológico e social no qual se realiza (CHARAUDEAU, 2014).

Dessa maneira, o ato de linguagem se constitui de circunstâncias de produção e interpretação, o que Charaudeau (2014) também nomeia como circunstâncias do discurso. Além disso, ressalta que o ato de linguagem é interenunciativo envolvendo quatro sujeitos, são eles:

- Os parceiros do ato de linguagem no circuito externo, seres sociais e psicológicos, definidos por certo número de traços identitários; Sujeito Comunicante (EUC) e o Sujeito Interpretante (TUi).
- Os protagonistas da enunciação, no circuito interno, seres de fala; o Enunciador (EUe) e o Destinatário (TUD).

Esse espaço de troca entre os sujeitos é a situação de comunicação; essa relação se define pelas circunstâncias físicas dos parceiros e o canal de transmissão, as características identitárias dos parceiros e as características contextuais.

Dessa maneira, todo ato de linguagem depende de um contrato de comunicação que sobredetermina parcialmente os protagonistas da linguagem em sua dupla existência de sujeitos agentes e sujeitos de fala. O contrato de comunicação é o ritual sociolinguageiro do qual depende o implícito codificado, que “é constituído pelo conjunto de restrições que resultam das condições de produção e de interpretação [...] (circunstâncias do discurso) do ato de linguagem” (CHARAUDEAU, 2014, p. 60). As restrições passam pela finalidade, identidade dos participantes, propósito e circunstâncias materiais. Assim o contrato de comunicação pressupõe que os indivíduos reconheçam a competência linguageira do outro, uma proposição em que o EU faz ao TU esperando convivência.

Dentro desse esquema da situação de comunicação, Charaudeau (2010) ainda apresenta a noção de estratégias discursivas, que supõe a intencionalidade do sujeito na produção de um texto portador de efeitos de sentido possíveis, efeitos de persuasão ou de sedução por meio de estratégias de legitimação, credibilidade (ethos, imagem de si) e captação (pathos, interesse assegurado pela emoção). Além destes há o convencimento pelo uso da razão e do raciocínio (Logos). A seguir, apresentamos um dos componentes do ato de comunicação, os modos de organização do discurso.

2.1.1. Modos de organização do discurso

Os componentes do ato de comunicação, segundo Charaudeau (2014), são a situação de comunicação, a língua, o texto e os modos de organização do discurso. Os modos são procedimentos que dependem da finalidade comunicativa do sujeito falante, e

a partir disso, utilizam determinadas categorias de língua. Os modos de organização são: o Enunciativo, o Descritivo, o Narrativo e o Argumentativo.

2.1.1.1. Modo de Organização Enunciativo

Conforme sugere Charaudeau (2014), enunciar é organizar as categorias da língua, ordenando-as de acordo com a posição que o sujeito falante ocupa em relação ao interlocutor, considerando tanto o que ele diz quanto o que o outro diz.

Dessa forma, o autor distingue os comportamentos enunciativos. A primeira é o comportamento ALOCUTIVO, que consiste em estabelecer uma relação de influência entre locutor e interlocutor. Ao impor um comportamento expõe um ponto de vista acional, estabelecendo uma relação em que assume posição de superioridade ou inferioridade.

O segundo comportamento é o ELOCUTIVO, que é a relação do locutor consigo mesmo através da qual o locutor exprime o seu ponto de vista sobre o mundo e modaliza subjetivamente a verdade. O ponto de vista pode ser especificado como: modo de saber, avaliação, motivação, engajamento ou decisão.

O terceiro comportamento ligado ao modo enunciativo é o DELOCUTIVO; nele o sujeito falante se apaga de seu ato de enunciação, o que concede ao texto uma aparente objetividade. Duas possibilidades são apontadas: o propósito se impõe por si só e o propósito é um texto, o que implica um sujeito falante atuando apenas como relator, usando diferentes formas de discurso relatado.

2.1.1.2. Modo de Organização Descritivo

Segundo Charaudeau (2014), este modo de organização contribui para a existência dos seres à medida que os nomeia, localiza e qualifica. Assim, descrever está relacionado a contar, pois as ações estão ligadas à identidade e às qualificações dos actantes, mas contar não é o mesmo que descrever.

Nomear, o primeiro componente, consiste em fazer um ser existir atribuindo-lhe um nome. Contudo, essa nomeação é limitada (restringida) pela finalidade das situações de comunicação, considerando muitas vezes a posição de quem subjetiva a descrição.

O segundo componente, localizar/situar, é a determinação do espaço e do tempo ocupado; isso influencia na existência do ser, pois suas características e sua função estão ligadas à sua posição espaço temporal.

O terceiro componente é qualificar, que consiste na atribuição explícita de um sentido particular a seres, uma qualidade que caracteriza e os especifica. O sujeito qualifica de forma objetiva ou não, pois pode haver um conflito entre o que é imposto pelo consenso social e as visões próprias do sujeito.

2.1.1.3. Modo de Organização Narrativo

Para Charaudeau (2014), contar é fazer a descrição de uma sequência de ações, mas não necessariamente uma narrativa. Para que haja uma narrativa é preciso um contador (narrador, escritor, testemunha) investido de intencionalidade perante um destinatário (leitor, ouvinte, espectador). O sujeito que narra tem o papel de uma testemunha que mantém contato direto com o vivido. As narrativas podem ser tanto reais quanto fictícias, marcadas por uma lógica com princípio e fim, organizando assim o mundo de uma forma contínua e sucessiva.

O modo de organização narrativo se caracteriza por uma dupla articulação: a organização da lógica narrativa ou construção de uma história a partir de uma sucessão de ações; e a organização da encenação narrativa ou a representação de uma narrativa. Na primeira, Charaudeau (2014) destaca os componentes da lógica narrativa que são: actantes (ou agentes), os processos e as sequências. Na segunda, a atenção está voltada para os componentes do dispositivo da encenação narrativa, articulados em um espaço extratextual e intratextual, considerando os parceiros e protagonistas da narrativa.

2.1.1.4 Modo de Organização Argumentativo

A argumentação ocorre a partir de uma proposta sobre o mundo, por parte de um sujeito que ao desenvolver um raciocínio tenta estabelecer uma verdade (CHARAUDEAU, 2014). O outro sujeito relacionado à mesma proposta é o alvo da argumentação, um ser do qual se pode esperar o compartilhamento da verdade, ação estabelecida por uma atitude de persuasão do sujeito argumentante. Contudo, também pode refutar. Logo, para Charaudeau (2014), a argumentação define-se numa relação triangular entre um sujeito argumentante, uma proposta sobre o mundo e um sujeito-alvo.

Para alcançar o efeito de persuasão o sujeito tenta esconder o seu objetivo buscando mudar o comportamento do interlocutor. Desse modo, ao fazer uso da argumentação, uma atividade discursiva, o sujeito participa de uma dupla busca: racionalidade e influência.

Essa apresentação dos modos de organização do discurso não tem a pretensão de ser exaustiva. Contudo as categorias e procedimentos relativos a eles serão retomadas ao longo da análise.

2.2 Análise das Imagens

2.2.1 Retórica da Imagem de Roland Barthes

Além da mensagem verbal os textos contam com outros elementos para fazer sentido; um deles é a imagem. Esta não serve apenas para ilustrar. Ela tem a função de emocionar, de fazer rir, sentir raiva ou indignação, assim como de persuadir.

Barthes (1996) baseia-se no pensamento de Saussure, para quem os signos linguísticos são constituídos por um significante (plano da expressão, imagem acústica e representação mental) e um significado (plano do conteúdo). O autor considera que os signos imagéticos são compostos da mesma maneira que os linguísticos. Para Barthes (1990), as imagens seriam sistemas de signos e carregariam mensagens visuais explícitas e implícitas, tal qual propõe Charaudeau (2014). O interesse de Barthes (1990) no estudo das imagens iniciou da necessidade de identificar qual o sentido desses signos, considerando, além disso, que as imagens também são argumentativas. Assim, considera que a imagem pode ser assumida em duas possibilidades: a imagem como elemento denotativo e como elemento conotativo.

A mensagem denotativa corresponde às as primeiras significações, o que está na superfície, aquilo que não é tão difícil de ver, mas sempre há algo que a imagem “quer dizer”, além da sua primeira significação. Diferentemente da mensagem denotativa, a imagem como elemento conotativo “é capaz de provocar uma significação segunda a partir de uma significação primeira” (JOLY, 2007, p. 95). Assim, há coisas visíveis e não visíveis facilmente em uma imagem.

Ao discutir os sentidos presentes nas imagens, Barthes (1990) argumenta que não existe neutralidade; para ele a intencionalidade está presente em todos os elementos que compõem a imagem. Isso possibilita múltiplas leituras. Para o autor, existem três tipos de

leitura de uma imagem, que são: mensagem linguística, mensagem icônica e a mensagem icônica não codificada.

A mensagem linguística é constituída por elementos verbais; são as palavras que aparecem nas imagens. A mensagem icônica codificada é uma mensagem perceptível, literal, mas superficial. Quanto à mensagem icônica não codificada, analisa-se além da superfície e sua interpretação depende do foco, da bagagem cultural e ideológica do leitor.

2.2.2. O estudo da imagem por Martine Joly

Martine Joly (2007) faz uma contribuição para a retórica da imagem de Barthes. Diferentemente do autor que apresenta uma mensagem linguística, uma mensagem icônica codificada e uma mensagem icônica não codificada, Joly (2007) sugere uma terceira mensagem, a plástica. Além disso, na sua proposta a mensagem icônica não se divide em signos codificados e signos não codificados como em Barthes (1996), mas sim em significados icônicos de 1º e 2º nível.

Joly (2007) acredita que é necessário considerar e distinguir os signos plásticos dos signos icônicos. Essa distinção remonta aos anos 1980 quando o Grupo Um, “demonstrou que os elementos plásticos das imagens (cores, formas, composição, textura) eram signos plenos e integrais e não a simples matéria de expressão dos signos icônicos (figurativos)” (JOLY, 2007, p. 86). De acordo com Joly (2007), a distinção entre signos plásticos e icônicos se torna fundamental porque permite revelar a importância das escolhas plásticas para a significação da mensagem visual.

Os signos plásticos sugeridos por Joly (2007) são: a moldura, o enquadramento, o ângulo de tomada, a escolha da objetiva, composição, formas, dimensão, cores, iluminação e textura.

A moldura são os limites físicos da imagem, e por isso é considerada uma restrição, mas a imaginação dos leitores tende a abolir os limites impostos pela imagem. De acordo com Mendes (2013), a moldura pode ser tanto um objeto concreto quanto uma delimitação abstrata da imagem.

O enquadramento corresponde à dimensão da imagem, resultado suposto da distância entre o tema fotografado e a objetiva/sujeito criador. Não deve ser confundido com a moldura. Segundo Mendes (2013) tem a função semelhante à da moldura já que ele delimita o ponto de vista da imagem, é uma orientação do olhar, um direcionamento para a interpretação. O enquadramento pode ser amplo/aberto quando o objeto está

distante da câmera que o fotografa; deste modo o objeto é uma parte “pequena” da imagem; o enquadramento ainda pode ser médio; a distância entre o objeto e a câmera está entre aberto e fechado. Nele o objeto ocupa uma parte significativa da imagem; e, por fim, o enquadramento pode ser fechado: o objeto está muito próximo da câmera de modo que ocupe quase toda ou toda a imagem. O enquadramento fechado sugere proximidade e “o seu uso se associa aos efeitos patêmicos visados na imagem” (MENDES, 2013, p. 14).

O ângulo de tomada é determinante, uma vez que reforça ou contradiz a impressão de realidade que está ligada ao suporte fotográfico. O ângulo pode ser analisado em relação à altura a partir de três posições¹⁵: picado, normal e contra-picado. O picado é também chamado de “câmera alta” ou “plongée”. Ocorre quando a câmera está acima do nível dos olhos, voltada para baixo. Este ângulo provoca no leitor a impressão de superioridade sobre o objeto fotografado. No ângulo normal a câmera está no nível dos olhos da pessoa que está sendo fotografada; esse ângulo dá a impressão de realidade e naturaliza a cena. O ângulo contra-picado se caracteriza pelo fato de a câmera estar abaixo do nível dos olhos, voltada para cima, o que dá a sensação de engrandecimento, força e altura do objeto/sujeito fotografado. Esse ângulo também é chamado de “câmera baixa” ou “contra-plongée”.

A escolha da objetiva ou escolha das lentes da câmera é formada por um conjunto de lentes, que garante a focalização da cena a ser fotografada. Neste trabalho analisaremos dois tipos de distância focal: a longa e a curta.

A composição é a geografia interior da mensagem visual e tem um papel essencial na hierarquização da visão e, portanto, na orientação da leitura da imagem. A composição da imagem pode ser horizontal ou vertical. Na composição horizontal a largura da imagem é maior que a altura, as linhas horizontais¹⁶ sugerem um sentido de amplidão e conduz o olhar ao “assunto”, além disso, transmite uma sensação de estabilidade, descanso e tranquilidade. Na composição vertical¹⁷ a altura da imagem é maior que a largura e as linhas verticais transmitem uma sensação de poder e força.

As formas estão presentes na imagem e dependem de interpretação. Tal como outros utensílios plásticos, esta interpretação é essencialmente antropológica e cultural. Um exemplo apontado por Joly (2007) é o da publicidade que quase sempre faz

¹⁵Disponível em: <http://www.primeirofilme.com.br/site/o-livro/enquadramentos-planos-e-angulos/>. Acesso em: 20.10.2016.

¹⁶ Disponível em: <http://www.fotografia-dg.com/composicao-fotografica/>. Acesso em: 20.10.2016.

¹⁷<http://meiobit.com/80250/composicao-%E2%80%93-linhas-horizontais-e-verticais/>. Acesso em: 20.10.2016.

associações banais e estereotipadas, como linhas curvas e formas arredondadas que são associadas à feminilidade e suavidade enquanto formas pontiagudas e linhas retas à virilidade e dinamismo.

A dimensão de uma imagem é o seu tamanho considerando a altura x largura. A dimensão se torna relevante para a análise porque o espaço ocupado por ela na notícia indica a sua importância para os significados do texto.

A interpretação das cores e da iluminação, tal como a das formas, é antropológica. A sua percepção, tal como toda a percepção, é cultural. “A cor e a iluminação têm sobre o espectador um efeito psicofisiológico, uma vez que opticamente apercebidas e psicologicamente vividas, colocam o espectador num estado que se assemelha ao da sua experiência primeira” (JOLY, 2007, p.116). Para algumas culturas a cor vermelha é associada à força e violência do vermelho sangue; o preto não é a cor do luto para todos, tal como o branco não é para todos a cor da pureza. Assim, a memória faz associações com as cores presentes na imagem de acordo com as experiências socioculturais.

A iluminação pode ser dura ou difusa ¹⁸a depender da sua relação com a sombra. A luz dura ocorre na relação entre a luz e a sombra e gera contornos de sombra nítidos. Conseguimos distinguir bem o contorno da sombra. A luz difusa é suave. Nela a sombra existe, porém, é difícil notar.

A textura, de acordo com Joly (2007), é uma qualidade de superfície, tal como a cor, que se define pela qualidade dos seus elementos (natureza, dimensão) e pela qualidade da sua repetição. Ao solicitar, a partir de sensações visuais, outros tipos de sensações (táteis, auditivas, olfativas), uma mensagem visual pode ativar o fenómeno das correspondências sinestésicas. A textura de uma imagem pode ser: grão ou lisa, a primeira proporciona uma experiência tátil e a segundo visual.

Os signos icônicos, por sua vez, referem-se, segundo Joly (2007), ao modelo (pessoa/objeto) que está sendo fotografado. Logo, a mensagem icônica é “constituída por signos visuais figurativos, que representam a realidade, ligados a elementos de tradição cultural/ideológica e identificados a partir de analogias perceptivas, pela ativação de códigos de representação” (GUERRA JÚNIOR e BLASQUE, 2012, p.10)

Quanto à mensagem linguística são os elementos verbais presentes no texto. Estes apresentam a função de ancoragem e revezamento/substituição. A primeira contribui para a seleção de um sentido dentre os possíveis, indicando e privilegiando assim uma

¹⁸ Disponível em: <http://www.photopro.com.br/tutoriais-gratis/luz-difusa-fotografia/>. Acesso em: 20.10.2016.

interpretação diante da polissemia da imagem. Na imprensa isso aparece geralmente como a legenda da imagem. A segunda manifesta-se “quando a mensagem linguística vem complementar as carências expressivas da imagem [...]. Com efeito, apesar da riqueza expressiva e comunicativa de uma mensagem puramente visual [...] há coisas que ela não pode dizer sem o recurso verbal” (JOLY, 2007, p. 127). Esta função aparece nas indicações de duração, pensamentos ou falas das personagens.

Segundo Guerra Junior e Blasque (2012), poucas são as diferenças entre as duas classificações, uma vez que ambas têm como foco principal a ideia de “significações segundas a partir de significações primeiras”; ambas deixam explícita a intencionalidade na organização retórica da imagem, construída para argumentar, para convencer. Joly (2007) apenas difere de Barthes (1996) por considerar, em um nível à parte, “os elementos plásticos da imagem, juntando em um único nível a mensagem icônica codificada (elementos denotativos) e a mensagem icônica não codificada (elementos conotativos)” (GUERRA JUNIOR E BLASQUE, 2012, p. 10).

Sendo assim, procuraremos descrever as imagens presentes nos dados conjugando as propostas de Joly e Barthes. Portanto, distinguiremos os signos plásticos e icônicos e procuraremos descrevê-los no plano literal (significados de 1 nível) e interpretá-los quanto às representações que possam veicular (conotações de 2 nível).

2.3. Os imaginários sociodiscursivos

Segundo Charaudeau (2011), a percepção que o sujeito tem da realidade passa por um “processo de interpretação pelo qual a realidade é construída em função da posição do mesmo sujeito e das condições de produção que provêm o contexto social em que ele se encontra” (CHARAUDEAU, 2011, p.194). A partir dessa percepção, o sujeito constrói representações, que são maneiras de ver (discriminar e classificar) e de julgar (atribuir valor) o mundo, mediante discursos que engendram saberes.

Charaudeau (2011) situa os imaginários na análise do discurso ao falar sobre os saberes, pois considera que os saberes, enquanto representações sociais, constroem o real como universo de significação, e esse processo passa por uma racionalização discursiva. Por isso, são chamados de “imaginários discursivos” e por circularem no interior de um grupo social são nomeados de “imaginários sociodiscursivos”.

O imaginário é efetivamente uma imagem da realidade, mas imagem interpretada da realidade. Logo, a imagem é algo construído, ou nas palavras de Charaudeau (2011):

“a realidade não pode ser aprendida enquanto tal, por ela própria: a realidade nela mesma existe, mas não significa”. (CHARAUDEAU, 2011, p. 203).

Para que a realidade tenha significado ela passa por uma dupla relação: a relação que o homem mantém com a realidade por meio de sua experiência, e a que estabelece com os outros para alcançar o consenso de significação. A realidade tem, portanto, necessidade de ser percebida pelo homem para significar, e é essa atividade de percepção significativa que produz os imaginários, os quais em contrapartida dão sentido a essa realidade. “O imaginário social é um universo de significações fundador da identidade do grupo na medida em que é o que mantém uma sociedade unida, é o que cimenta seu mundo de significação”. (Charaudeau, 2011, p. 204).

Os imaginários não são todos conscientes; alguns imaginários podem ser racionalizados em instituições (escolas, constituições de estados, religiões, justiça, mídia etc.) por meio de discursos-textos. Entretanto, outros imaginários circulam de maneira não consciente na sociedade e são assimilados pelos membros do grupo social de tal modo que funcionam de maneira natural. Esses imaginários podem ser encontrados nos julgamentos implícitos, nas maneiras de falar, nos rituais sociolinguageiros, nos julgamentos de ordem ética/estética, entre outros. Além destes, há imaginários que estão submersos no inconsciente coletivo, porque foram formados ao longo da história, constituindo uma memória coletiva (imaginário coletivo). Os grupos sociais produzem discursos para dar sentido a esses imaginários.

2.3.1. Saberes de conhecimento e saberes de crença

Na perspectiva de Charaudeau (2007), os saberes são maneiras de dizer configuradas pela e dependentes da linguagem que ao mesmo tempo contribuem para construir sistemas de pensamento. Eles podem ser reagrupados em dois tipos: saberes de conhecimento e saberes de crença. Estes são abordados no quadro a seguir:

Quadro 2 - Imaginários sociodiscursivos (Fonte: CHARAUDEAU, 2011, p. 197)

Imaginários sociodiscursivos					
Saber de conhecimento		Saber de crença			
Saber Científico	Saber de experiência	Saber de revelação	Saber de opinião		
			Opinião comum	Opinião relativa	Opinião coletiva

Os saberes de conhecimento “visam estabelecer uma verdade sobre os fenômenos do mundo” (CHARAUDEAU, 2011, p. 197). A construção desses saberes é feita a partir de uma razão científica e para isso utiliza instrumentos de visualização e sistemas de medida/cálculo. Trata-se de um sujeito neutro, sem julgamentos, sem subjetividade, impessoal, podendo ser chamado de “ciência” ou “a ordem das coisas”, onde há a possibilidade de verificação do conhecimento.

De acordo com Charaudeau (2007), os saberes de conhecimento podem ser divididos em saber científico ou saber de experiência. O saber científico é da ordem acadêmica que se baseia em procedimentos de observação, experimentação e cálculo e utiliza ferramentas para visualização, como o microscópio. O saber de experiência não utiliza procedimentos ou instrumentos, logo não há garantias de verificação. A garantia apresentada pode ser a experiência comprovada e que pode ser vivida por outras pessoas.

Já os saberes de crença “visam a sustentar um julgamento sobre o mundo” (CHARAUDEAU, 2011, p. 197), não baseados em saberes científicos, mas em valores procedentes de um juízo, de uma avaliação. Segundo Charaudeau (2007), os saberes de crença podem ser divididos em saber de revelação e saber de opinião.

O saber de revelação pressupõe que haja um lugar de verdade, mas, ao contrário do saber de conhecimento, esta verdade não necessita ser provada ou verificada. Essa verificação ocorre pela adesão dos sujeitos por meio de textos e/ou documentos de caráter sagrado que testemunhem uma realidade. É esse saber que faz uso dos valores de referência absolutos, também nomeados de doutrinas.

Diferentemente de teorias, que são constituídas de saberes de conhecimento, as doutrinas são um saber de opinião maquiado como saber de conhecimento e são usadas como modelo de pensamento e de comportamento para os indivíduos que vivem em sociedade.

De acordo com Charaudeau (2011), as doutrinas têm muitas coisas em comum com as ideologias. Para o autor “As ideologias constituem ‘um conjunto de representações sociais efetivamente reunidas em um sistema de ideias genéricas” (CHARAUDEAU, 2011, p. 200). Contudo, ele as distingue afirmando que uma ideologia “se funda em um sistema de valores de natureza afetiva e normativa que tende a definir as aspirações humanas ao afirmá-las como princípios e organizá-las em um discurso de racionalização autojustificativa”. (CHARAUDEAU, 2011, p. 201).

A ideologia na perspectiva apresentada por Charaudeau (2011) não é um sistema de valores que tem por função mascarar o real, mas trata-se de um processo de

ideologização que constrói um conjunto de crenças mais ou menos teorizadas sobre a atividade social e que tem por efeito discriminar as identidades sociais. Dessa maneira, entendemos que a ideologia é um sistema de pensamento¹⁹ mais ou menos fechado, porque pode ser construído tanto por saberes de conhecimento quanto por saberes de crença, e é construído em torno de valores de um grupo social que se impõe.

No saber de opinião não há nenhum discurso de referência absoluta, como os presentes em textos e/ou documentos sagrados. O saber de opinião é o resultado da apropriação por parte de um sujeito sobre um assunto, entretanto ele é tanto pessoal como compartilhado e assim circula em grupos sociais. Logo, a referência é uma voz coletiva onde o sujeito se posiciona. Esse tipo de saber pode ser uma opinião comum, uma opinião relativa e/ou uma opinião coletiva.

A opinião comum é a opinião compartilhada, expressa por meio de provérbios, ditos e declarações como “Antes ser rico e bonito do que feio e pobre”. A opinião relativa pode surgir de um sujeito ou de um grupo e o julgamento é circunstancial e situacional. A opinião coletiva é expressa por um grupo com uma formação ideológica sobre outro grupo com uma formação ideológica e posicionamentos diferentes.

Desse modo, saberes de conhecimento e saberes de crença estruturam as representações sociais. Os saberes de conhecimento por construírem representações classificatórias do mundo e os saberes de crença por darem um tratamento baseado em conceito de valor às relações do homem com o mundo.

¹⁹Para Charaudeau (2011) os sistemas de pensamento resultam de saberes de conhecimento e de saberes de crença e tem por objetivo tentar fornecer uma explicação sobre o mundo e o ser humano.

CAPÍTULO 3 – A COMUNICAÇÃO MIDIÁTICA E O GÊNERO NOTÍCIA

3.1. Contrato de comunicação midiático

Como gênero de informação midiática a notícia é restringida por um contrato de comunicação midiático que se desdobra numa relação entre uma instância de informação, um mundo a comentar e uma instância consumidora. Assim, para que o sujeito, no caso a mídia, tenha sucesso no ato de linguagem/comunicação faz uso de contratos e estratégias.

O contrato de comunicação é constituído pelo conjunto de restrições que codificam as práticas sociolinguageiras. As restrições resultam das condições de produção e de interpretação do ato de linguagem. As condições também são chamadas de circunstâncias do discurso. O contrato fornece um estatuto sociolinguageiro aos diferentes sujeitos da linguagem (CHARAUDEAU, 2014). Dessa maneira, entendemos que o contrato de comunicação é um acordo entre a instância de produção e a instância de interpretação que reconhecem as restrições de determinado ato de linguagem.

Segundo Charaudeau (2004) o contrato de comunicação resulta das características próprias à situação de troca (os dados externos) e das características discursivas decorrentes (os dados internos).

As restrições situacionais do ato de comunicação devem ser consideradas como dados externos, mas elas só têm razão de ser porque elas têm por finalidade construir o discurso. De acordo com Charaudeau (2004) os dados externos são: a finalidade do ato de linguagem, que é o objetivo da troca comunicacional que consiste em responder à pergunta “estamos aqui para dizer ou fazer o quê? ”; a identidade dos parceiros da troca linguageira para responder à questão “quem fala a quem”? Trata-se de destacar os traços identitários que interferem no ato de comunicação, como idade, sexo, etnia, traços que sinalizam o status social, econômico e cultural e que indicam o estado afetivo dos parceiros; o propósito é o tema a ser tratado, logo a pergunta a ser respondida é “do que se trata? ”; o dispositivo (ou circunstâncias materiais), ambiente em que ocorre a troca linguageira, que seriam as condições de produção do discurso. Assim a pergunta a ser respondida é “em que ambiente se inscreve o ato de comunicação, que lugares físicos são ocupados pelos parceiros, qual canal de transmissão é utilizado? ”.

As condições internas do contrato de comunicação usadas no ato de linguagem são também chamadas de dados internos ou restrições discursivas que permitem

responder à pergunta “como dizer? ”. Os dados internos podem ser agrupados em: um espaço de locução onde o sujeito toma a palavra, a partir de sua posição de legitimidade e autoridade que são definidas nas condições externas; um espaço de relação no qual o sujeito opera escolhas no plano dos modos discursivos, a partir de relações de força ou de aliança, de exclusão ou de inclusão, de agressão ou de convivência com o interlocutor; um espaço de tematização onde o sujeito falante deve organizar o discurso sobre determinado tema/domínio de saber definidos nas condições externas

3.1.2. As instâncias de produção e de recepção

Segundo Charaudeau (2013), a comunicação midiática põe em relação a instância de produção e a instância de recepção. Ao falar de instância reconhecemos que a produção midiática é presidida por uma entidade compósita, que compreende diferentes atores: a direção do organismo; os responsáveis pela programação que escolhem as informações; os atores da redação das notícias e os operadores técnicos. Esses atores tratam a informação conforme a linha editorial do jornal, o que também ocorre com o público que constitui a instância de recepção. Segundo Charaudeau (2013), o público é uma entidade compósita que não pode ser tratada de maneira global.

Os atores da instância midiática, responsáveis pela organização da empresa e por tratar a informação de acordo com a linha editorial do jornal, “contribuem para fabricar uma coenunciação, cuja intencionalidade significativa corresponde a um projeto comum a esses atores e [...] se pode dizer que [...] representa a ideologia do organismo de informação”. (CHARAUDEU, 2013, p.73).

Para o autor, o jornalista não é o único ator, mas constitui a figura mais importante. Assim, a designação “instância midiática” é entendida como “instância global de produção que integra os diferentes atores que contribuem para determinar a instância de enunciação discursiva”. (CHARAUDEAU, 2013, p. 73 e 74).

Conforme explicitado no contrato de comunicação e na indicação da instância compósita, existem dois espaços que compõem o ato de comunicação: o interno e o externo. Esses compõem a instância compósita da mídia e do público. No circuito externo estão o Locutor (EUc) e o Interpretante (TUi). O primeiro, o EU comunicante, é uma instância complexa, da qual faz parte o jornal, incluindo toda sua equipe de produção, porque detém o poder sobre o que é ou não publicado, assim como permite que seja publicado aquilo que vai de acordo com o posicionamento do jornal. Logo é o ser

comunicante e social. O interpretante é o leitor real do texto, as pessoas que de fato leem o jornal e não são necessariamente as esperadas pela instância de produção. O Locutor (EUc) é responsável por um certo efeito de discurso sobre o Interpretante (TU_i); o segundo é independente do EU, responsável pelo ato de interpretação que produz, ou seja, é o leitor real da notícia.

No espaço interno está o Enunciador (EUe), que é projetado na figura do(a) jornalista/narrador que escreve a notícia, e o Destinatário (TU_d), público visado, composto pelos prováveis assinantes e compradores.

3.2 Notícia: um gênero situacional na perspectiva semiolinguística

Existem teorias que estudam o gênero sob diferentes perspectivas. A proposta de CHARAUDEAU (2004) consiste em estruturar o domínio de prática social em domínio de comunicação. Para o autor o que funda o gênero é a questão da situação contrato e de suas instruções, logo o nomeia como gênero situacional.

A situação de comunicação institui o contrato de comunicação que é materializado por meio da configuração textual, mas entre eles há as “instruções discursivas” imposta pela situação através do contrato. Assim, para definir um gênero é necessário considerar os níveis: situacional, as escolhas discursivas e a configuração textual.

Ao configurar um gênero a partir do nível situacional é preciso determinar os sujeitos envolvidos, indicando a identidade e os papéis exercidos, o propósito que é determinado pelo tema, as circunstâncias materiais determinadas pela organização verbal e/ou visual do ato de comunicação e pela finalidade. A finalidade corresponde a uma intencionalidade da instância de produção (Eu) em relação a um destinatário ideal (T_{ui}), mas que é reconhecida também pela instância de recepção (Tu). Cada situação de comunicação seleciona, para definir sua finalidade, uma ou várias visadas dentre as quais geralmente uma ou duas é dominante.

O nível discursivo é o lugar onde se instituem, sob o efeito das restrições da situação, as diferentes “maneiras de dizer” mais ou menos codificadas. As restrições discursivas dizem respeito ao modo como o discurso é organizado.

O nível da configuração textual refere-se às formas textuais que mostram regularidades da configuração textual, como o vocabulário, dispositivos e parágrafos. O analista tentará encontrar padrões enunciativos e recorrências lexicais e formais.

3.2.1 O gênero notícia

Segundo van Dijk (2011), muito do conhecimento que as pessoas têm sobre o mundo é adquirido a partir dos meios de comunicação. Entretanto, a informação passa pelo uso da linguagem e esta não é necessariamente transparente, muito pelo contrário, as mídias usam o espaço que têm para transmitir uma verdade construída e não uma verdade sobre a realidade social.

Um dos principais gêneros midiáticos é a notícia, segundo Charaudeau (2006), a notícia é

[...] um conjunto de informações que se relaciona a um mesmo espaço temático, tendo um caráter de novidade, proveniente de uma determinada fonte e podendo ser diversamente tratado. Um mesmo espaço temático: significa que o acontecimento, de algum modo, é um fato que se inscreve num certo domínio do espaço público, e que pode ser reportado sob a forma de um minirrelato (CHARAUDEAU, 2006, p. 132).

O caráter de novidade refere-se a um elemento desconhecido do público. Uma determinada fonte significa semiotização, uma instância converte um acontecimento em informação. Contudo, ao mesmo tempo em que é dada a notícia a credibilidade da informação é avaliada segundo a fonte.

De acordo com Charaudeau (2006) o funcionamento da “máquina midiática” consiste na troca entre duas instâncias: a instância de produção (produtor da informação) e a instância de recepção (consumidor da informação), além de considerar que há um produto no centro dessa relação (texto midiático).

Por meio do estabelecimento do funcionamento da máquina midiática podemos indicar o nível situacional do gênero midiático notícia. No caso das notícias que compõem o corpus desta pesquisa os sujeitos envolvidos na situação-contrato são os jornais que as publicam (Eu), os leitores (Tu) e o acontecimento. O jornal, identidade do Eu, tem o papel de produtor e por isso configura a instância produtora da comunicação midiática (informante), os leitores por sua vez têm o papel de receptor e configuram a instância cidadã.

A construção do gênero notícia implica uma situação de comunicação em que o sujeito informante (o/a jornalista) é restringido pelos componentes da situação de comunicação e para isso lança mão de estratégias para captar a credibilidade de seu interlocutor.

A instância midiática considera os componentes da situação de comunicação na construção de uma notícia. Nesse processo o sujeito informante não captura necessariamente a realidade: esta passa por um filtro de um ponto de vista particular. O acontecimento, considerado relevante e atual, é transformado em notícia a partir de um processo narrativizado. O suporte das notícias que compõem o corpus de pesquisa são os jornais impressos, contudo a notícia geralmente também é publicada em revistas, em sites ou apresentadas em vídeos de TV ou internet.

O propósito de cada notícia varia de acordo com o tema tratado por ela, no caso desta pesquisa os temas têm relação com a representação da mulher em situação de rua. A interação é monolocutiva escritural e sem a co-presença física dos participantes.

A notícia por ter o domínio de comunicação midiático tem a finalidade jornalística, logo, as visadas predominantes são a de informação e incitação. A primeira visada, segundo Charaudeau (2004), indica que o eu quer “fazer saber”, e ele está legitimado em sua posição de saber; tu se encontra na posição de “dever saber” alguma coisa sobre a existência dos fatos, ou sobre o porquê ou o como de seu surgimento. A segunda visada indica que o eu quer “mandar fazer”, mas, não estando em posição de autoridade, não pode senão incitar a fazer; ele deve, então “fazer acreditar” (por persuasão ou sedução) ao tu que ele será o beneficiário de seu próprio ato; tu está, então, em posição de “dever acreditar” que se ele age, é para o seu bem. As visadas de informação e incitação predominam porque a notícia não apenas relata um acontecimento, mas também o comenta.

CAPÍTULO 4 - DESCRIÇÃO E ANÁLISE DAS NOTÍCIAS

4.1 Quadro enunciativo

Apresentamos aqui a descrição e análise das notícias dos jornais Estado de Minas, O Tempo, O Globo e O Dia que falam sobre mulher em situação de rua e que formam o corpus. Tal corpus compreende as seguintes notícias:

Quadro 3 - Relação de notícias que formam o corpus

NOTÍCIA	JORNAL	DATA
Investida para resgatar praça	Estado de Minas	23/09/2015
Prefeitura desocupa área sob viaduto	O Tempo	17/01/2014
Professor denuncia abuso em trato a morador de rua	O Tempo	31/05/2014
Moradores de rua reclamam de excessos na Savassi	O Tempo	12/06/2014
Barraca na Joatinga	O Globo	28/08/2014
'Mendigata' atrai atenções de pedestres no centro de Niterói	O Globo	19/10//2014
Uma chance de ter de volta a filha de um ano e a própria vida	O Globo	24/10/2014
Histórias de uma Zona Sul invisível	O Globo	25/12/2014
O endereço certo do medo	O Globo	14/02/2015
Mulher constrói barraco de papelão em pleno coração financeiro da cidade do Rio	O Globo	03/04/2015
Prefeitura derruba barraco de papelão no Centro	O Globo	04/08/2015
Trio acusado de agredir moradora de rua no Leblon	O Dia	10/02/2012

A partir do esquema abaixo, proposto por Charaudeau (2014), tentamos identificar os sujeitos da situação de comunicação das doze notícias, os parceiros compõem a instância de produção e a instância de recepção:

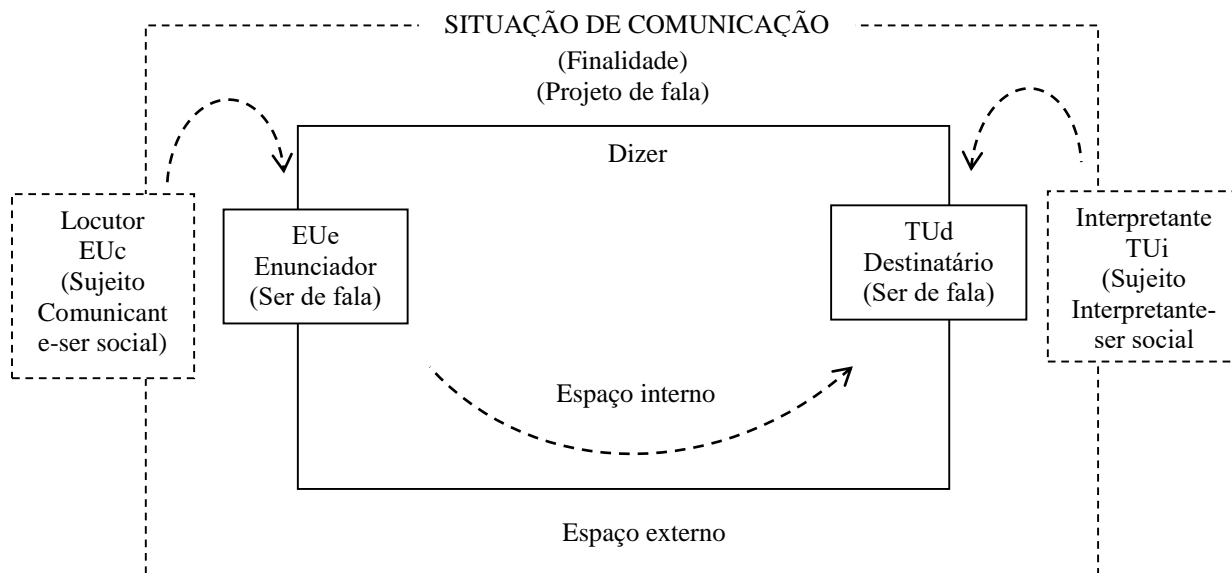


Figura 1 - Situação de comunicação (Fonte: Charaudeau, 2014, p. 52)

No circuito externo estão o Locutor (EUc) e o Interpretante (TUi). O primeiro, neste caso, são os jornais Estado de Minas, O Tempo, O Globo e O Dia, que detêm o poder sobre o que é ou não publicado, assim como permitem que seja publicado aquilo que vai de acordo com o posicionamento do jornal. Logo é o ser comunicante e social. O interpretante é o leitor real do texto, as pessoas que de fato leem o jornal e não são necessariamente as esperadas. O Locutor (EUc) é responsável por um certo efeito de discurso sobre o Interpretante (TUi), o segundo é independente do EU, responsável pelo ato de interpretação que produz, o leitor real da notícia.

No espaço interno está o Enunciador (EUe), que é projetada na figura do(a) jornalista que escreve a notícia, e o Destinatário (TUD) é o público visado, que corresponde de forma geral ao perfil dos assinantes e prováveis compradores dos jornais. No caso dos jornais em análise, estes são destinados preferencialmente a leitores da classe média, moradores do Rio de Janeiro e Minas Gerais, interessados em assuntos relativos a esses estados ou moradores da região.

O gênero situacional dos textos estudados é a notícia e essa, apesar de apresentar estratégias enunciativas e descritivas, é predominantemente narrativa. Assim o enunciador tem a função de narrador e o receptor tem a função de narratário. Como o narrador não faz só relatos, mas também comentários²⁰, a notícia apresenta ainda uma dimensão argumentativa.

²⁰ Entendemos por comentário algo de uma simples descrição dos fatos, mas um posicionamento que induz na interpretação do leitor. Segundo Charaudeau (2013) “não há comentário sem que o sujeito informador expresse um ponto de vista pessoal, e isso apesar de suas próprias denegações. O sujeito o faz, conscientemente ou não, expondo sua própria opinião [...] ou formulando uma apreciação subjetiva” (p. CHARAUDEAU, 2013, p. 81).

Observe que além destes há ainda os personagens. O narrador coloca em cena para dar efeito de credibilidade à notícia, o que torna os “comentaristas” parte da situação de comunicação e elemento do contrato de comunicação.

A partir de agora analisamos as notícias considerando a posição dos sujeitos nos modos de organização do discurso.

4.2 Jornal Estado de Minas

4.2.1 Análise da notícia Investida para resgatar praça

O jornal Estado de Minas apresenta poucas notícias sobre pessoas em situação de rua. Tratando-se de notícias relacionadas a mulheres no período analisado foi encontrada apenas uma. Essa notícia tem por título Investida para resgatar praça. Ela foi publicada no dia 23 de setembro de 2015 e conta que homens e mulheres ocuparam a Praça Raul Soares na cidade de Belo Horizonte e isso incomodou os moradores e comerciantes que trabalham próximo ao local, por isso fizeram uma petição com a finalidade de retirar essas pessoas da praça. Contudo, o poder público não retiraria compulsoriamente essas pessoas da praça porque não é permitido pelo Decreto Presidencial nº 753²¹. A notícia está localizada na metade superior da página 17.

O que mais fica evidente ao ler a notícia é a preocupação com a higienização do espaço público e não com as pessoas em situação de rua, ou seja, a petição visa garantir um status social dado à região na qual a praça se encontra.

4.2.1.1 Organização discursiva

A notícia, como uma narrativa de reconstituição, tem os jornalistas na posição de testemunhas esclarecidas. Desse modo, ao iniciar o texto o narrador (ou sujeito narrante) se liga por um contrato de comunicação ao narratário (ou destinatário da narrativa).

A partir dos componentes do modo narrativo verificamos que a notícia conta uma narrativa feita pela jornalista na função de narradora. O estado inicial desta é o relato sobre a praça reformada e a presença, neste espaço, de uma mulher que se refrescava na grama em 2008. O estado de atualização é a ocupação do espaço pelas pessoas em

²¹ O Decreto confere a essas pessoas respeito a vida e à cidadania. Como cidadãs, elas têm direito de ocupar espaços públicos como as demais pessoas. Disponível: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d7053.htm. Publicado em 23.12.2009. Acesso em 26.10.2016.

situação de rua e o estado final da narrativa é a ação dos moradores e comerciantes para retirar as pessoas da praça. Apesar do autor da petição dizer que o abaixo-assinado também tem o objetivo de ajudar as pessoas que vivem no local, isso está em segundo plano.

Os moradores da região da Praça Raul Soares e as pessoas que assinaram o abaixo-assinado são actantes que agem:

- (1) [...] numa tentativa de salvar a praça [...] cobra soluções da Prefeitura de Belo Horizonte para a situação do espaço;
- (2) [...] para resgatar praça;
- (3) [...] o autor da petição, Alisson Marques [...] pretende pressionar a PBH para melhorar as condições da praça e ajudar as pessoas que vivem no local.

Para expressar o objetivo da petição o narrador usa relação argumentativa do modo de encadeamento de causalidade/finalidade indicado pelo “para” e conjunção “e”. Nessa situação, as vítimas são a praça e o comércio, e as pessoas em situação de rua são as agressoras, como nos exemplos a seguir:

- (4) Segundo ele, o comércio está sendo prejudicado, pois muita gente tem medo de passar pela região.
- (5) Hoje, moradores de rua tomaram conta do lugar, vivem em barracas de camping e usam a fonte, que continua luminosa, mas sem música, para tomar banho e lavar roupas, bem diante dos olhos da Polícia Militar e da Guarda Municipal.
- (6) Há vários anos o local é ocupado por moradores de rua, que ficam acampados na grama.
- (7) Na tarde de ontem, muita gente tomava banho e lavava roupas na fonte.
- (8) Os ladrões aproveitam o ambiente para os assaltos.

Outros actantes que agem juntos (aliados) na ação de tentar salvar a Praça, portanto beneficiários da praça, são: funcionários da Sudecap, A PM, o chefe dos jardineiros, Fausto Izac, Câmara dos Dirigentes Lojistas (CDL), Secretaria Regional Centro-Sul da PBH, Guardas Municipais, Cristiano Souza e a Secretaria Municipal de Segurança Pública (SMPU).

- (9) “Na segunda-feira, funcionários da Sudecap até tentaram reativar o som, mas não conseguiram”, disse ele.

- (10) “A PM não deixa mais ficar nos canteiros e eles armam barracas nas calçadas. Mesmo assim, estendem colchões no gramado e dormem”, conta o jardineiro. “A PM não dá conta. Os moradores de rua ficam cozinhando nos canteiros e fazem suas necessidades na frente de todo mundo”, denuncia o jardineiro.
- (11) Fausto Izac conta que há um mês fez uma reunião com a Secretaria Regional Centro-Sul da PBH e com a 5ª Companhia da PM, pedindo providências.
- (12) “Vamos marcar nova reunião”.
- (13) Na tarde de ontem, PMs e guardas faziam a segurança no local.
- (14) “O que a gente faz é telefonar para a Secretaria Municipal de Políticas Urbanas e eles tentam convencê-los a ir para abrigos. Mesmo quando as barracas são recolhidas, os sem-teto voltam no dia seguinte com outras. A gente fica aqui para evitar crimes, vandalismo e garantir o direito de ir e vir das pessoas”, disse.
- (15) QUESTÃO SOCIAL A PBH informou, por meio da Regional Centro-Sul, que está atenta à questão social de pessoas em situação de rua que têm como referência a Raul Soares, e tem tomado providências no que diz respeito ao atendimento socioassistencial. Outra frente visa à desobstrução do local, onde são apreendidos itens que prejudicam a mobilidade.

Um actante que age contra a Praça é a legislação, como se constata em:

- (16) “[...] a legislação que proíbe recolher pertences pessoais deles”.

Trata-se de um actante malfeitor na visão dos comerciantes e moradores da região, mas é visto como benfeitor para as pessoas em situação de rua.

Quanto à cronologia, esta é contínua em progressão: primeiro a narrativa cita um fato do passado (a reforma da praça), depois a presença das pessoas em situação de rua na praça, o incômodo e a ação dos moradores da região para retirá-los do local e por fim as respostas dos responsáveis. Quanto aos procedimentos ligados à localização espaço-temporal, a notícia está centrada no tempo presente, algo determinado pelo advérbio de tempo “hoje”. Este não se refere ao dia exato da publicação da notícia, mas à atualidade do acontecimento. Entretanto, o início relata um acontecimento que se desenrola desde um tempo passado até o presente: “uma mulher que usava a praça”. O espaço retratado é fechado sem deslocamentos, porque se restringe a um local (A praça) onde se passa o acontecimento narrado. Para contar o fato a narradora se coloca no texto não apenas quando comenta os fatos, mas também quando descreve as ações realizadas pelos actantes. Dessa forma, a notícia apresenta uma dimensão argumentativa, que é também em parte descritiva e enunciativa em função da narração e perpassa toda a notícia,

tornando complexa a demarcação dos modos de organização do discurso. Na rubrica “Gerais”, o uso do termo “espaço público” no subtítulo pode indicar um comentário de duplo sentido. Isso não só porque é a síntese do acontecimento comentado, mas também porque é possível que a enunciação expresse um reconhecimento de um fato do qual os jornalistas dizem limitar-se a apenas observar e a relatar de maneira objetiva. Contudo, o uso do termo “espaço público” pode ser interpretado tanto como uma concordância com a lei que garante permanência de pessoas em situação de rua em espaço público como com os moradores/comerciantes que também querem usar a praça, pois ela é pública, mas que se sentem impossibilitados de fazê-lo por medo.

O teor argumentativo nos mostra que há um posicionamento do jornal. A começar pelo título que pode ser considerado um comentário e não apenas um relato, pois houve escolha estratégica do termo “investida” e “resgatar”. Segundo Charaudeau (2013, p. 131), “não há captura da realidade empírica que não passe pelo filtro de um ponto de vista”, o que indica que o narrador tem uma perspectiva que concorda com a posição tomada pelos moradores e comerciantes. Dessa maneira, entendemos que o narrador se posiciona no início como alguém que promove uma espécie de deformação da realidade, ao alegar que se faz necessário “resgatar” a praça. Deve-se considerar que o espaço não está verdadeiramente perdido porque a população, mesmo que seja a parte indesejada, ainda faz uso dela. Logo, a ação de resgatar, de acordo com o texto, significa levá-la de volta ao domínio dos moradores e comerciantes.

Esse posicionamento ocorre desde o início da notícia, com o comentário:

(17) A questão agora é muito mais complicada.

O narrador comenta o acontecimento por meio de uma comparação e também por avaliação, porque considera o hoje pior do que o ontem.

Neste parágrafo há outro posicionamento da instância midiática, a frase:

(18) [...] bem diante dos olhos da Polícia Militar e da Guarda Municipal.

Não é uma simples afirmação, mas sim um julgamento, uma crítica implícita a quem acredita serem os responsáveis por “guardar a praça”. Contudo, a presença de pessoas na praça teoricamente não é caso para a polícia, pois estar em local público não é crime. Os órgãos voltados para a assistência social são os recomendados, pois lidam com o lado humano do problema social. Nesse sentido, ao expressar um estranhamento

diante da omissão da polícia e da guarda municipal, o texto sugere que aqueles moradores sejam contraventores.

Algo que também contribui para a expressão do posicionamento do jornal e possível influência sobre o leitor são os discursos relatados, procedimentos delocutivos do modo enunciativo. Isso ocorre porque a ausência da voz das pessoas em situação de rua evidencia quem o jornal quer que seja “ouvido” pelos leitores. Além disso, ao dar voz apenas à parcela da população “prejudicada” ou “incomodada” pela presença dos moradores de rua, dá-se credibilidade à tese defendida, de que a praça precisa ser higienizada ou de que os moradores são ameaças à população local.

De acordo com Charaudeau (2013) a função e o efeito do discurso relatado são de um “posicionamento de engajamento, na medida em que relatar revela, por uma determinada escolha de palavras, a adesão do “locutor-relator” aos propósitos do locutor de origem” (p. 163).

As vozes presentes são as dos que cobram e dos que são cobrados. São eles: Alisson Marques (autor da petição), Reinaldo Márcio da Silva (jardineiro da Praça), Wilma Aparecida Aguiar (advogada, residente ou trabalha na região), Fausto Izac (coordenador do Conselho CDL/Barro Preto e um dos diretores da CDL), Ana Carolina Gil (estudante reside na região), Cristiano Souza (guarda municipal) e a Prefeitura de Belo Horizonte.

Nos discursos relatados fica evidente a preocupação com a praça a partir de comentários higienizadores. Neste contexto, o depoimento tem efeito de opinião e testemunho, como nos exemplos 19 e 20 por meio de discurso relatado citado, a seguir:

(19) “A situação já esteve ainda pior. Cada canteiro tinha um grupo de pessoas morando. A PM não deixa mais ficar nos canteiros e eles armam barracas nas calçadas. Mesmo assim, estendem colchões no gramado e dormem”, conta o jardineiro.

(20) “A PM não dá conta. Os moradores de rua ficam cozinhando nos canteiros e fazem suas necessidades na frente de todo mundo”, denuncia o jardineiro.

No primeiro exemplo o narrador utiliza um comentário mascarado por um discurso relatado citado que apresenta uma comparação e uma avaliação, desta vez para ressaltar que a situação da praça está melhor do que antes. No segundo alivia o julgamento sobre a PM atribuindo a culpa às pessoas em situação de rua. O posicionamento da instância midiática está presente não só ao abrir espaço para a voz do jardineiro, mas

ainda no uso do termo “denúncia”. Isso significa que sob a perspectiva do jornal as ações dos “moradores de rua” são crimes.

Além da preocupação com a praça, as vozes indicam uma imagem negativa das pessoas em situação de rua, atribuindo a elas o papel narrativo de inimigos, muitas vezes associando-as a problemas presentes na praça por meio do efeito de saber, produzida pela introdução da fala do Coordenador da CDL por meio de discurso relatado citado 21 e discurso relatado integrado 22.

(21) “O problema é que a PM não pode agir em relação aos moradores de rua, devido à Legislação que proíbe recolher pertences pessoais deles. O que a PM e a Guarda Municipal podem fazer é combater os roubos, a prostituição e o tráfico de drogas”, disse Izac.

(22) Segundo ele, o comércio está sendo prejudicado, pois muita gente tem medo de passar pela região.

No exemplo 21 e 22 as pessoas em situação de rua são vistas como inimigos que poluem e contribuem para a deterioração da praça, o que afasta os clientes dos estabelecimentos comerciais. Para construir essa imagem utiliza-se o modo de encadeamento de causalidade consequência explicativa, indicado pelo uso dos termos “devido” e “pois”. Isso também é evidenciado na voz do autor da petição por meio de discurso citado, a seguir:

(23) “Os ladrões aproveitam o ambiente para os assaltos. À noite pode se ver de tudo, prostituição, drogas, basta passar lá para conferir. Por que a Prefeitura de Belo Horizonte não faz alguma coisa para mudar essa realidade? ”, questiona o autor da petição, Alisson Marques.

Esse questionamento não está destinado apenas ao jornal e aos leitores. Há um terceiro receptor/interpretante: a Prefeitura de Belo Horizonte. Trata-se de uma “mecânica argumentativa” para problematizar e cobrar providências por parte da Prefeitura de Belo Horizonte.

O discurso do medo aparece na voz de duas mulheres e contribui para a representação das pessoas em situação de rua como uma ameaça, como agentes da violência. Ressaltamos o fato de o medo ser demonstrado na voz de mulheres, muitas vezes consideradas socialmente “o sexo frágil”. No relato 24, por meio de discurso relatado integrado e citado Wilma Aparecida Aguiar conta sobre o seu medo e no relato 25, por meio de discurso relatado citado, Ana Carolina, evidencia que só se sente segura perto de guardas municipais que geralmente são homens.

(24) “MEDO A advogada Wilma Aparecida Aguiar conta que evita a praça quando começa a anoitecer. “Tenho muito medo. São homens de short e moças de biquíni, como se fosse praia”, reclama.

(25) E da estudante Ana Carolina Gil, de 19, havia marcado encontro na praça com uma amiga. “Só me senti segura perto dos guardas municipais”, disse.

Além disso, o comentário de Wilma Aparecida ampara uma representação dessas pessoas como ociosas, pois só pessoas de folga, de férias (ou “desocupados”) vão à praia, o que também pode ser interpretado como um procedimento semântico referente ao domínio de avaliação do ético com valor moral. No entanto, essa atitude, por si só, ou o fato de essas pessoas estarem de short não é fator para causar medo. Há o imaginário voltado para o corpo e para o trabalho como elemento que indicaria a identidade de uma pessoa. O procedimento discursivo de comparação “como se fosse”, no fim, fortalece o argumento de Wilma.

Ao analisar a organização descritiva retomamos a nomeação do subtítulo “espaço público”, rubrica Gerais. Assim, a praça e região são inseridas sob essa nomeação mais geral, que ressaltam o fato de que esse espaço deve pertencer a todos. Os procedimentos discursivos de identificação usados no texto para nomear pessoas em situação de rua, ou seja, as nomeações a partir de uma categoria/classe, por identificação genérica, não as qualifica explicitamente como ladrões, prostitutas, traficantes e usuários de drogas, mas o faz de forma implícita ao sempre relacionarem os problemas de roubos, prostitutas e tráfico com a presença das pessoas na praça. Ou seja, a nomeação contribui para a defesa da tese de que essas pessoas são uma ameaça. As pessoas em situação de rua são nomeadas de “moradores de rua”, logo por identificação genérica o que não particulariza os seres. Os demais indivíduos são nomeados com nome próprio (identificação específica), por identificação genérica que dá a esses indivíduos um caráter institucional e um efeito de autoridade “Prefeitura de Belo Horizonte” e “Policia Militar” e qualificados por função “a advogada” Wilma Aparecida Aguiar, “a estudante” Ana Carolina Gil, “o chefe da jardinagem” Reinaldo Márcio da Silva, “o Guarda Municipal Cristiano Souza”, “o coordenador do CDL” Fausto Izac e “o autor da petição” Allison Marques.

A descrição mais relevante é a da Praça Raul Soares, pois o fato que deu origem à reportagem/notícia é o pedido de providências para desocupação desse espaço. Para isso, o narrador descreve o “antes da ocupação” e o “depois da ocupação” do espaço, como se constata na informação de que antes a “Praça Raul Soares, na Região Centro-Sul

de Belo Horizonte” (identificação por nomeação e localização) possuía uma “fonte luminosa que havia sido reformada e que tocava música clássica, em 2008” (situa o estado da praça no tempo). Em oposição, o momento “depois” da ocupação representa a degradação do espaço, exemplificada pela seguinte passagem:

(26) “[...] moradores de rua tomarem conta do lugar [...] uma das principais áreas verdes da capital, [...] hoje não está tão verde, devido ao vandalismo”.

O narrador, por meio de uma narrativização do discurso relatado do chefe da jardinagem, Reinaldo Márcio da Silva, cuja nomeação é por identificação específica por função, nome próprio e idade, descreve como vandalismo o fato daquelas pessoas viverem em barracas de camping e usarem a fonte:

(27) “[...] que continua luminosa, mas sem música, para tomar banho e lavar roupas”.

Constata-se ainda uma oposição entre o limpo, sem as pessoas em situação de rua, e o sujo, após a chegada dessas pessoas, e para isso utiliza-se como estratégia para argumentar o modo de encadeamento de causalidade de restrição e finalidade, indicadas pelo “mas” e pelo “para”, como no trecho, a seguir:

(28) “Em vários canteiros, o gramado não existe mais, apenas terra batida, de tanto ser pisoteada. No lugar das flores, há muito lixo. Na tarde de ontem, muita gente tomava banho e lavava roupas na fonte, que há mais de dois anos não toca música clássica”.

Observamos que as nomeações da Praça vão desde a nomeação por nome próprio, até nomeações mais genéricas, tais como “ambiente” e “espaço”, o que evidencia que a preocupação vai além da praça, mas diz respeito também ao afastamento de clientes da região comercial. O exemplo 28 mostra que isso é feito por meio de procedimentos semânticos referentes ao domínio de avaliação do estético. Além disso, os comentários sobre a fonte que tocava música clássica se repetem, pois esta proporciona a imagem de um espaço reavivado, uma vez que música clássica geralmente é vista como um gênero musical para pessoas de gosto refinado.

4.2.1.2 Análise da imagem

Para analisar a imagem utilizamos a Retórica da Imagem de Barthes (1996) e a proposta de Joly (2007) a associação ocorre porque a sugestão dessa autora está calçada no modelo de análise barthesiano. Assim, distinguiremos os signos plásticos e icônicos e procuraremos descrevê-los no plano literal (significados de 1º nível) e interpretá-los quanto às representações que possam veicular (conotações de 2º nível). Entretanto, antes de analisar a mensagem implícita, Barthes (1996) sugere a descrição da imagem, que é feita a seguir:

A figura está no centro da notícia que ocupa metade da página. Embaixo, há na parte direita, uma notícia sobre protestos referentes ao corte de empregos de terceirizados na Universidade Federal de Ouro Preto e à esquerda a ação dos bombeiros para controlar incêndio no Parque Estadual da Serra Cola-Moça. Na imagem há nove pessoas, oito no gramado e uma num carro branco, aparentemente ao celular. Aparece também, na imagem, um cachorro. As pessoas na praça são três mulheres e quatro homens. Um homem está deitado afastado do grupo, outro agachado de costas, com boné, sem camisa e uma garrafa pet na mão; os outros dois estão deitados junto às mulheres que também estão de costas. Duas delas estão de biquíni ou top. Observamos que nenhuma dessas pessoas é branca.

A seguir, fazemos a análise da imagem:



Figura 2 - Imagem da notícia Investida para resgatar praça

Adotando a divisão dos significantes plásticos obtemos a separação dos diferentes elementos nos seus significados.

Quadro 4 - Relação significante e significado na notícia do jornal Estado de Minas

Significantes plásticos	Significados da imagem
Moldura	Presente
Enquadramento	Aberto: afastamento
Ângulo de tomada	Normal
Escolha da objetiva	Distância focal: longa
Composição	Horizontal: sentido de amplidão
Formas	Rígida
Dimensões	19,18 cm L x 10,4 cm A
Cores	Predominância de cores quentes
Iluminação	Dura
Textura	Lisa: visual

Ao analisar a mensagem plástica da imagem encontramos uma fotografia que delimita o espaço onde estão as pessoas em situação de rua. O grupo de pessoas recebe o foco, apesar de a praça ser grande há recursos que poderiam ter sido usados para mostrar uma das principais reclamações dos moradores e comerciantes, a fonte. A presença de moldura permite a delimitação do espaço.

O ângulo de tomada é normal, mas o enquadramento aberto, a longa distância (escolha da objetiva) entre o fotógrafo e as pessoas e o fato delas aparecerem de costas sem mostrar a face podem ter por finalidade não permitir que essas pessoas sejam identificadas. Podem também ser interpretados como fatores que reiteram a imagem que muitos têm delas, pessoas anônimas que oferecem perigo e de quem a sociedade quer distância.

A composição é horizontal, o que sugere o sentido de amplidão. As formas são rígidas e a dimensão indica a relevância da imagem para o significado da notícia. As cores (predominam o amarelo e o verde) e a iluminação (luz solar) contribuem para reforçar o discurso do ócio, remetendo ao julgamento de que, enquanto homens e mulheres adultos deveriam estar trabalhando, eles estão deitados no gramado em plena luz do dia. A iluminação é dura, o que permite distinguir bem o contorno da sombra e do que é fotografado.

No quadro 4 identificamos a relação entre os significantes icônicos e os significados de primeiro nível e as conotações de segundo nível:

Quadro 5 - Relação entre significantes icônicos e conotações de segundo nível na notícia do jornal Estado de Minas

Significantes icônicos	Significados 1º nível	Conotações de 2º nível
Carros	Movimento	Trânsito de carros/pessoas
Muro	Residência	Proteção dos moradores
Lixeira	Limpeza	Beleza, organização
Postes	Iluminação	Segurança
Árvores e gramado	Natureza	Preservação
Rua	Movimento	Trânsito de pessoas
Loja	Comércio	Lucro
Pessoas deitadas	“Moradores de rua”	Ociosidade
Cachorro	Animal doméstico	Companheirismo

Os significantes icônicos “carros” e “rua” indicam que há o trânsito de pessoas pelo espaço próximo à Praça, mas não há elementos que indiquem que ela é utilizada de fato por outras pessoas. O que pode significar o uso da praça apenas pelas pessoas em situação de rua, porque as outras pessoas têm medo. Isso é reforçado pelo muro ao fundo que significa possivelmente que há uma residência em seu interior. Ele é assim um elemento para garantir segurança, bem como os postes de luz.

Significantes icônicos como as “pessoas deitadas” no gramado e a presença do cachorro, animal doméstico companheiro, evidenciam que as pessoas estão “acampadas” no local. Logo, são “moradores de rua ociosos”. Contudo, não são mostradas as barracas comentadas na notícia, assim como as árvores, o gramado e a lixeira indicam que o espaço pode não estar vandalizado como o jornal afirma.

A mensagem linguística presente na figura é a legenda “Grupo de moradores de rua ocupa gramado, que foi transformado em uma espécie de área de camping. Legislação engessa ação da PM”.

O texto da legenda, segundo Joly (2007), tem a função de âncora, porque indica ao leitor o que merece a sua atenção e ligação para o restante da mensagem.

Na legenda temos três “informações”, a primeira “Grupo de moradores de rua ocupa gramado”, diferentemente da notícia que usa “tomaram conta do lugar”, essa parece mais agressiva e danosa à praça. Dificilmente a legenda falaria de violência com a utilização desta imagem. Como não há flagrante de violência essa questão aparece só no texto. A segunda informação da mensagem linguística é “que foi transformado em uma espécie de área de camping”. Na notícia aparece a informação “vivem em barracas de camping”. Percebemos que não há elementos na figura para comprovar a afirmação feita no corpo da notícia, por isso a legenda faz uma comparação por semelhança. A última “informação” indica que a culpa da ocupação é atribuída não só às pessoas em situação de rua, mas também à legislação que atrapalha a ação dos PMs. Não é considerado que a legislação garante os direitos dessas pessoas.

4.3 Jornal O Tempo

4.3.1 Análise da notícia Prefeitura desocupa área sob viaduto

O jornal O Tempo publicou três notícias na primeira metade do ano de 2014 sobre a ocupação de espaços públicos por pessoas em situação de rua. As três foram selecionadas porque falam também sobre a mulher em situação de rua. A primeira notícia foi publicada no dia 17 de janeiro de 2014 e relata que agentes da prefeitura desocuparam espaço sob viaduto onde estavam pessoas em situação de rua. Os agentes ameaçaram levar a cadela de uma das mulheres que estava no local. A ação recebeu atenção porque o designer gráfico Silas Maciel publicou um texto no Facebook repudiando a retirada de objetos pessoais. A prefeitura negou que tenha recolhido objetos pessoais.

4.3.1.1 Organização discursiva

A partir dos componentes do modo narrativo verificamos que a jornalista, na função de narradora, conta apenas uma narrativa. O estado inicial é a atitude da prefeitura de retirar os objetos do viaduto. O estado de atualização é a revolta do designer gráfico Sillas Maciel que relata o ocorrido e o estado final é a posição da coordenadora do Comitê de Acompanhamento à População em Situação de Rua ao defender que a ação foi feita dentro dos padrões, ou seja, não foram retirados, segundo ela, os itens pessoais.

Os actantes que sofrem a ação são moradores de rua, o que inclui as mulheres que estavam no local. Os actantes que praticam a ação são os funcionários da prefeitura de Belo Horizonte. O designer Maciel é um actante ativo e pratica a ação de escrever um texto no Facebook.

A cronologia da narrativa é contínua em progressão: primeiro a narrativa cita a ação da prefeitura de recolher objetos de um grupo de “moradores de rua” que ocupam há mais de um ano o viaduto Francisco Sales. Depois é relatada a revolta do designer gráfico Sillas Maciel porque retiraram objetos pessoais das pessoas, ele se manifestou por meio de uma rede social e, por fim, a resposta da coordenadora do Comitê de Acompanhamento e Monitoramento à População em situação de rua.

Quanto aos procedimentos ligados à localização espaço-temporal, a notícia está no tempo passado, algo determinado pelo verbo “realizou” e pelo advérbio de tempo

“ontem” em “realizou, na manhã de ontem, uma ação para recolher objetos”. O espaço é aberto com deslocamento, vai de “debaixo do viaduto” para “escritórios na proximidade”.

Na análise da organização enunciativa, observamos, por meio dos discursos relatados, que os agentes da prefeitura não fazem o que a prefeitura alega, retirar apenas objetos que obstruem o local, como no discurso narrativizado de Sillas Maciel:

(29) [...] afirma que os agentes da prefeitura levaram também roupas, comida e ameaçaram até levar a cadela de uma das mulheres que vive no local.

O jornal se posiciona, o que entendemos como um elemento da dimensão argumentativa, a favor das pessoas e contrário à ação da prefeitura ao indicar que pode não ser verdade o que é dito pela prefeitura e ao dar voz a Sillas Maciel no jornal depois dele ter chamado a atenção no Facebook para o ocorrido. Para isso, ainda utiliza o discurso citado, que funciona como estratégia de patemização, ou seja, para despertar a compaixão do leitor e colocar as pessoas em situação de rua como vítimas desprotegidas:

(30) “É muito triste porque eles não têm o que fazer. É uma atitude autoritária com pessoas que não têm condição de se defender”, reclama o designer.

Contudo, essa postura do jornal O Tempo de se posicionar contrário à ação da prefeitura tem a ver com a linha editorial do jornal. O Tempo pertence a Vittorio Medioli, ex-político do Partido da Social Democrata do Brasil (PSDB) e atual do Partido Humanista da Solidariedade (PHS). Na época da publicação o PHS pertencia a uma coligação contrária ao Partido do Movimento Democrático do Brasil (PMDB). Anos antes Medioli apoiava o Partido dos Trabalhadores (PT). No ano de 2014 o prefeito de Belo Horizonte era Márcio Lacerda do Partido Socialista do Brasil (PSB), que foi apoiado no período eleitoral por Aécio Neves (PSDB), pois o PSB é aliado do PSDB. Isso significa que o jornal O Tempo tem um interesse político contrário à prefeitura de BH, logo tem interesse em apontar as falhas da prefeitura para os leitores. Essa postura é diferente do jornal Estado de Minas na notícia Investida para resgatar praça, porque este pertence aos Diários associados presididos por Álvaro Teixeira da Costa apoiador de Aécio Neves.

Na organização descritiva o único actante identificado especificamente é o designer gráfico Sillas Maciel, localizado em um escritório nas proximidades do viaduto. A prefeitura e os agentes da prefeitura são nomeados de forma genérica, até mesmo a coordenadora do Comitê de Acompanhamento e Monitoramento à População em Situação de Rua é identificada pela função e não pelo nome. As pessoas em situação de

rua também não são ouvidas, mas são chamadas de “grupo de moradores de rua”, “uma das mulheres que vivem no local”, “pessoas que não têm condição de se defender” e “ocupantes do local” ao usar esses termos ao invés de, por exemplo, “invasores” o jornal evita uma representação negativa dessas pessoas.

Os moradores com casas nas proximidades são nomeados de “moradores da região”. O acontecimento ocorre “na manhã de ontem” e o espaço está ocupado “há mais de um ano embaixo do viaduto da Francisco Sales, no bairro Floresta, na região Leste da capital”.

O texto, que fica à direita, ocupa pouco espaço da página do jornal e parece ter uma importância menor do que as outras na página, não só pelo tamanho, mas também porque não tem imagem para “ilustrar” a notícia.

4.3.2 Análise da notícia Professor denuncia abuso em trato a morador de rua

A notícia foi publicada no dia 31 de maio de 2014 no jornal O Tempo. Ela relata uma denúncia feita pelo coordenador geral do Programa Polos de Cidadania da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), André Luiz Freitas, sobre a retirada de objetos pessoais de pessoas em situação de rua por parte de agentes da prefeitura.

A notícia se torna relevante e encaixa-se nos critérios estabelecidos para integrar o corpus em análise porque fala sobre a mulher em situação de rua ao apresentar a informação de que os filhos de mulheres que sobrevivem nas ruas são retirados por autoridades que alegam falta de condições para criação dessas crianças.

4.3.2.1 Organização discursiva

Na organização narrativa, entendemos que a notícia tem apenas uma narrativa, sendo que o estado inicial é a apresentação da denúncia que ocorreu na audiência pública realizada no Ministério Público de Minas Gerais. O estado de atualização é a defesa da coordenadora do Comitê de População de Rua de Belo Horizonte, Soraya Romina e a ação da prefeitura ao negar que a denúncia seja verdadeira. O estado final são as reclamações das pessoas em situação de rua e a posição do Ministério Público sobre a denúncia.

Na narrativa os actantes que agem são: o denunciante André Luiz Freitas Dias; os agentes da prefeitura que retiraram os objetos das pessoas em situação de rua dos espaços

em BH; Egídia de Almeida, que fortaleceu as acusações na audiência pública; a prefeitura, que elaborou uma “Instrução Normativa”; Soraya Romina, que acompanhou as abordagens e negou as acusações.

Entendemos que as pessoas em situação de rua são actantes ativos porque elas fizeram reclamações na audiência pública, como as mulheres em situação de rua que relataram que tiveram seus filhos tomados na maternidade. Contudo, elas também são actantes que sofrem com a ação dos agentes da prefeitura; desse ponto de vista são vítimas assim como os agentes são os malfeitores.

Quanto à cronologia da notícia é contínua em progressão porque a narrativa é linear: primeiro cita denúncia do professor sob o abuso em trato a morador de rua, depois relata a realização da audiência pública e as reclamações das pessoas em situação de rua e por fim as respostas dos responsáveis. Quanto aos procedimentos ligados à localização espaço-temporal, a notícia está no passado. O espaço é fechado sem deslocamentos.

Na organização enunciativa predominam elementos da modalidade delocutiva, os discursos relatados. Os primeiros discursos são os de acusação. No discurso narrativizado de André Luiz Freitas Dias ele argumenta que os próprios agentes, por meio dos relatórios das ações de retirada das pessoas em situação de rua, apontam que ocorreram irregularidades:

(31) Segundo Dias, os relatórios analisados trazem detalhes de todas as ações realizadas por agentes da prefeitura entre janeiro e março deste ano, em oito das nove regionais da capital. [...] Ele conta que os agentes informam ter recolhido uma série de pertences, inclusive roupas e cobertores, pôr os considerarem objetos “desnecessários ou sem serventia”.

Egídia de Almeida, Integrante do Fórum Mineiro de Direitos Humanos, por meio de discurso citado, também acusa:

(32) “Estão retirando pertences sem justificativa”, avalia.

A reclamação de Egídia volta-se para o motivo da retirada. A prefeitura e Soraya Romina argumentam que os objetos obstruem o espaço público e devem ser retirados para garantir o direito dos demais cidadãos de ir e vir, mas isto não parece ser motivo suficiente, até porque as pessoas em situação de rua também são cidadãs. A fala de Egídia pode fazer referência ao verdadeiro motivo da retirada dos objetos que é a saída dessas pessoas do ambiente ocupado. Sem seus objetos elas provavelmente vão deixar o lugar. O jornal também indica o real motivo, a Copa do Mundo, com o comentário:

(33) E as denúncias vieram a público um dia após o Executivo apresentar um plano para as abordagens da população de rua durante a Copa. Esse comentário evidencia a dimensão argumentativa da notícia.

Ao citarem que recolheram pertences como roupas e cobertores, no discurso narrativizado 34, os agentes comprovam que há irregularidades, pois no discurso citado de Soraya Romina ela diz que esses objetos são considerados pessoais e, portanto, não são “desnecessários ou sem serventia” e não devem ser retirados. Ao usar aspas o jornal afasta-se da responsabilidade sobre a mesma para que o leitor saiba que essa é a opinião dos agentes da prefeitura e não do jornal.

Soraya Romina é a coordenadora do Comitê de População de Rua de Belo Horizonte, teoricamente uma pessoa que ocupa um cargo que indica qualificação para atender às pessoas em situação de rua, mas ela argumenta o mesmo que a prefeitura e ainda defende a ação de retirada de objetos, justificando que essas retiradas não visavam os pertences pessoais e sim aquilo que Soraya considera como objeto que impediam o direito de ir e vir de outras pessoas. Assume essa posição por meio de discurso citado:

(34) “Só é recolhido aquilo que está no caminho das pessoas, impedindo o direito de ir e vir de outros cidadãos. Um colchão debaixo do viaduto não tem problema. Mas, em frente a uma loja da praça Sete, atrapalha a cidade. Já acompanhei mais de 30 abordagens e posso garantir que as denúncias apresentadas não procedem”, afirma.

Ela acrescenta, por meio de discurso narrativizado e discurso citado, respectivamente:

(35) Segundo ela, no primeiro trimestre do ano, foram realizadas 80 abordagens.

(36) “Só recebemos duas denúncias concretas. Mas, como as ações são novas, pode haver equívocos, e vamos trabalhar para corrigi-los”.

A defesa pode ocorrer porque talvez culpar os agentes seja responsabilizá-la. O que mais diferencia essa notícia das demais analisadas é o espaço dado às reclamações das pessoas em situação de rua. Elas ganham voz por meio de discursos narrativizados. Atribuímos a representação desse espaço ao fato de ele expressar que as reclamações tiveram uma repercussão por serem expostas em uma audiência pública, evento que por si só já possui uma certa relevância. Esse evento gera uma maior repercussão que se reflete na extensão da notícia, que é maior do que as outras analisadas do jornal O tempo.

Além disso, há presença de pessoas que são valorizadas por sua identidade social, o que inclui a referência ao prefeito, ao Ministério público e à Polícia Militar. As reclamações, a seguir:

- (37) Frequentadores de abrigos municipais reclamam da falta de higiene e de segurança, além do estado precário de itens como toalhas, cobertores e lençóis.
- (38) Eles também cobram a implantação de atividades de alfabetização e de qualificação profissional que possibilitem a busca de empregos.
- (39) Outra demanda é para a ampliação do número de abrigos e para a redução de pessoas em cada unidade. Segundo a prefeitura, a população de rua gira em torno de 1.800 pessoas, e os abrigos da capital oferecem 900 vagas.
- (40) Muitos moradores de rua relatam abusos, violência e espancamentos por parte de autoridades policiais.
- (41) Mulheres em situação de rua relataram que tiveram seus filhos tomados na maternidade, após o parto. Autoridades teriam alegado falta de condições para a criação.

A reclamação que mais nos chama a atenção é a 41, por estar relacionada ao objetivo da nossa análise e também pelo impacto social e humano das ações de autoridades sobre a vida de mulheres em situação de rua. Aqui eles não retiram objetos essenciais à vida, mas sim os filhos. Dessa forma, percebemos uma representação negativa das mulheres em situação de rua, como mães ruins e incapazes de criar/cuidar dos seus próprios filhos. Esse assunto será abordado no capítulo 5 que discute os imaginários sociodiscursivos sobre a mulher em situação de rua.

Na análise da organização descritiva percebemos que os agentes da prefeitura, também chamados de agentes municipais e agentes de abordagem, são identificados de forma genérica, assim como as pessoas em situação de rua nomeadas como “morador de rua”, “população de rua”, “frequentadores de abrigos municipais” e “mulheres em situação de rua”. Essa é a única das três notícias do jornal o tempo a usar o termo “situação de rua”, que é a expressão recomendada atualmente para se referir às pessoas que dormem nas ruas. Além deles são citados ainda a polícia militar, o ministério público, a prefeitura e o executivo.

Recebem identificação específica: André Luiz Freitas Dias, professor e coordenador geral do Programa Polos de Cidadania da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Egídia de Almeida, Integrante do Fórum Mineiro de Direitos Humanos; Soraya Romina, coordenadora do Comitê de População de Rua de Belo Horizonte; e o prefeito Marcio Lacerda. Percebemos que todos eles são identificados por nome por causa

da sua identidade social. A identificação está sempre acompanhada do cargo ocupado pela pessoa.

4.3.2.2 Análise da imagem

A imagem analisada é a única da notícia. Ela está localizada à direita da página. A imagem mostra um local ocupado por uma pessoa em situação de rua. É possível ver objetos pessoais como TV, almofada, colchão, entre outros. A imagem ao mesmo tempo em que confirma que as pessoas em situação de rua levam objetos pessoais para as ruas, também leva a crer que se trata de uma “residência” fixa. Além disso, indica que a presença deles pode não obstruir a passagem de pessoas pelo local, porque não ocupam todo o espaço. É possível ver carros e uma mulher na imagem, a seguir:



Figura 3 - Imagem da notícia Professor denuncia abuso em trato a morador de rua

Adotando a divisão dos significantes plásticos obtemos a separação dos diferentes elementos nos seus significados.

Quadro 6 - Relação significante e significado na notícia do jornal O Tempo

Significantes plásticos	Significados da imagem
Moldura	Presente
Enquadramento	Aberto: afastamento
Ângulo de tomada	Normal
Escolha da objetiva	Distância focal: longa
Composição	Horizontal: sentido de amplidão
Formas	Rígida
Dimensões	10,77 cm L x 9,19 cm A
Cores	Predominam cores frias
Iluminação	Dura
Textura	Lisa: visual

A moldura delimita o espaço da imagem, o enquadramento é aberto, a escolha da objetiva tem a escolha focal longa e o ângulo de tomada é normal. Contudo, o foco está

no espaço ocupado com intuito de mostrar a área e o que está no espaço. A imagem não mostra o espaço todo, apenas onde está a pessoa em situação de rua, deitada entre a árvore e a televisão. O local não é especificado na notícia e nem na legenda da imagem, mas, pelas características como piso, banco, árvores e postes de iluminação entendemos que é uma praça. A imagem ocupa grande parte da notícia e se torna tão relevante quanto o texto escrito, tem a dimensão de 10,77 cm de largura por 9,19 cm de altura.

A composição é horizontal, o que indica sentido de amplitude. A forma é rígida, as cores frias predominam, o que pode estar ligado à falta de afeto expressa pela imagem, o homem aparece sozinho e é “invisível” para as demais pessoas que passam pela praça.

Quadro 7 - Relação entre significantes icônicos e conotações de segundo nível na notícia do jornal O Tempo

Significantes icônicos	Significados 1º nível	Conotações de 2º nível
Bicicleta	Movimento	Trânsito de pessoas
Poste	Iluminação	Segurança
Banco	Conforto	Organização
Televisão	“informação”/entretenimento	conforto/prazer
Carro de compras	pertences	Aquisição
Homem deitado	“morador de rua”	ociosidade
Árvore	Natureza	Preservação
Carros	Movimento	Trânsito de pessoas
Balde	Limpeza	Organização
Colchão	Conforto	Situação de rua
Almofada	Conforto	Situação de rua
Cadeira	Conforto	Situação de rua
Mulher	Transeunte/Movimento	Trânsito de pessoas

Todos os objetos identificados, como televisão, balde, colchão, almofada e cadeira parecem ser do homem deitado no colchão e indicam que ele se fixou na praça e que esses objetos, apesar da situação, proporcionam entretenimento, “informação” e um certo conforto, pois são objetos que essas pessoas geralmente não têm.

Segundo Soraya Romina, as pessoas que estivessem embaixo da ponte poderiam ficar com os objetos, mas em espaços públicos não podem, o que nos faz questionar o objetivo da ação promovida pela prefeitura. Os carros, a bicicleta que pode ser da pessoa em situação de rua ou de um transeunte, a mulher ao fundo da imagem indicam que os demais cidadãos não estão tendo o espaço obstruído e sugere que a visibilidade dos cidadãos de rua é o que incomoda, principalmente em um período em que serão vistos por estrangeiros, pessoas que podem julgar o país e “manchar” a imagem. Além disso, o carro de compras, mesmo que não seja um objeto essencial para a sobrevivência contribui para carregar os objetos para outros espaços já que as pessoas em situação de rua são retiradas dos locais.

Quanto à mensagem linguística “População. Segundo censo feito pela prefeitura, a capital tem cerca de 1.800 moradores de rua” faz referência a dados que são abordados na notícia. A legenda tem duas mensagens, uma que um censo foi feito pela prefeitura e outra, que a capital, Belo Horizonte, tem uma grande quantidade identificada de pessoas em situação de rua.

4.3.3. Análise da notícia Moradores de rua reclamam de excessos na Savassi

A terceira notícia do jornal O Tempo foi publicada no dia 12 de junho de 2014 e relata a reclamação de pessoas em situação de rua que tiveram seus pertences retirados por agentes da prefeitura de Belo Horizonte da região da Savassi. As pessoas reclamam que foram retirados objetos pessoais e também da atitude dos agentes que teriam sido arrogantes.

A mulher em situação de rua aparece como a voz que denuncia, “moradora de rua” Elaine Cristina e de Jéssica Silva. Além disso, é uma mulher que aparece na imagem da notícia.

4.3.3.1. Organização discursiva

A notícia apresenta apenas uma narrativa, cuja organização tem início (estado inicial) ao abordar a denúncia das pessoas em situação de rua sobre o que a prefeitura fez: retirou pertences dessas pessoas do local “Alagoas e Inconfidentes, na Savassi, na região Centro-Sul da capital Belo Horizonte” na “manhã de ontem”. O estado final é a confirmação por parte do Comitê de Políticas para a População de Rua da Secretaria de Políticas Sociais da “desobstrução” do espaço na Savassi, alegando não terem recolhido objetos pessoais, no espaço: Belo Horizonte, Regional Centro-Sul da Prefeitura.

As pessoas em situação de rua, incluindo a mulher, são actantes ativos porque praticam a ação de denunciar a atitude da prefeitura e isso influencia a existência da notícia, mas ainda assim são actantes que sofrem uma ação e vítimas dos funcionários da prefeitura. Os agentes, assim como a própria prefeitura, são actantes ativos, e, portanto, têm a ação de retirar os pertences e provocam a denúncia das pessoas em situação de rua. Além disso, os funcionários da prefeitura e PM são actantes aliados porque “eles pegam”, “querem nos expulsar”, “levaram”, “pegaram”, ou seja, agem juntos.

A cronologia é contínua em progressão: primeiro a narrativa relata a denúncia contra as ações excessivas de retirada de objetos das pessoas em situação de rua, incluindo

discursos relatados de duas mulheres e de um homem em situação de rua. Posteriormente cita a posição da assessoria da Regional Centro-Sul que confirmou a ação e justificou que elas já estavam previstas em uma instrução normativa publicada em dezembro do ano anterior, contudo nega que houve o recolhimento de objetos pessoais dos “moradores”. A localização espaço-temporal é identificada na expressão na “manhã de ontem” e o espaço é fechado sem deslocamentos, ou seja, o espaço não muda durante a narrativa.

O texto possui uma dimensão argumentativa na medida em que abre mais espaço para a fala das pessoas em situação de rua. Além disso, uma contradição (ou mentira) de Soraya Romina é expressa no discurso narrativizado 42 e no discurso citado 43, a seguir:

(42) A assessoria da Regional Centro-Sul confirmou que houve uma ação de desobstrução da via com acompanhamento da PM, na manhã de ontem, na Savassi. Segundo a coordenadora do Comitê de Políticas para a População de Rua da Secretaria de Políticas Sociais, Soraya Romina, as ações são rotineiras em toda a cidade e estão previstas em uma instrução normativa publicada em dezembro do ano passado. Além disso, Soraya negou que a prefeitura tenha feito recolhimento de objetos pessoais dos moradores.

(43) “Pertences particulares não são alvo da prefeitura, como, por exemplo, mochilas, documentos, colchonetes e materiais para a sobrevivência. Mas um sofá e uma cama na rua são apreendidos”, disse.

É possível observar que em sua fala Soraya Romina define por meio de exemplos o que são objetos pessoais e alega que objetos essenciais para a sobrevivência não são retirados, mas nos relatos das pessoas em situação de rua somos levados a crer que a coordenadora falta com a verdade, ou pelo menos nos faz questionar quem fala a verdade.

Pela quantidade de depoimentos, pelo uso de palavras que remetem ao efeito patêmico “indignados” e “arrogantes” percebemos que o jornal se posiciona a favor das pessoas em situação de rua e contrário à atitude da prefeitura²², como no discurso narrativizado 44 e 45 e no discurso citado 46:

(44) “Todos indignados com o suposto tratamento dado por funcionários da Prefeitura de Belo Horizonte, que, segundo eles, teriam sido arrogantes durante a abordagem”,

(45) “Segundo eles, foram recolhidos diversos pertences pessoais como cobertores, papelões e até comida”

(46) “Pegaram minha comida e minhas cobertas. Ainda disseram que voltariam para pegar mais” de autoria da moradora de rua Elaine Cristina, 35.

²² De acordo com a linha editorial do jornal apontada na análise da notícia Prefeitura desocupa área sob viaduto

Nos dois discursos citados, a seguir, percebemos que as pessoas em situação de rua sabem que as ações estão ocorrendo para que o espaço fique totalmente desocupado e eles não sejam vistos pelos turistas:

(47) Denunciante afirma que a prefeitura “tira seus pertences à força para deixar tudo bonito”

(48) “Eles chegam, não falam nada e já vão pegando as coisas à força. Querem, na verdade, nos expulsar daqui e deixar tudo bonito para os gringos”, declarou Carlos Sousa, 32, outro morador.

A retirada aconteceu perto da Copa do Mundo de 2014 realizada no Brasil e com partidas disputadas em Belo Horizonte, o evento é internacional e de grande repercussão midiática o que atrai muitos turistas. Além disso, a Savassi é uma região nobre de Belo Horizonte, onde tradicionalmente a elite se reúne para assistir os jogos e comemorar as vitórias da seleção brasileira.

As pessoas em situação de rua nessa notícia, por meio da voz de Carlos Sousa, demonstram ter consciência de que o poder público quer escondê-los, o que indica uma ação para higienização social. Nas justificativas da prefeitura identificamos um discurso de higienização social mascarado por uma ação de desobstrução do espaço público. Abordaremos melhor isso no capítulo 5 sobre os imaginários sociodiscursivos. Em nenhum momento a ação é qualificada como social ou humanitária e não se menciona uma preocupação com o bem-estar da população de rua. A arrogância dos agentes da prefeitura e a possível mentira reforçam isso.

No discurso relatado citado de Jéssica Silva, uma das mulheres em situação de rua, é enfatizado o efeito patêmico pretendido pelo jornal, para argumentar a favor da permanência no local. Ela comenta a gravidez e usa uma frase que contém uma relação argumentativa de causalidade e consequência:

(49) “Eu tinha cinco caixas de leite e levaram todas. A gente ganha as coisas e eles pegam. Estou grávida de quatro meses e se tivesse uma casa, não estaria na rua”.

Essa argumentação pode levar o leitor a compreender a ocupação do espaço e a questionar a ação da prefeitura de retirar os objetos do local e conseqüentemente as pessoas, porque sem os objetos dificilmente elas permanecerão no local. Não estão na rua por opção, mas por necessidade. É uma tentativa de resguardar a imagem positiva dessas pessoas. Também o fato de estar grávida acentua o processo de vitimização promovido pela notícia.

Contudo, entendemos que mais uma vez a mulher em situação de rua é associada à maternidade, nessa notícia, para comover e aproximar o leitor dessas pessoas e torná-los contrários às ações da prefeitura. Contudo, o fato de a mulher citar uma doação pode sugerir acomodação, ócio, falta de ação para prover o próprio sustento, mostrando-se, portanto, passiva diante da situação.

Quanto à organização descritiva, as pessoas em situação de rua são identificadas de forma genérica: “moradores de rua” e “colegas de calçada”, mas duas mulheres e um homem em situação de rua são identificados especificamente com nome e sobrenome: Elaine Cristina, 35, Jéssica Silva, 35 e Carlos Sousa, 32. Os três estão localizados-situados em uma roda no cruzamento das ruas Alagoas e Inconfidentes, na Savassi, na região Centro-Sul da capital.

A prefeitura e os funcionários são nomeados de forma genérica: “Prefeitura”, “Executivo”, “PM”, “funcionários da Prefeitura de Belo Horizonte”, “A assessoria da Regional Centro-Sul” e qualificados como arrogantes. Apenas a coordenadora do Comitê de Políticas para a População de Rua da Secretaria de Políticas Sociais recebe identificação específica

4.3.3.2. Análise da imagem

A notícia está localizada na parte de baixo da página 25, caderno Cidades o que demonstra que não é considerada pelo jornal como a mais importante. A única imagem da notícia está no centro do texto e tem 7,15 cm de largura por 5,56 cm de altura. Nela é possível ver uma mulher varrendo a calçada que está ocupada com objetos das pessoas em situação de rua, sendo a mulher uma delas. Abaixo reproduzimos a imagem:



Figura 4: imagem da notícia Moradores de rua reclamam de excessos na Savassi

Aplicando a divisão dos significantes plásticos obtemos a separação dos diferentes elementos nos seus significados.

Quadro 8 - Relação significante e significado na notícia do jornal O Tempo

Significantes plásticos	Significados da imagem
Moldura	Presente
Enquadramento	Aberto: afastamento
Ângulo de tomada	Normal
Escolha da objetiva	Distância focal: longa
Composição	Horizontal: sentido de amplidão
Formas	Rígida
Dimensões	7,15 cm L x 5,56 cm A
Cores	Predominam cores frias
Iluminação	Dura
Textura	Lisa: visual

A moldura, o enquadramento aberto e por isso afastado, o ângulo de tomada normal que pega a mulher na altura da câmera, e a escolha da objetiva com uma distância focal longa contribuem para que haja um distanciamento entre o leitor e a mulher em situação de rua. A composição horizontal indica sentido de amplidão. A iluminação é dura, as cores frias predominam e as formas são rígidas. Esses significantes plásticos parecem direcionar o espectador para um olhar de curiosidade. A posição da mulher que está de costas e a impossibilidade de identificar com precisão quais são os objetos no local contribuem para isso.

Por isso, os significantes icônicos foram nomeados apenas como “objetos”, que provavelmente devem ser os citados na notícia, ou seja, são pertences das pessoas em situação de rua. É possível observar que a área ocupada é a calçada e, mesmo assim, a ocupação não obstrui a passagem de pedestres, como alegado na justificativa da prefeitura, citado no quadro 8 a seguir:

Quadro 9 - Relação entre significantes icônicos e conotações de segundo nível na notícia do jornal O Tempo

Significantes icônicos	Significados 1º nível	Conotações de 2º nível
Calçada	Movimento	Trânsito de pessoas
Mulher varrendo	“Moradora de rua”	Atarefada
Vassoura	Limpeza	Organização
Poste	Iluminação	Segurança
Árvores	Verde	Natureza
Objetos	Pertences	Sujeira

A vassoura usada pela mulher remete à limpeza e como a imagem está com foco distante pode sugerir um efeito de realidade, porque indica que a mulher não estaria varrendo só pela presença do jornal, mas que a limpeza é algo que faz parte do dia-a-dia das pessoas que estão ali e que ela é diferente dos que aparecem deitados (ociosos) como na outra notícia do jornal O Tempo e na notícia do jornal Estado de Minas. Elementos

como as árvores mostram que o espaço não está “vandalizado” e o poste indica iluminação. Espaços iluminados geram o sentimento de segurança na população.

Por fim, a mensagem linguística da imagem é usada para reforçar o texto escrito da notícia “Prefeitura da capital informou que não recolhe pertences pessoais” e a imagem mostra que não há o que a prefeitura julga como objetos que obstruem: “sofás” e “camas”.

4.4 Jornal O Globo

4.4.1. Análise da notícia Análise da notícia Barraca na Joatinga

A notícia, publicada no dia 28 de agosto de 2014 no jornal O Globo, relata a presença de um casal, formado por um homem e uma mulher, embaixo de um viaduto sobre a Rua Maria Luísa Pitanga no Rio de Janeiro. Os moradores da região ficam incomodados porque temem que mais pessoas em situação de rua ocupem o lugar e formem uma “favela”.

O texto se inicia expressando preocupação dos moradores da região. Essa preocupação é descrita com o uso de expressões valorativas, tais como “medo”, “aglomerem”, “invasão” e “favela” que qualificam a presença dos “sem-teto” como algo ameaçador.

4.4.1.2 Organização discursiva

A partir dos componentes da organização narrativa verificamos que a notícia conta apenas uma narrativa. O estado inicial são as reclamações da moradora Marlúcia Pessoa contra a presença de pessoas em situação de rua. O estado e atualização é a identificação do casal que ocupa o espaço embaixo do viaduto, e o estado final ocorre quando o subprefeito Alex Costa diz que a questão é pontual e que irá encaminhar um assistente social ao local.

Os actantes que agem são: o casal que “se instala com barraca debaixo da ponte”; Wesley Silva; e Sheilla Cristina que trabalha com reciclagem e como guardadora de carros no Jardim Oceânico; Marlúcia, que “cobra uma solução para o problema” e pede que seja encontrada uma forma de fazer com que os moradores de rua vivam em condições mais dignas; e o subprefeito da Barra, Alex Costa, por pretender encaminhar uma assistente social ao local.

Quanto à cronologia, esta é contínua em progressão: primeiro a narrativa relata a presença das pessoas em situação de rua no viaduto sobre o a rua Maria Luísa Pitanga e o medo dos moradores da região que o espaço se torne uma “favela”, depois os discursos relatados de uma mulher e um homem em situação de rua falando que usam o espaço por causa da bica d’água e de uma moradora da região que cobra uma solução da prefeitura. O subprefeito da Barra, Alex Costa, diz que a questão é pontual. Quanto aos procedimentos ligados à localização espaço-temporal, a notícia está no tempo presente, algo determinado por termos como “a presença” e “moradores temem” que se referem à atualidade do acontecimento. O espaço é fechado sem deslocamentos.

Em termos da organização enunciativa predominam os componentes do modo delocutivo, especificamente os discursos relatados. Por meio deles o jornal apresenta os dois pontos de vista, o de Marlucia, e o do casal. Marlucia argumenta, por meio de discurso narrativizado, que não é só o casal que dorme sob o viaduto, mas a sua reclamação é direcionada, por meio de discurso citado, para uma mulher em situação de rua porque ela utiliza uma bica d’água para tomar banho e o faz, segundo Marlucia, sem roupa. Logo, há também um julgamento moral, a seguir:

(50) A moradora Marlucia Pessoa relata que a situação é crítica à noite, quando os sem-teto fazem fogueiras e consomem drogas, levando medo a quem passa pela rua.

(51) “Ainda tem uma mulher que toma banho, nua, na bica d’água, à vista de todos”, diz.

Entretanto, o jornal comenta que foi ao espaço e não encontrou outras pessoas além de Rodrigo e Sheilla Cristina, o que indica que existe a voz do jornalista, aparecendo explicitamente:

(52) Na noite em que a equipe de reportagem foi ao local, apenas o casal estava debaixo do viaduto, mas Marlucia diz já ter visto mais gente por ali, fazendo algazarra.

O comentário indica uma dimensão argumentativa da notícia antes de introduzir um discurso relatado integrado de Marlucia. Mesmo que não indique que é o casal que a incomoda, por meio de discurso citado, Marlucia reforça sua posição:

(53) “Não sei se é esse casal, mas o negócio fica muito feio com o uso de drogas”, relata.

Ao mesmo tempo em que cobra uma solução para o problema, Marlúcia pede que seja encontrada uma forma de fazer com que os moradores de rua vivam em condições mais dignas:

(54) Fico preocupada com essas pessoas. Mas, ao mesmo tempo, se as autoridades não tomarem providência, a situação vai se complicar.

Por outro lado, o texto também apresenta a voz das pessoas em situação de rua, como Sheilla, por meio de discurso narrativizado 55 e citado 56 e Wesley Rodrigo por discurso narrativizado 57 e citado 58:

(55) A mulher a quem Marlúcia se refere se identificou ao GLOBO-Barra como Sheila Cristina Bastos e disse ter 52 anos. Ela afirma que dorme sob o viaduto, com o marido Wesley Rodrigo Pires da Silva, de 30 anos, porque trabalha com reciclagem e como guardadora de carros no Jardim Oceânico.

(56) “Nós temos um quarto na comunidade de Antares, em Santa Cruz, mas ficamos por aqui durante a semana porque trabalhamos por perto” justifica-se, admitindo que costuma acampar em outros locais, como a Barrinha.

(57) A escolha do último ponto, segundo o marido de Sheilla, é justamente por causa da bica d’água, que facilita as tarefas de tomar banho e cozinhar. No entanto, ele nega que consumam drogas no local.

(58) “Vou falar a verdade: nossa única droga é essa aqui”, garante Silva, puxando uma garrafinha de cachaça.

Outra voz presente é a de uma autoridade, Alex Costa, subprefeito da Barra, por meio de discurso relatado narrativizado ele diz acreditar que a questão é pontual mesmo diante de tantos dados que provam que existe um grande número de pessoas em situação de rua no Rio de Janeiro:

(59) “Procurado, o subprefeito da Barra, Alex Costa, disse que a questão é pontual e que vai encaminhar uma assistente social ao local”.

Assim o problema social não é discutido e a responsabilidade é transferida à assistente social. Quanto à organização descritiva as pessoas em situação de rua são nomeadas de “sem-teto” e “moradores de rua” localizados “debaixo do viaduto sobre a Rua Maria Luisa Pitanga”. Suas possíveis ações são qualificadas como “invasão” e formação de “nova favela”.

As únicas pessoas em situação de rua identificadas de forma específica são: Sheila Cristina Bastos e Wesley Rodrigo Pires da Silva, de 30 anos. São qualificados como casal,

ela como mulher e ele como marido. Também há a descrição da ocupação de Sheila. Ela trabalha com reciclagem e como guardadora de veículos e assim como o marido não é uma usuária de drogas. Ressaltar essa descrição na notícia é um ponto positivo para o jornal, pela forma como ele a representa, algo que também vai ser entendido como algo positivo pelo leitor. Além destes há a nomeação de Marlucia Pessoa qualificada como moradora e do subprefeito Alex Costa. A assistente social é identificada de forma genérica.

4.4.1.3 Análise da imagem

Uma única imagem está abaixo da notícia; ela apresenta um homem em situação de rua, Wesley Silva. Ao lado, uma barraca, pneus, um carrinho aparentemente quebrado, galhos de árvores e um cachorro. As suas dimensões 18,49 cm de largura e 11,11 cm de altura indicam a sua relevância para a “compreensão” do texto escrito. Além disso, aparentemente a figura tem um tamanho semelhante à parte linguística.



Figura 5 - Imagem da notícia Barraca na Joatinga

Aplicando a classificação dos significantes plásticos nos termos de Joly (2007) obtemos a separação dos diferentes elementos nos seus significados.

Quadro 10 - Relação significante e significado na notícia do jornal O Globo

Significantes plásticos	Significados da imagem
Moldura	Presente
Enquadramento	Aberto: afastamento
Ângulo de tomada	Normal
Escolha da objetiva	Distância focal: média
Composição	Horizontal: sentido de amplidão
Formas	Rígida
Dimensões	18,49 cm L x 11,11 cm A
Cores	Predominam cores frias
Iluminação	Dura
Textura	Lisa: visual

A moldura que delimita os limites físicos da imagem, o enquadramento aberto e a escolha da objetiva com distância focal média indicam que o recorte feito pelo fotógrafo é uma escolha proposital, porque o jornal pretende reforçar a imagem de que apenas o casal está embaixo do viaduto e apenas ali há objetos, logo não há porque temer que se esse lugar torne “favela”.

A composição é horizontal, as formas são rígidas, predominam cores frias, mas ainda assim a imagem apresenta o recurso “amarelado”, produzido também pelo efeito da luz elétrica com a noite.

Analisando os significantes icônicos, temos:

Quadro 11 - Relação entre significantes icônicos e conotações de segundo nível na notícia do jornal O Globo

Significantes icônicos	Significados 1º nível	Conotações de 2º nível
“Morador de rua”	Obstáculo	Incômodo
Cachorro	Companheiro	Afeição
Barraca	Abrigo	Proteção
Pertences	Lixo	Sujeira

Os significantes icônicos presentes na notícia são: “morador de rua”, cachorro, barraca, pertences. O morador de rua na perspectiva apresentada pelo jornal representa um obstáculo para os moradores da região, um incômodo. O cachorro é um elemento de afeição, porque é um animal conhecido por ser “o melhor amigo do homem”, ou seja, ele é visto como um companheiro. A barraca e os pertences podem significar a presença de lixo e a aparência de sujo ao espaço, mas para as pessoas em situação de rua a barraca é um elemento de abrigo e proteção e os pertences proporcionam de certa maneira um conforto.

A mensagem linguística é “Acampados. Wesley Silva vive com a mulher e um vira-lata ao lado da Praia dos Amores: mudanças ocasionais”. A legenda é a última mensagem do jornal, logo é provavelmente a que fica. Isso significa que a mensagem é de que eles estão ali por causa da ocasião e a notícia indica que ocupam o espaço porque “precisam trabalhar”.

4.4.2 Análise da notícia ‘Mendigata’ atrai atenções de pedestres no centro de Niterói

A notícia publicada no jornal O Globo no dia 19 de outubro de 2014 relata que uma mulher em situação de rua atraiu a atenção das pessoas que passavam pelo local onde estava, o centro de Niterói no Rio de Janeiro. No local a mulher recebe ajuda por meio de

assistência social. Contudo, ela ainda dorme na rua. A notícia foi escolhida porque fala sobre uma mulher em situação de rua.

4.4.2.1 Organização discursiva

Ao analisarmos a organização narrativa percebemos que há apenas uma narrativa. No estado inicial Jéssica morava em Sorocaba e mudou-se para o Rio em busca de emprego: trabalhou como balconista e depois como prostituta, o que a ajudou a manter um apartamento. O estado de atualização é o processo que fez com que Jéssica fosse para as ruas do Rio de Janeiro onde chamou a atenção por causa de sua beleza. O estado final é o relato de que Jéssica recebe acompanhamento da prefeitura no abrigo municipal Florestan Fernandes, no centro, e à noite dorme nas ruas.

O porteiro José Aldir dos Santos é um actante ativo benfeitor, assim como a equipe de assistência social da prefeitura que presta assistência à mulher em situação de rua. A caracterização da actante Jéssica é ambígua, porque ela é ativa quando o jornal cita que a mulher trabalhou e luta para não perder a guarda da filha. Entretanto, Jéssica é actante passiva na maior parte do tempo porque recebe, “presenteada apenas com um copo d’água”, ajuda dos outros.

A cronologia é apresentada de maneira contínua em inversão: primeiro são citados os fatos do presente, a situação de rua e o vício em tiner, para depois serem mencionados fatos do passado, a mudança para o Rio de Janeiro e a distância das filhas. Assim, há uma sequência narrativa que ocorre num enquadramento espaço-temporal, segundo o princípio de localização e em uma cronologia obedecendo ao princípio de encadeamento. A localização espaço-temporal da notícia é o presente. Algo determinado por verbos como o do título “atrai”. O espaço é fechado sem deslocamentos.

Ainda no início percebemos a dimensão argumentativa na notícia: já no título o uso do termo “mendigata” pode indicar que o jornal concorda com a atenção destinada à mulher por ela ser bonita, contudo, o uso das aspas pode indicar uma marca de ironia e sugerir justamente o contrário do que pensam as pessoas que a acham bonita.

No comentário a seguir o jornal demonstra que Jéssica pode não ser bela o suficiente, mas o comentário a vitimizando indica que ela merece atenção.

(60) “Não recebeu flores, regalos nem abraços de amigos. Moradora de rua, a jovem foi presenteada apenas com um copo d’água [...]”

Ao analisar a organização enunciativa identificamos o componente da modalidade delocutiva e por isso analisamos os discursos relatados de José Aldir dos Santos (Porteiro do prédio em frente ao local que Jéssica estava); Jéssica Pinto da Luz (Mulher em situação de rua) e da prefeitura (Poder público).

Jéssica é apresentada como uma mulher bonita e dócil. Sua imagem é quase infantilizada, ao se ressaltar a presença dos bichos de pelúcia. Isso é destacado na voz de José Aldir dos Santos, por meio de discurso relatado citado.

- (61) “Ela é uma menina linda, inteligente e dócil, mas infelizmente está perdendo a luta contra as drogas. Torço para que consiga se libertar desse vício e possa um dia sair das ruas”, deseja o porteiro José Aldir dos Santos (a quem Jéssica chama de coroa), que sempre que pode dá comida e conselhos à jovem.

É possível perceber no relato de José a representação de Jéssica não como mulher, mas como “menina” reforçada por meio de expressões qualificativas como “inteligente” e “dócil”. Além disso, a voz também resalta sua aparência “linda”, como se isso lhe atribuísse valor. O jornal destaca que Jéssica o chama de “coroa”. Logo, é possível interpretar que existe uma relação afetiva entre os dois. Outra voz presente é a da mulher em situação de rua, por meio de discurso relatado narrativizado, 62 e 64, e citado 63:

- (62) O vício em tiner, como a própria admite, a fez perder a guarda da filha mais velha, em 2009. Agora, diz que luta para que o mesmo não aconteça à caçula, de 1 ano e 1 mês, que ficou com a irmã dela em Sorocaba (SP), onde morava, antes de vir para o Rio tentar um emprego.
- (63) “Meu sonho é arrumar um trabalho para poder voltar a ter uma vida normal e cuidar da minha filha”, disse Jéssica, enquanto segurava um álbum de fotos da menina, que nascera prematura, aos 6 meses.
- (64) Jéssica contou que antes de optar pelas ruas de Niterói, trabalhou em Copacabana como balconista e, depois, como prostituta, época em que, diz a jovem, conseguiu pagar o aluguel de um apartamento no bairro carioca.

O espaço dado à voz da mulher em situação de rua se torna relevante, pois é o momento que ela tem para falar sobre o problema que vive, sobre a trajetória de vida e mostrar que não está na rua porque quer ou porque não quer trabalhar. Nos três relatos o trabalho é ressaltado, algo a ser considerado, pois, no senso comum, trabalhar é algo que dá dignidade aos indivíduos. Além disso, contraria a representação comum atribuída a essas pessoas, de “preguiçosas”, “acomodadas”, etc.

De acordo com os dados da pesquisa realizada pelo META/MDS (2008), um dos principais motivos para um número considerável de pessoas sobrevivendo nas ruas é o

desemprego. A partir de pesquisa realizada em Brasília, Bursztyn (2000), percebeu que as pessoas em situação de rua nessa cidade, em sua maioria estão sempre à procura de um trabalho, mas esbarram em diferentes dificuldades. Elas migram de cidade em cidade e o fazem em sua maioria em busca de atividades remuneradas, são o que o autor denomina de perambulantes.

Além disso, por meio desses relatos é possível identificar a representação de Jéssica como mãe, pois ela busca sair da situação para ter a companhia da filha de volta. Essa representação da mulher como mãe retoma um papel tradicional atribuído à mulher uma discussão em torno dessa representação será retomada no capítulo 5. Outro relato presente no texto é o da prefeitura, por meio de discurso citado 65 e integrado 66, a seguir:

(65) Em nota, a prefeitura afirma que “a jovem não se encontra mais no local e está sendo acompanhada desde quinta-feira pelas equipes de assistência social e saúde”.

(66) Jéssica diz que tem passado os dias no abrigo municipal Florestan Fernandes, no Centro, e que, à noite, volta às ruas para dormir.

Sendo assim, a matéria preocupa-se em resgatar qualidades positivas da personagem, a saber, o desejo de trabalhar e de retomar a guarda da filha.

A ação do poder público resolve apenas parcialmente o problema, pois ela ainda está em situação de rua, ou seja, é uma ação e um discurso assistencialista. É possível interpretar isso pelo relato de Jéssica. As ações não são efetivas a ponto de lhe possibilitar sair da rua, como seria um emprego. A notícia se restringe a relatar a história, mas em momento algum aborda a problemática social. Além disso, nota-se a ausência da voz de assistentes sociais ou de outras mulheres em situação de rua.

Antes de apresentar os discursos relatados, a notícia faz a descrição de Jéssica Pinto da Luz. Ela é identificada por altura (1,74m), por peso (55 quilos), cor dos olhos (castanhos claros), cor dos cabelos (ruivos até a altura do ombro), e pelo ‘rosto delicado’. Para os padrões brasileiros, ela possui medidas de modelo (alta e magra). Assim, há uma preocupação da matéria em representar a personagem tanto do ponto de vista psicológico quanto físico. O jornal a descreve dessa forma, como uma modelo, principalmente ao considerar que os pedestres a apelidaram pela sua beleza a ‘Gisele Bundchen’ (modelo conhecida internacionalmente) e a ‘Mendigata’, nome dado à personagem do programa Pânico na TV, da emissora de televisão Bandeirantes. Os termos usados para nomear Jéssica, como “mendigata” revela que o problema virou piada e remete a naturalização da situação.

Assim, ao analisar a organização descritiva, percebemos que a identificação específica é de Jéssica Pinto da Luz, classificada como linda e dócil, e como ocupante de um o espaço do centro de Niterói. Outro que tem a identificação específica é o porteiro José Aldir dos Santos.

A identificação genérica é a dos pedestres e prefeitura. Quanto às nomeações e qualificações de Jéssica são “moradora de rua”, “jovem capixaba” e “menina”.

4.4.2.2. Análise da imagem

A única imagem da notícia está localizada no centro da página e ocupa parte considerável da notícia com as dimensões 9,89 cm de altura e 18,31 cm de largura. Nela aparece Jéssica, a mulher em situação de rua citada na notícia. Ela está sentada e apoia a mão em um cobertor em que é possível ver um bicho de pelúcia. Atrás dela, são vistos pedestres indo e vindo. Contudo, os rostos desses pedestres não aparecem na imagem, mas apenas os corpos.



Figura 6 - Imagem da notícia “Mendigata” atrai atenção de pedestres no centro de Niterói

Abaixo descrevemos a relação entre significantes e significados nesta imagem.

Quadro 12 - Relação significante e significado na notícia do jornal O Globo

Significantes plásticos	Significados da imagem
Moldura	Presente
Enquadramento	Fechado
Ângulo de tomada	Normal
Escolha da objetiva	Distância focal: média
Composição	Horizontal: sentido de amplidão
Formas	Rígida e difusa
Dimensões	9,89 cm A x 18,31 cm L
Cores	Cores quentes e frias
Iluminação	Suave e difusa
Textura	Lisa: visual

Observamos na foto que as delimitações da imagem formam a moldura. O enquadramento é fechado com o foco em Jéssica. O ângulo de tomada é normal porque está na altura da câmera e frontal porque essa é a posição da mulher em relação ao fotógrafo. A distância focal é média, não está tão perto a ponto de enxergarmos só o rosto de Jéssica e nem tão longe para observarmos o espaço e os pedestres. As formas são rígidas quando mostram Jéssica, mas difusas quando mostram o espaço atrás, o que sugere uma certa glamourização da cena captada, como se a mulher fosse uma modelo, algo também sugerido pela posição do corpo e por ela olhar diretamente para a câmera, o que ainda pode aproximá-la do leitor. Reforçam essa interpretação as cores e a iluminação suave e difusa. Contudo, a expressão do rosto da personagem parece demonstrar tristeza.

Vejam agora a relação entre os significantes icônicos e conotações de segundo nível.

Quadro 13 - Relação entre significantes icônicos e conotações de segundo nível na notícia do jornal O Globo

Significantes icônicos	Significados 1º nível	Conotações de 2º nível
Mulher/Jéssica	Beleza	Admiração/aceitação
Bicho de pelúcia	Infância	Inocência
Cobertor/colchão	Frio/ Calor	Conforto
Pedestres	Movimento	Rua

Quanto aos significantes icônicos, percebemos que, além da mulher em situação de rua, são retratados na cena alguns de seus pertences: um bicho de pelúcia, colchão e cobertor, o que indica que mesmo nessa situação difícil a presença dos seus objetos lhe dá um certo conforto e o bicho de pelúcia pode gerar a interpretação de infância que remete a inocência. Além disso, a imagem dos pedestres ao fundo deixa claro que ela está na rua e que não atrapalha o movimento dessas pessoas. Logo, ao contrário de outras pessoas em situação de rua apresentadas nas notícias dos quatro jornais analisados, Jéssica não é acusada de obstruir o espaço como se fosse um obstáculo e por isso não incomoda.

Além disso, há a seguinte descrição: ‘Viciada em tiner, Jéssica vive em rua do Centro. Entre os pertences, fotos da filha, roupas e bicho de pelúcia’ é a síntese do que é relatado na notícia. Tem informações como o vício, o local que ocupa, e o que está com ela. Essa descrição procura retratar as várias facetas da personagem: uma negativa (viciada em drogas) e outras que amenizam essa característica: a maternidade e a docilidade/infantilidade.

4.4.3 Análise da notícia: Uma chance de ter de volta a filha de um ano e a própria vida

A notícia analisada foi publicada no dia 24 de outubro de 2014 no jornal O Globo. Nela é relatado que uma mulher em situação de rua recebeu a atenção da mídia e, a partir disso, passou a receber ajuda de uma clínica de reabilitação de São Paulo. Além disso, a mulher é vista com compaixão por um porteiro e uma amiga, moradora da região. Como a notícia é predominantemente uma narrativa, há personagens. Os que ganham vida e voz por meio de relatos são a “mendigata” Jéssica Pinto da Luz, a amiga Linda Kátia, o porteiro José Aldir dos Santos e o psicólogo Felipe Pena.

4.4.3.1 Organização discursiva

Nesta notícia é contada a história de Jéssica Pinto Luz, por meio do uso dos componentes do modo narrativo. O estado inicial é o momento antes da mulher estar em situação de rua. Este estado é relatado numa notícia publicada anteriormente onde é informado que antes de ir para as ruas Jéssica se mudou para o Rio onde trabalhou como balconista em Copacabana, e depois como prostituta, época em que pagava o aluguel de um apartamento no bairro carioca.

O estado de atualização é o período durante o qual Jéssica permaneceu na calçada da Av. Amaral Peixoto, onde recebeu atenção de pedestres e da mídia, desde o início do ano de 2014. Entretanto, num período anterior estava em Itaipu onde conheceu a estudante Linda Kátia que a ajudou.

No estado final abre-se espaço para que Jéssica fale dos Planos para o futuro, a partir da oportunidade de tratamento em São Paulo que recebeu de uma emissora de TV. Em outubro de 2014, momento de publicação da notícia, está hospedada em um hotel no centro do Rio. Contudo, mesmo não estando mais no espaço da rua, ainda é chamada de “moradora de rua”. Por meio da narração somos “informados” ou levados a crer que Jéssica está nas ruas por causa da dependência química, o que lhe torna responsável por sua situação, quando na verdade a falta de emprego também é parcialmente responsável.

A cronologia é apresentada de maneira contínua em inversão: primeiramente o leitor é apresentado ao fato, para depois conhecer a trajetória da personagem principal, a mulher em situação de rua. Isso significa que o texto começa pelo estado final, posteriormente apresenta o estado de atualização e por fim o estado inicial.

Além da cronologia e do espaço-tempo é possível analisar ainda os actantes da lógica narrativa. Jéssica sofre a ação de receber tratamento, e não é colocada como uma pessoa que pode sair dessa situação sem ajuda. Logo ela é uma actante passiva e beneficiária, o que implica numa representação comum das pessoas em situação de rua: é uma “acomodada”. O actante benfeitor nesse caso é a emissora de TV que vai proporcionar o tratamento em uma clínica para Jéssica. Percebe-se que antes de estar na rua ela é representada como uma actante ativa, pois trabalha, mas na rua é passiva.

Percebemos que a notícia apresenta uma dimensão argumentativa, ao propor uma representação negativa das mulheres em situação de rua, a partir do episódio narrado. Para isto utiliza vários procedimentos de ordem argumentativa. Um deles é a citação, nos termos de Charaudeau (2011). A citação funciona como um argumento de autoridade. Um exemplo é o recurso a uma definição de dicionário, na qual se esclarecem os significados da palavra “oportunidade”.

(67) Entre os significados da palavra oportunidade, no dicionário, estão “possibilidade de melhorar de vida”, “algo novo que traga benefícios” ou “um acontecimento oportuno capaz de melhorar o estado atual de um indivíduo”.

Esta citação tem um valor argumentativo porque se fundamenta em um texto retirado de um livro, especificamente um dicionário, que tem por função definir/conceituar e goza de certa credibilidade perante os leitores. O valor do argumento, dessa forma, é concernente ao domínio da verdade.

Algo que pode tornar essa notícia diferenciada de outras que tratam da temática é o espaço aberto para a voz do leitor da notícia *‘Mendigata’ atrai atenções de pedestres* no Centro de Niterói (21/10/2014) publicada anteriormente pelo mesmo jornal. Introduzida pelo subtítulo *Comoção e Polêmica entre os internautas*, a seção evidencia o fato de que a matéria provocou diferentes reações. O jornal registra a posição dos leitores que questionam a atenção que Jéssica recebeu por ser bonita, a partir disso dá voz por meio do discurso de origem integrado no exemplo 68 e 70 e discurso de origem citado no exemplo 69 e 71 a Felipe Pena, psicólogo, jornalista e escritor. Possivelmente, por sua identidade social a voz é legitimada e aceita, ou seja, também funciona como argumento de autoridade com valor de verdade, como é possível observar nos exemplos, a seguir:

(68) Para Felipe Pena, psicólogo, jornalista e escritor, a grande repercussão da reportagem aconteceu porque a sociedade fecha os olhos para o que não quer ver, joga para debaixo do tapete o que incomoda a sua falsa

estabilidade emocional e cria “rótulos terríveis para justificar sua cegueira”. Um desses rótulos é ligado à estética.

(69) “No caso em questão, cria-se o raciocínio de que o mendigo só pode ser feio, mas Jéssica rompe com esse rótulo e causa estranheza. Em boa parte dos casos (sem generalizar), quem a ajuda está tentando reconstruir suas próprias defesas psíquicas para a cegueira social”, explica.

(70) Para ele, a única maneira de ajudar é abrir os olhos, o que parece simples, mas não é:

(71) “Precisamos de uma reconstrução cognitiva em toda a sociedade. Abrir os olhos não significa apenas enxergar o outro. Significa enxergá-lo como semelhante e querer para ele as mesmas oportunidades que nós temos. O nome disso é empatia”.

No subtítulo Comoção e Polêmica entre os internautas percebe-se como o jornal, ser social e comunicante, tem o poder de influenciar o leitor por meio de argumentos de natureza patêmica, uma vez que explicitam em sentimento de indignação diante do episódio relatado. A quantidade de pessoas que acessaram a notícia anterior, bem como a sua repercussão tornou-se parte da notícia. A seguir apresentamos duas declarações das internautas: no primeiro caso, usa-se o discurso direto e, no segundo, o discurso indireto.

(72) “Tanta gente nas ruas e só dão valor pra mulher porque é bonita. Essa sociedade não presta mesmo” Cilla Santos (um dos comentários publicado na notícia).

(73) Enquanto parte dos internautas se mostrou comovida com a história, outra reclamou de o fato desta comoção acontecer apenas pelo fato de ser uma jovem bonita, enquanto existem inúmeros outros casos parecidos que são ignorados.

Ao expor uma opinião divergente, adota-se o argumento de oposição, pois uma parte dos leitores acredita que a beleza de Jéssica foi o único fator determinante para chamar atenção e promover sua recuperação, o que não ocorre com outros indivíduos em situação de rua. Tais comentários vinculam-se a um procedimento semântico de valor concernente ao domínio do estético. Este pensamento é compartilhado por Felipe Pena, que recebe espaço pela sua identidade social. O espaço parece ser usado como forma de dar credibilidade à notícia, uma vez que indica uma aparente objetividade (neutralidade). Esse “efeito de credibilidade” se acentua quando consideramos que as declarações reportadas questionam a atitude do próprio jornal, uma vez que ele também poderia estar noticiando o fato pela personagem ser bonita.

Os argumentos de Felipe Pena, destacados nos exemplos 68, 69, 70 e 71, remetem à causalidade, isto é, ao motivo pelo qual a mulher em situação de rua chama a atenção, algo marcado pela palavra “porque”. Jéssica tem uma particularidade, algo que a

diferencia das demais pessoas em situação de rua, uma possível explicação para o fato de ela ter sido “resgatada”: a beleza.

Por fim, mais uma vez recorre-se à voz de Felipe Pena, que propõe uma generalização a partir do episódio narrado, propondo que ele se insere num problema social mais amplo, que exige uma mobilização geral da sociedade e não iniciativas particulares. Nos últimos argumentos, Felipe Pena argumenta como forma de solucionar o problema uma aproximação com as pessoas em situação de rua por meio da empatia. Desse modo, recorre-se a uma fala em que predomina o argumento de autoridade o procedimento semântico de um domínio da verdade, principalmente quando estabelece que a solução apontada é “a única maneira”.

Ao investigar os componentes da organização enunciativa é possível identificar a predominância da modalidade discursiva delocutiva. Segundo Charaudeau (2010), os atos delocutivos são aparentemente desvinculados dos protagonistas da enunciação, no caso o jornal O Globo. É possível destacar alguns trechos onde essa modalidade foi utilizada, como:

(74) Entre os significados da palavra oportunidade, no dicionário, estão “possibilidade de melhorar de vida”, “algo novo que traga benefícios” ou “um acontecimento oportuno capaz de melhorar o estado atual de um indivíduo”.

(75) Para a moradora de rua Jéssica Pinto da Luz, de 22 anos — a “mendigata” da Avenida Amaral Peixoto —, tudo isso se resume a uma chance que possa livrá-la do vício das drogas e, conseqüentemente, devolvê-la à companhia da filha de 1 ano, que atualmente está em Sorocaba (SP), sob os cuidados da irmã.

No enunciado 74, o narrador recorre ao dicionário como fonte de informação para tentar explicar o significado que a palavra oportunidade tem para a mulher em situação de rua. Isso ocorre por meio de um discurso de origem citado do dicionário. No segundo enunciado há um discurso de origem integrado de Jéssica com alusão a outra notícia publicada antes pelo jornal. Esses relatos contribuem para a representação da mulher como mãe, pois oportunidade para ela é ter a filha de volta. Dessa forma, a imagem da mulher como mãe se torna relevante na notícia.

Os relatos são usados ainda para dar voz a Jéssica e a dois amigos que fez no período em que permaneceu nas ruas: a estudante Linda Karla e o porteiro José Aldir dos Santos. No discurso de origem citado dos três manifesta-se explicitamente o desejo pela mudança.

Essas falas também são responsáveis por criar uma imagem mais humana de Jéssica, ao valorizar seu lado “mãe”, sua disposição de se livrar das drogas, sua bondade, entre outras qualidades.

(76) “Eu precisava vir aqui para agradecer a essas pessoas que tanto me ajudaram. Sei que tem muita gente que está torcendo por mim, pela minha recuperação. E é isso o que eu mais quero na vida: me curar desse problema com as drogas, me estruturar, trabalhar e poder ter de volta a companhia da minha filha”, planejava Jéssica, emocionada, enquanto abraçava os amigos.

(77) “Ela me pediu um copo d’água, e eu dei, com um sanduíche. Ali começamos uma amizade. Ela chegou a morar lá em casa durante um tempo, mas depois, por causa das drogas, voltou para as ruas. Mas eu e minha família amamos a Jéssica. Ela é minha amiga, uma pessoa boa e desejo muito que ela consiga se recuperar”.

(78) “Ela está cheirosa, limpinha, arrumada e muito feliz. Acho que agora ela vai se recuperar e dar a volta por cima”.

Ao abrir espaço para essas vozes o jornal também se posiciona de modo a acreditar e defender a mudança tentando convencer o interlocutor seja pela razão de Jéssica seja pela emoção. É importante destacar, ainda, a disposição de Jéssica para “trabalhar”, mencionadas em seu depoimento. O trabalho é enxergado pelo senso comum como algo que dá dignidade ao ser humano e a disposição para o trabalho indica um passo decisivo para resgate da dignidade da personagem, que vai deixar a situação de passividade para uma posição ativa.

Assim, por meio da análise dos discursos relatados, compreende-se que o discurso da mudança pode estar relacionado à beleza de Jéssica. Essa qualidade parece a diferenciar das demais mulheres em situação de rua, pois quem chamou a atenção para a sua história foi a sua aparência e não o problema social que vive.

Na análise dos componentes da organização descritiva, identificamos as funções: nomeação e qualificação, a começar pelo título que combina o termo pejorativo “mendigo” com a qualificação “gata”. O termo mendigo é considerado pejorativo porque ele generaliza as pessoas em situação de rua como pedintes, ignorando o fato de que não são todos os que estão nessa situação que pedem para sobreviver, mas apenas quem não encontra outra alternativa: são os “pedintes”. O termo ‘mendigata’ é usado com aspas para indicar que não é uma palavra criada por quem escreveu o texto, eximindo-o pelo seu uso.

A expressão “a mendigata” de Niterói situa a personagem em um determinado espaço que se torna sua referência, apesar de sua origem “capixaba”. Além disso, ao longo

da notícia utiliza-se o nome próprio Jéssica Pinto da Luz, como forma de identificação, o que a individualiza.

Quanto à qualificação, o texto apresenta o trecho:

(79) Para a moradora de rua Jéssica Pinto da Luz, de 22 anos [...].

Ao qualificar Jéssica como “moradora de rua”, o autor está naturalizando o problema, pois esta expressão remete à situação como algo fixo, ao contrário do que ocorre com a expressão usada em documentos do governo e atualmente a mais recomendada “situação de rua”.

Por outro lado, o narrador dá voz às pessoas que conhecem Jéssica. Estas não usam termos pejorativos, mas sim valorativos. Dessa maneira, há uma qualificação, como nos trechos:

(80) “Ela é minha amiga, uma pessoa boa [...]”

(81) “Ela está cheirosa, limpinha, arrumada e muito feliz”.

Apesar de Jéssica nos depoimentos ser qualificada positivamente como amiga e boa, o uso do verbo “está” (estado presente) indica que ela não estava (estado passado) cheirosa, arrumada e feliz antes de receber ajuda.

4.4.3.2 Análise das imagens

A notícia ocupa toda a página do jornal. A imagem está na parte de cima à direita. Nela Jéssica está sorridente, não olhando diretamente para o fotógrafo/leitor, abraçada a um cachorro de pelúcia e com as pernas cobertas por uma manta/cobertor. Também é possível ver na imagem a parte de uma bolsa e o que parecem ser sacos plásticos de cor preta. O portão atrás de Jéssica sugere que dorme em frente a um estabelecimento comercial.



Figura 7 - Imagem da notícia Uma chance de ter de volta a filha de um ano e a própria vida

Aplicando a distinção dos significantes plásticos, proposta por Joly (2007), diferentes elementos e seus significados:

Quadro 14 - Relação significante e significado na notícia do jornal O Globo

Significantes plásticos	Significados da imagem
Moldura	Presente
Enquadramento	Fechado
Ângulo de tomada	Normal
Escolha da objetiva	Distância focal: curta
Composição	Horizontal: sentido de amplidão
Formas	Rígida
Dimensões	13,59 cm L x 9,57 cm A
Cores	Predominância de cores frias
Iluminação	Dura
Textura	Lisa: visual

Ao analisar a imagem considerando os seus significados plásticos destacamos o foco que é dado a Jéssica. O enquadramento fechado, o ângulo de tomada e a escolha da objetiva com uma distância focal média sugerem que a imagem pode despertar a proximidade do leitor com Jéssica. As dimensões da fotografia, maior que a outra (Figura 7), evidenciam o papel de Jéssica na notícia: personagem principal. Na imagem Jéssica está sorridente, um contraste com a predominância de cores frias que não sugerem felicidade, além de não ser uma atitude esperada de alguém que está em situação de rua. Contudo, parece ser uma resposta animada à oportunidade que recebe.

Quadro 15 - Relação entre significantes icônicos e conotações de segundo nível na notícia do jornal O Globo

Significantes icônicos	Significados 1º nível	Conotações de 2º nível
Mulher/Jéssica	Beleza	Aceitação
Bicho de pelúcia	Infância	Inocência
Cobertor	Frio /Calor	Clima/ Aconchego
Bolsa	Objetos pessoais	Propriedades materiais
Porta de estabelecimento	Comércio	Trânsito de pessoas

O significante icônico “Mulher” com sua beleza remete à sua aceitação por parte dos pedestres e moradores da região por causa da sua imagem. Sua presença parece incomodar os pedestres que circulam pela região, algo que pode ser constatado através da imagem, onde se vê que ela se acomoda diante de um estabelecimento comercial. Associado a isso ainda estão o bicho de pelúcia e o cobertor, estes remetem a infância, a ingenuidade sugerindo que a personagem necessita de proteção. Os pertences de Jéssica podem ser interpretados como uma forma de fixar-se no local.

Quanto à mensagem linguística, a legenda que acompanha a foto tem três “informações”: a primeira diz que Jéssica está deixando Niterói; a segunda informa quando e para onde ela foi (última quarta-feira e São Paulo); a terceira “informação” explica o porquê do “tratamento em clínica de reabilitação”. Além disso, faz uma avaliação do sentimento de Jéssica em relação a essa mensagem: animação.

A segunda imagem presente na notícia ocupa o centro da página, logo abaixo da figura 6. Nela Jéssica está abraçada ao porteiro José Aldir.



Figura 8 - Imagem da notícia Uma chance de ter de volta a filha de um ano e a própria vida

Identificamos os significantes plásticos, temos:

Quadro 16 - Relação significante e significado na notícia do jornal O Globo

Significantes plásticos	Significados da imagem
Moldura	Presente
Enquadramento	Fechado
Ângulo de tomada	Normal
Escolha da objetiva	Distância focal: curta
Composição	Horizontal: sentido de amplidão
Formas	Rígida
Dimensões	12,03 cm A x ,7,6 cm L
Cores	Predominância de cores frias
Iluminação	Dura
Textura	Lisa: visual

A moldura presente, o ângulo de tomada normal, a distância focal curta e o enquadramento fechado sugerem que a imagem é um complemento da dimensão argumentativa da notícia que indica Jéssica como alguém que precisa de ajuda e deseja sair das ruas. Isso pode ser interpretado dessa maneira porque o abraço simboliza, além de amizade, também proteção, interpretação reforçada pelo sorriso da mulher.

Além disso, há os significantes plásticos que compõem a imagem: composição horizontal, formas rígidas, cores frias e iluminação dura. A seguir, a relação dos significantes icônicos:

Quadro 17 - Relação entre significantes icônicos e conotações de segundo nível na notícia do jornal O Globo

Significantes icônicos	Significados 1º nível	Conotações de 2º nível
Homem abraçando	Amizade	Proteção/Cuidado
Camisa social e gravata	Traje social	Pessoa de classe
Mulher/Jéssica abraçada	Agradecimento	Proteção

Quanto aos significantes icônicos, estes dão credibilidade às palavras de José Aldir, o terno é um traje social ligado a classe e condição socioeconômica. Mesmo que José Aldir seja identificado como porteiro, profissão de menor reconhecimento social, e não como morador de região nobre, o terno também pode ser associado a seriedade de quem o usa. Jéssica aceita o abraço e o sorriso demonstra agradecimento e a proteção que o homem lhe proporciona como um novo amigo.

A mensagem linguística “Jéssica abraça o porteiro José Aldir dos Santos, um novo amigo” que apresenta duas informações é uma síntese da possível interpretação dos significantes icônicos.

4.4.4 Análise da notícia Histórias de uma Zona Sul invisível

A notícia foi publicada no dia 25 de dezembro de 2014 e relata a vida de Rodrigo, sua companheira Gabriela e seus três filhos nas ruas de Niterói, Rio de Janeiro. A notícia faz referência ao censo realizado na capital do estado e que a partir dele a prefeitura tem feito planejamentos de construção de abrigos. A notícia fala de uma família exatamente no dia de Natal, o que pode causar uma comoção maior no leitor

A notícia é analisada porque fala sobre uma família em situação de rua, o que inclui uma mulher, Gabriela e filhos. Logo, é relevante o impacto social do problema da situação de rua nesta relação familiar e humana. Mesmo que o relato sobre ela e eles seja feito pela voz do homem/marido.

4.4.4.1 Organização enunciativa

Quanto à organização narrativa, a notícia conta com apenas uma narrativa. O estado inicial são os dados do “censo População de rua” e o estado final é o relato de Rodrigo, o que inclui Gabriela e seus três filhos, ou seja, uma família em situação de rua.

Rodrigo, que vendia bala para sustentar três filhos e também guardava carros é um actante ativo benfeitor. A notícia omite se Gabriela exerce alguma atividade para ajudar no sustento da família ou se apenas cuida dos filhos.

Quanto à cronologia, esta é contínua em progressão: primeiro a narrativa cita a iniciativa do projeto “Rio Invisível” que consiste em publicar em uma página do Facebook narrativas de vida de pessoas em situação de rua. Posteriormente, embasa a notícia com dados referentes ao perfil dessas pessoas que vivem no Rio, o que inclui os resultados do Censo População de Rua, realizado e divulgado pela Secretaria de Desenvolvimento Social, além de falar das vagas distribuídas pela prefeitura em abrigos. Por fim, há um relato de um homem em situação de rua sobre sua trajetória de vida e sobre sua mulher e filhos.

Os procedimentos ligados à localização espaço-temporal estão predominantemente no passado, mas o relato do homem em situação de rua, Rodrigo, varia entre passado e presente. O espaço é aberto com deslocamentos, são citados um abrigo em Niterói frequentado pela família e os bairros da Zona Sul e da Grande Tijuca onde estão 15,3% das pessoas em situação de rua no Rio de Janeiro.

O comentário do jornal indica a dimensão argumentativa. Dois dos três casos comentados são contados em notícias publicadas em páginas anteriores e se restringem a dois homens em situação de rua:

(82) Inspirada no projeto “Rio Invisível”, a equipe do GLOBO-Zona Sul percorreu algumas ruas da região em busca de pessoas que quisessem se abrir e contar suas histórias. Em comum, os três casos que encontramos carregam memórias de uma trajetória sofrida, e esperanças de um futuro com mais dignidade.

O comentário do jornal representa as três pessoas que contaram suas histórias como vítimas de uma vida sofrida, e que, mesmo diante disso, ainda tinham esperança de ter uma vida com mais dignidade. Dessa maneira, o jornal utiliza a estratégia de patemização para aproximar o leitor das pessoas em situação de rua.

Na notícia predominam na organização enunciativa, modo delocutivo, com os discursos relatados, do censo 83 narrativizado e de Rodrigo 84 por meio de uma narrativa de si:

(83) De acordo com o censo População de Rua, feito pela Secretaria municipal de Desenvolvimento Social no ano passado, existem 5.580 pessoas nessa situação no Rio. Dessas, 15,3% estão concentradas nos bairros da Zona Sul e da Grande Tijuca. Do total dessa área, 85,7% são homens e 14,3% mulheres, a maioria com idades entre 25 e 59 anos. Não existe ainda um levantamento referente a 2014, e a prefeitura informa que, atualmente, tem 27 abrigos e 21 instituições conveniadas, disponibilizando um total de 2.352 vagas. O plano de ação, elaborado a partir do censo, prevê a criação de 2.100 vagas em abrigos e a construção de 40 novos equipamentos até 2016.

(84) “Me chamo Rodrigo, tenho 23 anos, e a Gabriela é minha companheira há tanto tempo que já arredondo para ‘uns dez anos’. Saí de casa para escapar das drogas que, infelizmente, roubaram a alma de boa parte da minha família. Eu me recuso a entrar nessa vida de crime, apesar de um montão de ofertas e tentações terem me perseguido. Mas reconheço que a rua pode ser cruel, não dá para confiar nos outros. Numa dessas, fui traído por um amigo, que assaltou um gringo. Quem acabou levando a culpa fui eu, por estar descalço, carregando latinha. É triste: quem mora na rua é automaticamente considerado suspeito. Não corri, não resisti à abordagem da polícia e nada foi encontrado comigo. Mesmo assim, me levaram preso e, por cinco anos, vivi na cadeia engolindo a seco essa acusação. Mas não saí corrompido de lá, não: aqui fora, só quero saber de vender minhas balinhas para sustentar meus três filhos. Antes, eu guardava carro, mas agora não dá mais tempo, porque conseguimos vaga em um abrigo em Niterói e temos que voltar para lá todo dia às 19h. Eu, que já dormi muito em árvore, estou feliz em ter um teto, mas, ali é só uma casa de passagem mesmo.

Percebemos pelos relatos que o jornal dá visibilidade e voz a essas pessoas. Ainda no relato de Rodrigo, observamos que ele se refere a Gabriela não como esposa ou mulher, mas como companheira, como se ela compartilhasse com ele todas as questões que envolvem estar na rua. Logo, para ele é mais do que uma relação sexual.

Rodrigo, traz em sua fala a estratégia de patemização para convencer o leitor de que ele é inocente do crime pelo qual foi preso, assalto. No trecho 85, a seguir, Rodrigo entende que a sociedade generaliza quem está na rua como criminoso e por meio de elementos como trabalho “vender balinhas” e família “companheira”, meus três filhos” tenta mostrar que não se encaixa nesse perfil.

(85) “É triste: quem mora na rua é automaticamente considerado suspeito”.

Na organização descritiva não é utilizado o termo “morador(a) de rua”: A relação é feita pelo uso das expressões “População de Rua” presente no nome do censo e “pessoas nessa situação no Rio”. Uma nomeação que se destaca é a referência ao projeto “Rio

Invisível” que consiste em dar voz às pessoas em situação de rua em uma página do Facebook. A partir disso entendemos que a notícia aborda o problema social, cita dados e faz referência às ações que estão sendo implementadas pela Secretaria de Desenvolvimento Social e Prefeitura. Os únicos que têm a identidade específica citada são Rodrigo e Gabriela, ela qualificada como companheira.

4.4.4.2 Análise da imagem

A única figura da notícia está à direita da página ocupando um espaço considerável do texto. Ela parece contribuir para o efeito patêmico pretendido, pois mostra uma família em situação de rua. Um homem, uma mulher e três crianças. As duas crianças menores estão nos braços dos pais e no meio a mais velha. O homem abraça a mulher e beija o garoto do meio, ela também está posicionada para beijar a criança. Os gestos e posições citadas indicam proteção e união, algo esperado de uma relação familiar e sugerido pela imagem.



Figura 9 - Imagem da notícia Histórias de uma Zona Sul invisível

Aplicando a classificação dos significantes plásticos nos termos de Joly (2007) obtemos a separação dos diferentes elementos nos seus significados.

Quadro 18 - Relação significante e significado na notícia do jornal O Globo

Significantes plásticos	Significados da imagem
Moldura	Presente
Enquadramento	Fechado
Ângulo de tomada	Normal
Escolha da objetiva	Distância focal: curta
Composição	Horizontal: sentido de amplidão
Formas	Rígida
Dimensões	7,14 cm L x 6,63 cm A
Cores	Frias e quentes
Iluminação	Dura
Textura	Lisa: visual

A moldura possibilita a delimitação do espaço na imagem. O enquadramento fechado e a distância focal curta indicam que o foco da imagem é a família, não o lugar que ocupam e se os seus pertences enfeiam, sujam ou obstruem a passagem de pedestres, algo observado em outras notícias analisadas. A imagem contribui para a representação humana das pessoas, independentemente do local onde estão. A relação familiar entre eles pode aproximar o leitor e possibilitar uma maior compreensão dos efeitos do problema social. Dificilmente um leitor não se sensibilizará com a situação deles: um homem pai e uma mulher mãe que não têm condições de dar uma vida mais digna aos filhos. Até mesmo quem não passa por dificuldades irá se identificar com esse pensamento.

A seguir, a tabela com os significantes icônicos e seus respectivos significados de primeiro nível e conotações de segundo nível.

Quadro 19 - Relação entre significantes icônicos e conotações de segundo nível na notícia do jornal O Globo

Significantes icônicos	Significados 1º nível	Conotações de 2º nível
Mulher	“Moradora de rua”	Mãe
Homem	“Morador de rua”	Pai
Crianças	Meninos(a) de rua”	Filhos
Papelão/madeira	Pertences	Conforto

Os significantes icônicos da imagem são “mulher”, “homem” e “crianças”. Além deles podemos observar o papelão usado para sentar em cima e um objeto não identificado de madeira à frente do homem. A imagem contribui para a interpretação do leitor de que são “moradora de rua” e “morador de rua” e estes indivíduos podem ser humanizados. Aqui não são ameaça e inimigos, uma mulher e um homem como os outros. Posteriormente são associados aos filhos, a maternidade e a paternidade e como a cena é amorosa (beijo e abraços) são vistos de forma positiva, porque espera-se que nenhum pai e principalmente nenhuma mãe sob qualquer circunstância abandonem seus filhos.

A mensagem linguística não aparece abaixo da imagem, mas nela. A expressão “Sonhos cultivados” parece fazer referência aos desejos de Rodrigo, o homem em situação de rua que recebe voz. Contudo, a criação dos filhos pode ser também entendida como uma forma de cultivar os sonhos, pois neles estaria depositada a esperança do homem. Logo, a informação apresentada na mensagem linguística remete a uma imagem positiva do homem em situação de rua e da relação familiar estabelecida entre ele, a companheira e os filhos.

4.4.5 Análise da notícia O endereço certo do medo

A notícia foi publicada no jornal O Globo no dia 14 de fevereiro de 2015 e relata a presença de homens e mulheres em situação de rua na praça Jardim São João na cidade do Rio de Janeiro. Essas pessoas são associadas a assaltos, prostituição e consumo de drogas. A mulher em situação de rua é destacada duas vezes, em uma situação uma mulher é julgada moralmente por tomar banho nua a vista dos transeuntes e em outra situação uma mulher é acusada de agredir uma pedestre e ser usuária de drogas, como não há nomeação não é possível afirmar se é apenas uma mulher ou se são duas mulheres. Independe da quantidade a apresentação é feita de forma negativa.

4.4.5.1 Organização discursiva

Como uma narrativa de reconstituição a notícia tem componentes relacionados ao modo narrativo. A organização narrativa da notícia apresenta apenas uma narrativa.

O estado inicial é a narração da presença de “moradores de rua” que assaltam, consomem drogas e se prostituem nos arredores da praça. O estado e atualização é a apresentação dos relatos de medo e assaltos de uma representante da igreja, de comerciantes, de estudantes e dos funcionários que trabalham na região. O estado final é o relato de que as ações não se limitam à praça, mas acontecem na região ao redor. Além disso, há também a informação de que ações estão sendo feitas, mas elas não são especificadas. Os órgãos responsabilizados citam como motivo para retirada das pessoas da praça a saúde pública e a limpeza e revitalização. Isso evidencia que a preocupação é com o espaço e não com o problema social e as pessoas em situação de rua.

A cronologia é contínua em progressão, o que significa que o tempo é linear. A localização espaço-temporal da notícia é o presente, algo indicado por verbos como “afugentam” e “é”. O espaço é aberto com deslocamentos porque a narrativa circula pela região da praça e não em um ponto específico.

Os actantes que agem são os “moradores de rua” que ocuparam a praça e são ligados a ações como brigas, assaltos e prostituição, portanto, a partir da visão expressa no jornal eles são malfeitores. Os actantes que são vítimas dos “moradores de rua” são os fiéis que frequentam a igreja próxima à praça. Eles são assaltados na saída das missas de domingo, como a Valéria Souza “vítima de assaltos”, o dono de ótica Sérgio Correia, o Jornaleiro Alberto Bonan e os clientes de comércio da região.

A Polícia Militar é colocada como actante passivo. De acordo com o jornal “A Polícia Militar não aparece” e as guardas municipais também: Guardas municipais apenas passam pelo local, sem interferir em nada. Contudo, na voz de um representante da Polícia Militar, Coronel Gilson Chagas, a polícia é um actante ativo:

(86) “O policiamento na região central de Niterói é realizado através de patrulhamento com viaturas, motocicletas e a pé”.

A prefeitura também se diz ativa por meio de ações voltadas para pessoas em situação de rua com a contribuição de instituições ligadas a prefeitura, como: a Secretaria de Assistência Social e Direitos Humanos, Polícia Civil, Polícia Militar, Guarda Municipal e Secretaria de Ordem Pública (Seop).

Os comentários do jornal indicam uma dimensão argumentativa. O Globo se posiciona de forma a concordar com a opinião das vítimas de assalto inclusive contribuindo para a generalização de pessoas em situação de rua como criminosas.

Os momentos em que o jornal faz comentários é para falar sobre os sentimentos gerados pela presença das pessoas na praça: É difícil caminhar pelo Centro de Niterói e não sentir medo, especialmente no Jardim São João. Além disso, faz críticas à Polícia Militar e aos Guardas municipais, o que sugere que não acredita no que é dito pela PM e pela prefeitura sobre ações para resolver o problema:

(87) A Polícia Militar não aparece. Guardas municipais apenas passam pelo local, sem interferir em nada. O abandono tem endereço fixo ali. O “abandono” citado pelo jornal refere-se à praça e não às pessoas em situação de rua.

Há ainda o aspecto religioso. O jornal acredita que a igreja não é, mas deveria ser respeitada pelas pessoas que estão na praça. Elas entram na igreja para consumir drogas, fugir de brigas e intimidam os fiéis. O Brasil tem uma grande população religiosa, logo, muitos leitores do jornal podem ser religiosos, católicos ou não, e concordar com o jornal. Isso contribui para que os leitores do jornal fiquem contra a presença das pessoas em situação de rua na praça. Até porque as ações por eles praticadas e a generalização indicam que todos ali estão em situação de rua e todos são criminosos:

(88) Fundada em 1660, a Catedral Metropolitana de São João Batista, a Catedral de Niterói, deveria ser um local respeitado pelo valor histórico e religioso. Mas não é.

Além do argumento religioso, O Globo também sai em defesa dos comerciantes ao dar espaço para que falem do prejuízo à economia:

(89) O comércio também sofre.

A narrativa não se prende à praça, mas percorre a região. Entendemos que ressaltar isso na notícia é também uma forma de sugerir que essas ações podem não ficar só na praça e chegar até a região do leitor:

(90) A violência, no entanto, não está restrita ao Jardim São João. Na Rua Luiz Leopoldo Fernandes Pinheiro, paralela à Catedral, é possível ouvir diversos relatos de assaltos e observar pontos de prostituição.

Na organização enunciativa, predominam os componentes da modalidade delocutiva, na qual os discursos relatados são usados para reforçar a opinião do jornal sobre a presença das pessoas em situação de rua na praça, como o apontado “desrespeito” pela entrada dessas pessoas na igreja e a crítica à falta de ação da prefeitura no discurso citado a seguir:

(91) “Antigamente eles entravam na igreja para usar drogas. Quando houve a mudança do padre, há cinco anos, decidiu-se trancar o portão da igreja para evitar que isso continuasse a acontecer. Um dia eles vieram e me ameaçaram com um canivete no pescoço para que eu abrisse o portão e eles pudessem entrar. Conhecemos vários casos de fiéis que são assaltados na saída das missas de domingo. Os assaltantes brigam entre si e entram na igreja. Todo mundo passa com medo”, diz Valéria, acrescentando que uma paroquiana sempre tira fotos de assaltos no Jardim São João e as envia para a prefeitura.

Além da violência física um dos argumentos têm fundo econômico, por meio de discurso narrativizado 92 e citado 93 e 94:

(92) Segundo ele, por dois motivos. Um deles, a falta de clientes, cada vez mais temerosos de frequentar o local. A segunda razão foi sentir bem de perto a ação de criminosos na região.

(93) “Eu tenho cinco lojas. A da praça era a mais rentável e virou a que mais me deu prejuízo. As pessoas têm pavor de andar lá. Minha filha e minha esposa sempre me ajudaram. Até o dia em que um dos moradores de rua que ficam por lá tentou molestar minha filha. Tivemos que fechar as portas. Agora recebo muitas ligações de interessados em alugar o espaço, mas, quando eles vão visitar, desistem de alugar. Meu prejuízo já chega a R\$ 100 mil ”, informou.

(94) “Não consigo entender isso. O Centro está completamente abandonado. A gente só sabe de ronda da polícia ou de policiamento ostensivo em Icaráí, por exemplo. Se tivesse um posto da PM ou um patrulhamento de rotina

com frequência, os criminosos ficariam mais inibidos. Existem assaltos, existe violência, existe até uma mesma moradora de rua que fica nua todos os dias na praça. Só eu sei disso? ”, questiona.

Esses discursos relatados são de Sérgio Correia, ex-dono de uma ótica localizada próxima à igreja. Depois de 19 anos a ótica acabou fechando as portas seis meses antes da publicação da notícia. Percebemos, por meio desses discursos relatados, que os interesses de Sérgio Correia por medo de ações contra a sua família, mas também econômicos. Os seus argumentos não separam as pessoas em situação de rua dos criminosos. As suas preocupações são pessoais. O abandono que cita é em relação à praça e não às pessoas.

As críticas de Sérgio são dirigidas à falta de ação da PM. Sérgio faz um julgamento moral de uma mulher em situação de rua ao citar:

(95) “existe até uma mesma moradora de rua que fica nua todos os dias na praça”.

Sérgio estende a crítica às autoridades e à população que frequenta a praça com a intensão de questionar já que eles também têm conhecimento sobre a situação:

(96) “por que não fazem algo? ”

Entretanto, essa distinção aparece no discurso relatado narrativizado 97 e integrado 98 do jornalista Alberto Bonan:

(97) Jornaleiro há 16 anos na praça Alberto Bonan perdeu as contas de quantas vezes presenciou situações de brigas e agressões:

(98) “ Não é todo morador de rua que é usuário de droga. A gente sabe disso. Mas aqui o consumo é muito grande, a qualquer hora do dia. A praça chegou a ser reformada há dois anos, mas de nada adiantou. Basta olhar e ver a sujeira, os ‘abrigos’ que ficam pré-montados para os moradores de rua dormirem. A violência aqui prejudica muito. As brigas, os escândalos e até assaltos acontecem sempre”.

Percebemos que a distinção se refere às pessoas em situação de rua de uma forma geral. Mas no relato de Alberto há uma contradição já que ele dá a entender que todas as pessoas da praça são usuárias. Ele também argumenta que a praça foi reformada, mas a presença das pessoas faz com que ela permaneça suja. A visão de Alberto da situação nos leva a compreender que para ele a solução é fazer algo com a praça, como higienizar, e não fornecer maneiras de as pessoas em situação de rua deixarem as ruas.

Outra distinção ocorre no discurso relatado citado de um funcionário da Fundação Municipal de Educação que não quis se identificar:

(99) “Trabalho aqui há muito tempo. Existe tráfico de drogas, e todo mundo sabe. A polícia só não combate porque não quer. Dentro da praça costumam ficar os moradores de rua que já são maiores de idade, e, nas ruas próximas, como a Visconde de Itaboraí, os grupos enormes de menores. Ser morador de rua é uma coisa. Outra, diferente, é assaltar e traficar”, desabafa.

Mesmo que no discurso relatado do funcionário da Fundação Municipal de Educação haja distinção, percebemos que com a frase “Ser morador de rua é uma coisa. Outra, diferente, é assaltar e traficar” ele possibilita a interpretação de que tudo bem ser “morador de rua”, mas não pode assaltar e traficar, isso remete a naturalização do problema social, porque acha natural (normal) ser “morador de rua”, tanto que não questiona o problema social da situação de rua.

Outra distinção ocorre no discurso relatado citado 96 do diretor administrativo do prédio da Fundação Municipal de Educação, Rui Alves:

(100)“Eles nos conhecem. E nós tentamos ter uma convivência o mais harmônica possível. Já aconteceu, sim, de entrarem aqui no prédio, mas a gente tenta contornar a situação da melhor maneira. Eles usam Thinner, cola de sapateiro e, principalmente, crack. Muitos dos que assaltam nem ficam aqui pela praça. Quem fica são alguns que vêm de fora, têm até residência, mas preferem ficar no Centro”, disse.

No discurso relatado de Rui Alves ele cita que os assaltos são feitos também por pessoas que não ficam na praça, ou seja, não usam aquele espaço para dormir. O uso do termo “muitos” pode indicar ainda maioria. Os que ficam na praça e assaltam podem nem mesmo ser pessoas em situação de rua, pois têm residência. Assim se infiltram entre as pessoas em situação de rua para assaltar e consumir drogas no local.

Além de representantes da igreja e comércio outros se mostram incomodados, os estudantes da Faculdade Cândido Mendes, por meio de discurso relatado narrativizado 102 e citado 101 e 103.

(101) “Outro dia, uma conhecida nossa foi agredida por uma moradora de rua que é usuária de drogas. Uma outra conhecida já foi assaltada aqui duas vezes. Um grupo de menores fica sempre rondando aqui. A gente anda sempre com pressa e com medo. E não é só de noite, não. É a qualquer hora do dia”, comenta Lorena Ferreira, estudante de Direito.

(102) Márcio Monteiro, aluno de Ciências Contábeis, sugere uma ação eficaz das autoridades para combater a criminalidade na região:

(103)“Nos horários de saída dos estudantes, a gente até vê carros da PM, porque foi um pedido nosso. Mesmo assim, a gente continua sabendo de assaltos frequentemente. Seria preciso uma ação de inteligência de vários órgãos para tentar resolver mesmo o caso. Por exemplo, já vimos operação aqui da Secretaria de Assistência Social. No dia seguinte, estavam todos os menores aqui de volta, assaltando”.

A polícia e a prefeitura também recebem voz, a elas é dado o direito de se defender da passividade alegada pelo jornal, ambos por meio de discurso narrativizado:

(104)Em nota, a Polícia Militar informou que, segundo o comandante do 12º BPM, coronel Gilson Chagas, o policiamento na região central de Niterói é realizado através de patrulhamento com viaturas, motocicletas e a pé. Para combater os roubos de rua, a unidade tem 20 moto patrulhas nos horários de trânsito mais intenso. A PM acrescentou que reforçou o efetivo na região no ano passado, com cerca de 220 policiais.

(105) A prefeitura de Niterói informou que, em relação aos moradores de rua, a Secretaria de Assistência Social e Direitos Humanos tem participado de ações em conjunto com Polícia Civil, Polícia Militar, Clin, Guarda Municipal e Secretaria de Ordem Pública (Seop). Em casos de objetos acumulados nas calçadas, a Seop pede o apoio da Companhia de Limpeza de Niterói (Clin) para a remoção do material, que é encaminhado ao depósito público municipal. As abordagens realizadas pela Guarda Municipal são voltadas para a saúde pública. Ainda na nota, a prefeitura informou que o Jardim São João integra o projeto de revitalização do Centro da cidade por meio da Operação Urbana Consorciada (OUC), ainda sem data para ser realizada, e na qual estão previstas a revitalização e o ordenamento de várias praças.

Entendemos por meio da análise da organização enunciativa que o jornal é contrário à permanência das pessoas e atribui a responsabilidade à prefeitura e à PM. Usa a voz de diferentes pessoas que se encaixam em diferentes grupos, mas não há a voz de pessoas em situação de rua, dos usuários de drogas, das pessoas que se prostituem, etc. A voz delas poderia explicar o porquê da permanência no espaço e contribuir para que o leitor não generalize ao atribuir essas ações julgadas como negativas aos “moradores de rua”.

Na organização descritiva as pessoas em situação de rua são nomeadas de “moradores de rua” e as mulheres de “moradora de rua”. Não é dito de forma direta, mas há associação entre essas pessoas e a “violência”, as “brigas”, os “assaltos”, os “usuários” de drogas, ao “tráfico” e a “prostituição”. Essas pessoas estão localizadas-situadas no Centro de Niterói, na praça Jardim São João, próximo a Catedral de Niterói (Catedral Metropolitana de São João Batista).

A igreja é representada por Valéria Souza, qualificada como Funcionária da secretaria da Catedral há 15 anos. Além dela, as pessoas que frequentam a igreja são nomeadas de fiéis e vítimas de “moradores de rua”.

O comércio é representado pelo jornaleiro há 16 anos na praça Alberto Bonan e pelo ex-dono de uma ótica próxima à Catedral Sérgio Correia. Ambos relacionam as pessoas em situação de rua à “violência”, mas Alberto Bonan também cita a “sujeira”. As pessoas que evitam o local são os clientes.

Uma instituição citada é a Fundação Municipal de Educação o seu diretor é nomeado Rui Alves. Outro grupo representado são os estudantes da faculdade Cândido Mendes, nomeados de alunos. Lorena Ferreira, estudante de Direito e Márcio Monteiro, aluno de Ciências Contábeis.

A PM é representada pelo comandante do 12º BPM, coronel Gilson Chagas. Outras instituições nomeadas são: Polícia Civil, Polícia Militar, Clin, Guarda Municipal, Secretaria de Ordem Pública (Seop), Secretaria de Assistência Social e a Prefeitura de Niterói.

4.4.5.2 Análise das imagens

A primeira das quatro imagens está localizada na parte de cima da notícia. É a maior delas tem a dimensão original 18,49 cm de largura e 11,11 de altura, o que indica que o jornal a classifica como a mais importante e representativa delas. Na imagem é possível observar quatro homens e duas mulheres. Suas faces são desfocadas para que não sejam identificados. Ao contrário do que diz a notícia eles não estão consumindo drogas, nus, assaltando ou se prostituindo. Isso pode ocorrer porque estão intimidados pela câmera ou porque de fato não praticam essas ações.



Figura 10 - Imagem da notícia O endereço certo do medo

Aplicando a classificação dos significantes plásticos nos termos de Joly (2007) obtemos a separação dos diferentes elementos nos seus significados.

Quadro 20 - Relação significativa e significado na notícia do jornal O Globo

Significantes plásticos	Significados da imagem
Moldura	Presente
Enquadramento	Aberto
Ângulo de tomada	Normal
Escolha da objetiva	Distância focal: longa
Composição	Horizontal: sentido de amplidão
Formas	Rígida
Dimensões	25,97 cm L x 13,56 cm A
Cores	Predominam cores frias
Iluminação	Dura
Textura	Lisa: visual

Ao analisar os significados plásticos da imagem, como a moldura que delimita o espaço visualizado do leitor, percebemos que o foco é dado às pessoas em situação de rua. O jornal prefere dar mais atenção à presença delas do que à praça ou aos “danos” alegados, como a falta de pessoas circulando pelo espaço por causa da presença delas ou ao “abandono” da praça.

O enquadramento aberto e o fato de não mostrarem a face dos personagens podem ser interpretados como fatores que reiteram a imagem que muitos têm dessas pessoas: pessoas anônimas que oferecem perigo e de quem todos querem distância. O ângulo de tomada é normal, a distância focal é longa, a composição é horizontal, as formas são rígidas e predominam as cores frias.

A posição delas na imagem, deitadas e sentadas e as roupas que vestem podem contribuir para reforçar o discurso do ócio, remetendo ao julgamento de que homens e mulheres adultos deveriam trabalhar. As pessoas são fotografadas à noite, provavelmente, porque socialmente existe o entendimento de que o horário noturno é mais perigoso. Dessa forma, é possível inferir que o jornal tentou flagrar ações criminosas, mas a imagem não mostra isso.

A seguir a relação entre significantes icônicos e conotações de segundo nível:

Quadro 21 - Relação entre significantes icônicos e conotações de segundo nível na notícia do jornal O Globo

Significantes icônicos	Significados 1º nível	Conotações de 2º nível
“Moradores de rua”	Obstáculo/Incômodo	Medo
Grades	Proteção	Segurança
Árvores	Praça	Natureza

Os três significados icônicos presentes na imagem são os “moradores de rua”, grades e árvores. O primeiro significante destacado sugere em um primeiro momento as pessoas como um obstáculo, algo que incomoda, que amedronta, que afugenta clientes, ou seja, a imagem vem para reforçar a representação construída na notícia. O leitor pode entender as grades como um instrumento de segurança contra as pessoas em situação de

rua. As árvores sugerem que o espaço ocupado é a praça citada, Jardim São João, como não é possível observar mais da praça por essa imagem isso cabe à imaginação do leitor.

A mensagem linguística da imagem é uma síntese do que é comentado na notícia pelo jornal, algo que a escolha da imagem tenta sugerir: Todo dia. Um grupo de moradores de rua se instala no Jardim São João, consome drogas e ainda aborda quem passa pelo local á noite; estudantes, clientes do comércio e fieis que frequentam as missas na Catedral são as vítimas.

A segunda imagem localiza-se no centro da página é menor do que a primeira, mas também está na horizontal o que lhe dá o sentido de amplitude. A legenda (mensagem linguística) da imagem cita a prostituição e indica que as quatro pessoas que são possíveis de observar são prostitutas, todas são mulheres, mas não há nada na imagem que indique que se trata de “moradoras de rua” ou de prostituição. A Rua Luiz Leopoldo Fernandes Pinheiro é um dos pontos: consumo de drogas também ocorre.



Figura 11 - Imagem da notícia O endereço certo do medo

Aplicando a classificação dos significantes plásticos obtemos a separação dos diferentes elementos nos seus significados.

Quadro 22 - Relação significante e significado na notícia do jornal O Globo

Significantes plásticos	Significados da imagem
Moldura	Presente
Enquadramento	Aberto
Ângulo de tomada	Normal
Escolha da objetiva	Distância focal: longa
Composição	Horizontal: sentido de amplitude
Formas	Rígida
Dimensões	12,92 cm L x 8,63 cm A
Cores	Predominam cores frias
Iluminação	Dura
Textura	Lisa: visual

A moldura e o enquadramento delimitam a visão do leitor. O foco é nas mulheres. É possível perceber que elas não estão na praça, mas na frente de estabelecimentos comerciais. O ângulo de tomada é normal porque está na altura da visão do fotógrafo.

A distância focal é longa, o que dá a sensação de distância com o leitor. O olhar é de curiosidade como se o sujeito (fotógrafo) estivesse dentro de um carro fotografando pela janela e as observasse escondido. A iluminação indica que é noite, o que é relacionado ao perigo.

A composição é horizontal o que indica o sentido de amplidão, as formas são rígidas e predominam cores frias.

Quadro 23 - Relação entre significantes icônicos e conotações de segundo nível na notícia do jornal O Globo

Significantes icônicos	Significados 1º nível	Conotações de 2º nível
Mulheres	Prostitutas	“Moradoras de rua”
Comércio	Obstrução	Prejuízo

Na imagem destacam-se os significantes icônicos mulheres e comércio. As mulheres não são chamadas de prostitutas, mas o uso do termo prostituição pelo jornal na legenda, assim como no corpo da notícia, contribui para a associação. A imagem por si só não prova a prostituição, mas o jornal espera que os elementos como mulheres sozinhas à noite e com roupas curtas convençam o leitor. Segundo significado, o comércio é compreendido pelas portas dos estabelecimentos que aparecem na imagem. As portas estão fechadas como a fachada não especifica o tipo de comércio o leitor que não conhece a região pode não conseguir inferir se deveriam estar abertas ou fechadas nesse horário. Assim, o leitor pode ser induzido a achar que de fato a presença das pessoas em situação de rua mais as ações criminosas estão prejudicando o comércio, afastando os clientes e dando prejuízo.

A terceira imagem está localizada abaixo da figura 9 e 10, e ao lado da figura 12. Ao contrário das duas primeiras está na vertical as linhas verticais transmitem uma sensação de poder e força a partir do olhar da igreja, o que significa dizer que aquele que olha é entendido como superior sobre aquele que é olhado, no caso o que está fora da igreja.

A imagem mostra a porta da Catedral de dentro para fora uma mulher entra e do lado de fora, em segundo plano, pessoas estão sentadas na escadaria, mas a distância impossibilita afirmar que não se trata de pessoas em situação de rua.



Figura 12 - Imagem da notícia O endereço certo do medo

Aplicando a classificação dos significantes plásticos obtemos a separação dos diferentes elementos nos seus significados.

Quadro 24 - Relação significante e significado na notícia do jornal O Globo

Significantes plásticos	Significados da imagem
Moldura	Presente
Enquadramento	Fechado: proximidade
Ângulo de tomada	Normal
Escolha da objetiva	Distância focal: curta
Composição	Vertical: sentido de força
Formas	Rígida
Dimensões	9,15 cm L x 12,62 cm A
Cores	Predominam cores frias
Iluminação	Dura
Textura	Lisa: visual

A moldura que delimita a visão e o enquadramento fechado contribui para a visão de superioridade sugerida pela imagem, não mostram o que está dentro da igreja, mas indicam o que não deveria entrar. Apesar da superioridade sugerida o ângulo de tomada é normal. E a distância focal é curta. Ao contrário das duas primeiras imagens essa retrata uma cena que se passa de dia, assim na maior parte da imagem (o que está dentro da igreja) predominam cores frias e uma iluminação dura, mas na parte de fora a iluminação ocorre a partir da luz do dia.

Quadro 25 - Relação entre significantes icônicos e conotações de segundo nível na notícia do jornal O Globo

Significantes icônicos	Significados 1º nível	Conotações de 2º nível
Igreja	Sagrada	Respeito/desrespeito
Mulher	Frequentadora	Fiel
Árvores	Natureza	Praça

Os três significantes icônicos presentes na imagem são: a igreja, a mulher e as árvores do lado de fora. A igreja é um significante sagrado e que merece respeito, algo

sugerido pelo texto e pela imagem. A mulher é uma fiel, uma frequentadora da igreja. O terceiro significante, as árvores, são elementos da natureza e indicam que a praça está próxima. A mensagem linguística (Oração. Fiel chega à Catedral de São João Batista) contribui para a interpretação dos significantes icônicos.

A quarta imagem da notícia está à esquerda da terceira as duas têm a mesma dimensão o que parece reforçar a interpretação de que o problema social da situação de rua não tem tanta importância para o jornal como o incômodo causado pela presença de usuários e a prostituição. A figura 12, ao contrário das outras três, é a única que tem elementos fortes para justificar que essas pessoas estão em situação de rua, pois estão deitadas sobre degraus, o que indica que dormem na rua, e usam para isso panos e papelão. A mensagem linguística (Moradores de rua dormem na praça de dia) reforça essa interpretação. Na figura aparecem um homem e uma mulher juntos, não é possível dizer qual o sexo da terceira pessoa.



Figura 13 - Imagem da notícia O endereço certo do medo

Aplicando a classificação dos significantes plásticos nos termos de Joly (2007) obtemos a separação dos diferentes elementos nos seus significados.

Quadro 26 - Relação significante e significado na notícia do jornal O Globo

Significantes plásticos	Significados da imagem
Moldura	Presente
Enquadramento	Médio
Ângulo de tomada	Normal
Escolha da objetiva	Distância focal: longa
Composição	Vertical: sentido de força
Formas	Rígida
Dimensões	9,15 cm L x 12,62 cm A
Cores	Predominam cores quentes
Iluminação	Dura
Textura	Lisa: visual

A moldura e o enquadramento médio indicam que o foco são as pessoas e não a praça. A composição vertical e a dimensão da imagem (9,15 cm L x 12,62 cm A) indicam

que o que tem ao redor não é relevante para o jornal mostrar, o que pode indicar que o que é cortado poderia contradizer o jornal. O ângulo de tomada é normal, a distância focal é longa, a composição vertical e as formas rígidas. Assim como a terceira imagem a iluminação é dura e o tempo é de dia. Além disso, ocorre a predominância de cores quentes remetem ao ócio, já que eles estão deitados de dia.

Quadro 27 - Relação entre significantes icônicos e conotações de segundo nível na notícia do jornal O Globo

Significantes icônicos	Significados 1º nível	Conotações de 2º nível
Pessoas	“Moradores de rua”	Ócio
Papelão/pano	Dormir	Situação de rua
Árvores	Natureza	Praça

Os três significantes icônicos da quarta imagem são: pessoas, papelão e árvores. As pessoas pela posição (deitadas) sugerem que são “moradores de rua”, além de sugerir o ócio, algo também apontado pelo horário e a iluminação da luz do dia. O papelão e o pano usado por essas pessoas podem significar que elas dormem no local e por isso são pessoas em situação de rua. As árvores remetem à natureza presente na praça.

4.4.6 Análise da notícia Mulher constrói barraco de papelão em pleno coração financeiro da cidade do Rio

A notícia publicada no jornal O Globo, no dia 3 de abril de 2015, relata que uma mulher em situação de rua, Shirley, construiu um “barraco” de papelão e um banheiro improvisado, no centro da cidade do Rio de Janeiro, o que é enxergado como estranho para o jornal, pois o espaço é considerado nobre.

4.4.6.1 Organização discursiva

Ao analisar a organização narrativa entendemos que há apenas uma narrativa. No estado inicial ocorre a identificação do espaço e presença da mulher em situação de rua no centro do Rio de Janeiro. O estado de atualização é o incômodo causado pela mulher, assim como a reclamação da advogada Mônica Szerman e a posição da Secretaria Municipal de Assistência Social de comunicar que agentes iriam até o local onde a mulher está. No estado final somos apresentados à voz de Shirley e o posicionamento dos guardas e policiais ao se recusarem a retirar a mulher alegando que essa é tarefa não seria deles.

O espaço é fechado sem deslocamentos, pois a narrativa ocorre sempre no centro do Rio de Janeiro.

Os actantes ativos são: a advogada Mônica Szerman, os comerciantes e as pessoas que passam pelo local e reclamam da presença de Shirley e do “barraco”; Shirley, porque ela constrói o “barraco” e incomoda com suas ações de reformar e cuidar do espaço ocupado; por fim a prefeitura, que orientou uma solicitação por telefone.

Os actantes passivos, segundo indicação da notícia, são os guardas municipais e policiais. Ao contrário do que acontece com os demais, a mulher em situação de rua “não lhes chamava a atenção” e por não a retirarem os guardas são vistos como passivos.

A cronologia ocorre contínua em progressão, porque é linear. Os procedimentos ligados à localização espaço-temporal estão na maior parte no passado. O espaço é aberto sem deslocamentos.

Percebemos que a notícia apresenta uma dimensão argumentativa porque o jornal se posiciona sobretudo nos comentários presentes na notícia. O próprio título do texto inicia chamando a atenção para o espaço ocupado pela mulher em situação de rua “em pleno coração financeiro da cidade do Rio”, estranheza complementada pelos trechos:

(106) “A Igreja da Candelária, um dos principais monumentos religiosos do Rio, fica a alguns metros. Numa caminhada apenas de cinco minutos, chega-se a um ponto de onde se pode ver o Pão de Açúcar e a Baía de Guanabara”

(107) “O ponto nobre é, há cerca de três semanas, endereço da moradora de rua Shirley da Conceição Andrade e Silva Barros, de 36 anos. Sem qualquer repressão, ela ergueu seu barraco na esquina da Av. Presidente Vargas com a Rua Uruguaiana”.

Nos trechos destacados é possível ressaltar os comentários a respeito do local escolhido pela mulher para construir a barraca. Constatamos que recebe atenção o fato de a mulher estar em um local nobre, assim como não ser retirada do local “sem qualquer repressão”. É possível ainda analisar o incômodo nos comentários do jornal 107 e na opinião e ação dos moradores 109 e 110 sobre a presença da mulher na região, a seguir:

(108) Completando o ambiente, do lado de fora há um criado mudo com duas gavetas, uma cadeira e muito papel velho. Uma cena nada agradável para quem costuma almoçar em dois restaurantes nas imediações, agora com vista para o barraco.

(109) Ontem à tarde usando um grande rolo de pincel preso ao cabo de uma vassoura velha e um balde cheio de tinta, a mulher pintava de branco o barraco. Quem passou na hora precisou se proteger para não acabar sujando a roupa.

- (110) Comerciantes e as pessoas que passam pelo local reclamam da sujeira. A advogada Mônica Szerman fez um périplo por repartições públicas e procurou ajuda nas secretarias de assistência social do estado e do município, sem sucesso. Foi pessoalmente à prefeitura, onde obteve uma orientação kafkiana: a solicitação só poderia ser feita pelo telefone 1746.

Além destes, o jornal ainda faz crítica à falta de ação dos guardas municipais e de policiais militares, atribuindo a eles a responsabilidade de retirar a mulher:

- (111) A construção, a sujeira no local e a movimentação da moradora de rua naquele trecho de calçada chamavam a atenção de todos. Menos de um grupo de guardas municipais e de policiais militares que observavam tudo de longe.

O termo usado para se referir à mulher é “moradora de rua”, a terminologia mais utilizada pela mídia atualmente. Segundo Rosa (2005), essa expressão passou a ser usada na década de 1960. A utilização do termo remete à naturalização do problema social, pois nomeia a rua como moradia. Contudo, esse espaço não é adequado para as pessoas residirem, logo constrói uma representação do problema como comum, natural, como se não houvesse solução. O que também funciona como uma forma de legitimação do problema. O termo recomendado, inclusive usado em documentos oficiais do governo, é situação de rua, porque indica o caráter transitório do problema.

Ao analisar a organização enunciativa nessa notícia, identificamos e analisamos a presença de alguns discursos relatados, como os de Mônica Szerman (advogada), da Secretaria Municipal de Assistência Social, da comerciária (sem identificação pessoal), do chefe (representante) de um grupo de guardas municipais e policiais militares e de Shirley da Conceição Andrade e Silva Barros (mulher em situação de rua).

No discurso relatado citado de Mônica o incômodo fica ainda mais evidente, pois ela faz referência ao mal cheiro:

- (112) “Seria ótimo se atendessem, diz Mônica. “A situação é muito precária. O local está cheirando mal demais”.

Assim, percebemos que a mulher está preocupada com a situação do local, a “sujeira” e o mau cheiro e não com a mulher em situação de rua, o que remete a um discurso de higienização social. Reforçado pelo discurso relatado citado:

- (113) “É muito desagradável. Outro dia passei por ela e a mulher não gostou. Eu fiquei olhando, ela xingou. Tem dia que ela consegue sabão em pó e lava a calçada. Ninguém pode chegar perto”, afirma uma comerciária.

A voz do poder público também aparece: ele se pronuncia, mas pouco faz ao apresentar apenas um discurso assistencialista, por discurso relatado narrativizado:

(114) Por nota, a Secretaria municipal de Assistência Social disse que agentes iriam ao local na noite desta sexta-feira, mas — sem se referirem ao barraco na rua — alegou que o recolhimento é voluntário.

O jornal a cada voz e a cada construção demonstra que considera um absurdo a mulher estar naquele local e ninguém fazer nada. A preocupação, no entanto, é exclusivamente com a imagem do espaço. Desse modo, o jornal também tem um discurso de higienização. Ao analisar a voz da mulher em situação de rua nota-se que o jornal abriu espaço para que ela se defendesse, mas não deixa de “expor” o incômodo causado, como no discurso relatado citado 115 e 117:

(115) “Estou aqui há cerca de um mês. Arrumo tudo, sou limpa”, garante Shirley.

(116) Na tarde desta sexta-feira, usando um grande rolo de pincel preso ao cabo de uma vassoura velha e um balde cheio de tinta, a mulher pintava de branco o barraco. Quem passou na hora precisou se proteger para não acabar sujando a roupa.

(117) “Está gostando? Vou pintar tudo de branco”, diz Shirley.

É possível ainda analisar a representação da mulher em situação de rua como mãe, a seguir no discurso relatado narrativizado (118):

(118) Shirley conta uma história longa de como foi parar ali. Carioca nascida no subúrbio do Rio, foi morar no Piauí quando casou, há 20 anos. Lá, teve três filhos. Em março do ano passado, abandonou tudo e voltou para o Rio, solteira. Foi morar no Santo Cristo, onde alugou um quarto por R\$ 350. Trabalhava como vendedora de biscoitos, mas, sem conseguir pagar o aluguel, foi parar na rua.

Contudo, a representação como mãe recebe uma conotação negativa, isso porque a escolha lexical utilizada é “abandonou tudo”, que indica uma ação deliberada de rejeição, renúncia ou desprezo a algo, atitude chocante, quando se refere a uma mulher que deixa para trás um casamento de vinte anos e três filhos. Mesmo dando voz à mulher em situação de rua, o jornal omite a razão de ela ter abandonado tudo. Destaca-se também na voz da mulher o motivo para estar na rua: renda suficiente para pagar aluguel. Dar voz à personagem pode ser considerado um ponto positivo na forma como o jornal apresenta a mulher o que pode influenciar na visão do leitor sobre a mulher.

Em outro momento a representação de Shirley funciona como argumento para tentar mostrar que ela não deve permanecer no local e é parcialmente responsável por estar na rua, já que antes de “abandonar tudo” tinha família e casa.

Outra voz que aparece é a de um representante de policiais e guardas municipais. Essa voz contribui para a interpretação do poder público como omissivo:

(119) “Não é nossa atribuição”, disse o chefe do grupo, sem se identificar.

O problema social não é discutido. O jornal e as vozes cobram do poder público uma atitude para tirar a mulher e “limpar” o espaço, mas não citam formas de contribuir para ela deixar de estar em situação de rua, como através de capacitação profissional e um emprego. Nessa notícia também estão ausentes vozes de assistentes sociais que lidam com essas pessoas e têm conhecimento sobre o problema social.

Ao analisar a organização descritiva percebemos que a mulher em situação de rua tem a identidade especificada ao ser nomeada com nome, sobrenome e idade: Shirley da Conceição Andrade e Silva Barros, de 36 anos. Além disso, é classificada como moradora de rua, localizada na esquina da Av. Presidente Vargas com a Rua Uruguaiana. O local é nomeado de “barraco”, “residência improvisada” e “casa”, mas pelos comentários do texto fica claro que é considerada pelo jornal como inadequado.

Contudo, o jornal não se limita a nomear e qualificar, ele faz uma descrição detalhada do ambiente, a seguir:

(120) A casa improvisada [...] foi erguida com restos de papelão, madeira e compensado. Um pouco afastado do cômodo principal, próximo à pilastra de concreto do prédio de uma grande agência bancária, fica o banheiro. Pequeno, cercado de papelão. Dentro, num varal, há roupas íntimas penduradas. [...] Completando o ambiente, do lado de fora há um criado mudo com duas gavetas, uma cadeira e muito papel velho. Uma cena nada agradável para quem costuma almoçar em dois restaurantes nas imediações, agora com vista para o barraco.

Torna-se relevante o destaque dessa descrição porque ela indica que o texto supervaloriza a preservação do espaço em detrimento do problema social.

As pessoas incomodadas com a presença das pessoas em situação de rua são nomeadas como “comerciantes”, “pessoas que passam pelo local” e “todos”. Logo são identificados de forma genérica. É feita a identificação específica de Mônica Szerman, qualificada como advogada o que parece dar legitimidade à sua fala. Ainda são identificadas a prefeitura, e as secretarias de assistência social do estado e do município.

4.4.6.2 Análise da imagem

A figura analisada está localizada no centro da notícia. Na representação visual vê-se “o barraco” construído pela mulher em situação de rua onde é possível observar o espaço ocupado, Shirley, seus pertences, o portão, a calçada. Na imagem Shirley parece fazer uma das ações descritas na notícia, ela pinta o “barraco” de branco.



Figura 14 - Imagem da notícia Mulher constrói barraco de papelão em pleno centro financeiro da cidade do Rio

Aplicando a classificação dos significantes plásticos nos termos de Joly (2007) obtemos a separação dos diferentes elementos nos seus significados.

Quadro 28 - Relação significante e significado na notícia do jornal O Globo

Significantes plásticos	Significados da imagem
Moldura	Presente
Enquadramento	Aberto: afastamento
Ângulo de tomada	Picado
Escolha da objetiva	Distância focal: longa
Composição	Horizontal: sentido de amplidão
Formas	Rígida
Dimensões	18,49 cm L x 11,11 cm A
Cores	Predominam cores frias
Iluminação	Suave
Textura	Lisa: visual

Ao analisar a mensagem plástica da imagem percebemos que há uma moldura delimitando o espaço onde está a pessoa em situação de rua. A imagem é delimitada pela escolha (visão) do fotógrafo. O espaço ocupado e a ação da mulher recebem o foco. O enquadramento aberto, a longa distância entre o fotógrafo e o ângulo de tomada picado (de cima para baixo) podem ser interpretados como um olhar curioso sobre a presença de Shirley.

Quadro 29 - Relação entre significantes icônicos e conotações de segundo nível na notícia do jornal O Globo

Significantes icônicos	Significados 1º nível	Conotações de 2º nível
“Moradora de rua”	Obstáculo	Incômodo
Parede	Banco	Riqueza
Grades	Portão	Segurança
Pertences da mulher	Lixo	Sujeira
“Barraco”	Sujeira	Enfeia
Pedestres	Movimento	Rua

A mensagem icônica é composta pelos significantes “moradora de rua”, “parede”, “grades”, “pertences da mulher”, “barraco” e “pedestres”. Os pertences da mulher e a sua presença são elementos que, segundo o jornal, sujam e enfeiam o espaço e geram o incômodo e obstrução do espaço da mulher no centro do Rio de Janeiro. As grades formam o portão para segurança das pessoas e dos objetos que estão dentro do local. Assim, a mulher em situação de rua é vista como um ser que representa uma ameaça. Contudo, para a mulher o “barraco” e os seus pertences lhe oferecem um certo “conforto” e evitam que ela fique totalmente exposta na rua.

A mensagem linguística da figura é “A moradora de rua Shirley da Conceição pintou o barraco de papelão”. A mensagem é uma “informação” dada no corpo da notícia e conta a ação que está sendo mostrada na imagem.

4.4.7 Análise da notícia Prefeitura derruba barraco de papelão no Centro

A notícia foi publicada no dia 04 de abril de 2015 no jornal O Globo. Ela está relacionada à notícia anterior, por isso tem textos em comum, mas acrescenta a ação de derrubada do “barraco” praticada pela prefeitura. A notícia relata que uma mulher em situação de rua, Shirley da Conceição Andrade e Silva Barros de 36 anos, no centro do Rio de Janeiro, teve o seu “barraco” derrubado por representantes da prefeitura. A mulher não gostou e reclamou da ação, inclusive recusou-se a ir para um abrigo, mas com a intervenção da Secretaria de Assistência Social, Shirley aceitou ir para o Centro de Acolhimento Stella Maris. Entretanto, a preocupação maior da notícia e da prefeitura é com o espaço ocupado por Shirley, pois fica no centro da cidade, onde há comércio e um grande movimento de pessoas.

4.4.7.1 Organização discursiva

A notícia apresenta duas narrativas: a primeira é sobre a ação dos agentes da prefeitura. Esta tem por estado inicial a construção do “barraco” pela mulher, como estado de atualização a derrubada do “barraco” pela prefeitura e como estado final o “recolhimento” da mulher ao aceitar ser levada pelos assistentes sociais a um abrigo. A segunda narrativa é sobre a trajetória de vida da mulher até estar em situação de rua, trajetória que é qualificada pela narradora como “história longa”, algo que pode ser interpretado como uma história sofrida, que justificaria a situação, segundo o ponto de vista da narradora. O estado inicial acontece quando se relata onde a personagem nasceu (Rio de Janeiro), com que idade e porque foi morar em outro estado (Piauí), o tempo que esteve na cidade, o casamento e os três filhos que tem. O estado de atualização é a sua volta para o Rio de Janeiro, com o trabalho de vendedora de biscoitos, com o qual pagava aluguel de um quarto e o estado final é a sua ida para as ruas, causada pela impossibilidade de pagar o aluguel. A narração do percurso da mulher e os espaços pelos quais passou permite que se identifiquem motivações diferentes para ela estar nas ruas, mostrando que essas não se restringem à falta de vontade de trabalhar ou vícios, que são motivos apontados pelo senso comum para as mulheres irem para as ruas.

Um ponto que se destaca é a posição dos actantes que agem: a prefeitura e os agentes da Seop. Estes são malfeitores para a mulher em situação de rua e benfeitores para os comerciantes e pessoas que passam pela área. Os actantes benfeitores, segundo a colocação do jornal, para a mulher são os agentes sociais, como podemos observar no relato “eles encontram Shirley vagando pelo Centro e a recolheram”, “A mulher foi levada para o Centro de Acolhimento Stella Maris, na Ilha do Governador”. A mulher é uma actante que age, pois se recusa a sair, de certa forma é uma postura de confronto, mas suas ações incomodam, como percebemos em “Reclamações sobre sujeira” e “comerciantes e pessoas que passam pela área”

A cronologia das duas narrativas é contínua em progressão, mas como a primeira narrativa corresponde a um fato mais recente, enquanto a segunda corresponde a um fato mais antigo, a cronologia da notícia é contínua em inversão. A situação está no passado, porque o fato já aconteceu e a localização é aberta com deslocamentos, pois os cenários da narrativa mudam, vão do centro da cidade, onde está o barraco, até o abrigo.

A jornalista conta as duas narrativas comentando. Dessa forma, existe uma dimensão argumentativa que se faz presente em comentários onde a narradora evidencia a sua opinião sobre o fato narrado, como no subtítulo e primeiro parágrafo:

(121) “Sem qualquer repressão, moradora de rua tinha erguido sua ‘casa’ três semanas atrás”.

O fato de não ocorrer nenhuma ação contra a estadia da mulher naquele espaço gera um comentário que evidencia um aparente descontentamento com o fato da “moradora de rua” ter construído uma casa sem qualquer resistência.

O uso do operador “até” em “E até já havia pintado a ‘casa’ de branco”, indica espanto diante da presença, não impedida, da mulher que além de construir um “barraco de papelão” o pintou. O fato de já ter pintado o barraco poderia indicar que a mulher tinha a intenção de fixar-se no lugar.

Os comentários também servem como forma de (des)qualificar a mulher em situação de rua:

(122) “Durante a ação, que não foi acompanhada por assistentes sociais da prefeitura, Shirley ficou descontrolada”.

A narração do fato é acompanhada de uma crítica/julgamento à ausência de assistentes sociais no momento da ação dos agentes da Seop.

Mais um momento em que o narrador expressa seu ponto de vista é na expressão “abandonou tudo”, que compõe a descrição do espaço que a mulher ocupa. O fato é descrito sem qualquer referência às causas dessa atitude. O “tudo” se refere ao marido e aos filhos e o verbo abandonar acentua uma avaliação negativa, de que a mulher teria deixado voluntariamente a família, criando uma representação de uma mãe ruim.

A possível reação de quem acompanhava a ação é comentada:

(123) “Uma cena nada agradável para quem costuma almoçar em dois restaurantes nas imediações”.

A qualificação da “cena” é como desagradável. A preocupação é com a reação que a retirada da mulher pode gerar e não com a situação vivida por ela. O status garantido por um ambiente sem a sua presença, limpo e agradável, é o que se espera de uma região como o centro que abriga empresas importantes.

Os discursos relatados, procedimentos delocutivos do modo de organização enunciativo, contribuem para acentuar o posicionamento do jornal a se manifestar na notícia e é responsável por exercer uma influência sobre o leitor. Através desses procedimentos o narrador acentua os pontos negativos da presença da mulher naquele espaço, como o incômodo causado e o seu comportamento agressivo por meio de discurso relatado narrativizado:

(124) “Comerciantes e pessoas que passam pela área vinham reclamando da sujeira deixada pela mulher”

(125) “De acordo com os agentes, ela não quis ir para qualquer abrigo. A equipe chegou a chamar o Corpo de Bombeiros para tentar acalmar a moradora de rua”.

Os discursos relatados são usados também para mostrar a ação dos órgãos públicos que tomam providências, como no trecho destacado a seguir, por meio de discurso relatado narrativizado:

(126) Anteontem, a Secretaria municipal de Desenvolvimento Social havia informado que agentes iriam ao local à noite. Mas, sem se referir ao barraco na rua, o órgão alegou que o recolhimento só pode ser feito se o morador de rua aceitar. Na sexta-feira, a prefeitura informou que assistentes sociais estiveram no lugar, logo após a ação da Seop. Segundo a assessoria, eles encontram Shirley vagando pelo Centro e a recolheram. A mulher foi levada para o Centro de Acolhimento Stella Maris, na Ilha do Governador.

Por meio dos procedimentos descritivos a mulher em situação de rua é nomeada tanto por identificação específica “Shirley da Conceição e Silva Barros” quanto por identificação genérica “moradora de rua”, que também pode ser entendida como uma qualificação. A sua localização no espaço e no tempo são descritas pelo jornal: “três semanas”; “em pleno coração financeiro do Centro”, “Avenida Presidente Vargas, na calçada da via, na esquina com a Rua Uruguaiana”. O detalhamento dessa localização acentua o incômodo que aquela presença poderia causar naquele espaço, pois descreve-se um espaço muito conhecido no Rio, que os cariocas facilmente reconhecem como sendo movimentado. O jornal também nomeia o lugar onde a mulher vive “barraco de papelão” e “casa”. Ao colocar a palavra “casa” entre aspas, evidencia que não considera o que a mulher construiu verdadeiramente uma casa.

Outro espaço nomeado é o lugar para o qual encaminharam a mulher. Quando se narra a ação dos agentes, esse espaço é denominado “abrigo” e quando se narra a ação das assistentes sociais, esse espaço é denominado “Centro de Acolhimento Stella Maris”.

É como se o narrador adotasse o ponto de vista dos personagens envolvidos na ação sobre o espaço citado. Nos dois casos, são visões positivas do espaço.

Com exceção da mulher em situação de rua, as demais nomeações são por identificação genérica “assistentes sociais”, “agentes”, “a equipe”, “Secretária Municipal de Desenvolvimento Social”, “prefeitura”, “Assessoria”, “Agentes da Secretaria Especial de Ordem Pública da Prefeitura (Seop) ”.

4.4.7.2 Análise da Imagem

A figura analisada está localizada à direita da notícia e no centro da página, com as dimensões 18,19 cm de largura e 11,11 cm de altura. Na representação visual da ação da prefeitura para retirar o barraco construído pela mulher em situação de rua é possível ver o espaço ocupado, os pertences de Shirley, o portão, a calçada e a abordagem dos homens que são maiores e mais fortes que ela. A imagem ainda remete a ameaça da mulher aos agentes da prefeitura, ao lhes apontar o dedo.



Figura 15 - Imagem da notícia Prefeitura derruba barraco de papelão no Centro

Aplicando a classificação dos significantes plásticos nos termos de Joly (2007) obtemos a separação dos diferentes elementos nos seus significados.

Quadro 30 - Relação significante e significado na notícia do jornal O Globo

Significantes plásticos	Significados da imagem
Moldura	Presente
Enquadramento	Aberto: afastamento
Ângulo de tomada	Normal
Escolha da objetiva	Distância focal: longa
Composição	Horizontal: sentido de amplidão
Formas	Rígida
Dimensões	18,49 cm L x 11,11 cm A
Cores	Predominam cores frias
Iluminação	Dura
Textura	Lisa: visual

Ao analisar a mensagem plástica da imagem percebemos que há uma moldura delimitando o espaço onde está a pessoa em situação de rua, contudo ela é delimitada pela escolha (visão) do fotógrafo. A reação da mulher recebe o foco. O enquadramento aberto, a longa distância entre o fotógrafo e as pessoas pode ser interpretado como uma ameaça atribuída às pessoas em situação de rua. As cores e a iluminação contribuem para reforçar essa visão, cores frias e uma eliminação dura e escura mesmo de dia. O ângulo de tomada é normal, a distância focal é longa, a composição é horizontal e as formas rígidas.

Quadro 31 - Relação entre significantes icônicos e conotações de segundo nível na notícia do jornal O Globo

Significantes icônicos	Significados 1º nível	Conotações de 2º nível
Agentes da Seop	Autoridade presente	Força física/providências
“Moradora de rua”	Ameaça? Obstáculo	Incômodo
Parede	Banco	Riqueza
Grades	Portão	Segurança
Pertences da mulher	Lixo	Sujeira

A mensagem icônica é composta pelos significantes agentes da Seop, “moradora de rua”, parede, grades e pertences da mulher. Os agentes da Seop podem ser interpretados como a presença e ação de autoridades, contudo são homens mais altos e fortes do que a mulher. Essa presença está ligada a uma força física (necessária para carregar os objetos), mas também simbólica (que intimida a mulher). Além disso, enquanto a mulher está sozinha, os agentes são dois. Essa imagem de força contrasta com a imagem de fragilidade da mulher que, embora esteja em posição de ameaça aos homens, encontra-se em evidente desvantagem em relação a eles. Tal imagem reforça uma imagem de agressividade da mulher. Os objetos na caixa são os pertences da mulher, elementos que sujam e enfeiam o espaço e a parede pintada de branco mostram a ação, o incômodo e obstrução do espaço da mulher no centro do Rio de Janeiro. As grades formam o portão para segurança das pessoas e dos objetos que estão dentro do local, assim a mulher em situação de rua é vista como um ser que representa uma ameaça.

A legenda da figura diz “Shirley discute com agentes da Seop que recolheram o barraco que ela montou na Presidente Vargas”. O conteúdo linguístico tem duas mensagens: Shirley discutiu com os agentes e os agentes recolheram o barraco que ela montou. Ao colocar Shirley na posição de tópico enfatiza-se o seu papel como agente responsável por uma agressão, porém, a atitude dos agentes da Seop não é retratada como agressiva, uma vez que eles apenas “recolhem” o barraco. Além da legenda, na camisa de um agente está escrito “ordem pública”, indicando não só o órgão para o qual ele trabalha,

mas também a ideia de que estão ali para retirar o que ameaça, para eles, a ordem pública, no caso, a mulher em situação de rua.

4.5 Jornal O Dia

4.5.1 Análise da notícia Trio acusado de agredir moradora de rua no Leblon

Esta notícia foi publicada no jornal O Dia em 10 de fevereiro de 2012. Ela relata que três homens agrediram uma mulher em situação de rua porque ela teria quebrado o retrovisor do carro de um deles. A mulher nega a acusação. Existem indícios de que ela fala a verdade, mas mesmo assim os homens não são presos.

4.5.1.1 Organização discursiva

A notícia apresenta uma narrativa que se refere ao acontecimento principal que é a agressão à mulher em situação de rua, contudo no segundo parágrafo há uma interrupção da linearidade narrativa. O jornal faz referência a outro acontecimento relacionado a um “universitário” que tentou proteger um homem em situação de rua e como consequência foi espancado. O estado inicial, de atualização e final é relatado de maneira linear, e o tempo é o presente “Na madrugada de ontem”, mas remete a uma situação passada. O espaço é aberto com deslocamentos, ou seja, a narrativa não se passa apenas em um espaço.

Dessa maneira, entendemos que o estado inicial se passa “na madrugada de ontem no Leblon” e/ou “a noite em boate e pizzaria no bairro da Zona Sul carioca”. O estado de atualização é o relato da mulher em situação de rua agredida que foi do Leblon para o Instituto Médico-Legal (IML) e depois foi encaminhada a um hospital para avaliação médica; no estado durante também está o argumento dos homens que se defendem da acusação. Observamos que nesse momento “o trio” muda de espaço:

(127) “na delegacia ficou boa parte do tempo escondido num banheiro e numa saleta, foi autuado por lesão corporal e depois foi liberado”.

O estado final relata a consequência do ato dos homens:

(128) “os acusados assinaram compromisso de se apresentar quando solicitados na delegacia e na Justiça”.

Dos personagens que compõem a narrativa, os agressores são actantes que agem juntos para machucar a mulher, portanto actantes aliados, ativos e malfeitores. A mulher é acusada de ser uma actante ativa, mas é comprovado, por meio de testemunha, que ela é uma actante passiva, pois sofre agressão, sendo a vítima. O quarto homem, amigo dos agressores, foi ouvido como testemunha e segundo a Polícia e relato da mulher é um actante ativo benfeitor, pois tentou evitar a agressão.

Por meio de comentários que permeiam a narrativa é possível compreender a posição/opinião do jornal sobre o acontecimento a partir da dimensão argumentativa, a começar pelo título, com a nomeação dos homens de “acusados”, evidenciando que não existe uma comprovação do fato e colocando em dúvida a ação dos homens. O jornal deixa claro no uso do verbo “acusou” que quem responsabiliza os homens é a mulher em situação de rua e não o jornal:

(129) Paula “acusou o médico Carlos Alberto Jorge Rodrigues Júnior, 31; o jornalista Rogério Menezes Estrela, 25; e o vendedor Tiago Luiz Tostes das Neves, 28, de serem os agressores”.

No uso do termo “porque” em:

(130) “Para polícia, vítima levou socos, tapas e chutes porque jovens acharam que ela quebrou retrovisor do carro de um deles”

A relação lógica estabelecida na linguagem é uma explicação pragmática com valor de causalidade. Entretanto, percebemos que a causa alegada é fútil, pois não justifica agressão. Outra vez o jornal usa um termo, “acharam”, que remete a dúvida, mas dessa vez não do acontecimento, mas da sua causa. A dúvida continua no uso do verbo “desconfiou”:

(131) “o trio desconfiou que Paula Jorgina Ferreira Lima, 27 anos, havia quebrado o espelho retrovisor do Honda Civic de um deles”.

Ao enfatizar o emocional de Paula Jorgina “assustada” o jornal utiliza um comentário com intuito de gerar efeito patêmico para enfatizar e atribuir à mulher em situação de rua o papel de vítima.

A certeza está nos relatos, componentes da organização enunciativa, dos acusados que se defendem e acusam, da mulher que acusa e da polícia. As vozes presentes são: a polícia, o quarto rapaz “Sandro José Augusto Campos”, a mulher em situação de rua Paula Jorgina e um dos acusados de agressão Tiago Luiz.

Os discursos relatados funcionam como uma forma de tentar convencer o leitor de uma objetividade. Por meio dos discursos citados 132 e 133 e do discurso narrativizado 133 os leitores são apresentados à versão da vítima e do acusado:

(132) “Estou com dores no corpo, na cabeça, pois os três me bateram muito, me xingaram e disseram que eu quebrei o espelho”, afirmou Paula,

(133) Tiago Luiz rebateu: “As câmeras vão provar que não agredimos ninguém. Esses oportunistas querem aparecer”.

(134) Assustada, Paula Jorgina contou que levou socos, tapas e chutes. E acusou o médico Carlos Alberto Jorge Rodrigues Júnior, 31; o jornalista Rogério Menezes Estrela, 25; e o vendedor Tiago Luiz Tostes das Neves, 28, de serem os agressores. Ela afirmou que o autônomo Sandro José Augusto Campos, 25, ouvido como testemunha, chegou a tentar evitar que os amigos a agredissem:

Além destes há os discursos relatados que funcionam como argumento de autoridade, por meio de discurso narrativizado 135, 136 e 137:

(135) Para a polícia, vítima levou socos, tapas e chutes porque jovens acharam que ela quebrou retrovisor do carro de um deles

(136) Segundo policiais da 14ª DP (Leblon), o trio desconfiou que Paula Jorgina Ferreira Lima, 27 anos, havia quebrado o espelho retrovisor do Honda Civic de um deles.

(137) Um quarto rapaz, que foi inocentado do crime na delegacia, explicou que eles tinham passado a noite em boate e pizzaria no bairro da Zona Sul carioca.

Ao analisar e comparar os discursos relatados percebemos que eles se posicionam de forma a colocar a mulher vítima da situação e a julgar os agressores. O próprio uso de termos como “o trio” pode gerar a interpretação de que formam uma quadrilha, assim como o fato de se citar a marca do carro “Honda” funciona como uma forma de relacionar a postura dos homens com o fato de serem da classe-média.

Apenas a partir do título Acusado se defende tratam o acontecimento como um fato verídico/real, porque citam uma testemunha: “O segurança de um estabelecimento comercial que presenciou o crime será chamado para prestar depoimentos”. A posição dessa informação no texto, no segundo parágrafo a partir do título Acusado se defende e quinto parágrafo se considerarmos o título principal, nos leva a questionar o porquê dessa hierarquização de informação, ela poderia estar no título principal ou lead.

A organização descritiva contribui para a dimensão argumentativa do texto porque identifica para o leitor os envolvidos no acontecimento. Os acusados são nomeados e

qualificados como “jovens” e não como criminosos ou homens, como se a juventude justificasse a ação, mesmo o texto qualificando a ação como crime: “Três jovens são acusados”, “espancado por cinco jovens” e “Um quarto rapaz, que foi inocentado do crime na delegacia”.

A identificação é feita de forma específica citando nome, idade e profissão: médico Carlos Alberto Jorge Rodrigues Júnior, 31; o jornalista Rogério Menezes Estrela, 25; e o vendedor Tiago Luiz Tostes das Neves, 28, qualificados como agressores; e autônomo Sandro José Augusto Campos, 25, qualificado como testemunha. A descrição da profissão de cada um dos envolvidos funciona como uma qualificação positiva dessas pessoas.

Além da juventude, outros elementos parecem ser usados para o jornal se posicionar no texto. O uso de termos que sugerem uma boa condição financeira, como o já citado “Honda Civic” indica uma posição crítica aos homens como “playboys” ou “riquinhos”, qualificações associadas a comportamentos como brigas/agressões atribuídas à falta de respeito, à arrogância e ao pensamento de achar-se superior aos demais pela condição financeira. Outro termo usado “noitada”, remete a exagero, a uma noite de diversão em balada, uma ação geralmente associada a “filhinhos de papai” e que pode sugerir que os envolvidos tenham ingerido bebida alcoólica.

A mulher em situação de rua é identificada de forma específica: Paula Jorgina Ferreira Lima 27 anos e é qualificada como moradora de rua. Contudo, a situação de rua não é citada ou discutida na notícia como um problema social, apenas o fato, agressão, é informado. Assim, entendemos que não foi a situação da mulher que chamou a atenção e sim a atitude de “jovens da classe-média”. Por fim, há a identificação genérica da polícia: “policiais da 14ª DP (Leblon) ”.

4.5.1.2 Análise das imagens

A primeira figura está à esquerda da página 14; nela podemos observar um dos homens acusados de agredir a mulher em situação de rua, o médico Carlos Alberto Rodrigues. A partir dela é possível inferir que um(a) repórter tenta entrevistá-lo, mas Carlos, sentado na parte de trás de um carro, se recusa a responder.

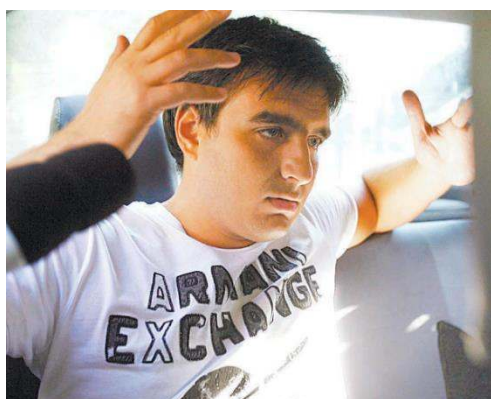


Figura 16 - Imagem da notícia Trio acusado de agredir moradora de rua no Leblon

No quadro, a seguir, pontuamos a síntese da análise das mensagens plásticas:

Quadro 32 - Relação significante e significado na notícia do jornal O Dia

Significantes plásticos	Significados da imagem
Moldura	Presente
Enquadramento	Fechado/primeiro plano
Ângulo de tomada	Normal e lado 3/4
Escolha da objetiva	Distância focal: curto
Composição	Horizontal
Formas	Rígida
Dimensões	23,6 cm L x 18,52 cm A
Cores	Cinza e branco, amarelo (luz solar)
Iluminação	Dura
Textura	Lisa: visual

A moldura e o enquadramento delimitam o foco da imagem e possibilitam a interpretação de que o homem “foge” da repórter. O seu semblante e a posição dos braços e mãos levantadas mostram também uma indignação diante da insistência do(a) repórter que levou o microfone além da janela do carro, o que sugere um certo descontrole emocional. O enquadramento é fechado no homem e ele está em primeiro plano, o que significa dizer que aparece a parte de cima do seu corpo.

O ângulo de tomada utilizado na figura 15 é a de um ângulo normal, ou seja, a cena representada ocorre à altura dos olhos do leitor e da pessoa que está na fotografia, contudo os olhos do homem estão direcionados para o lado oposto da câmera que captura a imagem.

A escolha da objetiva, que é a distância da representação da imagem e do fotografo, é curta. A composição é horizontal o que pode sugerir um sentido de amplidão da imagem. A forma rígida contribui para visualizar e compreender os significantes icônicos presentes na figura. A dimensão da figura 15 é maior do que a segunda figura, que mostra a mulher, o que sugere uma importância maior dada a quem ou o que aparece na maior, o homem. As cores não são diversas, predominam o cinza e o branco, porém a iluminação é solar e por isso tem tom de amarelo. A iluminação solar indica o tempo: dia.

Quadro 33 - Relação entre significantes icônicos e conotações de segundo nível na notícia do jornal O Dia

Significantes icônicos	Significados 1º nível	Conotações de 2º nível
Microfone	Repórter/entrevista/mídia	Repercussão
Homem	Personagem/Agressor	Culpado
Carro	Veículo	Transporte
Mãos	Negação	Indignação

No quadro 33 podemos observar os significantes icônicos, dentre eles o microfone que indica a presença de um repórter que tem por objetivo uma entrevista e representa a mídia, o que pode significar que o jornal julgou que o acontecimento poderia ser noticiado e gerar repercussão. Outros significantes presentes e que compõem o quadro de significantes icônicos são o carro, veículo que não parece ser uma viatura de polícia e indica que o homem não foi preso e sim usado como meio de transporte para deixar a delegacia. A expressão facial do homem, a posição dos seus braços e a negação a tentativa de entrevista podem contribuir para a criação da imagem de culpado.

A mensagem linguística “O médico Carlos Alberto Rodrigues teve de fazer exame de alcoolemia, pois era o condutor do Honda Civic” é construída a partir de uma relação argumentativa de causa indicada pela conjunção “pois”. As informações presentes também estão no corpo da notícia. A primeira é a profissão do homem bem como o seu nome, logo é uma descrição e a narrativa da ação praticada “teve de fazer exame de alcoolemia”.

A segunda imagem analisada tem uma dimensão menor do que a anterior e fica abaixo dela. Na imagem é possível ver a mulher em situação de rua no banco do carona ao lado de um policial sentado no banco do motorista, além deles há um homem fora do carro que aparece na janela de trás ao fundo.



Figura 17 - Imagem da notícia Trio acusado de agredir moradora de rua no Leblon

Quadro 34 - Relação significante e significado na notícia do jornal O Dia

Significantes plásticos	Significados da imagem
Moldura	Presente
Enquadramento	Fechado: proximidade
Ângulo de tomada	Normal
Escolha da objetiva	Distância focal: curta
Composição	Horizontal: sentido de amplidão
Formas	Rígida
Dimensões	12,4 cm L x 13,67 cm A
Cores	Predominam cores frias
Iluminação	Dura
Textura	Lisa: visual

Na segunda imagem a moldura delimita o foco da imagem, o enquadramento é fechado e as pessoas do banco da frente aparecem em primeiro plano, estando visível a parte de cima do corpo de ambos. O ângulo de tomada é normal, à altura dos olhos das pessoas na imagem assim como na altura dos olhos do leitor. A escolha da objetiva é curta, mas não parece indicar intimidade e sim um olhar curioso que avança o espaço para além do permitido, invadindo o espaço do carro ocupado pela mulher. Outros aspectos da mensagem plástica contribuem para dar um efeito de realidade à “cena”; a forma rígida da imagem, as cores e a iluminação podem ainda indicar o tempo em que a narrativa da imagem ocorre: dia.

Quadro 35 - Relação entre significantes icônicos e conotações de segundo nível na notícia do jornal O Dia

Significantes icônicos	Significados 1º nível	Conotações de 2º nível
Mulher	Agredida	Vítima
Policial	Autoridade	Prisão
Carro	Viatura	Prisão
Homem	Curioso	Repercussão

Outros componentes que contribuem para o efeito de verdade da imagem é a presença do significante icônico mulher e a sua expressão facial, ao levar o papel perto da boca e olhar para o lado que não o da câmara mostra desconforto ou até vergonha diante da situação contribuindo para confirmar o papel de vítima. Nessa foto o olhar de descontentamento parece partir do policial e não da mulher envolvida no acontecimento, ao contrário da imagem anterior em que o homem envolvido no acontecimento se mostra “invadido” pela mídia interessada no ocorrido. Além disso, a imagem do policial dirigindo a viatura e da mulher sentada ao seu lado pode sugerir num primeiro momento, para quem não leu a notícia toda, que ela é quem está sendo presa.

Outro elemento suscitado na imagem é a aparência de Paula Georgina, o seu corpo não é citado/narrado na notícia, mas a imagem nos mostra que o corpo não condiz com

os padrões hegemônicos de feminilidade. O que de alguma forma pode, para os agressores, justificar o crime.

Apesar do registro da imagem e da invasão do espaço, ao contrário da primeira imagem o espaço não é invadido pelo microfone que representa a mídia, como se interessasse mais o homem agressor, e não a mulher em situação de rua. O homem ao fundo, curioso para saber da situação remete ao potencial de repercussão que o acontecimento tem.

A mensagem linguística dessa imagem, “Paula Jorgina, 27 anos, que vive na rua, é levada para fazer corpo de delito”, é uma descrição por identificação específica da mulher em situação de rua agredida. Além disso, há uma narrativa porque conta que ela é levada do espaço onde vive para realizar determinada ação.

CAPÍTULO 5 – ANÁLISE INTERPRETATIVA DOS IMAGINÁRIOS SOCIODISCURSIVOS

Neste capítulo analisaremos os dados na perspectiva dos imaginários sociodiscursivos neles identificados. Antecipamos que os saberes veiculados pelas matérias analisadas parecem se resumir a dois grandes saberes de crença de revelação ligados às dimensões da criminalidade e da moralidade, que estariam pautados em moralidades hegemônicas e que se sustentam na visão conservadora dos jornais. Para analisar esse aspecto, abordamos o corpus a partir de cinco eixos, que correspondem às temáticas predominantes e que refletem a visão de moralidade à qual nos referimos. Os eixos temáticos são: violência, ocupação do espaço público, maternidade, relações afetivas e corpo. No quadro abaixo, representamos a ocorrência desses recortes temáticos:

Quadro 36 - Relação de temas com os jornais

Recortes Temáticos	Estado de Minas	O Tempo	O Dia	O Globo
Violência	X	X	X	X
Ocupação do espaço público	X	X		X
Maternidade		X		X
Relações afetivas		X		X
Corpo		X		X

Os cinco temas foram escolhidos pela frequência com que aparecem nos quatro jornais, todos os temas aparecem pelo menos em dois jornais. Esclarecemos que o tema afetividade refere-se não só a relação homem e mulher, mas também as relações de amizade com pessoas e companheirismo com animais.

Primeiramente, vamos apresentar os imaginários que se referem tanto às mulheres como aos homens, violência e ocupação do espaço público e depois temas que nas notícias são mais associadas as mulheres.

Dessa forma, indicamos em quadros a relação entre saberes e imaginários sociodiscursivos a partir das temáticas. A coluna “referência” apresenta excertos das notícias e a partir deles indicamos os saberes e os imaginários.

5.1 A violência sofrida e praticada por pessoas em situação de rua

A primeira temática abordada é a violência. Notamos que os jornais Estado de Minas, O Globo e O Dia, quando se trata da temática violência, usam mais saberes de

crença, principalmente o de saber de opinião relativa, algo esperado porque tratamos de mídia que nunca é objetiva, a descrição e análise da organização argumentativa das notícias indica o quanto o jornal se posiciona e dissemina suas opiniões. A temática está representada no gráfico a seguir:

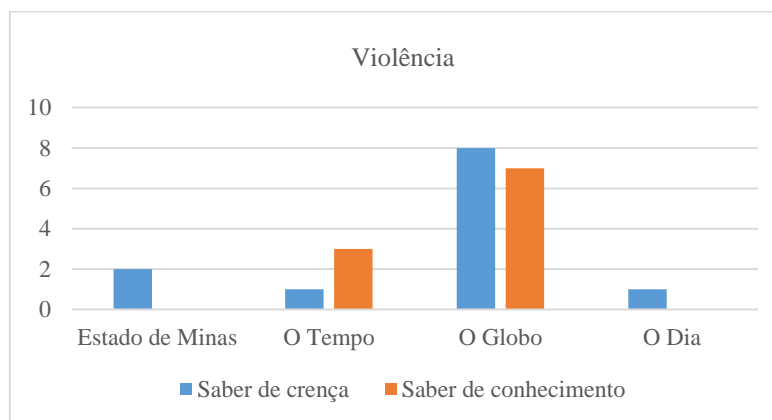


Gráfico 1 - Relação de saberes do tema violência

O gráfico nos mostra que o jornal O Tempo apresenta mais saberes de conhecimento porque as notícias têm relatos de testemunhas que viram e vivenciaram os acontecimentos, logo são pessoas que têm conhecimento da situação por meio da experiência. No jornal O Globo essa relação indica justamente o oposto, o Estado de Minas e O Dia apresentam apenas saberes de crença.

No quadro a seguir nós evidenciamos a relação entre os saberes e os imaginários encontrados:

Quadro 37 - Relação dos saberes e imaginários com o tema violência

Jornal	Referência	Saber	Imaginários
Estado de Minas	O problema é que a PM não pode agir em relação aos moradores de rua, devido à Legislação que proíbe recolher pertences pessoais deles. O que a PM e a Guarda Municipal podem fazer é combater os roubos , a prostituição e o tráfico de drogas ", disse Izac.	Crença: saber de opinião relativa.	As pessoas em situação de rua são ladras, traficantes e usuárias de drogas.
	A advogada Wilma Aparecida Aguiar conta que evita a praça quando começa a anoitecer . "Tenho muito medo. São homens de short e moças de biquíni, como se fosse praia".	Crença: saber de opinião relativa.	As pessoas em situação de rua são uma ameaça.
O Tempo	Ele tem um escritório nas proximidades do viaduto e afirma que os agentes da prefeitura levaram também roupas, comida e ameaçaram até levar a cadela de uma das mulheres que vive no local. "É muito triste porque eles não têm o que fazer. É uma	Conhecimento: saber de experiência.	As pessoas em situação de rua são vítimas de violência.

	<p>atitude autoritária com pessoas que não têm condição de se defender”, reclama o designer.</p>	Crença: saber de opinião relativa.	
	<p>Muitos moradores de rua relatam abusos, violência e espancamentos por parte de autoridades policiais.</p>	Conhecimento: saber de experiência	As pessoas em situação de rua são vítimas de violência até de autoridades.
	<p>“Pegaram minha comida e minhas cobertas. Ainda disseram que voltariam para pegar mais”. Em uma roda no cruzamento das ruas Alagoas e Inconfidentes, na Savassi, na região Centro-Sul da capital, a denúncia feita pela moradora de rua Elaine Cristina, 35, era compartilhada por outros colegas de calçada.</p>	Conhecimento: Saber de experiência	As pessoas em situação de rua são vítimas de violência.
O Globo	<p>Mas reconheço que a rua pode ser cruel, não dá para confiar nos outros. Numa dessas, fui traído por um amigo, que assaltou um gringo. Quem acabou levando a culpa fui eu, por estar descalço, carregando latinha. É triste: quem mora na rua é automaticamente considerado suspeito. Não corri, não resisti à abordagem da polícia e nada foi encontrado comigo. Mesmo assim, me levaram preso e, por cinco anos, vivi na cadeia engolindo a seco essa acusação.</p>	Conhecimento: saber de experiência	As pessoas em situação de rua não são confiáveis.
		Crença: saber de opinião relativa	As pessoas em situação de rua são uma ameaça.
	<p>A presença frequente de sem-teto debaixo do viaduto sobre a Rua Maria Luisa Pitanga, pouco antes da guarita instalada pela Associação Amigos da Joatinga (Sajo), preocupa moradores das redondezas. O medo é que mais pessoas se aglomerem ali e comecem uma invasão, para formação de uma nova favela.</p>	Crença: saber de opinião coletiva	As pessoas em situação de rua são uma ameaça.
	<p>A moradora Marlucia Pessoa relata que a situação é crítica à noite, quando os sem-teto fazem fogueiras e consomem drogas, levando medo a quem passa pela rua.</p> <p>— Ainda tem uma mulher que toma banho, nua, na bica d’água, à vista de todos — diz.</p>	Conhecimento: saber de experiência	Pessoas em situação de rua são uma ameaça.
	<p>Durante a ação, que não foi acompanhada por assistentes sociais da prefeitura, Shirley ficou descontrolada. De acordo com os agentes, ela não quis ir para qualquer abrigo. A equipe chegou a chamar o Corpo de Bombeiros para tentar acalmar a moradora de rua.</p>	Conhecimento: saber de experiência	Pessoas em situação de rua são descontroladas.
	<p>É difícil caminhar pelo Centro de Niterói e não sentir medo, especialmente no Jardim São João. A praça inteira é ocupada por moradores de rua que, muitas vezes, consomem drogas, brigam entre si e praticam assaltos. Nas ruas próximas, são diversos os pontos de prostituição. As histórias de roubos, furtos e de comerciantes fechando as portas por falta de clientes se acumulam. A Polícia Militar não aparece. Guardas municipais</p>	Crença: saber de opinião relativa.	Pessoas em situação de rua são uma ameaça, ladras, assaltantes, usuários de drogas e brigam entre si.
		Crença: saber de opinião relativa.	
		Conhecimento: saber de experiência.	A presença de pessoas em situação

	apenas passam pelo local, sem interferir em nada. O abandono tem endereço fixo ali.		de rua prejudica o comércio.
	— Não consigo entender isso. O Centro está completamente abandonado. A gente só sabe de ronda da polícia ou de policiamento ostensivo em Icarai, por exemplo. Se tivesse um posto da PM ou um patrulhamento de rotina com frequência, os criminosos ficariam mais inibidos. Existem assaltos, existe violência , existe até uma mesma moradora de rua que fica nua todos os dias na praça. Só eu sei disso? — questiona.	Crença: saber de opinião relativa. Conhecimento: saber de experiência	A ação criminosa de pessoas em situação de rua poderia ser inibida pela PM. As pessoas em situação de rua são violentas.
	— Não é todo morador de rua que é usuário de droga. A gente sabe disso. Mas aqui o consumo é muito grande, a qualquer hora do dia. A praça chegou a ser reformada há dois anos, mas de nada adiantou. Basta olhar e ver a sujeira, os “abrigos” que ficam pré-montados para os moradores de rua dormirem. A violência aqui prejudica muito. As brigas, os escândalos e até assaltos acontecem sempre.	Crença: saber de opinião relativa. Conhecimento: saber de experiência	As pessoas em situação de rua são violentas porque brigam, fazem escândalos e praticam assaltos.
	— Outro dia, uma conhecida nossa foi agredida por uma moradora de rua que é usuária de drogas. Uma outra conhecida já foi assaltada aqui duas vezes. Um grupo de menores fica sempre rondando aqui. A gente anda sempre com pressa e com medo. E não é só de noite, não. É a qualquer hora do dia — comenta Lorena Ferreira, estudante de Direito.	Conhecimento: saber de experiência Crença: saber de opinião relativa.	As pessoas em situação de rua são assaltantes. As pessoas em situação de rua são uma ameaça.
O Dia	Três jovens são acusados de agredir uma moradora de rua , na madrugada de ontem, no Leblon. Segundo policiais da 14ª DP (Leblon), o trio desconfiou que Paula Jorgina Ferreira Lima, 27 anos, havia quebrado o espelho retrovisor do Honda Civic de um deles.	Conhecimento: Saber de experiência Crença: Saber de opinião relativa	As pessoas em situação de rua são vítimas de violência. As pessoas em situação de rua são uma ameaça.

Os imaginários indicam que no jornal Estado de Minas as pessoas em situação de rua são representadas como uma ameaça as demais pessoas, pois o imaginário difundido é o de que são ladras, traficantes e usuárias de drogas. No jornal O Tempo as pessoas em situação de rua são representadas como vítimas psicológicas de ameaças e agressões físicas, seja por meio de saber de opinião relativa ou por meio de saber de conhecimento de experiência, porque viram/ouviram a situação relatada.

O jornal O Globo tem uma abordagem semelhante ao do jornal Estado de Minas quando se trata de imaginários de violência, por meio de saberes de opinião relativa e de saber de experiência, que não estão separados, mas imbricados em algumas situações como na referência “Shirley ficou descontrolada. De acordo com os agentes, ela não quis

ir para qualquer abrigo. A equipe chegou a chamar o Corpo de Bombeiros para tentar acalmar a moradora de rua”. Nessa citação há um saber de experiência porque é atribuído aos agentes que acompanharam o caso o relato sobre o comportamento de Shirley logo eles vivenciaram essa experiência e falam com “propriedade”, mas a escolha de termos para chamar o comportamento de Shirley, “descontrolada” e “acalmar”, indicam uma certa “histeria” que pode fazer parte do relato, mas também da opinião do jornal sobre o comportamento. A emoção de Shirley poderia ter sido nomeada como “nervosa”, ou “indignada”, mas o termo usado, “descontrolada”, remete a “loucura” que pode provocar medo. Além disso, outros imaginários são difundidos como o de que as pessoas em situação de rua: não são confiáveis, são uma ameaça, são ladras, são assaltantes, são usuários de drogas, brigam entre si, prejudicam o comércio, são violentas, são descontroladas e escandalosas. Todos os imaginários são negativos.

Já no jornal O Dia há as duas abordagens, por meio de saber de experiência e de saber de opinião relativa, a primeira porque a situação relatada é a experiência que serve como evidência e a segunda porque há opiniões, até mesmo generalizando: “A gente anda sempre com pressa e com medo”. O excerto parece significar que todos têm medo, mas não há como saber se todas as pessoas que passam pelo local têm medo, logo há uma generalização. Assim, o imaginário é de que as pessoas em situação de rua são vítimas de violência, mas também são violentas.

Dessa forma, percebemos pelas análises que as pessoas em situação de rua muitas vezes são enxergadas como inimigos, aquelas que devem ser apartadas porque são associadas à violência, ao crime e à pobreza. A pobreza, segundo Costa (2010), é vista com desgosto e o pobre com rejeição, a partir de um julgamento de responsabilidade individual que legitima a pobreza, assim como normaliza as condições degradantes a que essa parcela da população é submetida.

De acordo com Costa (2010), o pobre é julgado como inapto ou preguiçoso, quando não é associado ao ‘malandro’. E a expectativa da população em geral é que o Estado resolva o ‘problema’. Segundo Pereira e Siqueira (2010), a ameaça está cada vez mais presente no imaginário da população, a representação social difundida é de que cada uma das pessoas em situação de rua é uma criminosa em potencial. Segundo Costa (2010), alguns aspectos que têm aumentado no Rio de Janeiro como o desemprego, a favelização e a própria criminalidade estruturaram um conjunto de discursos e práticas que assemelham a situação de pobreza ao comportamento delinquente.

Isso remete ao incômodo despertado pelas pessoas em situação de rua que constroem, segundo o senso comum, ambientes sujos, desagradáveis, feios, além de obstruir e ameaçar a ordem pública. Dessa forma, o ambiente precisa ser higienizado e para isso, por exemplo, retiram “o barraco” de Shirley do espaço nobre do Rio de Janeiro, porque isso implica também na saída da mulher.

5.2 A ocupação do espaço público como argumento para a higienização social

A segunda temática apresentada é a ocupação do espaço público, ela está presente em três (Estado de Minas, O Tempo e O Globo) dos quatro jornais. A recorrência dos saberes e imaginários relacionados a esse tema estão representados no gráfico, a seguir:

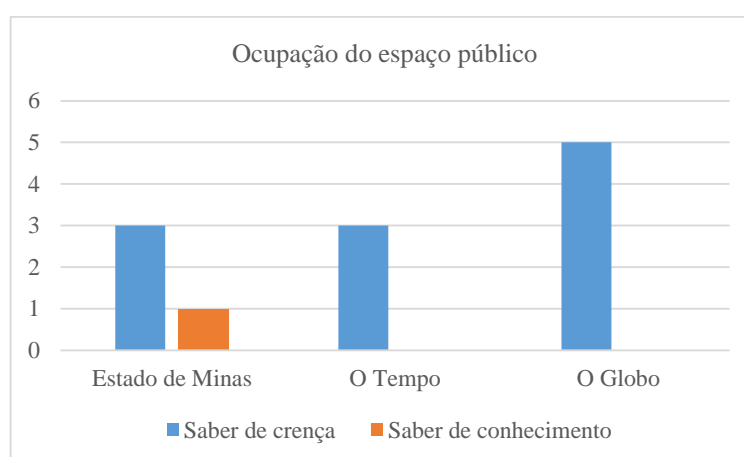


Gráfico 2 - Relação de saberes do tema ocupação do espaço público

Compreendemos que o número de saberes de crença em relação a essa temática é muito superior se comparado ao número de saberes de conhecimento nos três jornais. A seguir, estabelecemos uma relação entre os saberes e os imaginários com base nos excertos usados como referência.

Quadro 38 - Relação entre os saberes e imaginários do tema ocupação do espaço público

Jornal	Referência	Saber	Imaginários
Estado de Minas	[...] a situação do espaço, uma das principais áreas verdes da capital, que hoje não está tão verde , devido ao vandalismo.	Crença: saber de opinião relativa	As pessoas em situação de rua são vândalas.
	Segundo ele [Izac], o comércio está sendo prejudicado, pois muita gente tem medo de passar pela região . Na tarde de ontem, PMs e guardas faziam a segurança no local.	Conhecimento: saber de experiência Crença: saber de opinião relativa	As pessoas em situação de rua são uma ameaça e prejudicam o comércio.

	O guarda municipal Cristiano Souza explicou que a lei garante a permanência do morador de rua em locais públicos . “O que a gente faz é telefonar para a Secretaria Municipal de Políticas Urbanas e eles tentam convencê-los a ir para abrigos. Mesmo quando as barracas são recolhidas, os sem-teto voltam no dia seguinte com outras. A gente fica aqui para evitar crimes, vandalismo e garantir o direito de ir e vir das pessoas ”, disse.	Crença: saber de opinião coletiva.	As pessoas em situação de rua são criminosas, mas são protegidas pela lei. As pessoas em situação de rua causam a obstrução do espaço público.
O Tempo	A Prefeitura de Belo Horizonte realizou, na manhã de ontem uma ação para recolher objetos e pertences de um grupo de moradores de rua que vivem há mais de um ano embaixo do viaduto da Francisco Sales, no bairro Floresta, na região Leste da capital. Essa ação está prevista em uma instrução normativa que libera o recolhimento de todo o material que obstrui o espaço público , mas gera polêmica entre moradores da região.	Crença: saber de opinião relativa	As pessoas em situação de rua causam a obstrução do espaço público.
	De acordo com a coordenadora do comitê de população de rua de Belo Horizonte, Soraya Romina, o objetivo maior das regras é a “desobstrução do espaço público” . “só é recolhido aquilo que está no caminho das pessoas, impedindo o direito de ir e vir de outros cidadãos.	Crença: saber de opinião relativa	As pessoas em situação de rua causam a obstrução do espaço público.
	Denunciantes afirmam que a prefeitura “tira seus pertences à força para deixar tudo bonito” ;	Crença: saber de opinião relativa.	As pessoas em situação de rua enfeiam o espaço público.
O Globo	Comerciantes e pessoas que passam pela área vinham reclamando da sujeira deixada pela mulher.	Crença: saber de opinião relativa.	As pessoas em situação de rua sujam os espaços públicos.
	Comerciantes e as pessoas que passam pelo local reclamam da sujeira — Seria ótimo se atendessem — diz Mônica. — A situação é muito precária. O local está cheirando mal demais.	Crença: saber de opinião relativa.	As pessoas em situação de rua sujam os espaços públicos
	É difícil caminhar pelo Centro de Niterói e não sentir medo, especialmente no Jardim São João. A praça inteira é ocupada por moradores de rua que, muitas vezes, consomem drogas, brigam entre si e praticam assaltos. Nas ruas próximas, são diversos os pontos de prostituição. As histórias de roubos, furtos e de comerciantes fechando as portas por falta de clientes se acumulam. A Polícia Militar não aparece. Guardas municipais apenas passam pelo local, sem interferir em nada. O abandono tem endereço fixo ali.	Crença: saber de opinião relativa	Pessoas em situação de rua representam abandono.

	<p>— Não consigo entender isso. O Centro está completamente abandonado. A gente só sabe de ronda da polícia ou de policiamento ostensivo em Icaraf, por exemplo. Se tivesse um posto da PM ou um patrulhamento de rotina com frequência, os criminosos ficariam mais inibidos. Existem assaltos, existe violência, existe até uma mesma moradora de rua que fica nua todos os dias na praça. Só eu sei disso? — questiona.</p>	<p>Crença: saber de opinião relativa.</p>	<p>Pessoas em situação de rua representam abandono.</p>
	<p>A praça chegou a ser reformada há dois anos, mas de nada adiantou. Basta olhar e ver a sujeira, os “abrigos” que ficam pré-montados para os moradores de rua dormirem.</p>	<p>Crença: saber de opinião relativa.</p>	<p>As pessoas em situação de rua sujam os espaços públicos.</p>

O jornal Estado de Minas usa do saber de crença para defender por meio de um saber de opinião relativa que ao ocupar o espaço da Praça Raul Soares as pessoas em situação de rua estão acabando com o espaço verde. O segundo saber, de conhecimento, foi classificado como saber de experiência porque, apesar de estar relacionada a um saber de opinião relativa, indica uma opinião baseada em observação e em relatos dos comerciantes da região. O terceiro saber, de crença, indica um saber de opinião coletiva porque recorre à lei, e esta é baseada em diferentes opiniões, mas é aceita a partir de um consenso. Apesar de fazer uso de saberes diferentes para relatar a notícia, o jornal apresenta imaginários negativos em relação a ocupação do espaço público por parte de pessoas em situação de rua, pois elas “são vândalas”, “ameaças”, “prejudicam o comércio”, “causam a obstrução do espaço público” e são “criminosas protegidas por lei”.

O jornal O Tempo, em relação à temática ocupação de espaço público, apresenta saberes de crença de opinião relativa. Baseada na ação da Prefeitura, que retira os objetos de pessoas em situação de rua debaixo do viaduto da Francisco Sales em BH, a notícia evidencia os motivos alegados pela prefeitura “porque causam a obstrução do espaço público”, mas também indica, a partir de denúncia das pessoas em situação de rua, o que acreditam ser o verdadeiro motivo, correspondendo ao imaginário: “As pessoas em situação de rua enfeiam o espaço público”. Assim, a linha do jornal denuncia práticas higienistas.

O jornal O Globo adota uma linha diferente do jornal O Tempo ao usar palavras que suscitam o imaginário: “As pessoas em situação de rua sujam os espaços públicos”, “A praça está abandonada”, “o centro está abandonado”. Apesar dos dois remeterem à higienização social, o jornal O Tempo tem um tom de crítica ao discurso e à ação higienista, enquanto o jornal O Globo critica a falta de ação e a sujeira, concordando com a higienização social.

Entendemos que as práticas descritas são higienistas porque correspondem à chamada “higienização social”, um termo da área da Sociologia, que indica a eliminação de elementos sociais indesejados como “criminosos”, “pessoas em situação de rua”, “negros”, “homossexuais”, e elementos de percepção estética. Assim também é usado o termo limpeza social.

Segundo Costa e Arguelles (2007), a higienização social é algo presente no Brasil desde a Proclamação da República com uma política que propunha a implantação de um sistema de governo que traria a população para o centro da atividade política, sendo a área urbana, influenciada por princípios Europeus e também norte-americanos. A intenção era construir uma nação moderna, branca e europeizada.

Contudo, os republicanos tinham de lidar com os problemas herdados do período monárquico: crescimento populacional, que ocasionava problemas de habitação; “marginalidade”; problemas econômicos; aumento do custo de vida, ocasionado pelas imigrações, que ampliavam a oferta de mão-de-obra e acirravam a luta pelos escassos empregos disponíveis. Além destes, os problemas sanitários das cidades e o precário (ou quase inexistente) sistema de esgotos e de abastecimentos de água preocupavam porque a aglomeração de pessoas contribuía para epidemias e as doenças acabavam afugentando a elite, que viajava para áreas menos urbanas como Petrópolis no Rio de Janeiro, no verão, para conservar a saúde.

A proposta de modernização da cidade veio pelo planejamento urbano, de acordo com Costa e Arguelles (2007). No final do século XIX crescia entre as camadas dominantes brasileiras uma grande preocupação com relação ao comportamento das classes operárias e das classes mais baixas da sociedade. Para resolver os problemas criados pelas classes menos favorecidas nas capitais do país e de Minas Gerais, engenheiros, governadores e prefeitos passaram a elaborar reformas urbanas e a adotar uma política de controle social das classes baixas.

O poder público mineiro tinha como prioridade, quanto à ocupação da cidade, a criação de uma “cidade-espetáculo” imaginada pela elite mineira, ansiosa por alcançar os padrões europeus de civilização e modernidade. Por isso o poder público se omitiu ao não tentar resolver as demandas da nova cidade. Havia uma discrepância entre a suntuosidade de alguns prédios da capital e a precária condição das moradias operárias, o que revela a direção da atenção governista e higienista.

Dessa forma, entendemos que a política higienista está presente nas notícias que abordam a ocupação de espaços públicos, porque ao mencionarem e argumentarem medo,

prejuízo ao comércio e sujeira, os jornais e os moradores estão também mascarando um discurso de limpeza social, porque têm por intenção a retirada dessas pessoas dos espaços para que eles fiquem “mais bonitos” e com uma estética aceitável para os moradores da região e turistas.

5.3 A mulher em situação de rua e a maternidade

O primeiro tema voltado especificamente para a mulher é a maternidade e, nesse caso, os saberes restringem-se aos de crença. Logo, as discussões baseiam-se em opiniões, como demonstrado no gráfico a seguir:

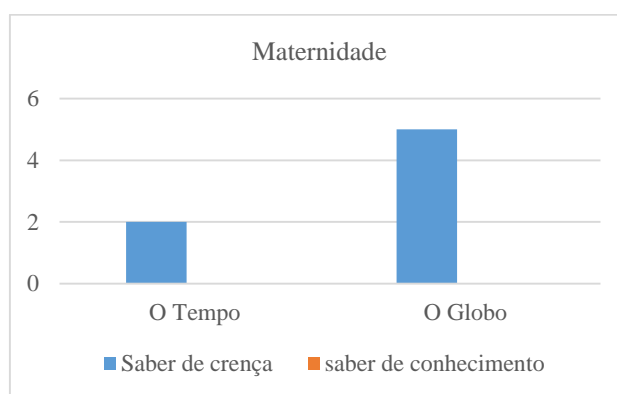


Gráfico 3 - Relação de saberes do tema maternidade

As referências sobre a temática da maternidade foram encontradas em um jornal de Minas Gerais, O Tempo, e em um jornal do Rio de Janeiro, O Globo.

Quadro 39 - Relação entre os saberes e imaginários do tema maternidade

Jornal	Referência	Saber	Imaginários
O Tempo	Mulheres em situação de rua relataram que tiveram seus filhos tomados na maternidade, após o parto. Autoridades teriam alegado falta de condições para a criação.	Crença: saber de opinião coletiva.	As mulheres em situação de rua são incapazes de criar filhos.
	“Eu tinha cinco caixas de leite e levaram todas. A gente ganha as coisas e eles pegam. Estou grávida de quatro meses e se tivesse uma casa, não estaria na rua ”, disse Jéssica Silva, 35.	Crença: saber de opinião relativa.	Não é normal uma mãe viver nas ruas.
O Globo	Shirley contou uma história longa de como foi parar ali. Carioca nascida no subúrbio do Rio, ela foi morar no Piauí quando se casou, há 20 anos. Lá, teve três filhos. Em março do ano passado, abandonou tudo e voltou para cá, sozinha. Foi morar no Santo Cristo, onde alugou um quarto por R\$ 350.	Crença: saber de opinião relativa.	A mãe que está nas ruas e abandona seus filhos é desnaturada.

O vício em tiner, como a própria admite , a fez perder a guarda da filha mais velha , em 2009. Agora, diz que luta para que o mesmo não aconteça à caçula, de 1 ano e 1 mês, que ficou com a irmã dela em Sorocaba (SP), onde morava, antes de vir para o Rio tentar um emprego.	Crença: saber de opinião relativa.	As mulheres em situação de rua são incapazes de criar filhos.
— Meu sonho é arrumar um trabalho para poder voltar a ter uma vida normal e cuidar da minha filha — disse Jéssica, enquanto segurava um álbum de fotos da menina, que nascera prematura, aos 6 meses.	Crença: saber de opinião relativa.	As mulheres em situação de rua são incapazes de criar filhos.
Uma chance de ter de volta a filha de um ano e a própria vida	Crença: saber de opinião relativa.	As mulheres em situação de rua são incapazes de criar filhos.
Para a moradora de rua Jéssica Pinto da Luz, de 22 anos — a “mendigata” da Avenida Amaral Peixoto —, tudo isso se resume a uma chance que possa livrá-la do vício das drogas e, conseqüentemente, devolvê-la à companhia da filha de 1 ano , que atualmente está em Sorocaba (SP), sob os cuidados da irmã.	Crença: saber de opinião relativa.	As mulheres em situação de rua são incapazes de criar filhos.

O jornal O Tempo tem uma abordagem da relação entre mãe e filhos do ponto de vista “econômico” e social. O Tempo apresenta um imaginário sociodiscursivo com os quais muitas pessoas podem concordar, o de que as mulheres em situação de rua são incapazes de criar filhos, porque a rua não é local para criar um bebê. Entendemos que, o fato de ter retiradas caixas de leite, inviabiliza ainda mais essa situação, sinalizando uma atitude de crueldade dos responsáveis e colocando a personagem numa posição de vítima. Jéssica utiliza o fato de estar grávida como argumento para dizer que não gosta de estar na rua, sua fala é uma possível resposta ao imaginário “moradores de rua são desocupados que preferem ficar na rua ou cometer crimes do que ficar em casa ou ter um trabalho”, mas ainda assim prevalece o imaginário “não é normal uma mãe viver nas ruas”.

Já no jornal O Globo a relação entre mãe e filhos é apresentada como um laço afetivo, tanto que um dos imaginários é o de que Shirley, uma mulher em situação de rua, é uma mãe desnaturada por “abandonar” seus filhos. O jornal não discute ou relata as circunstâncias que levaram Shirley a mudar de cidade, isso pode gerar o julgamento de Shirley por parte do leitor, pois o imaginário sociodiscursivo é o de que mães não deixam filhos.

Dessa forma, Shirley é representada como mãe, mas não a visão geralmente associada à figura materna o que leva a uma discussão sobre o impacto social e humano do fenômeno. A imagem da mãe nessa notícia não se enquadra na visão que é estabelecida pela sociedade. Mães são, socialmente, consideradas boas, amáveis, guerreiras e sob nenhuma circunstância abandonariam seus filhos. Logo, essa mulher saiu do padrão. De

acordo com Soihet (1997), a imagem da mulher ligada à maternidade é uma construção histórica. No final do século XIX e início do XX, era cobrada da mulher uma rígida disciplina comportamental, muitas vezes imposições com respaldo da ciência. A medicina assegurava como característica feminina, entre outras coisas, a vocação maternal.

No segundo caso, o de Jéssica, a “mendigata”, apesar dos imaginários indicarem uma mulher mais maternal “quer ser uma mãe presente e cuidar da filha”. A mulher também é cobrada por não ser uma mãe perfeita, pois o imaginário é o de que “as mulheres em situação de rua não têm condições de criar filhos”. Todos esses imaginários estão ligados a saberes de crença, porque são opiniões, são visões “individuais” sobre uma situação social.

5.4 A mulher em situação de rua e as relações afetivas.

O segundo tema voltado exclusivamente para a mulher é o de relações afetivas que não se restringem apenas à relação entre homens e mulheres, mas a relações de amizade e companheirismo com animais. A seguir, o gráfico sobre a relação de saberes de conhecimento e crença:

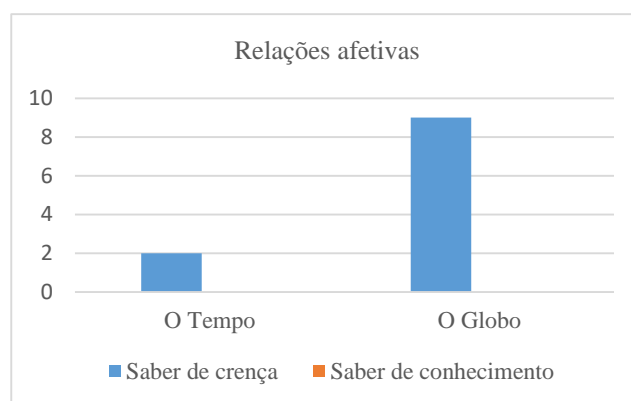


Gráfico 4 - Relação de saberes do tema relações afetivas

Mais uma vez temos um jornal representando cada estado: O Tempo de Minas Gerais e O Globo do Rio de Janeiro. A seguir, a relação saber e imaginários:

Quadro 40 - Relação entre os saberes e imaginários do tema relações afetivas

Jornal	Referência	Saber	Imaginários
O Tempo	Ele tem um escritório nas proximidades do viaduto e afirma que os agentes da prefeitura levaram também roupas, comida e ameaçaram até levar a cadela de uma das mulheres que vive no local.	Crença: saber de opinião relativa.	Mulher em situação de rua sente necessidade de um companhia.

	“Pegaram minha comida e minhas cobertas. Ainda disseram que voltariam para pegar mais”. Em uma roda no cruzamento das ruas Alagoas e Inconfidentes, na Savassi, na região Centro-Sul da capital, a denúncia feita pela moradora de rua Elaine Cristina, 35, era compartilhada por outros colegas de calçada.	Crença: saber de opinião coletiva.	As mulheres em situação de rua são colegas/unidas.
O Globo	Casal se instala com barraca debaixo da ponte e moradores temem que sua presença seja o início da formação de uma nova favela no local.	Crença: saber de opinião relativa.	Mulher em situação de rua pode ter um companheiro.
	A mulher a quem Marlucia se refere se identificou ao GLOBO-Barra como Sheila Cristina Bastos e disse ter 52 anos. Ela afirma que dorme sob o viaduto, com o marido Wesley Rodrigo Pires da Silva , de 30 anos, porque trabalha com reciclagem e como guardadora de carros no Jardim Oceânico.	Crença: saber de opinião relativa.	Mulher em situação de rua pode ter um companheiro.
	“Me chamo Rodrigo, tenho 23 anos, e a Gabriela é minha companheira há tanto tempo que já arredondo para ‘uns dez anos’. Saí de casa para escapar das drogas que, infelizmente, roubaram a alma de boa parte da minha família.	Crença: saber de opinião relativa.	Mulher em situação de rua pode ter um companheiro.
	A escolha do último ponto, segundo o marido de Sheila , é justamente por causa da bica d’água, que facilita as tarefas de tomar banho e cozinhar.	Crença: saber de opinião relativa.	Mulher em situação de rua pode ter um companheiro.
	A praça inteira é ocupada por moradores de rua que, muitas vezes, consomem drogas, brigam entre si e praticam assaltos.	Crença: saber de opinião relativa.	As pessoas em situação de rua não são unidas.
	Na última terça-feira, Jéssica trocou a calçada da Amaral Peixoto, onde morava desde o início do ano, por um confortável quarto de hotel no Centro do Rio, e, no dia seguinte, antes de embarcar para São Paulo e iniciar o tratamento, fez questão de se despedir de amigos que a ajudaram nas ruas de Niterói.	Crença: saber de opinião relativa.	Mulheres em situação de rua são amigáveis.
	Eu precisava vir aqui para agradecer a essas pessoas que tanto me ajudaram. Sei que tem muita gente que está torcendo por mim, pela minha recuperação. E é isso o que eu mais quero na vida: me curar desse problema com as drogas, me estruturar, trabalhar e poder ter de volta a companhia da minha filha — planejava Jéssica, emocionada, enquanto abraçava os amigos.	Crença: saber de opinião relativa.	Mulheres em situação de rua são agradecidas.
	— Ela me pediu um copo d’água, e eu dei, com um sanduíche. Ali começamos uma amizade. Ela chegou a morar lá em casa durante um tempo, mas depois, por causa das drogas, voltou para as ruas. Mas eu e minha família amamos a Jéssica. Ela é minha amiga, uma pessoa boa e desejo muito que ela consiga se recuperar.	Crença: saber de opinião relativa.	Mulheres em situação de rua são amigáveis.
	O porteiro José Aldir dos Santos, a quem Jéssica chama de coroa e considera um pai , foi o protagonista da tarde de despedidas. Tímido, ele passou alguns minutos abraçado à menina quase em silêncio.	Crença: Saber de opinião relativa.	Mulheres em situação de rua têm família

Os dois jornais apresentam imaginários que remetem à afetividade. Os dois excertos encontrados no jornal O Tempo indicam imaginários positivos das relações

afetivas e companheirismo: “Mulher em situação de rua sente necessidade de uma companhia” e “As mulheres em situação de rua são colegas/unidas”. Essa união ocorre não só com outras pessoas, mas também com cachorros, tanto que para intimidar a mulher e obrigá-la a sair do espaço público ocupado o agente da prefeitura ameaça tirar a cadela da “posse” da mulher.

No jornal O Globo dos oito exemplos encontrados apenas um imaginário é negativo: as pessoas em situação de rua não são unidas. Contudo, esse imaginário refere-se às pessoas em situação de rua e não especificamente às mulheres. Os outros excertos são positivos: “As mulheres em situação de rua são amigáveis”; “Mulheres em situação de rua podem ter um companheiro”; “As pessoas em situação de rua são unidas”; “Mulheres em situação de rua são agradecidas”; “Mulheres em situação de rua têm família”.

Os imaginários positivos sobre essa temática indicam que a imagem da mulher para ser bem representada tem que se encaixar nos imaginários de bondade, de amizade, de companheirismo porque está associada a um homem e à maternidade. Esses imaginários indicam o que Bourdieu (2002) nomeia como a divisão entre os sexos. Segundo o autor isso ocorre como se fosse algo natural e inevitável, pois está incorporado ao corpo, aos hábitos, ao pensamento e às ações. Contudo, essas divisões foram socialmente construídas arbitrariamente, mas acabaram sendo reconhecidas como legítimas, de acordo com Bourdieu (2002). Características entendidas como masculinas (força, virilidade etc.) são consideradas naturalmente superiores àquelas destinadas a mulher (fraca, frágil, delicada e reprodutora).

O autor (2002. p. 46) ainda observa que:

[...] elas [estruturas de dominação] são um produto de um trabalho incessante (e, como tal, histórico) de reprodução, para o qual contribuem agentes específicos (entre os quais os homens, com suas armas como violência física e a violência simbólica) e instituições, famílias, Igreja, Escola, Estado.

Bourdieu (2002) pondera que a visão sobre as diferenças biológicas entre homens e mulheres legitima o que ele chama de A dominação masculina, termo que dá nome a um de seus livros.

5.5 A mulher em situação de rua e o corpo

O terceiro tema voltado para a mulher é o do corpo, percebido nos elementos verbais nos jornais O Tempo e O Globo. Em relação a esse tema destacamos os excertos que citam o corpo como elemento de repressão e de admiração. A seguir, o gráfico sobre a relação de saberes de conhecimento e crença:

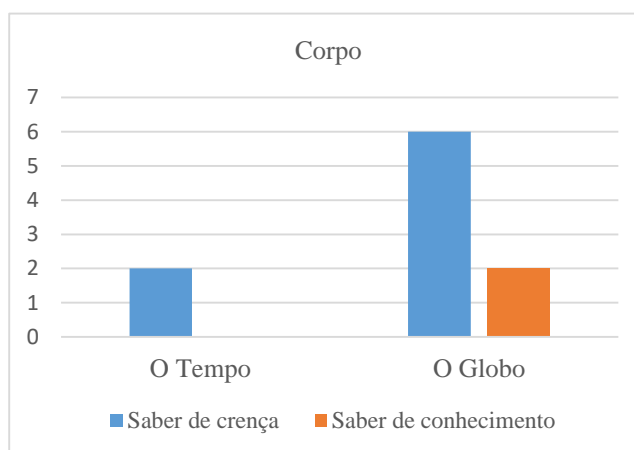


Gráfico 5 - Relação de saberes do tema corpo

Em relação a esse tema os dois jornais apresentam mais saberes de crença, O Globo apresenta saberes de conhecimento, mas estes estão associados a saberes de crença. A seguir, a relação saber e imaginários:

Quadro 41 - Relação entre os saberes e imaginários do tema corpo

Jornal	Referência	Saber	Imaginários
O Tempo	O que a PM e a Guarda Municipal podem fazer é combater os roubos, a prostituição e o tráfico de drogas.	Crença: saber de opinião relativa	A mulher em situação de rua se prostitui
	“Temos muito medo, são homens de short e moças de biquíni ”.	Crença : saber de opinião relativa	A mulher em situação de rua expõe o corpo.
O Globo	“Ainda tem uma mulher que toma banho, nua na bica d’água , à vista de todos”, moradora MarluCIA Pessoa.	Crença: saber de opinião relativa. Conhecimento: saber de experiência.	A mulher em situação de rua expõe o corpo.
	Mendigata atrai atenção de pedestres no Centro	Crença: saber de opinião relativa	Jéssica é atraente.
	Na noite de 15 de outubro, a capixaba Jéssica Pinto da Luz completou seu 22º aniversário. Não recebeu flores , regalos nem abraços de amigos. Moradora de rua, a jovem foi presenteada apenas com um copo d’água oferecido pelo porteiro que trabalha no edifício de número 479 da Avenida Amaral Peixoto, próximo de onde fixou residência, segundo ela, desde fevereiro.	Crença: saber de opinião relativa.	Jéssica merecia flores.

	Com 1,74m, 55 quilos, olhos castanhos claros, rosto delicado e cabelos ruivos até a altura do ombro, Jéssica, com sua beleza , chama a atenção dos pedestres do bairro, que a apelidaram de “mendigata” e “Gisele Bündchen”.	Crença: saber de opinião relativa.	Jéssica é bela.
	Jéssica contou que, antes de optar pelas ruas de Niterói, trabalho em Copacabana como balconista e, depois, como prostituta , época em que, diz a jovem, conseguia pagar o aluguel de um apartamento no bairro carioca.	Crença: saber de opinião relativa.	A prostituição era uma alternativa de Jéssica.
	A praça inteira é ocupada por moradores de rua que, muitas vezes, consomem drogas, brigam entre si e praticam assaltos. Nas ruas próximas, são diversos os pontos de prostituição .	Crença: saber de opinião relativa. Conhecimento: saber de experiência.	A mulher em situação de rua se prostitui.

O corpo no jornal O Tempo é um elemento vinculado a moralidade e por isso é entendido como algo que não deve ser mostrado em público, como em “moças de biquíni” e a associação da mulher a prostituição. Assim os saberes nesse jornal são de crença, pois avaliam a partir da exposição do corpo. Os imaginários são também julgamentos: a mulher em situação de rua se prostitui e a mulher em situação de rua expõe o corpo.

O corpo no jornal O Globo é ao mesmo tempo motivo para repressão e admiração. O primeiro em “mulher que toma banho, nua na bica d’água, à vista de todos” que é tanto um saber de conhecimento por experiência porque é um relato de uma moradora da região, mas ao mesmo tempo um saber de crença de opinião por causa da avaliação moral a partir da falta de roupa. O julgamento a exposição do corpo é implícito ao também citar a prostituição: Nas ruas próximas, são diversos os pontos de prostituição. Contudo, em duas notícias sobre a “mendigata” o atributo físico foi citado de forma que diferentemente do que aconteceu em outras notícias, percebemos que houve um investimento da mídia para resgatar essa pessoa especificamente. Isso significa que ocorreu uma valorização da mulher apenas pelos seus atributos físicos. As outras não tiveram o mesmo espaço.

Percebemos que todos os imaginários sobre a mendigata são suscitados a partir de saberes de crença. A beleza é um conceito relativo que varia de padrão de acordo com a cultura e a sociedade em que o indivíduo está inserido. Logo, entendemos que as opiniões sobre a mulher em situação de rua, Jéssica, são um saber de opinião relativa.

No primeiro excerto é o corpo que chama a atenção, algo indicado pelo verbo “atrai” o que indica o imaginário de que Jéssica é atraente. Por ser atraente e mulher o jornal indica que ela merecia flores no seu aniversário, um presente geralmente dado a mulheres. Além disso, o fato de associar a beleza a sua capacidade intelectual e ao seu comportamento indica um modelo de mulher desejado pelos homens, a também

conhecida como “mulher para casar”, a que não trai, é para mostrar aos amigos. Ao contrário da “descontrolada” e “indomável” Shirley, o imaginário é o de que “Jéssica é submissa”.

Quanto à aparência associada a “boa mulher” entendemos que nos dias atuais, os produtos cosméticos, as revistas de moda, os institutos e concursos de beleza reproduzem a importância da aparência na identidade feminina. O culto à beleza mostra-se algo tão relevante na sociedade que tornou visível o que é geralmente invisível, tanto que a valorização da estética não passou despercebida pelos leitores do jornal O Globo. Nas duas notícias sobre a “mendigata” a representação da mulher é principalmente como o “belo sexo”.

Segundo Lipovetsky (2000) a idolatria ao “belo sexo” é uma invenção da Renascença. Nos séculos XV e XVI a mulher é alçada como personificação suprema da beleza, como uma perfeição que inspira. Até então a beleza era associada a malignidade, agora aliviada de toda conotação impura ou baixa.

De acordo com Lipovetsky (2000), existe uma concepção tradicional (clássica) e uma concepção moderna da beleza. Ela ressalta que alguns autores podem fazer a separação das concepções, a primeira resultaria da associação da beleza física às virtudes morais, como reflexo da bondade, assim como a feiura do corpo significaria uma “feiura” da alma. Na concepção moderna a beleza tem um valor estético e sexual, uma característica estritamente física, um valor autônomo distinto de qualquer valor moral.

Entretanto, para Lipovetsky (2000), a “beleza não entra na era moderna quando aparece como uma propriedade física pura, aliviada de significação moral, mas sim no momento em que a mulher é posta nas nuvens como encarnação suprema da beleza” (LIPOVETSKY, 2000, p. 122).

Ao longo do século XX, a mídia, o que inclui a publicidade, o cinema e a fotografia de moda, propagaram normas e imagens ideais do feminino. Essa imprensa feminina exerce um poder de normalização de massa e contribui para legitimar normas de corpo influenciando na alimentação e prática de exercícios físicos.

O corpo ideal é buscado porque ele é associado à beleza. Esta é imaginada como uma forma de conquistar a felicidade, posição e fortuna. Dessa mesma maneira a beleza nesse episódio em questão funciona como fator de “resgate” da “mendigata”. A beleza a diferencia e indica que ela merece mais do que as outras e outros que estão em situação de rua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou fazer uma análise discursiva de notícias de jornais impressos de Minas Gerais e Rio de Janeiro, por isso os capítulos foram organizados de forma a atender o objetivo da pesquisa que é analisar os imaginários sociodiscursivos sobre a mulher em situação de rua com base, principalmente, na Teoria Semiolinguística de Charaudeau, considerando o sentido implícito na configuração verbal e não-verbal.

Assim, procuramos responder as seguintes questões: 1). Quais os imaginários sociodiscursivos sobre as mulheres em situação de rua nos jornais impressos de Minas Gerais e Rio de Janeiro? 2). Como a mídia pode construir/reproduzir discursos sobre o problema social da situação de rua e sobre as pessoas por ele afetadas?

Para alcançar o objetivo e responder as questões de pesquisa:

i) descrevemos a organização discursiva dos textos selecionados sobre a mulher em situação de rua. A organização narrativa das notícias analisadas mostra que a forma como os jornais pretendem relatar o acontecimento é influenciada pela sua linha editorial. Chama a atenção a representação das pessoas em situação de rua de acordo com a posição de actante que pratica a ação ou actante que sofre a ação. No jornal Estado de Minas as pessoas em situação de rua, o que inclui as mulheres, são actantes ativos e malfeitores porque sujam, enfeiam e depredam. Já no jornal O Tempo a posição das pessoas em situação de rua é ambígua, pois sofrem a ação e são vítimas, mas também são ativos e benfeitores. No jornal O Globo as pessoas em situação de rua em quatro das sete notícias agem e não se recusam a trabalhar, logo não são ociosas, entretanto também são ativos e malfeitores porque causam danos a espaços públicos. Em três das sete notícias a posição das pessoas em situação de rua é ambígua, pois são actantes que agem e malfeitores, mas ao mesmo tempo passivos porque são vistos como dependentes de terceiros para sair da situação de rua. No jornal O Dia, a mulher em situação de rua é vítima. Contudo, quando a violência contra às pessoas em situação de rua é citada é feita de forma pontual, apenas o acontecimento narrado é destacado. Dessa forma, os jornais abordam pouco a violência que essas pessoas sofrem.

A organização argumentativa das notícias evidencia a forma como a mídia impressa usa o espaço para exprimir sua maneira de enxergar o mundo e os acontecimentos. Percebemos que em todas as notícias há comentários dos jornais que não se limitaram em apenas informar ao leitor, o que pode influenciar na sua interpretação. No Estado de Minas notamos que o jornal é contrário à permanência das pessoas em situação de rua na praça e apoia os moradores e comerciantes por meio de comentários

em que faz avaliação, comparação, crítica e utiliza estratégias nas escolhas lexicais. O jornal O Tempo tem uma posição diferente do Estado de Minas nos comentários. Eles são mais negativos para a prefeitura e menos críticos para as pessoas em situação de rua. No jornal O Globo os comentários: desmentem discursos relatados, valorizam e ironizam a aparência, usam a estratégia de patemização como forma de convencer o leitor da sua visão, como quando fala sobre as mulheres que são mães. Os comentários ainda falam sobre os sentimentos e pensamentos gerados pela presença das pessoas nos espaços: medo, insegurança, criminalidade, sujeira. Há ainda argumentos religiosos, econômicos, e críticas à falta de ação dos guardas municipais e de policiais militares. No jornal O Dia os comentários que permeiam a narrativa enfatizam o emocional, “assustada”, com intuito de gerar efeito patêmico para atribuir à mulher em situação de rua o papel de vítima.

A análise da organização enunciativa também contribui para evidenciar o posicionamento dos jornais. Nos jornais de Minas Gerais fica clara a diferença de tratamento do problema social, nas do Rio de Janeiro as diferenças não ficam tão evidentes a não ser pelo número superior de notícias sobre a mulher em situação de rua. Assim entendemos que O Globo aborda mais a questão do que O Dia. No jornal Estado de Minas não é dada voz às pessoas em situação de rua para falar sobre os motivos que os levam a ocupar a praça, os discursos relatados dos moradores e comerciantes reforçado pelos comentários do jornal são higienizadores e indicam as pessoas em situação de rua como inimigos. No jornal O Tempo as vozes são usadas para “desmentir” a palavra da prefeitura, falar sobre a maternidade (estratégia patêmica para comover o leitor), evidenciar o discurso higienizador da prefeitura e a consciência das pessoas em situação de rua sobre esse discurso. No jornal O Globo, em seis das sete notícias é dada voz a pessoas em situação de rua e em cinco há a voz da mulher. É importante esse destaque dado à voz das pessoas em situação de rua porque permite falar sobre o problema social, sobre a trajetória de vida e os motivos de estar na rua.

Quanto a organização descritiva, no jornal Estado de Minas as pessoas em situação de rua são nomeadas como “moradores de rua”, ou seja, por identificação genérica. Assim como em duas de três notícias do jornal O Tempo: moradores de rua, população de rua, mulheres em situação de rua, frequentadores de abrigos municipais, grupo de moradores de rua, uma mulher que vive no local, pessoas que não tem condição de sobreviver e ocupantes do local. Em uma notícia as pessoas em situação de rua recebem nomeação específica. As classificações estão implícitas, não é relatado de forma direta, mas uma leitura atenta indica que essa é a forma como são vistas: ladrões,

prostitutas, traficantes, ameaça (Estado de Minas) e vítimas (O Tempo). A localização são espaços nobres, praças e viadutos.

No jornal O Globo as pessoas em situação de rua são nomeadas por identificação genérica em todas as sete notícias analisadas, como: “moradores de rua”, “moradora de rua”, “sem-teto”, “mendigata” e “população de rua”. Em seis há nomeação por identificação específica. As qualificações negativas aparecem de maneira implícita: “violentas”, “assaltantes”, “usuárias de drogas”, “traficantes”, “prostitutas”, “histórica”. As qualificações positivas são explícitas: “companheira”, “menina”, “linda” e “dócil”. Em algumas frases o termo “morador(a) de rua” é usado como qualificação e não nomeação. A localização é semelhante às de Minas Gerais em regiões nobres, muito movimentadas, que serve como abrigo e praças. No jornal O Dia a nomeação é por identificação específica, mas também de forma genérica “moradora de rua”, esta é também uma qualificação.

ii). Descrevemos e investigamos os sentidos presentes nas imagens das notícias para verificar o possível poder argumentativo destas, com base na Retórica da Imagem.

Apenas uma das doze notícias que compõem o corpus não tem imagem: a notícia Prefeitura desocupa área sob viaduto do jornal O Tempo. As imagens têm dimensão que indica a relevância da figura para o significado do texto.

Os significantes plásticos das imagens nos jornais de Minas Gerais podem gerar o afastamento do leitor com o que ela retrata, porque o afastamento pode sugerir curiosidade, mas também perigo, ameaça. Quando as pessoas aparecem em grupo as cores são quentes, quando estão sozinhas as cores são frias o que indica que as cores também podem significar afeto e companheirismo ou a falta dele. As mulheres aparecem em duas de três imagens. Em nenhuma delas o rosto é focalizado. É possível perceber que eles não obstruem o espaço público como é alegado pela prefeitura mesmo que entre os significantes icônicos estejam objetos pessoais. As mensagens linguísticas sintetizam e contribuem para reforçar o que mostra a imagem, a partir da perspectiva do jornal.

Nos jornais do Rio de Janeiro o que foi percebido nas cores nos jornais de Minas Gerais não acontece. Nas notícias sobre a “mendigata” e a notícia Histórias de uma Zona Sul invisível os elementos plásticos indicam proximidade entre as pessoas fotografadas e o leitor. Nas fotos das três notícias aparece uma mulher que é representada de forma positiva na maior parte da notícia, uma família e o porteiro abraçado a Jéssica. Isso remete a afetividade/companheirismo e maternidade. Nas outras quatro notícias (e sete imagens) o afastamento tem a intenção de ameaça ou de mostrar que o espaço não está sendo

obstruído. A figura 6 e 7 se diferenciam, em uma o semblante da mulher (“mendigata”) sugere tristeza e na outra de felicidade, porque na notícia Jéssica recebeu a oportunidade de se tratar e deixar as ruas. Na notícia do jornal O Dia as imagens têm o enquadramento fechado e a distância focal longa, mas não parecem sugerir proximidade e sim curiosidade. A julgar pela imagem a mulher parece culpada, porque está no carro da polícia e acompanhada por um policial ao contrário do homem. Assim, mesmo que a imagem seja utilizada para reforçar o que é dito na notícia, nesse caso ela pode confundir o leitor.

iii). Descrever, interpretar e comparar os imaginários sociodiscursivos da mulher em situação de rua nas publicações selecionadas, com base no trabalho de Patrick Charaudeau.

Entendemos que os imaginários sociodiscursivos, associados às mulheres em situação de rua, estão relacionados às temáticas destacadas a partir da análise da organização discursiva.

No tema violência, o jornal O Tempo foi o único a ter mais saberes de conhecimento. No jornal O Globo há mais saberes de crença, e nos jornais O Dia e Estado de Minas só há saberes de crença. No Estado de Minas os imaginários são: ladras, traficantes, usuárias de drogas e uma ameaça. No O Tempo os imaginários são: vítimas. No O Globo os imaginários são: não confiáveis, ameaça, descontroladas, ladras, assaltantes, usuárias de drogas, brigam entre si, prejudicam o comércio, a PM poderia inibi-las, violentas, escandalosas. No jornal O Dia os imaginários sobre as mulheres em situação de rua são vítimas de violência, mas ao mesmo tempo também são uma ameaça. Dessa forma, entendemos que os imaginários relacionados à temática de violência em sua maioria são negativos, muito porque a violência está associada à pobreza e à sujeira, elementos que são mal vistos por uma parte da sociedade que tenta apartá-los.

Quanto à temática ocupação dos espaços públicos o número de saberes de crença é maior nos três jornais Estado de Minas, O Tempo e O Globo. No primeiro jornal os imaginários sociodiscursivos relacionados à mulher em situação de rua são: vândalas, ameaça, prejudicam o comércio, criminosas e protegidas pela lei, obstrução do espaço público. No segundo jornal os imaginários sociodiscursivos são: as pessoas em situação de rua causam a obstrução do espaço público e o enfeiam. No terceiro jornal as pessoas em situação de rua representam abandono e sujam os espaços públicos. Isso significa que nessa temática os imaginários sociodiscursivos relacionados às mulheres em situação de

rua são negativos por causa, principalmente, da higienização social, muitas vezes mascarada pelos imaginários sociodiscursivos encontrados na análise.

Percebemos que a mulher em situação de rua é relacionada à temática da maternidade e nos jornais O Tempo e O Globo só há saberes de crença sobre isso. No primeiro jornal os imaginários são: as mulheres em situação de rua não têm condição de criar filhos e não é normal uma mãe viver nas ruas. No segundo jornal imaginários são: a mãe que está nas ruas e abandona seus filhos é desnaturada, as mulheres em situação de rua são incapazes de criar filhos. Dessa forma, percebemos que os imaginários sociodiscursivos são em sua maioria negativos por causa da cobrança em cima das mulheres a partir de qualidades que a sociedade espera que uma mãe possua.

Na temática relações afetivas só há saberes de crença nos jornais O Tempo e O Globo. No primeiro os imaginários são: mulher em situação de rua sente necessidade de uma companhia e são colegas/unidas. No segundo jornal os imaginários são: a mulher em situação de rua pode ter um companheiro, são amigáveis, são agradecidas e têm família, assim como as pessoas em situação de rua são unidas. Esses imaginários nos fazem refletir como as relações afetivas são associadas a fragilidade e conseqüentemente a mulher.

Por fim a temática corpo, presente nos jornais O Tempo e O Globo, que apresenta apenas saberes de crença. Essa temática se diferencia das demais porque não é frequente nos jornais, nem mesmo no O Globo que ao contrário do jornal O Tempo tem o corpo como elemento de repressão, mas também de admiração. Contudo, percebemos que o destaque dado à “mendigata” pela sua aparência não ocorre com as demais mulheres das notícias publicadas nos outros jornais. Isso significa que os imaginários sociodiscursivos “atraente” e “bela” dificilmente são associados às mulheres em situação de rua. Além disso, mesmo com a esperada predominância de saberes de crença imaginávamos que os textos jornalísticos trouxessem pesquisas sobre o problema social estudado, o que configuraria a presença de saberes de conhecimento. Isso só ressalta a dimensão argumentativo dos dados.

Portanto, os imaginários sociodiscursivos sobre as mulheres em situação de rua nos jornais impressos de Minas Gerais e Rio de Janeiro são em sua maioria negativos e construídos e reproduzidos nesses jornais por meio da organização discursiva das notícias (narrativa, descritiva, argumentativa e enunciativa) associadas às imagens publicadas que também exprimem significados.

Os imaginários sociodiscursivos negativos podem fazer com que o problema social as pessoas em situação de rua continuem a serem associadas ao ócio, à violência,

ao medo, à sujeira, entre outros imaginários negativos encontrados na pesquisa e isso contribua para que o problema social continue a ser enxergado com naturalidade. Assim a imprensa ignora ou aborda pouco as causas do problema social e da violência que essas pessoas sofrem. Desse modo, os imaginários podem fazer com que a sociedade não cobre do poder público providências para garantir os direitos dessas pessoas.

A falta de ação do poder público pode ser reforçada ainda pela invisibilidade da mulher em situação de rua nos jornais percebida no processo de busca e seleção de notícias sobre a mulher em situação de rua. A busca nos jornais durou vários meses e mesmo assim o número encontrado é muito baixo.

Por fim, acreditamos que o trabalho traz contribuições no campo teórico e metodológico por promover a aplicação da análise semiolinguística em diálogo com a história e a sociologia, o que acentua o seu caráter interdisciplinar. Além disso, consideramos que debater o tema social da mulher em situação de rua pode contribuir para mudanças discursivas e, por isso, sociais.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Marta. Notícias sobre mulher(es) em situação de rua: uma análise de discurso crítica. 2014, 103 p. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Letras) – Curso de Licenciatura em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas, Universidade do Estado da Bahia, Teixeira de Freitas, 2014.

AMARAL, Márcia Franz. Sensacionalismo, um conceito errante. *Intexto/UFRGS*, Porto Alegre, v. 2, n. 13, p. 1-13, jul./dez. 2005.

BARBOSA, Marialva; ENNE, Ana Lúcia Silva. O jornalismo popular, a construção narrativa e o fluxo sensacional. *ECO-PÓS*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 67-87, ago./dez. 2005.

BARON, Jaime. *O jornal “O Globo” como porta-voz das posições políticas da família Marinho, ontem e hoje*. 2015, 409 p. Tese (Doutorado em Sociologia Política) – Curso de Pós-Graduação em Sociologia Política do Centro de Ciências do Homem, Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Rio de Janeiro, Campos dos Goytacazes, 2015.

BARTHES, Roland. A Retórica da Imagem. In: BARTHES, Roland. *O óbvio e o obtuso: ensaios críticos III*. Trad. Léa Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. p. 27-42

_____. *Elementos de Semiologia*. 11. ed. Trad. Izidoro Blinkstein. São Paulo: Cultux, 1996.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. 6. ed. Trad. Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2005.

BENVENISTE, Émile. O aparelho formal da enunciação. In: BENVENISTE, Émile *Problemas de linguística geral II*. 2. ed. Campinas: Pontes, 2006. p. 81-90.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BRASIL. Lei Maria da Penha. Lei n. 11.340/2006. Coíbe a violência doméstica e familiar contra a mulher. Presidência da República, 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm. Acesso em: 10 jan. 2014.

BRASIL. Decreto nº 753, 23 de dezembro de 2009. Institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua e seu Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento, e dá outras providências. Presidência da República, 2009. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d7053.htm. Acesso em: 10 jan. 2014.

BRASIL. Decreto-Lei nº 3688, de 3 de outubro de 1941. Lei das Contravenções Penais relativas à polícia de costumes. Presidência da República, 1941. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del3688.htm. Acesso em 10 jan. 2014.

BRASIL. Decreto-Lei nº 11.983, 16 de julho de 2009. Revoga o art. 60 do Decreto-Lei no 3.688, de 3 de outubro de 1941, Lei de Contravenções Penais. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/111983.htm. Presidência da República, 2009. Acesso em: 10 jan. 2014.

BUARQUE, Cristovam. O que é apartação: o apartheid social no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BURSZTYN, Marcel. Vira- mundos e ‘rola-bostas’. In: BURSZTYN, Marcel (Org.). No meio da rua: nômades, excluídos e viradores. Brasília: Garamond, 2000. p. 230-258.

CALDEIRA, Michele de Castro. O brincar e a realidade de rua: um estudo sobre o brincar em adolescentes que vivem nas ruas. 2010, 168 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Curso de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

CANDIDA, Simone. Prefeitura derruba barraco de papelão no Centro. O Globo, Rio de Janeiro, p. 16, 4 abr. 2015.

CHARAUDEAU, Patrick. Linguagem e discurso: modos de organização. 2. ed. 2ª reimpressão. Trad. Angela M.S. Corrêa, São Paulo: Contexto, 2014.

_____. Análise do discurso: controvérsias e perspectivas. In: MARI, H. et alii (dir.). Fundamentos e dimensões da análise do discurso. Núcleo de Análise do Discurso, FALE/UFMG. Belo Horizonte: Carol Borges Editora, 1999, p. 27-43. Disponível em: http://www.patrick-charaudeau.com/IMG/pdf/1999_Controversias_e_perspectivas__ptg_Belo_.pdf. Acesso em: 10 jan. 2015.

_____. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. In: MACHADO, Ida Lucia; MELLO, Renato de. Gêneros reflexões em análise do discurso. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2004, p. 13-41. Disponível em: <http://www.patrick-charaudeau.com/Visadas-discursivas-generos.html>. Acesso em: 10 jun. 2015.

_____. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. In: PAULIUKONIS, M. A. L.; GAVAZZI, S. (Org.) Da língua ao discurso: reflexões para o ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 11-27. Disponível em: <http://www.patrick-charaudeau.com/Uma-analise-semiolinguistica-do.html>. Acesso em: 15 abr. 2015.

_____. Discurso das Mídias. Trad. Ângela M.S. Corrêa, São Paulo: Contexto, 2006.

_____. Lesstéréotypes, c’est bien. Les imaginaires, c’est mieux. In: BOYER, Henri. Stéréotypage, stéréotypes: fonctionnements ordinaires et mises en scène. L’Harmattan: Paris, 2007. p. 23-28. Disponível em: <http://www.patrick-charaudeau.com/Lesstereotypes-c-est-bien-Les,120.html>. Acesso em: 29 de setembro de 2016.

_____. Um modelo sócio-comunicacional do discurso: entre situação de comunicação e estratégias de individualização. Trad. Grenissa Stafuzza e Luciane de Paula. In: STAFUZZA, Grenissa; DE PAULA, Luciane (Org.) Da análise do discurso no Brasil à análise do discurso do Brasil. Uberlândia: Edufu, 2010. p. 259-284. Disponível em: <http://www.patrick-charaudeau.com/Um-modelo-socio-comunicacional-do.html>. Acesso em: 10 fev. 2015.

_____. Da ideologia aos imaginários sociodiscursivos. In: CHARAUDEAU, Patrick. Discurso político. Trad. Fabiana Komesu e Dílson Ferreira da Cruz. São Paulo: Contexto, 2011. p. 187-208.

_____. Discurso das Mídias. Trad. Ângela M.S. Corrêa, São Paulo: Contexto, 2013.

COSTA, Ana Carolina Silva da; ARGUELLES, Delmo de Oliveira. A higienização social através do planejamento urbano de Belo Horizonte nos primeiros anos do século XX. Univ. Hum., Brasília, v. 5, n. 1/2, p. 109-137, jan./dez. 2008.

COSTA, Lara Denise Góes da. Responsabilidade e desumanização: representações sociais sobre população de rua no Rio de Janeiro. 2010, 113 p. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Política) – Curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

PINTO, Andréia Soares; MORAES, Orlinda Claudia R. de; MONTEIRO, Joana (Org). Dossiê mulher 2015. Rio de Janeiro: Instituto de Segurança Pública, 2015.

ERNESTO, Luarlindo. Trio acusado de agredir moradora de rua no Leblon. O Globo, Rio de Janeiro, p. 14, 10 fev. 2012.

FERREIRA, Bárbara. Prefeitura desocupa área sob viaduto. O Tempo, Belo Horizonte, p. 30, 17 jan. 2014.

FERREIRA, Bárbara. Professor denuncia abuso em trato a morador de rua. O Tempo, Belo Horizonte, p. 26, 30 maio. 2014.

FERREIRA, Marieta de Moraes. Estado de Minas. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/ESTADO%20DE%20MINAS.pdf>. Acesso em: 15 set. 2016.

FERREIRA, Pedro; SILVA, Cristiane. Investida para resgatar praça. Estado de Minas, Belo Horizonte, p. 17, 23 set. 2015.

FIGUEIREDO, Luciano. Mulheres nas Minas Gerais In: DEL PRIORI, Mary. História das mulheres. São Paulo: Contexto-UNESP, 1997. p. 141-188.

FLICK, Uwe. Introdução à pesquisa qualitativa. 3. ed. Trad. Joice Elias Costa, Porto Alegre: Artmed, 2009.

FUNCK, Susana Bornéo. Discurso e identidade de gênero. In: CALDAS-COULTHARD, Rosa.; SCLiar-CABRAL, Leonor. Desvendando Discursos: Conceitos Básicos (Org.). Florianópolis: Editora da UFSC, 2008. p. 183-197.

GOMES, Josefa Jaciara. Discurso feminino: uma análise crítica de identidades sociais de mulheres vítimas de violência de gênero. 2008, 131 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Curso de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

GUERRA JUNIOR, Antônio Lemes; BLASQUE, Roberta Maria Gouveia. A argumentação publicitária: uma análise via retórica da imagem. In: X CELSUL - Círculo de Estudos Linguísticos do Sul, 2012, Cascavel. Anais do X Encontro do CELSUL. Cascavel: UNIOESTE, 2012. v. 1. p. 1-15.

LAPAGESSE, Gabriela. O endereço certo do medo. O Globo, Rio de Janeiro, p. 3, 14 fev. 2015.

JOLY, Martine. Introdução à análise da imagem. Trad. José Eduardo Rodil. Lisboa: Edições 70, 2007.

LIPOVETSKY, Gilles. A terceira mulher: permanência e revolução do feminino. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

LIRA, Joseli Ferreira. Vitória a Minas: análise do discurso jornalístico sobre o único trem de passageiros cotidiano no Brasil. 2009, 78 p. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Curso de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

LOPES, Roseli Esquerdo; BORBA, Patrícia Leme de Oliveira; REIS, Tiy Albuquerque Maranhão dos. Um olhar sobre as trajetórias, percursos e histórias de mulheres em situação de rua. Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar, São Carlos, v. 11, n.1, p. 38 – 53, jan./jun. 2003.

MAINGUENEAU, Dominique. Termos Chave da Análise do Discurso/ tradução Márcio Venício Barbosa, Maria Emília Amarante Torres Lima. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

MENDES, Emília. Análise do Discurso e iconicidade: uma proposta teórico-metodológica. In: MENDES, Emília (Cord); MACHADO, Ida Lúcia; LIMA, Helcira; LYSARDO-DIAS, Dylia. (Org). Imagem e Discurso. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2013. p. 125-156.

META Instituto de Pesquisa de Opinião; MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL E COMBATE À FOME. Sumário executivo: pesquisa nacional sobre a população em situação de rua. Secretaria de Avaliação e Gestão da Informação. Abril de 2008.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL E COMBATE À FOME. Nota técnica: esclarecimentos metodológicos da pesquisa nacional sobre a população em situação de rua. Secretaria de Avaliação e Gestão da Informação. 2008a.

_____. Política nacional para inclusão social da população em situação de rua: versão para consulta pública. 2008b.

MOREIRA, Marco. ‘Mendigata’ atrai atenções de pedestres no Centro. O Globo, Rio de Janeiro, p. 4, 19 out 2014.

MOREIRA, Marco. Uma chance de ter de volta a filha de 1 ano e a própria vida. O Globo. Rio de Janeiro, p. 6, 24 out 2014.

PAINS, Clarissa; LEAL, Gabriela. Histórias de uma Zona Sul invisível. O Globo, Rio de Janeiro, p. 16, 25 dez 2014.

PEREIRA, Camila Potyara; SIQUEIRA, Marcos César Alves. Criminalização da mendicância e a Realidade da População de Rua no Brasil. In; XIII Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais – XIII CBAS. – Lutas Sociais e Exercício Profissional no Contexto

da Crise do Capital: mediações e a consolidação do Projeto Ética Político Profissional, Brasília, 2010.

PESCE, Andressa dos Santos. Representações da cidade no jornal O Globo. 2012, 108 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Curso de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

ROSA, Cleisa Moreno Maffei. Vidas de rua. São Paulo: Hucitec / Associação Rede Rua, 2005.

SCHNEIDERS; Sonia. Rainhas de Bateria no Jornal O DIA: um estudo sobre as representações do personagem na mídia popular carioca. 2011, 166 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

SILVA, Maria. Lucia. Lopes da. Trabalho e população em situação de rua no Brasil. São Paulo: Cortez, 2009.

SILVEIRA; Ramiro Queiroz. Linha editorial e poder legislativo: o jornal Estado de Minas e a Assembléia Legislativa de Minas Gerais. 2008, XXX p. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Ciências Sociais) – Curso de Bacharelado em Ciências Sociais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

SOIHET, Rachel. História das mulheres. In: CARDOSO, Ciro Flamarion.; VAINFAS, Ronaldo (Org.). Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 399-430.

STAMM, Marco. Barraca na Joatinga. O Globo, Rio de Janeiro, p. 4, 28 ago 2014.

TIENE, Izalene. Mulher moradora na rua: entre vivências e políticas sociais. Campinas: Editora Alinea, 2004.

VAN DIJK, Teun. A. Por uma teoria da comunicação científica: discurso, conhecimento, contexto e compreensão da sociedade. In: GOMES, Maria Carmen Aires.; CATALDI, Cristiane; MELO, Mônica Santos Souza (Org). Estudos Discursivos em foco: práticas de pesquisa sob múltiplos olhares. Viçosa, MG: Editora da UFV, 2011, p. 19-40.

VIEGAS, Fernanda; CAZETTA, Jhonny. Moradores de rua reclamam de excessos na Savassi. O Tempo, Belo Horizonte, p. 25, 12 jun. 2014.

WERNECK, Antônio. Mulher constrói casa de papelão no coração financeiro da cidade. O Globo, Rio de Janeiro, p. 9, 3 abr. 2015.

ANEXOS

■ ESPAÇO PÚBLICO

Já com quase 2,5 mil adesões, abaixo-assinado virtual cobra ações da PBH para preservar a Raul Soares e solucionar a situação dos moradores de rua que montaram barracas no local

Investida para resgatar praça

PEDRO FERREIRA E CRISTIANE SILVA

A questão agora é muito mais complicada do que uma mulher que usava a Praça Raul Soares, na Região Centro-Sul de Belo Horizonte, para se refrescar todo fim de tarde deitada na grama, de maí, ao lado da fonte luminosa que havia sido reformada e que tocava música clássica, em 2008. Hoje, moradores de rua tomaram conta do lugar, vivem em barracas de camping e usam a fonte, que continua luminosa, mas sem música, para tomar banho e lavar roupas, bem diante dos olhos da Polícia Militar e da Guarda Municipal. Numa tentativa de salvar a praça, um abaixo-assinado na internet, feito por meio da plataforma *change.org*, cobra soluções da Prefeitura de Belo Horizonte para a situação do espaço, uma das principais áreas verdes da capital, que hoje não está tão verde, devido ao vandalismo. A meta do idealizador do documento é colher 2,5 mil assinaturas para que o documento seja direcionado ao executivo municipal. Na noite de ontem, faltavam apenas 18 assinaturas.

Há vários anos o local é ocupado por moradores de rua, que ficam acampados na grama. O texto da petição cita também a criminalidade no local. "Os ladrões aproveitam o ambiente para os assaltos. À noite pode se ver de tudo, prostituição, drogas, basta passar lá para conferir. Por que a Prefeitura de Belo Horizonte não faz alguma coisa para mudar essa realidade?", questiona o autor da petição, Alisson Marques. Ele pretende



Grupo de moradores de rua ocupa gramado, que foi transformado em uma espécie de 'área de camping'. Legislação engessa ação da PM

pressionar a PBH para melhorar as condições da praça e ajudar as pessoas que vivem no local.

Em vários cantos, o gramado não existe mais, apenas terra batida, de tanto ser pisoteada. No lugar das flores, há muito lixo. Na tarde de ontem, muita gente tomava banho e lavava roupas na fonte, que há mais de dois anos não toca música clássica. Lamenta o chefe da jardinagem, Reinaldo Márcio da Silva, de 44. Na segunda-feira, funcionários da Sudacup até tentaram reativar o som, mas não conseguiram, disse ele. "A situação já esteve ainda pior. Cada canteiro tinha um grupo de pessoas morando. A PM não deixa mais ficar nos canteiros e eles armam barracas nas calçadas. Mesmo assim, estendem colchões no gramado e dormem", conta o jardineiro. "A PM não dá conta. Os moradores de rua ficam cozinhando nos canteiros e fazem suas necessidades na frente de todo mundo", denuncia o jardineiro.

O coordenador do Conselho CDL/Barro Preto e um dos diretores da Câmara dos Dirigentes Lojistas (CDL), Fausto Izac, conta que há um mês a entidade fez uma reunião com a Secretaria Regional Centro-Sul da PBH e com a 5ª Companhia da PM, pedindo providências. "Ficaram de realizar uma ação conjunta para avaliar o que pode ser feito. Vamos marcar nova reunião. O problema é que a PM não pode agir em relação aos moradores de rua, devido à legis-

lação que proíbe recolher pertences pessoais deles. O que a PM e a Guarda Municipal podem fazer é combater os roubos, a prostituição e o tráfico de drogas", disse Izac. Segundo ele, o comércio está sendo prejudicado, pois muita gente tem medo de passar pela região. Na tarde de ontem, PMs e guardas faziam a segurança no local.

MEDO A advogada Wilma Aparecida Aguiar conta que evita a praça quando começa a anoitecer. "Te-

nho muito medo. São homens de short e meias de biquini, como se fosse praia", reclama. A estudante Ana Carolina Gil, de 19, havia marcado encontro na praça com uma amiga. "Se me senti segura perto dos guardas municipais", disse.

O guarda municipal Cristiano Souza explicou que a lei garante a permanência do morador de rua em locais públicos. "O que a gente faz é telefonar para a Secretaria Municipal de Políticas Urbanas e eles tentam convencê-los a ir para abrigos. Mesmo quando as barracas são recolhidas, os sem teto voltam no dia seguinte com outras. A gente fica aqui para evitar crimes, vandalismo e garantir o direito de ir e vir das pessoas", disse.

QUESTÃO SOCIAL A PBH informou, por meio da Regional Centro-Sul, que está atenta à questão social de pessoas em situação de rua que têm como referência a Raul Soares, e tem tomado providências no que diz respeito ao atendimento socioassistencial. Outra frente visa à desobstrução do local, onde são apreendidos itens que prejudicam a mobilidade. "Resalta-se que não é feita a retirada compulsória dos cidadãos das ruas", diz a nota. Em maio, a PBH abriu edital para licitar serviços de manutenção e conservação da Raul Soares. A vencedora da concorrência será responsável pelo plantio, corte e conservação de vegetação, além de cuidar de canteiros e sistema de irrigação. Ainda de acordo com a Regional Centro-Sul, o serviço de manutenção nunca foi interrompido.



Com paralisação de servidores mantida, Reitoria não tem previsão de quando semestre será retomado

EDUCAÇÃO

Ufop divulga cortes anticrise

PAULA CAROLINA

O corte de 15% no quadro de funcionários terceirizados, o aumento no preço das refeições e um maior ajuste no sistema de transporte fazem parte das medidas anunciadas ontem pela Reitoria da Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop) para reduzir custos e tentar arrenhar os problemas causados pelo déficit estimado em R\$ 15 milhões. Os cortes serão feitos a partir dos salários mais altos e ocorrerão basicamente nos setores de limpeza e recepção, preservando a segurança.

No total, devem ser demitidos 90 funcionários. "Começamos a fazer ajustes no início do ano e essa foi uma das medidas que tentamos evitar ao máximo, pois o impacto social é grande, principalmente em uma cidade do porte de Ouro Preto. Mas chegamos a um ponto em que tudo está muito difícil", afirmou o pró-reitor de Planejamento, professor Rodrigo Bianchi.

Outra medida adotada pela universidade tem impacto mais imediato e direcionado aos estudantes: o aumento das refeições. Antes das novas medi-

das, alunos pagavam R\$ 2 pela alimentação, professores e demais funcionários desembolsavam R\$ 2,70 e visitantes, R\$ 3. Assim que as aulas forem retomadas, os valores passarão a ser de R\$ 3 para alunos, R\$ 5 para servidores e R\$ 10 para visitantes. Alunos carentes que têm direito a 100% de gratuidade nos restaurantes continuarão sem pagar. Aqueles que têm parte do benefício (os subsídios vão de 20% a 100%) também terão o direito preservado.

Também para cortar custos, de acordo com o pró-reitor, precisam ser feitas viagens constantes a Belo Horizonte e outros municípios próximos, decorrentes de atividades como a participação de professores em bancas, pesquisas e outros tipos de intercâmbio. A primeira medida foi adotar vans e manter dois automóveis para simplificar o transporte. Agora, a universidade manterá somente as vans. "Com isso, vamos conseguir reduzir o número de viagens, o gasto com combustível e as diárias", projetou. "A diferença é que haverá um trajeto fixo, com pontos a se-

rem observados pelos professores, alunos e funcionários que precisam ser transportados a serviço da Ufop", completou. O problema enfrentado pela Ufop começou no fim do ano passado, e decorre principalmente dos contingenciamentos impostos ao Ministério da Educação (MEC), de cerca de R\$ 11 bilhões, que fizeram com que as universidades deixassem de receber a totalidade dos recursos programados para 2015.

IMPASSE A greve dos professores da Ufop terminou no dia 14, mas as aulas não retomaram, devido ao movimento dos funcionários dos setores técnico e administrativo, que continua. Rodrigo Bianchi explica que, como o semestre não chegou a começar (a greve teve início em julho), matrículas não foram feitas e sequer há um calendário para início das aulas.

Segundo ele, a Reitoria está em negociação com os funcionários, na tentativa de conseguir que pelo menos alguns deles trabalhem e apremem o processo, para que o semestre letivo possa começar, independentemente do fim da greve do setor.

INCÊNDIO NO ROLA-MOÇA

Bombeiros vencem batalha

Rafael Passos

Depois de quase 48 horas, o Corpo de Bombeiros conseguiu, no fim da manhã de ontem, controlar o incêndio no Parque Estadual da Serra do Rola-Moça. Segundo a corporação, cerca de 100 homens, entre militares e brigadistas, trabalharam ontem no rescaldo da vegetação atingida pelas chamas, para evitar o surgimento de novos focos de fogo. Somente após essa etapa do trabalho seria divulgada a extensão da área queimada, conforme o Instituto Estadual de Florestas (IEF). Porém, essa foi apenas uma batalha vencida, já que em locais como o Parque Estadual da Serra da Boa Esperança, no Sul de Minas, o fogo seguia fora de controle ontem.

Já na unidade de conservação localizada entre Belo Horizonte, Brumadinho, Ibirité e Nora Lima, na região metropolitana da capital, o combate ao fogo, consumiu três dias. Fora de controle, as chamas chegaram a destruir pelo menos 450 hectares de mata desde o início do incêndio, segundo estimativa feita na segunda-feira.

Em sua edição de ontem, o Estado de Minas mostrou os riscos e a dificuldade do trabalho dos bombeiros para debelar o fogo que dizimou parte da vegetação do parque. Três mananciais usados pela Copasa para abastecimento foram afetados e o calor provocado pela queimada, medido com



Aeronave ajudou nos trabalhos de combate, que duraram três dias

calorímetro a laser, chegou a 200 graus em alguns pontos de combate.

De janeiro a setembro, o número de focos de calor em unidades de conservação estaduais e federais em Minas já supera em 10% o registrado no mesmo período do ano passado — o total saltou de 2.848 para 3.126, segundo o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe). A unidade mineira mais afetada por queimadas este ano foi o Parque Nacional da Serra da Canastra, onde nasceu o Rio São Francisco: foram 638 focos.

BOA ESPERANÇA No Sul de Minas, no Parque Estadual da Serra da Boa Esperança, no município de Boa Esperança, o Corpo de Bombeiros prossegue ontem com os trabalhos de combate ao

fogo. Havia pelo menos cinco focos em locais onde os brigadistas não conseguiram chegar e nos quais o combate era feito por duas aeronaves do IEF. Os trabalhos, que entram hoje no quarto dia, foram interrompidos no início da noite, por motivos de segurança. A estimativa é de que mais da metade da reserva ambiental, que tem 5,9 mil hectares, foi atingida.

O fogo começou no sábado e se espalhou rapidamente, por causa dos ventos fortes e do raso seco. As causas ainda são desconhecidas, mas a suspeita é que o incêndio tenha sido criminoso. Ontem, o combate foi feito por 41 agentes do Corpo de Bombeiros, Polícia Militar Ambiental, guardas municipais e brigadistas do IEF, com apoio de duas aeronaves.

ENQUANTO ISSO...

...RACIONAMENTO DE VOLTA

A população de Pará de Minas, de 84,21 mil habitantes, a 80 quilômetros de Belo Horizonte, no Centro-Oeste do estado, volta a conviver com o racionamento de água. A situação na cidade se agravou em função da seca, cujos efeitos se intensificaram nos últimos dias, com

a elevação da temperatura. Com o rodízio, os bairros da cidade vão receber água em dias alternados. Os moradores conseguirão a sofrer com o racionamento no segundo semestre de 2014. O racionamento havia sido suspenso no início deste mês, após chuvas na região.

Shoppings. Em 24 horas, movimento ganhou adesão em nove Estados, inclusive de Minas

Jovens planejam 'rolé' nacional contra opressão

Intenção é ocupar principais centros comerciais das capitais brasileiras

■ LUCIENE CÂMARA

Jovens ligados a movimentos sociais e estudantes organizam um evento em shoppings de todo país: o "Rolezaum do Brasil", marcado para 1º de fevereiro. O encontro nasceu como mais uma manifestação de apoio aos "rolezinhos" da periferia, reprimidos por seguranças, policiais e até proibidos pela Justiça, como no caso de São Paulo. Segundo os organizadores da mobilização nacional, lideranças de nove Estados já aderiram à manifestação, inclusive os de Minas Gerais.

Em Belo Horizonte, está marcado para a data o "1º Rolezim do Shopping Boulevard", no bairro Santa Efigênia, na região Leste, que deve ser incluído na programação nacional. "Estamos tentando juntar todos os 'rolezinhos' de Minas com o 'Rolezaum' do Brasil. É uma forma de dar apoio ao movimento e chamar atenção contra os abusos policiais que estão ocorrendo", afirmou o estudante Izaque Vieira, 17.

O produtor musical Balano Mardel Eric, 20, um dos criadores do "Rolezaum do Brasil", é também militante da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (Ubess) e viajou ao Brasil em encontros sobre juventude. O objetivo do "rolé" nacional, segundo ele, é ocupar os principais shop-

pings do país em um ato de combate ao racismo e à mortalidade juvenil. "Queremos pedir que os governantes tornem as cidades mais juvenis, com parques e espaços de lazer", explicou.

Além de apoiar os "rolezinhos", o movimento cobra mais segurança e liberdade para os jovens. "Existem bairros violentos em que nunca há polícia para resolver crimes, mas quando acontece um 'rolezinho', aparece um monte", completou.

ADESÃO. Até a tarde de ontem, em pouco mais de um dia de divulgação no Facebook, o evento já havia recebido apoio também de jovens em São Paulo, Bahia, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Espírito Santo, Pernambuco e Ceará.

Já quem é contra os "rolezinhos" defende que shoppings são espaços privados e esse tipo de encontro causa temor e tumulto nos corredores dos centros comerciais. "O shopping pode barrar os 'rolés'. O que não pode é ter ações preconceituosas, como impedir a entrada de pessoas por serem negras ou pobres", argumentou o professor de direito constitucional da Fumec Ricardo Sacco.

Próximos

635

pessoas aceitaram convite no "Rolezaum no Paty Savassi"

1.004

pessoas já aderiram a um "rolé" em Uberaba, no sábado



Pelo país. Participantes estão cada vez mais organizados e prometem ação nas principais capitais

Polícia reforça efetivo no Rio

Após a Polícia Militar do Rio de Janeiro prometer reforçar em 50% o policiamento durante o "rolezinho" previsto para este domingo, e revistar passageiros que chegam de ônibus, a Secretaria de Estado de Segurança Pública desautorizou a ação e informou que "não há determinação para abordagens nas ruas e coletivos". Já a chefe do Comando de Policiamento da Capital (CPC) mineira, coronel Cláudia Romualdo, não informou o tamanho do efetivo por questões estratégicas, mas disse que será preventivo em todos os shoppings no fim de semana.

Governo faz alerta

O chefe da Secretaria Geral da Presidência da República, Gilberto Carvalho, defendeu a convivência dos lojistas de shopping centers com os "rolezinhos" e criticou a repressão e as liminares judiciais contra o evento, o que ele definiu como "discriminação". Para ele, a postura da polícia em barrar os "rolezinhos" pode "acabar colocando gasolina no fogo". Nesta semana, a presidente Dilma Rousseff convocou sua equipe para tratar do movimento. Dois shoppings de São Paulo também fecharam as portas ontem durante "rolezões" marcados por sem-teto.

Prefeito não é contra 'rolés' pacíficos

O prefeito Marcio Lacerda disse ontem, em evento na prefeitura, que não vê problema nos "rolezinhos", desde que sejam pacíficos. "Eu acho que os shoppings são frequentados pelos adolescentes e são local de convivência, de cortiço. Se os grupos de jovens mantiverem a ordem, nem praticarem o vandalismo, eu, pessoalmente, não tenho nada contra".

O estudante Izaque Vieira, que está apoiando o "Rolezaum do Brasil", disse que jovens se reuniriam ontem, no Minas Shopping, com organizadores de "rolezinhos" para discutir a motivação desse tipo de evento. (LC)

Retirada Prefeitura desocupa área sob viaduto

■ BÁRBARA FERREIRA

ESPECIAL PARA O TEMPO

A Prefeitura de Belo Horizonte realizou, na manhã de ontem, uma ação para recolher objetos e pertences de um grupo de moradores de rua que vivem há mais de um ano embaixo do viaduto da Francisco Sales, no bairro Floresta, na região Leste da capital. Essa ação está prevista em uma instrução normativa que libera o recolhimento de todo o material que obstrui o espaço público, mas gera polêmica entre moradores da região.

Revoltado com a ação, o designer gráfico Sillas Maciel publicou um texto de repúdio em sua página do Facebook. Ele tem um escritório nas proximidades do viaduto e afirma que os agentes da prefeitura levaram também roupas, comida e ameaçaram até levar a cadeira de uma das mulheres que vive no local. "É muito triste porque eles não têm o que fazer. É uma atitude autoritária com pessoas que não têm condição de se defender", reclama o designer.

A coordenadora do Comitê de Acompanhamento e Monitoramento à População em Situação de Rua da prefeitura afirma que a ação foi feita dentro do padrão e que só foi retirado aquilo que não havia sido apontado como item pessoal pelos próprios ocupantes do local.

Cardborigami

Abrijo. Sillas Maciel desdobrou um origami gigante que pode ser usado como abrijo. Ele pretende usar a ideia para ajudar a população de rua. O projeto foi criado por uma arquiteta norte-americana.

Sabará. Suspeito alegou que precisava de dinheiro, mas portava relógio avaliado em R\$ 8.000 e tênis de marca

Aluno de direito é preso com R\$ 2 milhões em cocaína

■ ALINE DINIZ

O estudante de direito Adriel Marques Lima Ferreira, 30, foi preso com 35 kg de pasta-base de cocaína, avaliados em mais de R\$ 2 milhões, na noite de quarta-feira. Ele justificou que fazia o transporte de droga porque estaria passando por problemas financeiros.

A apreensão ocorreu durante uma operação da Polícia Rodoviária Federal (PRF), na BR-381, em Sabará, na região metropolitana de Belo Horizonte.

Porém, segundo um

agente da PRF que atendeu a ocorrência, mas preferiu não ser identificado, o universitário e seu comparsa, identificado apenas como Álvaro, 31, estavam usando relógios que valem, caso sejam verdadeiros, cerca de R\$ 8.000 cada um.

"Na hora de explicar o motivo pelo qual transportava o entorpecente, mesmo tendo um relógio tão caro, ele virou o rosto e disse que não queria falar mais nada", revelou o policial rodoviário. Além dos relógios supostamente caros, a polícia en-

controu pares de tênis de marca dentro do veículo. "Eles queriam passar a impressão de que eram ricos para não acharmos a droga", avaliou o agente.

R\$ 60 MIL/MÊS. O policial contou que a dupla ganharia aproximadamente R\$ 8.000 por cada viagem, trabalho que poderia render a eles de R\$ 50 mil a R\$ 60 mil por mês. O entorpecente foi achado em um fundo falso do veículo.

No primeiro interrogatório, eles não delataram o mo-



O entorpecente estava escondido em um fundo falso do veículo

me do suposto proprietário da pasta-base. Os detidos disseram que estavam levando a droga de Rio Verde, em Goiás, para Vila Velha, no Espírito Santo.

Ferreira não tem passagens pela polícia. Já Álvaro cumpriu três anos de pena por tráfico de drogas e possui diversas passagens pelo mesmo crime.

"Isso acontece muito. Eles usam uma pessoa com o 'nome limpo' e colocam a culpa nele", explica o agente. A dupla foi levada para a delegacia de Sabará.

Capital. Agentes municipais estariam recolhendo pertences pessoais, o que é proibido

Professor denuncia abuso em trato a morador de rua

Prefeitura diz que só retira objetos que obstruem vias, mas que vai apurar o caso

■ PEDRO VAZ PEREZ

Pertences pessoais de moradores de rua de Belo Horizonte, como roupas, cobertores, papéis e carinhos, podem estar sendo confiscados de maneira irregular por agentes da prefeitura. A denúncia foi feita ontem, durante audiência pública realizada no Ministério Público de Minas Gerais, pelo coordenador geral do Programa Polos de Cidadania da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), André Luiz Freitas Dias. Ele se baseou em relatórios das abordagens redigidos pelos próprios agentes. E as denúncias vieram a público um dia após o Executivo apresentar um plano para as abordagens da população de rua durante a Copa.

Segundo Dias, os relatórios analisados trazem detalhes de todas as ações realizadas por agentes da prefeitura entre janeiro e março deste ano, em oito das nove regionais da capital. "Só não recebemos os relatórios da região da Pampulha, onde está o Mineirão e será área da Fifa", afirmou o professor. Ele conta que os agentes informam ter recolhido uma série de pertences, inclusive roupas e cobertores, por os considerarem objetos "desnecessários ou sem serventia".

Integrante do Fórum Mineiro de Direitos Humanos, Egídia de Almeida for-

taleece as acusações. "Estão retirando pertences sem justificativa", avalia.

NORMAS. Desde dezembro passado, as ações são orientadas por um documento chamado "Instrução Normativa", elaborado pela prefeitura. De acordo com a coordenadora do Comitê de População de Rua de Belo Horizonte, Soraya Romina, o objetivo maior das regras é a "desobstrução do espaço público". "Só é recolhido aquilo que está no caminho das pessoas, impedindo o direito de ir e vir de outros cidadãos. Um colchão debaixo do viaduto não tem problema. Mas, em frente a uma loja da praça Sete, atrapalha a cidade. Já acompanhei mais de 30 abordagens e posso garantir que as denúncias apresentadas não procedem", afirma.

Segundo ela, no primeiro trimestre do ano, foram realizadas 80 abordagens. "Só recebemos duas denúncias concretas. Mas, como as ações são novas, podem haver equívocos, e vamos trabalhar para corrigi-los".

Ações para a Copa

● **Reforço.** Na quinta-feira, a prefeitura anunciou aumento de 30% no número de agentes de abordagem durante a Copa. Hoje, são 80 técnicos. Eles trabalharão três horas a mais e terão qualificação.

● **Atividades.** Foi criado um torneio de futsal para moradores de rua. Os abrigos terão atividades especiais e exibirão jogos da Copa.



População. Segundo censo feita pela prefeitura, a capital tem cerca de 1.800 moradores de rua

Reclamações

Veja as principais reclamações dos moradores de rua na audiência pública:

● **Abrigos.** Frequentadores de abrigos municipais reclamam da falta de higiene e de segurança, além do estado precário de itens como toalhas, cobertores e lençóis.

● **Atividades.** Eles também cobram a implantação de atividades de alfabetização e de qualificação profissional que possibilitem a busca de empregos.

● **Lotação.** Outra demanda é para a ampliação do número

de abrigos e para a redução de pessoas em cada unidade. Segundo a prefeitura, a população de rua gira em torno de 1.800 pessoas, e os abrigos da capital oferecem 900 vagas.

● **Truculência.** Muitos moradores de rua relatam abusos, violência e espancamentos por parte de autoridades policiais.

● **Filhos.** Mulheres em situação de rua relataram que tiveram seus filhos tomados na maternidade, após o parto. Autoridades teriam alegado falta de condições para a criação.

MP quer se reunir com prefeito

Após ouvir relatos de diversos moradores de rua e entidades do setor, o Ministério Público fará encaminhamentos e inquéritos poderão ser abertos. Sobre a retirada irregular dos pertences, será pedida audiência com o prefeito Marcelo Lacerda para esclarecimentos. À Polícia Militar, será recomendado que as abordagens não sejam feitas de forma truculenta.

As demais denúncias serão encaminhadas às promotorias competentes. (PVP)

PUC Minas Estudantes denunciam ato racista em campus

■ BÁRBARA FERREIRA

Um grupo de alunos está se mobilizando para aumentar a discussão sobre o racismo dentro da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). A ideia surgiu nesta semana depois de um episódio considerado pelo grupo como sendo racista. Um estudante de Relações Internacionais, negro e que nasceu em Guiné-Bissau, foi seguido e abordado por seguranças da universidade. A vítima, segundo colegas, acredita que só foi parado por ser negro.

Os guardas teriam recebido uma denúncia sobre a presença suspeita do aluno na porta de um dos prédios e foi checar sua conduta. Isso gerou revolta em algumas pessoas. O movimento PUC Livre, que já tem alguns trabalhos sociais dentro do campus, resolveu levantar a discussão.

"Já sabemos de outras atitudes racistas aqui dentro e queremos alertar as pessoas para isso", revela Luíza Diniz, 24, uma das integrantes do grupo. O movimento chegou a fazer um pequeno protesto na noite de ontem na universidade.

A reportagem de O TEMPO tentou entrar em contato com a assessoria de imprensa da universidade na noite de ontem, mas não encontrou nenhum responsável pelo setor.

Abordagem

Casos. Os alunos também revelaram episódios envolvendo alunos de classes sociais mais baixas. Segundo eles, há algumas abordagens abusivas feitas pelos outros estudantes.

Sete Lagoas. Hospital Nossa Senhora das Graças teve que suspender novas internações no CTI neonatal

Bactéria multirresistente infecta mais dois bebês

■ CAMILA BASTOS

ESPECIAL PARA O TEMPO

Mais dois casos de contaminação por uma bactéria multirresistente dentro da Unidade de Tratamento Intensivo (UTI) neonatal do Hospital Nossa Senhora das Graças, em Sete Lagoas, na região Central do Estado, foram confirmados ontem. Ao todo, já são quatro bebês infectados. De acordo com o hospital, todos estão estáveis, o que significa que os remédios administrados têm sido eficazes.

Segundo a assessoria de

imprensa do hospital, desde a última quarta-feira, a instituição não recebe mais internações para o setor, que possui dez leitos. Foi montada uma estrutura de emergência na ala de pediatria para atender casos de necessidade, para quando não houver possibilidade de transferência.

O primeiro caso de infecção pela bactéria *acinetobacter* foi detectado no dia 2 deste mês, e o segundo, no dia 18. Os quatro bebês continuam internados.

A Vigilância Sanitária de



Instituição informou que quadro de saúde de crianças é estável

Sete Lagoas tem feito visitas diárias à instituição, acompanhada de servidores do órgão estadual. De acordo com a assessoria da instituição municipal, a prática deve ser mantida e não há mudanças previstas devido aos últimos casos.

HISTÓRICO. O último surto da bactéria *acinetobacter* registrado no Brasil aconteceu em julho de 2012, em um hospital da cidade de Natal, no Rio Grande do Norte, quando duas pessoas morreram.

Detalhes

▼ **Risco.** A bactéria não é considerada perigosa para pessoas saudáveis, segundo pesquisadores, mas pode trazer risco de morte para pacientes com sistema imunológico deficiente.

▼ **Ambiente.** Ela é comum em ambientes hospitalares, principalmente em Unidades de Tratamento Intensivo, e está relacionada a doenças como pneumonia e infecção generalizada.

Gameleira. Homem quebrou um dedo e teve que passar por cirurgia

Argentino teria sido agredido por causa de bandeira



Vítima estava com a mulher e a filha quando vândalos tomaram-lhe o objeto

LUCIENE CÂMARA

A bandeira da Argentina foi partida ao meio, mas o biólogo Ruben Francisco Lucero, 34, passou por cirurgia no Hospital de Pronto-Socorro João XXIII. Ele teve um dos dedos quebrado por três homens na noite de anteontem, enquanto segurava a bandeira de seu país na rua Conde Pereira Carneiro, no bairro Gameleira, na região Oeste da capital. A agressão foi a primeira registrada até agora envolvendo torcedores em Belo Horizonte.

"Não entendo porque queriam a bandeira, que para eles não representa nada, mas para mim representava muito", contou o argentino, que havia herdado da família o símbolo de seu país quando se mudou para o Brasil, há dois anos.

Ele disse que levava a mulher para um curso, junto com um amigo e a filha de 2 anos. Sentado no banco de trás do veículo, ele estendeu a bandeira para fora



Lucero disse que jamais imaginava sofrer algo do tipo no Brasil

do carro, assim como viu alguns chilenos fazerem pela cidade. "Ainda pedi que ele deixasse apenas um pedaço pequeno da bandeira para o lado de fora", relatou a mulher da vítima, a brasileira Júnia Paula da Silva, 33.

Quando passavam perto do Hospital Galba Veloso, três homens se aproximaram e puxaram a bandeira das mãos de Lucero. O argentino tinha parte do tecido enrolado em seus braços e tentou evitar que levassem o objeto.

"Foi horrível, minha filha começou a gritar 'papai, papai'. Fiquei com medo do que eles poderiam fazer contra meu marido", relatou Júnia. Ela e Lucero disseram que os homens não falaram nada, apenas tomaram a bandeira e foram embora. O argentino ainda saiu do carro, mas na briga de força, o tecido bran-

co e azul foi rasgado ao meio. "Jamais esperava ser agredido no Brasil por sair com a bandeira de meu país", disse o biólogo.

A família seguiu direto para o hospital João XXIII, onde Lucero foi internado e passou por cirurgia. Segundo a assessoria de imprensa do hospital, ele permanecerá internado até hoje em observação por conta do efeito de medicamentos.

Ele e a mulher acreditam que os agressores eram brasileiros e, possivelmente, estudantes de instituições localizadas na região. Eles pretendem prestar queixa assim que Lucero sair do hospital e acreditam que a polícia irá solicitar imagens de câmeras de vigilância. "Já pensávamos em morar na Argentina neste ano. Agora, certamente vamos nos mudar daqui", disse Júnia.

Susto

Mexicana é furtada em voo para o RJ

Antes mesmo de pisar em solo brasileiro, uma turista mexicana, que veio acompanhar a Copa do Mundo, foi furtada. Segundo o depoimento da mulher à Polícia Federal (PF), sua bolsa foi levada da aeronave com objetos pessoais e R\$ 1.450 em dinheiro. A vítima, que saiu dos Estados Unidos para o Rio de Janeiro, só percebeu o crime quando desembarcou no aeroporto de Confins, na região metropolitana, para uma conexão.

Conforme a PF, ela estava em uma aeronave da American Airlines em um voo que saiu de Miami. Ela contou aos policiais que deixou a bolsa no assento do avião e que, ao desembarcar em Confins, percebeu que havia sido furtada.

A vítima prestou depoimento na unidade da PF do aeroporto, mas nenhum suspeito foi identificado. A polícia investigará o caso. A reportagem de **O TEMPO** procurou a American Airlines, mas recebeu a informação de que o atendimento à imprensa é feito na central que fica nos Estados Unidos. (Barbara Ferreira)

Pedro II Comerciantes fecham avenida pela terceira vez

JHONNY CAZETTA

Pelo terceiro dia consecutivo, comerciantes da avenida Pedro II, na região Noroeste de Belo Horizonte, fecharam o trânsito na via para protestar contra mudanças no fluxo do local. Desta vez, a pista ficou fechada totalmente no sentido centro por pouco mais de dez minutos. Em seguida, cerca de 20 lojistas seguiram em passeata, ocupando uma faixa da avenida.

Como a manifestação ocorreu depois das 9h da manhã de ontem e por pouco tempo, o impacto no trânsito foi menor que nos dias anteriores. Durante a passeata, os comerciantes usaram faixas e apitos para protestar. A principal crítica é sobre a retirada de cerca de 450 vagas de estacionamento da via para a criação da faixa exclusiva para ônibus.

"Nossa situação está crítica e não vamos sossegar até que algo seja mudado pela prefeitura. Até porque se deixarmos do jeito que está, daqui a alguns anos não haverá

mais comércio por aqui nem mais o ganha-pão de diversos trabalhadores", afirmou o comerciante Lindoval Reis, 34.

REUNIÃO. No fim da manhã de ontem, a Polícia Militar (PM) mediu um encontro entre lojistas e representantes da Empresa de Transportes e Trânsito de Belo Horizonte (BHTTrans). "Foi um encontro muito positivo. Isso porque os comerciantes expuseram seus problemas, e a prefeitura prometeu manter o diálogo", afirmou o major Edson Gonçalves.

Após a reunião, ficou acertado que os lojistas pedia-riam as principais reivindicações e as levariam em um novo encontro com a prefeitura. Com isso, as manifestações, que estavam sendo frequentes, devem sofrer uma pausa. A reportagem procurou a BHTTrans para uma posição sobre o assunto, mas, até o fechamento desta edição, nenhum representante da autarquia havia se manifestado.



Lojistas reclamam de prejuízos com a retirada de vagas de estacionamento

BH. Denunciantes afirmam que a prefeitura "tira seus pertences à força para deixar tudo bonito"; Executivo nega

Moradores de rua reclamam de excessos na Savassi



FERNANDA VIEGAS

JHONNY CAZETTA

"Pegaram minha comida e minhas cobertas. Ainda disseram que voltariam para pegar mais". Em uma roda no cruzamento das ruas Alagoas e Inconfidentes, na Savassi, na região Centro-Sul da capital, a denúncia feita pela moradora de rua Elaine Cristina, 35, era compartilhada por outros cole-

gas de calçada.

Todos indignados com o suposto tratamento dado por funcionários da Prefeitura de Belo Horizonte, que, segundo eles, teriam sido arrogantes durante a abordagem. "Eles chegam, não falam nada e já vão pegando as coisas à força. Querem, na verdade, nos expulsar daqui e deixar tudo bonito para os gringos", declarou Carlos Sousa, 32, outro morador.

Segundo eles, foram recolhidos diversos pertences pessoais como cobertores, papelões e até comida. "Eu



Prefeitura da capital informou que não recolhe pertences pessoais

tinha cinco caixas de leite e levaram todas. A gente ganha as coisas e eles pegam. Estou grávida de quatro meses e se tivesse uma casa, não estaria na rua", disse Jéssica Silva, 35.

POSIÇÃO. A assessoria da Regional Centro-Sul confirmou que houve uma ação de desobstrução da via com acompanhamento da PM, na manhã de ontem, na Savassi. Segundo a coordenadora do Comitê de Políticas para a População de Rua da Secretaria de Políticas So-

ciais, Soraya Romina, as ações são rotineiras em toda a cidade e estão previstas em uma instrução normativa publicada em dezembro do ano passado.

Além disso, Soraya negou que a prefeitura tenha feito recolhimento de objetos pessoais dos moradores. "Pertences particulares não são alvo da prefeitura, como, por exemplo, mochilas, documentos, colchonetes e materiais para sobrevivência. Mas um sofá e uma cama na rua são apreendidos", disse.

Informe Publicitário

Agenda do Síndico

Reciclagem gera lucros

Está plenamente comprovado. A reciclagem de recursos naturais contribui para a redução da cota condominial. Isto porque o desperdício de água, energia elétrica e lixo, impactam diretamente o rateio das despesas. De acordo com os Indicadores Imobiliários da FGV, mais de 30% da arrecadação dos condomínios cariocas são destinados ao pagamento de taxas de água e energia elétrica. Com o uso racional dos recursos a redução pode chegar a 30%. Além de ser socialmente responsável, o condomínio que recicla lixo, de plástico, papel, vidro, alumínio e metal, pode ganhar com a venda desses produtos, fazendo caixa que poderá vir a ser um importante fator para a redução da cota condominial. Outra medida eficaz para a redução da cota, já em prática em muitos condomínios em todo o país, é o reaproveitamento da água da chuva. Ela é usada para a lavagem dos carros, calçadas, irrigação de jardins e descargas sanitárias. Muitas empresas especializadas hoje se dedicam a implantar nos condomínios este sistema. É inteligência. Além de proteção ao meio ambiente, o condomínio, para aqueles que ganharam a ação contra a Cedae, economizam com a diminuição do consumo de água registrado pelo hidrômetro, sem esquecer que é uma economia dupla, pois a cobrança do esgoto reduz na mesma proporção. O síndico deve se empenhar em obter as informações necessárias para fazer isso em seu condomínio. Não deixe para que outro o faça. Invista nisso e obtenha os louros da vitória. Seu nome vai ficar na história do seu condomínio.

Imóveis: venda
Administração: condomínio e locação
Administração On-Line
CondNet/ FolhaNet, LocNet
Remuneração do Saldo Credor

Copacabana: Av. Copacabana, 374 B - Tel. 2548-9045
Tijuca: Praça Saens Peña 45, sobreloja 226 -
Tel.: 2589-0333, Fax: 2585-7953 - Centro: Tel. 3147-6666
www.palmarsadm.com.br palmarsadm@palmarsadm.com.br

50 anos
1964-2014

4 | O GLOBO | BARRA
Quinta-feira 28.8.2014

Barraca na Joatinga

Casal se instala com barraca debaixo da ponte e moradores temem que sua presença seja o início da formação de uma nova favela no local

MARCO STAMM
marco.stamm.pa@oglobo.com.br

A presença frequente de sem-teto debaixo do viaduto sobre a Rua Maria Luisa Pitanga, pouco antes da guarita instalada pela Associação Amigos da Joatinga (Sajo), preocupa moradores das redondezas. O medo é que mais pessoas se aglomerem ali e comecem uma invasão, para formação de uma nova favela.

A moradora Marluccia Pessoa relata que a situação é crítica à noite, quando os sem-teto fazem fogueiras e consomem drogas, levando medo a quem passa pela rua. — Ainda tem uma mulher que toma banho, nua, na bica d'água, à vista de todos — diz.

A mulher a quem Marluccia se refere se identificou ao GLOBO-Barra como Sheila Cristina

Bastos e disse ter 52 anos. Ela afirma que dorme sob o viaduto, com o marido Wesley Rodrigo Pires da Silva, de 30 anos, porque trabalha com reciclagem e como guardadora de carros no Jardim Oceânico.

— Nós temos um quarto na comunidade de Antares, em Santa Cruz, mas ficamos por aqui durante a semana porque trabalhamos por perto — justifica-se, admitindo que costuma acampar em outros locais, como a Barrinha.

A escolha do último ponto, segundo o marido de Sheila, é justamente por causa da bica d'água, que facilita as tarefas de tomar banho e cozinhar. No entanto, ele nega que consumam drogas no local.

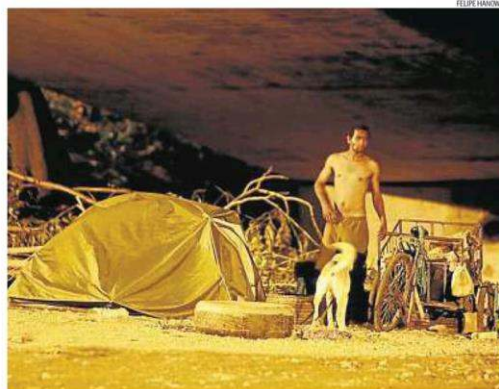
— Vou falar a verdade: nossa única droga é essa aqui — garante Silva, puxando uma garrafinha de cachaça.

Na noite em que a equipe de reportagem foi ao local, apenas o casal estava debaixo do viaduto, mas Marluccia diz já ter visto mais gente por ali, fazendo algazarra.

— Não sei se é esse casal, mas o negócio fica muito feio com o uso de drogas — relata. Ao mesmo tempo em que cobra uma solução para o problema, Marluccia pede que seja encontrada uma forma de fazer com que os moradores de rua vivam em condições mais dignas.

— Fico preocupada com essas pessoas. Mas, ao mesmo tempo, se as autoridades não tomarem providência, a situação vai se complicar.

Procurado, o subprefeito da Barra, Alex Costa, disse que a questão é pontual e que vai encaminhar uma assistente social ao local. ■



Acampados. Wesley Silva vive com a mulher e um vira-lata ao lado da Praia dos Amores; mudanças ocasionais

press reader

Prova de ingresso para o Colégio Salesiano Santa Rosa



O Colégio Salesiano Santa Rosa se destaca pelo compromisso em oferecer aos alunos oportunidades diferenciadas e modernas de formação integral. O sucesso desse trabalho se reflete nos resultados pedagógicos, na confiança e parceria dos pais e familiares e na dedicação de todos os educadores envolvidos no processo de ensino e aprendizagem.

Nesse entusiasmo, compartilhamos que as inscrições para a matrícula 2015 estão abertas.

Confira os procedimentos para fazer parte dessa família:

- 1) Preenchimento do formulário de inscrição online (www.salesianoniteroi.com.br/SR/matricula.php) ou na secretaria escolar;
- 2) Realização da prova de ingresso;
- 3) Entrevista com a Orientadora Educacional (responsável e aluno);
- 4) Resultado da prova de ingresso (no próprio site);
- 5) Realização da Matrícula.

NOVIDADE 2015:

Atualmente, o Colégio atende a estudantes do 6º ano ao 8º ano do Ensino Fundamental II no turno da tarde, e do 9º ano do EF II e Ensino Médio no turno da manhã. A partir de 2015, passará a atender alunos do 6º ano EF II também no turno da manhã, em regime parcial e integral, além de contar com mais um idioma na grade curricular: Espanhol. Tecnologias Educacionais - Material Didático Digital em 2015, para os 6º e 7º anos do Ensino Fundamental II e 1ª e 2ª séries do Ensino Médio, cumprindo a implementação progressiva.



www.salesianoniteroi.com.br

(21) 3578-9400

'Quintais do crack' em Santa Rosa

Casas vazias na Rua Doutor Mário Viana são ocupadas por usuários de drogas de dia e à noite

LEONARDO SMORE
leonardo.sudre@oglobo.com.br

Quem passa apressado pela Rua Doutor Mário Viana, em Santa Rosa, na direção da comunidade do Viradouro, pode não reparar, mas basta uma parada de alguns minutos, logo após o Colégio Salesiano, para constatar o movimento frequente de entrada e saída de pessoas em dois imóveis do lado da calçada oposta à escola. Na casa junto ao número 296, um portão dá acesso aos fundos do terreno, onde usuários de drogas consomem crack livremente, fazem fogueiras e controlam a entrada dos visitantes. Na casa de número 372, os hábitos dos ocupantes são idênticos, como constatou a equipe do GLORO-Niterói na última terça-feira. Moradores do entorno relatam que o consumo de drogas no local é constante. Eles denunciam que o grupo intimida os pedestres pedindo dinheiro agressivamente e relacionam o sumo de bens das residências do entorno à presença de drogas.

— Isso aqui está cada vez pior. A cada dia aparecem mais viciados, um horror. Eles aliciavam os moradores, principalmente as mulheres, lá vi até usarem facas. Fazem os locais de ponto de prostituição, porque já vi mulheres saindo da madrugada dentro de fozes e a situação também são terríveis — conta o aposentado Ney Barros, que mora nas proximidades.

FREQUÊNCIA MAIOR NAS MADRUGADAS
Da rua é possível ver que as casas estão bem deterioradas por dentro, com vidros e rebocos quebrados por toda a parte. Roupas e lençóis ficam estendidos em varais. Apesar de permanecerem nos imóveis durante todo o dia, a frequência é maior nas madrugadas.

— Eles ocupam essas casas por tempo. Saem às ruas nos mesmos horários: nas primeiras horas da manhã, por volta das 5h, 6h, e bem tarde da noite, por volta das 23h. Eles aproveitam o movimento de pessoas no ponto de ônibus para atacar idosos e mulheres mais frágeis, algumas com crianças pequenas — re-



Movimentação. Uma das frequentadoras da casa vicia pulo o portão pelo qual tem acesso ao imóvel



Invasão. Na casa de número 372, bastante deteriorada, um rapaz usa drogas no quintal

lata o porteiro de um edifício na rua que pediu para não ser identificado. Alguns moradores dizem que os locais se transformaram em cacildanças e denunciam que estão sendo usados não só para o consumo, mas também para a venda de drogas. A agressividade do grupo é outro fator preocupante.

— Eles são muito ruins. Já vi gente dizer que não tinha dinheiro, e eles atacaram mesmo assim. Só vi a menina correndo. Depois perguntei a ela o que houve, e ela disse que eles a estavam perseguindo porque se negou a dar dinheiro — conta a aposentada Ana Maria Vasconcelos.

A veterinária Mariana Moura mora próximo das ocupações e diz temer a nova vizinhança.

Nunca aconteceu nada comigo porque estou sempre atenta. Quando os vejo, atravesso a rua e mantenho a distância. Eu os vejo sempre pulando o portão para entrar. Coisa boa não devem estar fazendo lá dentro.

PREFEITURA DESCARTE TRÁFICO

A prefeitura informou que as secretarias de Ordem Pública e de Assistência Social e Direitos Humanos estão cientes da situação de ocupação dos imóveis, mas destaca que os locais não são sendo usados para a venda de drogas. Em nota, o município explica que foi feito um "diagnóstico real da situação das pessoas que estão ocupando os locais. Em uma primeira análise ficou comprovado que se trata de usuários de drogas (dependentes químicos) e não integrantes do tráfico. Desta forma, a situação deverá ser tratada também como saúde pública", afirma a nota.

Segundo a prefeitura, nesta semana será realizada uma ação conjunta entre as duas secretarias para identificar e buscar o encaminhamento dos usuários aos órgãos competentes para tratamento e ressocialização. Após a ação os proprietários dos imóveis serão identificados para que tomem providências quanto à manutenção, evitando que sirvam novamente de abrigo. ■

'Mendigata' atrai atenções de pedestres no Centro

Jovem capixaba mora na Avenida Amarel Peixoto desde fevereiro

MARCO MOREIRA
marco.moreira.jr@oglobo.com.br

Na noite de 15 de outubro, a capixaba Jessica Pinto da Luz completou seus 22 anos de vida. Não recebeu flores, regalos nem abraços de amigos. Moradora de rua, a jovem foi apresentada apenas com um copo de água oferecido pelo porteiro que trabalha no edifício de número 478 da Avenida Amarel Peixoto, próximo de onde fixa residência, segundo ela, desde fevereiro. Com 1,74 metro, 55 quilos, olhos castanhos claros, rosto delicado e cabelos ruivos até a altura do ombro, Jessica, com sua beleza, chama a atenção dos pedestres do bairro,



Drama. Viciada em tóxicos, Jessica vive em rua do Centro. Entre os pertences, fotos da filha, roupas e bicho de pelúcia

que a apelidaram de "mendigata" e "Criste Binkchen". — Ela é uma menina linda, inteligente e dócil, mas infelizmente está perdendo a luta contra as drogas. Torço para que

consiga se libertar desse vício e possa um dia sair das ruas — deseja o porteiro José Aldir dos Santos (a quem Jessica chama de cocorô), que sempre que pode dá comida e conselhos à jovem.

O vício em tóxicos, como a própria admite, a fez perder a guarda da filha mais velha, em 2009. Agora, diz que luta para que o mesmo não aconteça à criança de 1 ano e 1 mês, que ficou com a

irmã dela em Sorocaba (SP), onde morava antes de vir para o Rio tentar um emprego.

— Meu sonho é arrumar um trabalho para poder voltar a ter uma vida normal e cuidar da minha filha — disse Jessica enquanto segurava um álbum de fotos da menina, que nasceu prematura, aos 6 meses.

Jessica contou que, antes de optar pelas ruas de Niterói, trabalhava em Oropelândia como balconista e, depois, como prostituta, época em que, diz a jovem, conseguia pagar o aluguel de um apartamento no bairro carioca.

Em nota, a prefeitura afirma que "a jovem não se encontra mais no local e está sendo acompanhada desde quinta-feira pelas equipes de assistência social e saúde". Jessica disse que tem passado os dias no abrigo municipal Florestan Fernandes, no Centro, e que, à noite, volta às ruas para dormir. ■

A EDUCAÇÃO TRANSFORMA

Graduação a distância com a mesma qualidade e cursos certificados pelo MEC

a partir de:

R\$ 120,00^{em} por mês

E mais:

- Material didático gratuito*, impresso ou digital.
- Mais de 40 anos de experiência em mais de 80 unidades em todo o Brasil.

CONHEÇA AS UNIDADES ALCANTARA E NITERÓI

Estácio

A nossa vida é transformar a sua

VESTIBULAR • inscreva-se já

www.estacio.br • (21) 3231 0000

APOIADOR OFICIAL

Uma chance de ter de volta a filha de 1 ano e a própria vida

'Mendigata' da Avenida Amarel Peixoto é internada em clínica de reabilitação em São Paulo

MARCO MOREIRA
marco.moreira.1et@oglobo.com.br

Entre os significados da palavra oportunidade, no dicionário, estão "possibilidade de melhorar o estado atual de um indivíduo". Para a moradora de rua Jéssica Pinto da Luz, de 22 anos — a "mendigata" da Avenida Amarel Peixoto — tudo isso se resume a uma chance que possa livrá-la do vício das drogas e, consequentemente, devolvê-la à companhia da filha de 1 ano, que atualmente está em Sorocaba (SP), sob os cuidados da irmã.

Desde que teve o seu drama pessoal mostrado em reportagem publicada domingo passado no GLOBO Niterói — e visualizado mais de 530 mil vezes no site dos Jornais de Bairro —, Jéssica recebeu inúmeras propostas de ajuda, entre elas a oportunidade de entrar numa das melhores clínicas de reabilitação do país, no interior de São Paulo. O convite foi feito por uma emissora de TV, que está custeando todas as despesas da jovem.

Quem também se comoveu com a história de Jéssica foi a modelo Fernanda Lacerda, a "Mendigata" original do programa "Fimco", que revelou a intenção de conhecê-la e, quem sabe, ajudá-la. Jéssica sonha ser atriz ou escritora.

PLANOS PARA O FUTURO

Na última terça-feira, Jéssica tocou a calçada da Avenida Peixoto, onde morava desde o início do ano, por um condômino do hotel no Centro do Rio, e, no

dia seguinte, antes de embarcar para São Paulo e iniciar o tratamento, fez questão de se despedir de amigos que a ajudaram nas ruas de Niterói.

— Eu precisava vir aqui para agradecer a essas pessoas que tanto me ajudaram. Sei que tem muita gente que está tocando por mim, pela minha recuperação. E é isso o que eu mais quero na vida: me curar desse problema com as drogas, me estruturar, trabalhar e poder ter de volta a companhia da minha filha — planejava Jéssica, emocionada, enquanto abraçava os amigos.

DESPEDIDA DOS AMIGOS

A estudante Linda Katia lembrou-se do dia em que conheceu Jéssica, há cerca de quatro anos, em Itaipu, onde mora.

— Ela me pediu um copo d'água, e eu dei, com um sanduíche. Ali começamos uma amizade. Ela chegou a morar lá em casa durante um tempo, mas depois, por causa das drogas, voltou para as ruas. Mas eu e minha família amamos a Jéssica. Ela é minha amiga, uma pessoa boa e desejo muito que ela consiga se recuperar.

O porteiro José Aldir dos Santos, a quem Jéssica chama de coroa e considera um pai, foi o protagonista da tarde de despedidas. Tímido, ele passou alguns minutos abraçado à menina quase em silêncio. Nos poucos momentos que fez uso de palavras, destacou as mudanças repentinas na vida dela.

— Ela está cheirosa, limpinha, arrumada e muito feliz. Acho que agora ela vai se recuperar e dar a volta por cima. ■



Animação. Jéssica sorri em sua despedida de Niterói: na última quarta-feira, ela voltou para São Paulo, onde fará um tratamento em clínica de reabilitação



Carinho. Jéssica abraça o porteiro José Aldir dos Santos, um novo amigo

Reportagem cria comoção e polêmica entre os internautas

Para psicólogo, sociedade cria rótulos para justificar sua cegueira; um deles é a estética

GABRIEL MENEZES
gabriel.menezes@oglobo.com.br

A reportagem com a história da moradora de rua Jéssica Pinto da Luz teve grande repercussão na internet e gerou polêmica nas redes sociais. Na página dos Jornais de Bairro foram 534 mil visualizações entre sexta-feira passada e ontem — a matéria mais lida do mês. No Facebook, o link da reportagem foi compartilhado quase 4.500 vezes e teve mais de 2.100 comentários. Enquanto parte dos internautas se mostrou comovida com a história, outra reclamou do fato desta comoção acontecer apenas pela foto de ser uma jovem bonita, enquanto existem inúmeros outros casos parecidos que são ignorados.

Para Felipe Pena, psicólogo, jornalista e escritor, a grande repercussão da reportagem aconteceu porque a sociedade fecha os olhos para o que não quer ver, joga para debaixo do tapete o que incomoda a sua falsa estabilidade emocional e cria "rótulos terríveis para justificar sua cegueira". Um desses rótulos é ligado à estética.

— No caso em questão, cria-se o raciocínio de que o mendigo só pode ser feio, mas Jéssica rompe com esse rótulo e causa estranheza. Em boa parte dos casos (sem generalizar), quem a ajuda está tentando reconstruir suas próprias defesas psicológicas para a realidade social — explica.

Para ele, a única maneira de ajudar é abrir os olhos, o que parece simples, mas não é. — Precisamos de uma reconstrução cognitiva em toda comoção que acontece apenas pela foto de ser uma jovem bonita, enquanto existem inúmeros outros casos parecidos que são ignorados. Para Felipe Pena, psicólogo, jornalista e escritor, a

O 'mendigo gato' que se mudou para Niterói

O ex-morador de rua Rafael Nunes ficou conhecido nacionalmente como "mendigo gato" após ter sido fotografado maltrapilho, em frente à Catedral Basílica de Curitiba, e ter as fotos divulgadas em redes sociais.

Ex-modelo, dono de uma beleza invejável, Rafael havia perdido a guerra contra as drogas, que usou durante 14 anos, e morava nas ruas da capital paranaense. Após exposição de sua história na



Casal. Rafael e a nova Cláudia

mídia, o ex-modelo ganhou oportunidade de fazer tratamento do vício e hoje, em recuperação, trabalha como cozinheiro num restaurante na Zona Sul de Niterói, onde mora com o filho Tito, nascido em setembro, e a noiva, a jornalista Cláudia Couto.

— Sem o consumo do álcool e das drogas a vida é bem melhor, tem muito mais sabor. O nascimento do meu filho também ajudou muito a me fortalecer e a permanecer longe das drogas — acredita Rafael, aconselhando Jéssica, viciada em tiner, sobre a importância da família na recuperação. — Primeiramente a pessoa tem que admitir que foi derrotada pela droga e tem que procurar ajuda. O próximo passo é contar com o apoio da família e dos amigos mais próximos — disse Rafael.

OS COMENTÁRIOS NA WEB

"Somente pessoas consideradas feias podem ser mendigos".
DENY RICARDO ALEXANDRE

"Tanta gente nas ruas e só dão atenção pra mulher porque é bonita. Essa sociedade não presta mesmo".
CILLA SANTOS

"Essa pessoa está precisando de ajuda independente se é bonita ou feia".
JOSÉ CARLOS HENRIQUES

"Espero que ela se recupere para cuidar da filha. É muito triste viver assim".
TANIA VIEIRA DE MELO

"Ela pode ser uma menina linda e até doce... Agora inteligente! Desculpa-me, mas

mas usar drogas, não é uma escolha inteligente".
CARMELO FILHO

"Se fosse feia ninguém ligaria, estamos vivendo em um mundo que beleza é mais importante que caráter ou qualquer outra coisa".
CRISTINA SILVA

"Seja mendigo e bonito e ganhe uma reportagem seguida de uma ajuda humanitária. Se for feio, esquece, ninguém vai ligar".
FABIO CRISTOFOLI

"Esperando que essas mesmas pessoas que falam dela, são as que ficam doidas com 'mendigo modelo'".
PAULO PERESTRELO

CASA DESIGN 2014

Mostra de Decoração

Veja Também no Centro de Niterói:
De 4ª a Sáb 14h às 22h | Dom 14h às 20h
Av. Visc. do Rio Branco, 631
(Ao lado do DCE da UFF)

Até 16/11

De 4ª a Domingo das 14h às 22h
Rua Projetada 53 - São Francisco
(Rua Barbosa esquina com posto
Nº 400 e Rua Manoel Duarte)

PARALELA CASA DESIGN
Até 23/11

Claudia Vaz

Elaine Generoso

Janderson Marcilio

Elaine Xavier e Renata Soares

KICKBOXING
A LUTA COMO EXERCÍCIO
 APRENDA MUAY THAI
 E KICK BOXING

A ACADEMIA MAIS
 COMPLETA DA ZONA SUL.

VENHA FAZER UMA AULA EXPERIMENTAL!

RUA VISCONDE DE PIRAJÁ, 281 LOJA B - IPANEMA
 TEL.: (21) 3269-8000 • WWW.KICKFIT.COM.BR
 IPANEMA@KICKFIT.COM.BR

DIREITO DO CONSUMIDOR

Teresa Neves
 Advogada OAB/RJ 92830

21 99994-3933

saúde & ORTOPIEDIA

www.saudeeortopedia.com.br

EM DEZEMBRO: COMPRE 10X SEM JUROS NO CARTÃO**

SCOOTER GO-GO PRIDE
 em até 60 meses

CADEIRA DE RODAS TAIPU ALUMÍNIO
 (pneu antifujo)

De R\$ 1.499,00
 Por R\$ 1.199,00
 10X sem juros

Escada Aberta
 Apoio-Espalmo / Flex

Cadeira Higiénica

Elevação Assento-Sentado

Amplador de 4 rodas

Banco para Banho

BARRA - TEL: 3325-0288 - Av. das Américas, 7607-lj 136
 IPANEMA - TEL: 3813-5577 - R. Visc. de Pirajá, 156 - lj H
 FLAMENGO - TEL: 2225-6363 - R. do Catete, 347 - lj 15

16 | O GLOBO | ZONA SUL
 Quinta-feira 25.12.2014

Histórias de uma Zona Sul invisível

Inspiração no projeto "Rio Invisível", a equipe do GLOBO-Zona Sul percorreu algumas ruas da região em busca de pessoas que quisessem se abrir e contar suas histórias. Em comum, os três casos que encontramos carregam memórias de uma trajetória sofrida, e esperanças de um futuro com mais dignidade.

De acordo com o censo População de Rua, feito pela Secretaria municipal de Desenvolvimento Social no ano passado, existem 5.580 pessoas nessa situação no Rio. Dessas, 15,3% estão concentradas nos bairros da Zona Sul e da Grande Tijuca. Do total dessa área, 85,7% são homens e 14,3% mulheres, a maioria com idades entre 25 e 59 anos. Não existe ainda um levantamento referente a 2014, e a prefeitura informa que, atualmente, tem 27 abrigos e 21 instituições conveniadas, disponibilizando um total de 2.352 vagas. O plano de ação, elaborado a partir do censo, prevê a criação de 2.100 vagas em abrigos e a construção de 40 novos equipamentos até 2016. ●



SONHOS CULTIVADOS

"Me chamo Rodrigo, tenho 23 anos, e a Gabriela é minha companheira há tanto tempo que já arredondo para 'uns dez anos'. Sai de casa para escapar das drogas que, infelizmente, roubaram a alma de boa parte da minha família. Eu me recuso a entrar numa vida de crimes, apesar de muitas ofertas e tentações terem me perseguido. Mas reconheço que a rua pode ser cruel. Numa dessas, fui traído por um amigo, que assaltou um gringo. Quem acabou levando a culpa fui eu, por estar descalço, carregando latinha. É triste: quem mora na rua é automaticamente

considerado suspeito. Não corri, não resisti à abordagem da polícia e nada foi encontrado comigo. Mesmo assim, me levaram preso e, por cinco anos, vivi na cadeia engolido a seco essa acusação. Mas não sai corrompido de lá, não: aqui fora, só quero saber de vender minhas balinhas para sustentar meus três filhos. Antes, eu era guardador de carro, mas agora não dá mais tempo, porque conseguimos vaga em um abrigo em Niterói e temos que voltar para lá todo dia às 19h. Eu, que já dormi muito em árvore, estou feliz em ter um teto, mas, ali é só uma casa de passagem mesmo."

O que você precisa para ter o sorriso dos seus sonhos?

A prótese dentária é a única capaz de devolver estética e função.
 Sorria mais, mastigue bem e viva melhor!

- Implantes • Próteses com base macia de silicone
- Tratamento de Canal • Tratamento Ortodôntico • Clareamento Dental
- Facetas de porcelana

LENTE DE CONTATO DENTAL

Visite nosso site: www.marciadeoliveira.com.br

Rua Santa Clara 50 sl. 604 - Copacabana Tel.: 2236-5023

press reader

ABANDONO NO CENTRO

Cendereço certo do medo

Praça que leva o nome do padroeiro da cidade é cenário de assaltos, drogas e prostituição



Todo dia. Um grupo de moradores de rua se instala no Jardim São João, consome drogas e ainda aborda quem passa pelo local à noite: estudantes, clientes do comércio e fiéis que frequentam as missas na Catedral são as vítimas

GABRIELA LUYGASSA
gabriela.luygassa@oglobo.com.br

É difícil caminhar pelo Centro de Niterói e não sentir medo, especialmente no Jardim São João. A praça inteira é ocupada por moradores de rua que, muitas vezes, consomem drogas, brigam entre si e praticam assaltos. Nas ruas próximas, são diversos os pontos de prostituição. As histórias de roubos, furtos e de comerciantes fechando as portas por falta de clientes se acumulam. A Polícia Militar não aparece. Guardas municipais apenas passam pelo local, sem interferir em nada. O abandono tem endereço fixo ali.

Fundada em 1960, a Catedral Metropolitana de São João Batista, a Catedral de Niterói, deveria ser um local respeitado pelo valor histórico e religioso. Mas não é. Funcionária da secretaria da instituição há 15 anos, Valéria Souza já foi vítima de moradores de rua que assaltam na região.

— Antigamente eles entravam na igreja para usar drogas. Quando houve a mudança do padre, há cinco anos, decidiu-se trançar o portão da igreja para evitar que isso continuasse a acontecer. Um dia eles vieram e me ameaçaram com um canivete no pescoço para que eu abrisse o portão e eles pudessem entrar. Colheremos vários casos de fiéis que são assaltados na saída das missas de domingo. Os assaltantes brigam entre si e entram na igreja. Todo mundo passa com medo — diz Valéria, acrescentando que uma paróquia sempre tira fotos de assaltos no Jardim São João e as envia para a prefeitura.

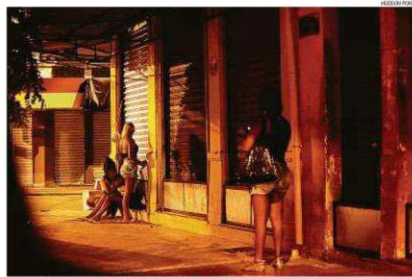
ASSALTOS AFUGENTAM CLIENTES DO COMÉRCIO
O comércio também sofre. Sérgio Correia tem uma oficina próxima à igreja por 19 anos e acabou fechando as portas há seis meses. Segundo ele, por dois motivos. Um deles, a falta de clientes, cada vez mais temerosos de frequentar o local. A segunda razão foi sentir bem de perto a ação de criminosos na região.

— Eu tenho cinco lojas. A da praça era a mais rentável e viro a que mais me deu prejuízo. As pessoas têm pavor de andar lá. Minha filha e minha esposa sempre me ajudaram. Até o dia em que um dos moradores de rua que ficam por lá tentou molestar minha filha. Tivemos que fechar as portas. Agora recebo muitas ligações de interessados em alugar o espaço, mas, quando eles vão visitar, desistem de alugar. Meu prejuízo já chega a R\$ 100 mil — informou.

Ainda segundo Correia, a falta de um posto da PM vai continuar causando danos à região. — Não consigo entender isso. O Centro está completamente abandonado. A gente só sabe de ronda da polícia ou de policiamento ostensivo em locais, por exemplo. Se tivesse um posto da PM ou um patrulhamento de rotina com frequência, os criminosos ficariam mais inibidos. Existem assaltos, existe violência, existe até uma mesma moradora de rua que fica mais todos os dias na praça. Só eu sei disso? — questiona.

Jornalista há 16 anos na praça, Alberto Roman perdeu as contas de quantas vezes presenciou situações de brigas e agressões:

— Não é todo morador de rua que é usuário de droga. A gente sabe disso. Mas aqui o consumo é muito grande, a qualquer hora do dia. A praça chegou a ser reformada há dois anos, mas



Prostituição. À Rua Luiz Leopoldo Fernandes Pinheiro é um dos pontos: consumo de drogas também ocorre



Ocupação. Moradores de rua dormem na praça de dia

de muda adiante. Basta olhar e ver a sujeira, os "abrigo" que ficam pré-montados para os moradores de rua dormirem. A violência aqui prejudica muito. As brigas, os escândalos e até assaltos acontecem sempre.

Do lado oposto ao da Catedral fica o prédio da Fundação Municipal de Educação e ainda um outro estabelecimento da Secretaria de Educação. Um funcionário, que pediu para não ser identificado, disse que a situação é bem grave.

— Trabalho aqui há muito tempo. Existe tráfico de drogas, e todo mundo sabe. A polícia só não combate porque não quer. Dentro da praça costumam ficar os moradores de rua que já são

maiores de idade, e, nas ruas próximas, como a Visconde de Itaboraí, os grupos enormes de menores. Ser morador de rua é uma coisa. Outra, diferente, é assaltar e traficar — desabafa.

O diretor administrativo do prédio da Fundação Municipal de Educação, Rui Alves, afirma existir respeito por parte dos moradores de rua em relação a funcionários mais antigos.

— Eles nos conhecem. E nós tentamos ter uma convivência o mais harmônica possível. Já aconteceu, sim, de entrarem aqui no prédio, mas a gente tenta contornar a situação da melhor maneira. Eles usam Thinsur, cola de sapateiro e, principalmente, crack. Muitos dos que

assaltam nem ficam aqui pela praça. Quem fica são alguns que vêm de fora, têm até residência, mas preferem ficar no Centro — disse.

Ainda segundo Alves, os moradores de rua que hoje ocupam a praça se dividem:

— E por isso que acontecem as brigas. Eles dividem o território. É como se fossem dois grupos, e um não pode entrar na área do outro, não pode dormir no lado contrário. Se isso acontece, eles se enfrentam. Brigam, inclusive, por causa dos computadores. Não é raro passar por aqui e ver até cenas de sexo em pleno dia. É uma situação complicada, e por isso acho que devemos tentar conviver da melhor maneira.

ASSALTOS E PROSTITUIÇÃO NA REDONDEZA

A violência, no entanto, não está restrita ao Jardim São João. Na Rua Luiz Leopoldo Fernandes Pinheiro, paralela à Catedral, é possível ouvir diversos relatos de assaltos e observar pontos de prostituição. Alunos da faculdade Cândido Mendes tentam ficar atentos para não virarem vítimas.

— Outro dia, uma conhecida nossa foi agredida por uma moradora de rua que é usuária de drogas. Uma outra conhecida já foi assaltada aqui duas vezes. Um grupo de menores fica sempre rondando aqui. A gente anda sempre com pressa e com medo. E não é só de noite, não. É a qualquer hora do dia — comenta Lorena Ferreira, estudante de Direito.

Marcio Monteiro, aluno de Círculo Contábil, sugere uma ação eficaz das autoridades para combater a criminalidade na região:

— Nos horários de saída dos estudantes, a gente até vê carros da PM, porque foi um pedido nosso. Mesmo assim, a gente continua sabendo de assaltos frequentemente. Seria preciso uma ação de inteligência de vários órgãos para tentar resolver mesmo o caso. Por exemplo, já vimos operação aqui da Secretaria de Assistência Social. No dia seguinte, estavam todos os menores aqui de volta, assaltando.

Em nota, a Polícia Militar informou que, segundo o comandante do 12º BPM, coronel Gilson Chagas, o policiamento na região central de Niterói é realizado através de patrulhamento com viaturas, motocicletas e a pé. Para combater os roubos de rua, a unidade tem 20 motocicletas nos horários de trânsito mais intenso. A PM acrescentou que reforçou o efetivo na região no ano passado, com cerca de 220 policiais.

A prefeitura de Niterói informou que, em relação aos moradores de rua, a Secretaria de Assistência Social e Direitos Humanos tem participado de ações em conjunto com Polícia Civil, Polícia Militar, Cln, Guarda Municipal e Secretaria de Ordem Pública (Seop). Em casos de objetos acumulados nas calçadas, a Seop pede o apoio da Companhia de Limpeza de Niterói (Cln) para a remoção do material, que é encaminhado ao depósito público municipal. As abordagens realizadas pela Guarda Municipal são voltadas para a saúde pública. Ainda na nota, a prefeitura informou que o Jardim São João integra o projeto de revitalização do Centro da cidade por meio da Operação Urbana Consorciada (OUC), ainda sem data para ser realizada, e na qual estão previstas a revitalização e o ordenamento de várias praças. ■

Mulher constrói casa de papelão no coração financeiro da cidade

Sem qualquer repressão, barraco foi erguido na esquina da Presidente Vargas

ANTÔNIO WERNICK
werneck@oglobo.com.br

A Igreja da Candelária, um dos principais monumentos religiosos do Rio, fica a alguns metros. Numa caminhada apenas de cinco minutos, chega-se a um ponto de onde se pode ver o Rio de Açu e a Rua de Guanabara. Tudo isso com farta opção de

transporte e comércio. O ponto nobre é, há cerca de três semanas, endereço da moradora de rua Shirley da Conceição Andrade e Silva Barros, de 36 anos. Sem qualquer repressão, ela ergueu seu barraco na esquina da Av. Presidente Vargas com a Rua Uruguaiana. Ontem, ela pintava de branco sua casa em pleno coração financeiro do Centro.

Comerciantes e as pessoas que passam pelo local reclamam da sujeira. A advogada Monica Soereman fez um prépio por reparações públicas e procurou ajuda nas secretarias de assistência social do estado e do município, sem sucesso. Foi pessoalmente à prefeitura, onde obteve uma orientação kafkiana: a solicitação só poderia ser feita pelo telefone 1746.

— Seria ótimo se atendessem — diz Mônica. — A situação é muito precária. O local está cheirando mal demais. For nota, a Secretaria municipal de Assistência Social disse que agentes iriam ao local ontem à noite, mas — sem se referirem ao barraco na rua — alegou que o recolhimento é voluntário. ■



Sem-teto, a moradora de rua Shirley da Conceição pinta o barraco de papelão

Banheiro foi 'instalado' junto à agência bancária

Mulher lava roupa na rua e, segundo pedestres, xinga quem passa por ali

A casa improvisada onde Shirley da Conceição vive no Centro do Rio foi erguida com restos de papelão, madeira e compensado. Um pouco afastado do cômodo principal, próximo à pilastra de concreto do prédio de uma grande agência bancária, fica o banheiro. Pequeno, cercado de papelão. Dentro, num varal, há roupas íntimas penduradas. Completando o ambiente, do lado de fora há um criado mudo com duas gavetas, uma cadeira e muito papel selado. Uma cena nada agradável para quem costuma almoçar em dois restaurantes nas imediações, agora com vista para o barraco.

— É muito desagradável. Outro dia passei por ela e a mulher não gostou. Eu fiquei olhando, ela xingou. Tem dia que ela consegue saltar em pé e lava a calçada. Ninguém pode chegar perto — afirma uma comerciante.

Shirley conta uma história longa de como foi parar ali. Casada nascida no subúrbio do Rio, foi morar no Piauí quando casou, há 20 anos. Lá, teve três filhos. Em março do ano passado, abandonou tudo e voltou para o Rio, sozinha. Foi morar no Santo Cristo, onde alugou um quarto por R\$ 350. Trabalhava como vendedora de biscoitos, mas, sem conseguir pagar o aluguel, foi parar na rua.

— Estou aqui há cerca de um mês. Arrumo tudo, sou limpa — garante Shirley.

Ontem à tarde, usando um grande rolo de pincel preso ao cabo de um vassoura velha e um balde cheio de tinta, a mulher pintava de branco o barraco. Quem passou na hora precisou se proteger para não acabar sujando a roupa.

— Está gostando? Vou pintar tudo de branco — diz Shirley.

A construção, a sujeira no local e a movimentação da moradora de rua naquele trecho de calçada chamavam a atenção de todos. Menos de um grupo de guardas municipais e de policiais militares que observavam tudo de longe.

— Não é nossa atribuição — disse o chefe do grupo, sem se identificar. ■

CASAS BAHIA DEDICAÇÃO TOTAL A VOCÊ

VENHA PARA A LOJA

PREÇOS EXCLUSIVOS

JURO ZERO



459 LITROS
FROST FREE
PAINEL BLUE TOUCH

Electrolux
REFRIGERADOR 2 PORTAS
FROST FREE
ILUMINAÇÃO LED, ICE TWISTER.
À VISTA R\$ 2.799,00
0+10 NO CARTÃO R\$ 279,90
SEM JUROS



LED 48"

TV 48" LED COM CONVERSOR DIGITAL - A PARTIR DE R\$ 1.899,00 à vista

TV 48" LED COM CONVERSOR DIGITAL - 0+10 NO CARTÃO R\$ 189,90 SEM JUROS



Trabalhe melhor. Divirta-se mais. Windows

3D
HD 500 GB
MEMÓRIA 2 GB

POSITIVO
NO TEBBOOK PREMIUM S6005
MONITOR 15.6" PROCESSADOR INTEL CORE I3™ I5™ I7™ I7-3632
TELA DE 14" LED

À VISTA R\$ 1.399,00
0+10 NO CARTÃO R\$ 139,90
SEM JUROS

Assinamos cartões de crédito/débito: 

A Via Varejo está com vagas abertas para profissionais com deficiência.
Os candidatos deverão enviar o currículo pelo site www.casasbahia.com.br/trabalheconosco.

Validade: 3/4/2015, limitado ao estoque. Não vendemos por atacado. Sem juros no cartão de crédito. IOF não incluso. *Consulte o vendedor sobre os modelos disponíveis. **Intel, o logotipo Intel, Intel Inside, Intel Core e Core Inside são marcas da Intel Corporation nos EUA e em outros países. Fotos ilustrativas. Ofertas válidas apenas para lojas físicas Casas Bahia.

Acesse: casasbahia.com.br | televendas: 4003-2773 seg. e sex.: 8h às 22h - sáb. e dom.: 8h às 20h

Trio acusado de agredir moradora de rua no Leblon

Para a polícia, vítima levou socos, tapas e chutes porque jovens acharam que ela quebrou retrovisor do carro de um deles

LUARLINDO ERNESTO
silva@odianet.com.br

Três jovens são acusados de agredir uma moradora de rua, na madrugada de ontem, no Leblon. Segundo policiais da 14ª DP (Leblon), o trio desconfiou que Paula Jorgina Ferreira Lima, 27 anos, havia quebrado o espelho retrovisor do Honda Civic de um deles. Um quarto rapaz, que foi inocentado do crime na delegacia, explicou que eles tinham passado a noite em boate e pizzaria no bairro da Zona Sul carioca.

O caso aconteceu uma semana após um universitário ser espancado por cinco jovens ao tentar defender um mendigo, no Jardim Guanabara, bairro de classe média alta da Ilha do Governador.

Assustada, Paula Jorgina contou que levou socos, tapas e chutes. E acusou o médico Carlos Alberto Jorge Rodrigues Júnior, 31; o jornalista Rogério Menezes Estrela, 25; e o vendedor Tiago Luiz Tostes das Neves, 28, de serem os agressores. Ela afirmou que o

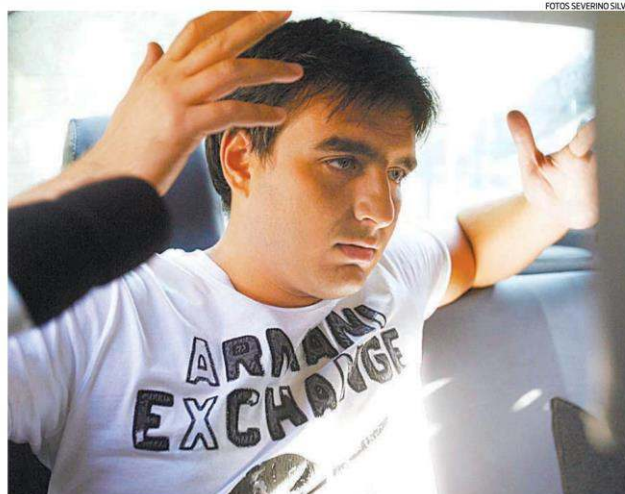
autônomo Sandro José Augusto Campos, 25, ouvido como testemunha, chegou a tentar evitar que os amigos a agredissem: "Estou com dores no corpo, na cabeça, pois os três me bateram muito, me xingaram e disseram que eu quebrei o espelho", afirmou Paula, que passou por exame de corpo de delito no Instituto Médico-Legal (IML) e foi encaminhada a hospital para avaliação médica.

ACUSADO SE DEFENDE

Tiago Luiz rebateu: "As câmeras vão provar que não agredimos ninguém. Esses oportunistas querem aparecer".

O segurança de um estabelecimento comercial que presenciou o crime será chamado para prestar depoimentos. A polícia também vai pedir as imagens registradas por câmeras de segurança de prédios vizinhos. O trio, que na delegacia ficou boa parte do tempo escondido num banheiro e numa saleta, foi autuado por lesão corporal e depois foi liberado.

Colaborou Flávio Araújo



O médico Carlos Alberto Rodrigues teve de fazer exame de alcoolemia, pois era o condutor do Honda Civic



Paula Jorgina, 27 anos, que vive na rua, é levada para fazer corpo de delito

NOITADA

Pizzaria após curtir boate

■ Condutor do veículo, o médico Carlos Rodrigues foi submetido a exame de sangue, a fim de constatar se ele havia ingerido bebidas alcoólicas além do permitido. O resultado ainda não ficou pronto. Os acusados assinaram compromisso de se apresentar quando solicitados na delegacia e na Justiça.

O grupo, que mora em Nova Iguaçu, na Baixada, esteve numa boate e, depois, numa pizzaria. O carro estava na Av. Ataulfo de Paiva.



EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS
DIRETORIA REGIONAL DO RIO DE JANEIRO

AVISO DE LICITAÇÃO
Pregão Eletrônico 11000067/2011

Objeto Aquisição de baterias, através do sistema de registro de preço - SRP. Recebimento das Propostas no endereço: www.lclicacoes.com.br até 29/02/2012 às 09h30 horas. Abertura das Propostas em 29/02/2012 às 09h30 horas. Início da Disputa de Preços em 29/02/2012 às 10h00 horas. Obtenção do Edital, no endereço eletrônico acima. Informações pelo e-mail: rgeradicacoes@correios.com.br.

Hélio Fernandes Braga
 Pregoeiro DR/RJ

AVISO DE LICITAÇÃO
Pregão Eletrônico 11000070/2011

Objeto Aquisição de copos descartáveis, através do sistema de registro de preços - SRP. Recebimento das Propostas no endereço: www.lclicacoes.com.br até 28/02/2012 às 09h30 horas. Abertura das Propostas em 28/02/2012 às 09h30 horas. Início da Disputa de Preços em 28/02/2012 às 10h00 horas. Obtenção do Edital, no endereço eletrônico acima. Informações pelo e-mail: rgeradicacoes@correios.com.br.

Edson da Silva Farias
 Pregoeiro DR/RJ

Diante do computador, muitas lágrimas

► No primeiro dia em casa, depois da alta médica, o estudante Vitor Suarez Cunha, de 21 anos, espancado na Ilha do Governador, descobriu que ganhou mais 700 amigos numa rede social na Internet. "A cada minuto, três pessoas me adicionam. São muitas orações pela minha melhora. Eu choro de emoção toda vez que abro o Facebook", contou Vitor, que ainda sente muitas dores no braço e na cabeça, e está tomando mais de 10 medicamentos. O estudante já saciou a



Espancado na ilha, Vitor ainda não comeu o hambúrguer tão sonhado

vontade de beber um refrigerante gelado, mas ainda não comeu o hambúrguer que queria. "Minha mãe não deixou, mas prometeu que, se eu me comportar, amanhã (hoje) ela libera", brincou. "Tô feliz pois estou em casa".